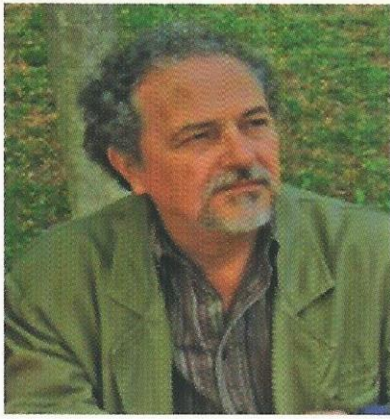


Jorge Arrimar

O Planalto do Salalé





JORGE ARRIMAR [Jorge Manuel de Abreu Arrimar]

Nasceu em S. Pedro da Chibia, Planalto da Huíla, Angola.

É licenciado em História, pós-graduado em Ciências Documentais, possui o Diploma de Estudos Avançados em Ciências Documentais e da Informação e é doutorado em História Moderna.

Professor de História no ensino secundário e de Ciências Documentais no ensino universitário.

Na década de 70 foi um dos fundadores do GRUCUHUÍLA - Grupo Cultural da Huíla e dirigiu um suplemento literário no Jornal da Huíla, no qual publicou os seus primeiros textos.

Nos Açores dirigiu (com C. Loureiro), num jornal local, a "Página Africana"; faz parte da antologia *Nós Palavras* (1979) e no âmbito da História insular publicou *Cinco Cronistas dos Açores* (1983).

Em Macau foi director da Biblioteca Nacional/Central (1986-1998); membro da comissão organizadora do I Encontro de Poetas de Macau (1997); Curso de Teatro do Conservatório de Macau (1995-1997); Membro fundador da ANANGA - Associação de Naturais e Amigos de Angola em Macau; Foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural (1997).

Membro da equipa organizadora dos Encontros de Poetas do Mundo em Almada (2010-11).

Tem participação em várias antologias, nomeadamente: *Ovi-sungu – 13 Poetas de Angola* (Brasil); *Contos do Mar Sem Fim – Antologia Afro-Brasileira* (Brasil); *Divina Música – Antologia de Poesia sobre Música* (Portugal); *Antologia de Poetas de Macau* (Macau).

Publicou os livros seguintes (Ed. Chá de Caxinde): *O Planalto dos Pássaros* (romance, 2002), *Os Infortúnios de Juvêncio* (conto, 2003), *Malfadada e os Kimbandedeiros* (conto, 2010), *Ovatyilongo - Poesia da Terra* (poesia, 2010), *O Planalto do Salalé* (romance, 2012).

São, ainda, de sua autoria os seguintes títulos: *Ovatyilongo* (1975), *Poemas* (c. E. B. Pinto, 1979), *20 Poemas de Savana* (1981), *Murilaonde* (1990), *Fonte do Lilau* (1990), *Secretos Sinais* (1992), *Confluências* (c. Y. Jingming, 1997), *Viagem à Memória das Ilhas* (2002).

Colabora em revistas de artes e letras: "Zunái" (Brasil), "Literatas" (Moçambique), "Seixo Review" (Canadá); também no Dicionário Temático da Lusofonia (Lisboa, 2005).

É sócio da Associação Cultural Chá de Caxinde (Luanda) e da Associação Casa da Cultura Angolana Welwtschia (Lisboa).

Foi convidado a participar: I Encontro de Escritores Angolanos, Lubango (2004); II Bienal Literaria Internacional "Voces de África e Ásia", Santiago de Compostela (2008); X Correntes de Escritas, Póvoa de Varzim (2009); Salón Internacional del Libro Africano, Tenerife - Canárias (2009).

É membro da União de Escritores Angolanos.

O Planalto do Salalé

Jorge Arrimar

O Planalto do Salalé



Título

O PLANALTO DO SALALÉ

Autor

Jorge Arrimar

Copyright © Caxinde/Jorge Arrimar, 2012

O autor não segue o último Acordo Ortográfico

Direitos reservados por

Chá de Caxinde – Editora e Livraria
Av.^a do 1.º Congresso do MPLA, 20-24
LUANDA

Tel: 222336020/222334400 Fax 222332876

e-mail: editora_caxinde@hotmail.com

Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
por qualquer meio, sem autorização do Editor

Capa: Artur Cunha

Paginação: novotexto@sapo.pt

ISBN: 978-989-8498-20-05

Pré-Impressão, impressão e acabamento
Tipografia Lousanense, Lda

Depósito legal (Angola): 5848/12

Depósito legal (Portugal): 349793/12

Todos os direitos reservados para todos os países

Toda a reprodução, mesmo parcial, é proibida sem a autorização prévia do titular dos direitos. Uma cópia ou reprodução, seja por que procedimento for, fotografia, microfilme, banda magnética, disco ou outro, constitui uma contrafacção passível de penas previstas pela lei sobre a propriedade literária.

O terreno era propício a termiteiras, por todo o campo erguidas, muito antigas já, o salalé trabalha, constrói casas, a termiteira cresce [...]. no campo agora há muitas termiteiras que antigamente não se viam lá. mas delas ninguém sabe as que a visão deixou. ninguém sabe. e ninguém se atreve a destruir alguma para ver de que são feitas lá por dentro, se há galerias com formigas brancas [...], nem vem ninguém dizer que não, aqui não, as termiteiras estão, a algumas come-as a chuva, as outras não, e o tempo passa, afinal, e passará quem guarda esta memória ainda que ela avance até três gerações.

Ruy Duarte de Carvalho – Lavra

Dedicatória

*A minha mãe, Aldina Bettencourt de Abreu,
nascida em S. Pedro da Chibia (Huíla), em 1927,
pelos seus 85 anos.*

Agradecimentos

*A quem ajudou a manter-me à tona e a
chegar ao final desta aventura:*

Isabel

Cátia e Graça

Inês, Maria Teresa e Zé

Prólogo

Este é um livro de ficção que tem como lastro as estórias que a História deixou de lado. As suas principais personagens existiram de facto, conservando, a maior parte delas, os seus próprios nomes. Contudo, porque foram moldadas num barro ficcional, as semelhanças com os seus homónimos reais são pura coincidência. Também das localidades foram mantidos os verdadeiros nomes e, em alguns casos, os mesmos aparecem grafados à maneira da época.

Nada é puramente histórico, nem os factos nem as pessoas, mesmo quando se mantêm as designações e os nomes originais. Por isso, aconselhamos os leitores a não tentarem distinguir a História da ficção, deixando-se envolver por esta. Aqui elas misturam-se e o objectivo é mesmo esse. Contudo, avançamos alguns exemplos para melhor esclarecimento:

Luís Pilarte, sua mulher Angústia e seu filho Paulino Pilarte, são personagens totalmente fictícias, apesar de lhes terem sido atribuídas algumas personalidades da vida real como antepassados. Já com Cedofeito Silva é diferente, pois trata-se de uma personagem criada a partir da figura de Silva Porto, o explorador português. Contudo, há outros casos em que mantivemos os nomes originais, como por exemplo, Francisco Garcia, de Moçamedes, Pedro Augusto Chaves, da Huíla, os sobas Riambula do Bié, Mussungo e Giraúl de

Bié, Bihé, Vihé, Viye; Caluquembe, Kalukembe; Chibia, Chivia, Tchiivia, Tyiivia; Lubango, Luvango; Quilengue, Kilenges, Tyilengi; Huambo, Uambo, Wambu, Ambo. (Formas diferentes de grafia para a toponímica angolana. Aqui apresentamos os topónimos da forma mais recente para a mais antiga e mais próxima da fonética bantu). Convém, no entanto, dizer que, em alguns casos, são coevas as diferentes formas de grafar os nomes.

Moçâmedes, Nangolo da Huíla, Haimbili do Cuanhama, pese embora as transformações a que foram sujeitos para se tornarem em “figuras de romance”. Há acontecimentos que, por necessidade de um melhor enquadramento narrativo, sofreram ligeiras adaptações cronológicas e disso damos nota em rodapé.

O comércio sertanejo, desenvolvido ao longo das rotas das caravanas que percorriam as regiões do interior até para lá das actuais fronteiras leste, por um lado, e o litoral de Luanda e Benguela, por outro, descrito em interessantes relatórios e diários de sertanejos e viajantes, serviu-nos para gizar e estruturar muitas das situações aqui recriadas.

As guerras do Nano, que devastavam extensas regiões do centro e sudoeste de Angola são, de quando em vez, afloradas, sempre que na trama romanesca tal é exigido. Faz-se, igualmente, referência a alguns moradores antigos do Bié, Caconda, Caluquembe, Benguela, Huíla e Moçâmedes, pois sem eles não ficaria completa a matriz humana na qual se alicerça o romance. A partir de referências encontradas em documentos sobre a época, atrevemo-nos a compor um retrato mais completo, mas naturalmente, mais fantasioso, destas interessantes personagens do sertão angolano.

O século XIX é um tempo marcado, ainda, pelo tráfico de escravos, pelas grandes rotas caravaneiras de comércio, pela lenta penetração do “branco” no interior, pela manutenção das antigas povoações criadas por Sousa Coutinho, no século anterior e, também, a época das grandes viagens exploratórias ou comerciais que, no caso de Angola, foram protagonizadas por Silva Porto (1841...), Ladislau Magyar (1849...) Serpa Pinto (1877...), Hermenegildo Ca-

A maior quibuca (caravana sertaneja) entre o Bié e Benguela, envolvendo os sete mais importantes comerciantes da época, aconteceu em 1849. Esta serviu de inspiração à que neste livro se faz referência (1842). A viagem que Garcia faz, em 1843, de Mossamedes até à Huíla e depois a Quilengues, Caluquembe e Caconda, é baseada numa que verdadeiramente teve lugar dois anos antes.. O mesmo acontece com a viagem ao Cuanhama dos viajantes Bernardino José e Ladislau (personagens baseadas em Bernardino José Brochado, 1850, e de Ladislau Magyar, 1852), que aqui aparece como tendo sido na mesma altura, por 1858, ano do falecimento do soba Haimbili ya Haufico (reinou de 1811 a 1858), aos 83 anos de idade.

pelo e Roberto Ivens (1884...) . Foi na segunda metade do século XIX que se iniciou a colonização programada, com um número de colonos nunca antes visto (lusu- pernambucanos para Moçâmedes, 1849-50; madeirenses para a Huíla, 1884-1885). Realizou-se, também, a Conferência de Berlim (1885) e a conseqüente divisão de África pelas potências europeias. Seria difícil construir uma trama romanesca centrada nesta época sem considerar estes factos.

Convém fazer notar ao leitor que o termo “branco” não tem, no tempo e nos locais que sustentam esta narrativa, o mesmo sentido que hoje possui. O seu significado era menos epidérmico e mais cultural. O termo tinha um sentido muito lato, não se limitando a identificar uma pessoa daquela cor ou raça, mas uma pessoa que, mais ou menos influenciada pela civilização europeia, vestia, falava e se comportava como um branco. Se no caso do branco reinol o termo era equivalente à sua cor de pele ou à sua raça, no caso do branco da terra, tanto podia ser um branco natural de Angola como um pardo ou mestiço, ou um negro calçado. Como deixaram escrito alguns viajantes da época, “[...] em geral por estas paragens dão o nome de brancos a todas aquelas pessoas que vestem calças sem excepção de côr e menos de condição, é bastante para isso possuir alguma fazenda.”⁵, ou ainda que “No Bié chamam-lhe branco [a José António Alves, sertanejo natural de Pungo Andongo] porque, ali, todo o preto que use calças e sapatos de liga, e guarda-sol é tratado assim.”

Os que mais deram a conhecer Angola no exterior, porque de outros se falaria se nos reportássemos aos que, antes daqueles, percorreram o sertão angolano, como os pombeiros Pedro João Baptista e Anastácio Francisco, Domingos Chacahanga e João da Silva, e o ambaquista Lourenço Bezerra, entre outros.

“A denúncia na fortaleza de Benguela [do capitão António de Freitas] dá um bom retrato de uma família mestiça, constituída por figuras características de Angola nessa época. Um militar envolvido com os ‘negócios das fazendas e resgates’, em sociedade com os mercadores e religiosos. Filhos mestiços com as africanas. Ele, provavelmente, branco ou ‘reputado como branco’, já que os mestiços passavam a brancos dependendo da incorporação de certos modos de vida, por exemplo, o uso de chapéus e/ou sapatos. Desde o início a mestiçagem biológica vinha acompanhada das misturas de práticas e crenças. Acrescente-se também a mistura de instituições como escravidão, religião e mercados que ganham uma dimensão internacional, atlântica. Os recursos aos poderes da medicina africana e de formas de arranjos familiares africanos faziam parte dessa mestiçagem.” (Selma Pantoja – Inquisição, degredo e mestiçagem em Angola no século XVIII. “Revista Lusófona de Ciência das Religiões”, nº 5- 6, 2004, p. 126).

Silva Porto - Viagens e apontamentos, vol. 1º, p. 36 (Ms. da SGL, 7 Mar. 1847).

Serpa Pinto – Como eu atravessei a África. Lisboa: Publ. Eur.-Amér., [s.d.], p. 172.

Encontramo-nos, pois, num universo em que os dois modelos civilizacionais presentes, umas vezes se misturam e outras se afastam, encontrando-se os focos de matriz europeia nas povoações fundadas pelos portugueses, enquanto os de matriz africana se encontram no sertão. Assim sendo, poder-se-á dizer que os principais bastiões do modelo europeu se encontram no litoral e os outros no interior. Os brancos reinóis e os brancos da terra, genericamente designados por moradores, são os representantes dum modelo civilizacional onde as matrizes africana e europeia se interceptam, sendo uma mais evidente que a outra, à medida que nos afastamos ou nos aproximamos das zonas urbanas (muito poucas), ou das libatas dos seus representantes no interior, os sertanejos, pombeiros, ambaquistas e quimbares. Assim, moradores eram os indivíduos de todas as raças que habitavam uma povoação, presídio ou fortaleza, identificando-se com os interesses do governo de Luanda; os gentios encontravam-se na dependência directa dos chefes tradicionais.

Nesta época, quando algumas pessoas lutavam por um espaço social, cultural e político mais próximo da versão europeia (portuguesa, no caso angolano), tal não era, muitas vezes, mais do que defender uma forma de estar diferente da tradicional e, por isso mesmo, menos dependente da acção política e controladora dos potentados locais, quase sempre caracterizada por ser mais próxima e mais eficaz (e não necessariamente mais branda ou mais tolerante). Aten-

Libata – *residência, aglomerado populacional*. (K.)

“No decurso de dois séculos havia-se formado, principalmente na populosa região de Ambaca [Quanza Norte], uma elite luso-africana independente dos sobados. Os seus membros eram designados por moradores [no decurso do séc. XIX desenvolveram uma identidade própria, a de Ambaquistas]. Tratava-se de um grupo muito heterogéneo e difícil de delimitar, que incluía sobretudo africanos negros [...] e mestiços mas também alguns brancos. [...] Como símbolo exterior do seu estatuto elevado, esses luso-africanos usavam sapatos (o que era um privilégio especial) e vestuário europeu. Consideravam-se cristãos, falavam português e muitos deles sabiam ler e escrever. [...]. Na primeira metade do séc. XIX podiam ser encontrados em pequenas colónias espalhadas pelo *hinterland* costeiro, nos sobados e nas feiras. A sua influência nas sociedades africanas “tradicionais” era considerável [...]. Outras colónias de moradores deste tipo surgiram em Pungo Andongo [...] e mais a sul no Bié. [Os ambaquistas] tinham os portugueses como modelo e a afinidade cultural e política desempenhava um papel determinante. A cor da pele não constituía para eles um critério decisivo. Daí que se considerassem portugueses e “brancos”, o que não implicava uma determinada aparência – era raríssimo terem pele clara –, mas sim determinadas características culturais. [...] O prestígio destes ambaquistas era tão grande que nos sobados tradicionais surgiram numerosos imitadores seus – frequentemente designados por *quimbari* [...]”. (Beatrix Heintze – *Pioneiros africanos*. Lisboa: Caminho, 2004, p. 59-61).

dendo a que a autoridade portuguesa era muito mais simbólica do que real, a liberdade conseguida não era tão desprezível assim, pelo que ia atraindo cada vez mais gente para esse espaço de fronteira. E à medida que essa fronteira se ia expandindo, alargava-se também o mapa de Angola.

Quer se queira quer não, foi este romper de muros, de redutos, de paliçadas, de chimpacas, que conduziu a uma teia de relações e de interesses que já não se confinavam ao espaço étnico e que viria a ser a matriz identitária de Angola. Todos os nossos antepassados, os que ali nasceram, viveram e morreram, independentemente da sua origem étnica, moradores ou gentios, foram peças da engrenagem da História, agentes mais ou menos conscientes do devir colectivo do país. Pois é deste vasto e heterogéneo universo de que temos vindo a falar que fazem parte as personagens e enredos do romance.

A quiбуca aguardava as minhas ordens de levantar poeira e iniciar a caminhada que nos levaria do Bihé até ao litoral. Estávamos no ano de 1842 e era a terceira viagem que fazia até Benguela.

(Das instruções de Luís Pilarte ao seu quiçongo principal)

Capítulo I

“As ondas das últimas langas diluíam-se na noite, e um silêncio ensurdecedor estendia-se lentamente sobre as casas. Kalita desconfiou que teriam pela frente uma noite longa. Lá fora parecia-lhe ouvir jiboiar um tempo que imaginou velhíssimo”.

(Arnaldo Santos – *O vento que desorienta o caçador.*)

A notícia chegou ao seu mais provável destino num dia perdido do ano de 1841. E apareceu trôpega de tanto ultrapassar montes, galgar rios e riachos, mulolas e cacimbas, escorregar por ladeiras e ribanceiras. Surgiu despenteada em cada casa, com novo penteado em cada libata, ora desnudada ora revestida em cada anoitecer, quando as chamas da fogueira alimentavam a imaginação e a verve dos contadores de casos e estórias. Quanto mais uma notícia demorava nos seus caminhos mais se transformava, mais engordava em estórias e aventuras. Era som de palavras e de música. O som extraído das cordas vocais dos homens, o ritmo das peles retesadas dos tambores. Enquanto não chegava ao destino, ia sendo de toda a gente e por onde passava era alimentada e servida de novas iguarias. Quando chegou ao Bihé, cada um apresentava a notícia sobre Bento Mattos de forma diferente:

A caravana do Bento ainda não chegou sequer a Loanda, murmuravam uns.

A quibuca do Bento ultrapassou Loanda e foi interceptada em Quifangondo, diziam outros.

Ouvi dizer que o Bento ficou a residir na capital, farto destas matarias do Bihé, faziam-se ouvir mais alguns.

Ninguém sabia ao certo o que, de facto, havia acontecido a Bento Mattos, o morador mais importante e respeitado do Bihé, da família dos seus antigos capitães-mores. Mas quase todos se atreviam a opinar sobre o assunto:

Se de há dois anos para cá as nossas quibucas preferem desviar seu rumo para o sul, a partir d'agora, com a morte de Bento, é que se vai deixar de ir até Loanda.

Era o nosso maior sertanejo, o mais experiente e o mais culto.

Insistia em conduzir as suas caravanas para São Paulo d'Assumpção, pois adorava Loanda, aquele homem.

Ouvi-lhe dizer muitas vezes que de mato já lhe bastava o Bihé. Loanda era, para ele, um banho de civilização.

Destas observações de muitos, ouvia-se sempre o comentário de um só:

Banho de civilização? Banho sim, mas d'outras coisas... Saminha ondalú, iongola ocuíma, atíça o fogo que vai apagar-se, interrompeu bem alto e a rodopiar Catonhotonto, de quem já todos haviam esquecido o verdadeiro nome, mas que nunca olvidava o nome de ninguém.

Nem Pilarte, que fora o seu grande amigo e companheiro de inúmeras quibucas até Loanda, nem ele, tinha certezas sobre o que se passara com Bento. Por isso preferiu calar-se, enquanto os outros falavam, ou vociferavam para afastar Catonhotonto.

Q'outras coisas seu... Catonhotonto? Q'outras coisas? Ima ondalú, otemiha, apaga esse fogo, tu queimas..., gritou desaforado, Dos Santos.

Todos sabiam que o aleijado não o era só da perna, mas também da língua. Por isso não estranhavam que, desbocadamente, se pusesse a debitar insinuações polvilhadas de jindungo, aproveitando sempre algum silêncio breve nas conversas dos moradores, que interpretava como porta aberta aos seus remoques.

Saminha ondalú, iongola ocuíma; Saminha ondalú, iyongola okuima – *atíça o fogo que vai apagar-se.* (U.)

Ima ondalú, otemiha... – *apaga o fogo, tu queimas...* (U.)

Saminha, saminha... a idade não põe cinza só na carapinha! Saminha, saminha... qu'em Loanda tem muita brasa esquentada pra ser saminhada.

E rodopiava Catonhotonto sobre a perna boa como se fosse um pião, perdigotando palavras como ferrões de marimbondo a exasperar toda a gente.

Queres dizer o quê com essa cantoria?, perguntou-lhe Pilarte, que nem sequer o achava tão tó-tó da mona quanto os outros. Virando-se para ele, a sorrir, foi saltando e guinchando, ao mesmo tempo que insinuava ser o único a ter coragem de dizer... certas coisas...

Saminha, saminha!, as verdades são pra mim; saminha, saminha, as mentiras pra vocês.

Notava-se já a impaciências de alguns. Gritavam e corriam atrás do manco sem sucesso, pois eram mais aleijados que ele em velocidade.

O quê? O quê? Vomita esses maus pensamentos já!

Hi-i-i-i!, suspeito bem qu'essas ca-fe-cos loandenses eram o atiçador das brasas adormecidas do mano Bento.

Cala-te mastronso, que ainda te cortamos a língua!

Banho? Banho sim, mas de tu-sa-men-to! Saminha, saminha ondalú!, atiça, atiça o fogo, continuava a ferrear.

E Catonhotonto oferecia, na zanga desatinada dos moradores, uma boca escancarada que emoldurava a única coisa bonita de se ver nele, uma dentaria certa e branca como os seixos do rio, enquanto rodava e fingia espanar a cinza das partes pudicas.

Saminha-te, atiça-se mas é pra outro lado, seu tonto de merda!, sempre de palavra podre nessa bocarra, gritava um.

Uasaluka, Catonhotonto! Estás maluco, Catonhotonto!, vai-t'embora, vai!!, enxotou-o um dos mais bravos do grupo, secundado pelos outros com gestos ameaçadores.

Cafeco – rapariga. O mesmo que Ufeco. (U.)

Uasaluka, Catonhotonto – Estás maluco, Catonhotonto! (U.)

Quando já era claro que a ninguém restava vontade de o aturar, Catonhotonto cuspiu o seu desprezo para o lado, remexeu os lábios num sonoro muxoxo e debandou dali sem pressas, deixando um sulco nas areias do caminho. De quando em vez parava, olhava para trás e gritava, saminha, saminha, enquanto abanava em jeito de abanico a manápula aberta em frente dos genitais, a insinuar aos moradores a necessidade que teriam de atizar a virilidade.

Noutras alturas teria sido capaz de resistir, como acontecera a maior parte das vezes, à ameaça dos outros. Mas desta vez o instinto dizia-lhe que era melhor retirar-se.

* * *

Da Loanda de que Bento gostava já se começa a falar menos, agora é de Benguela, lá no sul, que se ouve falar mais, dessa tal Angra dos Escravos, perorou Cedofeito Silva, embora tivesse consciência de que poderia ser mal interpretado pelos restantes, dada a sua, ainda recente, chegada ao Bihé. O que se veio a confirmar, com a meio irónica observação de Pilarte.

Meu caro, vossemecê está a misturar as coisas, Benguela não é a Angra dos Escravos, isso é Mossamedes, mais a sul.

Camundongo Raposo sentiu necessidade de completar o esclarecimento.

Ou era de Loanda, ou era de Mossamedes que saíam as cabecinhas que iam no Brasil.

Foi a vez de Pilarte contribuir para o esclarecimento.

Desse Brasil, mais propriamente da Bahia, veio António, o primeiro dos Mattos e igualmente primeiro capitão-mor desta terra.

Depois dele houve mais três, mas é do primeiro que toda a gente se lembra, completou Candimba, sogro de Pilarte.

Grande homem! Grande homem!

Não sei se ouvi isto do Catonhotonto, mas... (e chegado aqui hesitou uns segundos e, perante o olhar mais curioso que reprovador

dos que o ouviam, resolveu continuar)... dizem que nas suas veias corria sangue escravo, provavelmente de bienos, avançou Cedofeito Silva.

Com o pressentimento de que a conversa poderia resvalar para áreas mais sensíveis, Pilarte explicou que era essa ligação tão antiga e visceral à terra que fazia os Mattos sentirem-se do Bihé desde os princípios do mundo.

Camundongo Raposo, natural de Loanda e que, por isso mesmo, havia acompanhado algumas vezes Bento nas suas viagens até à capital, avançou com o que sabia, no seu mercado sotaque loandense.

Eles se julgam daqui desd'esses antigamentes e por isso se chatearam quiá vulo por causa da traição do governador Manuel Vidal. Não se faz!

De facto, a nomeação do major Coimbra, como capitão-mor, fora uma decisão política menos boa e, por isso mesmo, com efeitos negativos. Candimba, sempre atento mas fingindo o contrário, teceu algumas considerações.

Vê-se logo que vocês estão com os Mattos... talvez por amizade ao falecido Bento. Acho que não devemos misturar as coisas... já era necessária uma mudança! A capitania pode não estar lá muito bem entregue ao major Coimbra mas... sempre houve uma mudança, não é assim?

Fez-se silêncio entre os presentes, que só foi interrompido pelo barulho que vinha dumas moitas próximas. Quando todos se preparavam para ver que bicho ia surgir dali, ouviu-se um arrastar de perna e de novo a gargalhada irritante do Catonhotonto.

Aquele sung'opé da tuji voltou outra vez!, gritou, irritado, Camundongo.

Saminha, saminha, saminha ó Candimba!, vai lá saminhar na tua libata, qu'ó Camundongo tá azedo de tanta capata!, ouviu-se a sua voz escarninha.

Quiá vulo, Kya vulu – muito, em grande quantidade. (K.)
Sung'opé da tuji – arrasta o pé (permeta) de merda. (K.)

Vai-te'embora Catonhotonto, ou ainda ponho torta a tua quinama direita!, guinchou o visado.

Adivinhem!, adivinhem!, que capitão melhor vos servia?, o mulato goês de Caconda ou o descendente dos escravos da Bahia?, desbocou novamente. Seguiu-se um silêncio de vozes, somente cortado pelo eco das palavras atiradas do Catonhotonto.

E assim como tinha aparecido, assim desapareceu por entre a vissaparia. No ar pairou um certo mal-estar entre os sertanejos, que mais se intensificou quando Pilarte confidenciou que o Bento lhe tinha confirmado que a família recebera a nomeação do novo capitão-mor como uma traição. Foi aí que Camundongo sentiu que podia carregar mais nos tons cinzentos da conversa:

Pois é! Foram conluios de gente muito dada a mujimbo... muadiés bem compadriados em Loanda e de bunda presa no governador Vidal; boquinhos pequenas lá na minha cidade, caté sussurraram qu'ó Vidal tinha falecidos antepassados na Índia portuguesa.

Sentindo renovar-se a vontade de intervir, Candimba dirigiu-se a Camundongo com os olhos a piscar, sinal de ferrão escondido nas palavras.

Meu caro amigo, mas essa do governador Vidal ter falecidos de sua família lá na Índia só pode ser pra pôr desconfianças na nomeação do major Coimbra. Sempre detestei esses mujimbeiros da capital! Ao contrário do Bento, eu nunca gostei de Loanda.

Camundongo fez ouvir um sonoro muxoxo e ia a ripostar bravamente quando Pilarte o agarrou, com força, no braço, quebrando-lhe o ímpeto.

Sem uma guarnição militar que lhe dê força, como acontecia antigamente, o que é que o major Coimbra pode fazer mais? Faltando-lhe a força das armas, resta-lhe a conciliação, dar-se bem com os poderes locais, continuou Candimba a esclarecer a sua posição.

Mujimbeiro – boateiro. De mujimbo, boato, falsa notícia. (K.)

Muxoxo – estalido feito com a boca em sinal de desprezo ou de fastio. (K.)

A total subserviência ao soba, quer o meu amigo dizer!, observou Dos Santos, até aí calado, enquanto esfregava baba de aloé no braço, numa zona onde a sua pele, bem negra, se mostrava estranhamente esbranquiçada.

Não! Não é bem assim. Mesmo antigamente, quando havia um litígio que envolvesse os moradores e os gentios, era o capitão-mor e o soba que, em conjunto, resolviam a maca, retorquiu Candimba.

E em caso de falecimento de um dos nossos, eram também os dois que inventariavam os bens. Lembro-me do caso do velho Faria, o “Calomboloca”, como não tinha herdeiro aqui, as suas imbambas foram enviadas para o chefe de Pungo-a-Ndongo, que as fez chegar a Loanda.

Mas s’era assunto de moradores por que é que o soba teve de meter o nariz?, espicçou novamente Dos Santos, enquanto continuava a esfregar o aloé no braço.

Porque é assim, porque foi sempre assim, pelo menos desde os finais do século passado, afirmou Candimba. Quem podia sobreviver nestas terras, afrontando os sobas? Mesmo você, que é natural aqui do Bihé, diga como conseguiria isso. Dos Santos abanou a cabeça em sinal de assentimento.

Talvez tentar o soba através dos seus parentes, coisa e tal, foi dizendo, sem despegar o olhar do braço que tratava.

Está bem! O certo é que o capitão foi esperto..., interrompeu Pilarte, ... dividiu os panos de menor valor em duas partes iguais, deu uma ao soba e garantiu-lhe que a outra seguiria para o Muene Puto. Imposto igual para ambos os soberanos...

O grupo entreolhou-se e riu. Candimba, que estava só à espera de uma oportunidade para dar a pedrada final na conversa, esfregou as mãos uma na outra.

Pois, tudo isso é verdade, mas não nos podemos esquecer que, apesar de tudo, nessa época, a capitania-mor tinha duas companhias de milícias e mais duas de ordenanças.

Maca, Maka – conflito, confusão, litígio. (K.)

Imbambas – tralhas, móveis, bagagem. (K.) O mesmo que bicuatas. (U.)

Camundongo, que estava em pulgas para dar a sua opinião, levantou-se da pedra onde se encontrava sentado.

Meus cambas!, ainda me lembro, no tempo do último Mattos como capitão-mor, o soba ter ameaçado maca por mais fazenda durante o comba dum morador, e o capitão chegar lá, todo salamaleco, todo cortesias, a dizer que não, que tinha muita pena mas qu' o soba já tinha recebido a parte dele.

Candimba coçou a cabeça.

Ah!, mas era escoltado por uns cinquenta soldados, chegavam lá de bandeira a tremular ao vento, de tambores a rufar, formavam parada, homenageavam o soba... sempre com os canhangulos a espreitar. E agora, o que tem o major Coimbra? Meia dúzia de soldados de 2ª linha, sem armas que funcionem, tambores que rufem e cornetas que toquem!

E as conversas foram, subitamente, suspensas por um restolhar de vissapas.

Saminha, saminha, que o capitão não manda e o soba gosta muito da quibanda; se a corneta não timba, o tambor não rufa e o canhangulo não bufa pra que serve o soldado, ó Candimba?, fez-se ouvir de novo a voz do Catonhotonto, para espanto de todos, que já o tinham por bem longe dali.

Candimba sorriu com desdém mas nada disse.

Filho da puta! Seu sung'opé marado, se não te calas já levas uma murraça nesses cornos que te deixo paralisado, tomou o Camundongo as dores do visado, não deixando de se admirar por ter feito rima com as suas palavras.

C'os diabos!, vossemecê parecia mesmo o Catonhotonto, comentou Pilarte a rir e a um tempo admirado com as tão inusitadas capacidades oratórias do Camundongo. O perneteta, fazendo aparecer a caratonta por entre um tufo de capim, deu mais uma das suas famosas gargalhadas.

Comba, Komba – de “komba ditokwe”, varrer as cinzas, exéquias funerárias. (K.)
Quibanda, Kibanda – tributo que os sertanejos tinham que pagar ao soba do Bié.(U.)

Saminha, saminha, aí vem mucano, pode ser bebida, missanga e pano! O branco não gosta, mas que fazer? O capitão é cego mas o soba tá a ver. Ah! Ah! Ah!, cantou ele mais umas frases, daquelas que os sertanejos não gostavam de ouvir de sua boca, ainda que, entre eles, comentassem esses assuntos amiúde.

Candimba continuava a sorrir com desdém.

Mas onde será que este Catonhotonto, tão tonto como abandonado, aprende estas coisas?, questionou Cedofeito Silva.

O certo é que ninguém sabia de onde ele tinha vindo e quando tinha chegado ao Bihé. Muitas estórias sobre a sua origem eram contadas, mas nenhuma era comprovadamente verdadeira, havendo até quem dissesse que seria um filho natural do cunhado de Bento Mattos, o poderoso morador de Caluquembe, Lopo Chaves; que se tinha querido ver livre do miúdo por ele ter nascido aleijado e com chipala de tonto, o que não era nada abonatório p'ros seus pergaminhos de capitão de ordenanças e rico morador das caluquembianas terras.

As mujimbisses entre os parentes e conhecidos foram muitas, vingando mais a estória de ter sido o Chaves a pedir ao cunhado Bento que levasse o desgraçadinho dali p'ra fora, para longe da sua libata. E pelos vistos, Bento tinha recebido com algum interesse o pedido do cunhado e encaminhado o canique, que lhe parecera espertinho, para um ambaquista conhecido que, a troco de uma recompensa, o recebeu e lhe foi ensinando as artes da leitura e da escrita. Até que um dia, dizem, desapareceu sem deixar rasto.

Quando morrerem, a vossa libata fica vazia, sem olombongo na mala e com as bicuátas na ombala... Saminha, saminha com a mão, o resto vai sobrar na epalamba do capitão, continuava a cantarolar o Catonhotonto.

Chipala, Ochipala – cara, rosto. (U.)

Mujimbisses – de mujimbo, boato. (K.)

Canique, Kanike – miúdo, menino (U.). Canuko, Kanuko (K.)

Libata – residência, aglomerado populacional. (U.)

Olombongo – dinheiro. (U.)

Bicuátas – pertences, tralhas, bagagem. (U.). O mesmo que imbambas (K.)

Ombala, Embala – residência real, residência do soba. (U. N.)

Epalamba – quinda, cesto, recipiente. (U.)

Gestos ameaçadores foram lançados como pedras na direcção do perneta, mas foi a menção de Camundongo se atirar a ele que o levou a desaparecer mais depressa na mataria. Durante algum tempo só se ouvia o guinchar da macacada, saltitando de ramo em ramo e seguindo o errante caminhar do Catonhotonto.

Quem dá ouvidos nas palavras estragadas desse aí qu'é perneta da cabeça e desmiolado da quinama?

A gargalhada foi geral e todos olharam com surpresa para o autor dos trocadilhos.

Camundongo, Camundongo, se você não se põe a pau ainda vai substituir Catonhotonto um dia destes, ironizou Candimba.

Com uma gargalhada geral que desanuviou o ambiente, o grupo dispersou e cada um rumou à sua libata. Enquanto se afastavam, iam pensando em como a realidade fica sempre por cima, como o azeite de dendém teima em ficar à superfície da água. Era verdade que, quando um sertanejo morria sem um herdeiro presente e suficientemente forte para se impor, já nada ia para Pungo-a-Ndongo e depois para Loanda. O espólio era dividido pelo soba e pelo capitão-mor e o restante, quando havia, era distribuído pela população. A família, essa, acabava na miséria e alguns dos seus elementos chegavam mesmo a ser caçados e vendidos como escravos.

Quinama, Kinama – *perna*. (K.)

Capítulo II

“A senzala [...] estava cheia de homens, tangados com peles, empunhando lanças e catanas, arcos e flechas, escudos e chicotes de cavalo-marinho. Muitos deles ostentavam plumas na cabeça e os chefes cobriam a carapinha com jubas de leão. A seu lado alinhavam os tocadores de atabaques de guerra, rodeados por uma centena de carregadores, homens, mulheres e crianças acocorados junto de sacos de fuba, balaios de peixe-seco, cestos de batata-doce e ginguba. A gente da aldeia estava espantada com todo aquele aparato [...] aqueles homens de cabeças emplumadas que arrastavam com ares arrogantes a cauda das peles com que se tangavam pelo chão poeirento da senzala, fazendo luzir ao sol as lâminas das lanças e catanas.”

(Castro Soromenho - *Viragem*)

Olhei as lonjuras de para lá do rio Cuíto, aspirei longamente o odor agradável das laranjeiras permanentemente em flor, abeirei-me depois da sebe de roseiras bravas, apanhei uma rosa e, como sempre gostava de fazer antes duma grande viagem, esmaguei algumas pétalas entre as mãos e esfreguei o peito com elas. Gostava de levar da minha libata os cheiros que só ela tinha naquela região: nas narinas o odor das laranjeiras, no peito o cheiro das roseiras bravas. Do outro lado do rio ainda me chegavam os ruídos de acampamentos a desfazerem-se e de outros a erguerem-se. Os sertanejos não paravam de chegar a terras bienas. Se os mais antigos tinham vindo guiados pelo rio Cuanza e eram procedentes,

na sua maioria, de Loanda, Golungo, Ambaca e Pungo-a-Ndongo, os mais recentes vinham dos sertões de Benguela.

Despedi-me de Angústia, minha mulher, e de Paulino, meu filho, e dei-lhes indicações e conselhos do que deveriam fazer e evitar na minha ausência que, desta vez, seria mais prolongada. Esfreguei de seguida entre as mãos algumas pétalas de rosa e passei-as na cara de Angústia que lacrimejou, tapando as faces com as mãos. Depois aspirou longamente o seu perfume e disse aos soluços que, enquanto o senhor seu marido não regressasse ela não lavaria o rosto.

Por vezes Angústia irritava-me com as suas lamúrias e desconfianças. Mas desta vez, curiosamente senti uma muito pouco habitual comoção e, abraçando-a, pedi-lhe para não concretizar o que havia prometido, pois corria o risco de ainda apanhar alguma doença de pele.

Vá lá!, nem parece que é filha e mulher de sertanejo, disse-lhe, a disfarçar o meu embaraço. Angústia, que era bem mais baixa do que eu, esticou-se toda para mim e, mais do que dizer, sussurrou:

Eu sei, meu marido!, só que, desta vez, ando muito triste, sonhei coisas ruins que a quimbanda ganguela me disse que são avisos... não gostei nada dos olhos dela, vermelhos e a revirar, a revirar...

Fitei-a, sem conter um certo ar de reprovação.

Você e essa quimbanda ganguela! Eu já lhe tinha dito que ela não é muito de fiar. Não se pode acreditar em tudo o que ela diz.

Paulino, que observava atento a conversa, aproximou-se mais.

Meu pai, eu também a ouvi dizer que os sonhos da mãe não eram bons.

Sorri e fiz-lhe uma festa na cabeça.

Bem!, que a tua mãe fique assustada com as maluqueiras dessa velha, ainda vá. Agora, que até tu andes atrás das conversas dela, já não acho nada normal! Não é próprio de um Pilarte!

Angústia deixou ouvir um muxoxo.

Quimbanda Ganguela – adivinha-curandeira de etnia ganguela. (K.)

Pronto!, pronto!, não s'avexe meu marido. Vá com Deus e regresse depressa, disse ela com meigas palavras. Senti, então, necessidade de dar uma explicação, o que não deixou de me embaraçar um pouco, pois tal não era habitual num sertanejo.

Desta vez vou ter que ficar mais tempo em Benguela, pois minha mãe está velha e as suas últimas notícias dão conta que está doente, muito doente...

Angústia olhou para mim fixamente e lembrou que já tínhamos falado sobre esse assunto. Depois, deixou de ouvir as minhas últimas palavras e abalou dali, indo refugiar-se no seu quarto. Olhei então para o meu filho e pedi-lhe, para o encorajar e dar-lhe a entender que confiava nele como meu substituto, que tomasse conta da sua mãe... e não desse ouvidos à curandeira. O grande abraço de despedida foi interrompido pela chegada dum serviçal.

Oquiçongo ocassipi?, perguntei em umbundo.

Não demorou a chegar o chefe da caravana, aguardando ordens para ultimar os preparativos para a quibuca. E continuei a dar orientações: Vacuovitele valivangue covaso, olongamba viuanda vacauama conhima, que os portadores das cargas procedam na frente e que os carregadores da tipoia sigam atrás. O quiçongo ouviu, procurou fixar tudo e, de seguida, retirou-se e foi transmitir as minhas ordens aos quimbares e estes aos carregadores da quibuca.

Acamparemos nas margens do rio Cuquema até conseguirmos juntar uma boa quantidade de enxadas para levar. Os nossos carregadores têm que contar com elas nos seus olumangos.

O quiçongo repetia a lenga-lenga das cargas a levar, enxadas, criação, mantimentos, esteiras, tabaco, missangas, panos, cauris.

E o pango? Não esquecer a liamba para os carregadores, sem isso acabam por entristecer e daí ao mau humor e às saudades da

Oquiçongo ocassipi? - O chefe da caravana onde está?(U.)

Vacuovitele valivangue covaso, olongamba viuanda vacauama conhima; Vakuovitele valivange kovaso, olongamba viuanda vakauama konhima - Que os portadores das cargas procedam na frente, os carregadores da tipoia não-de seguir atrás.(U.)

Quimbare, Kimbare - serviçais. Negros livres, ou libertos, agregados aos ambaquistas ou aos brancos. (K.)

Olumango, Olomango - Conjunto de duas varas compridas onde se amarrava a carga (c.30 kg.) transportada pelo carregador da quibuca. (U.)

Cauri - conchas brancas ou amarelo-claro, do tamanho de uma amêndoa, originárias do Índico, que eram usadas como moeda.

terra vai um passo, depois é só vê-los a fugir e a carga a sobrar, avisei.

A quibuca aguardava as minhas ordens de levantar poeira e iniciar a caminhada. Estávamos no ano de 1842 e era a terceira viagem que fazia até Benguela.

* * *

Na maior clareira das margens do rio Cuquema iam-se concentrando os homens e suas imbambas que faziam parte da grande quibuca, a maior das que até então haviam saído dali com destino ao litoral, pois reunia os homens e os produtos de quatro dos principais sertanejos do Bihé.

A quibuca levantou ferro, que é como quem diz, carregou as imbambas e só voltou a parar no Largo da Anunciada, em Candimba, local conhecido pela alcunha de Guilherme, meu sogro, que ali residia há muitos anos. Eu e Cedofeito Silva, que me acompanhava de perto, decidimos entrar na libata do Candimba para refrescarmos a goela com a capata³⁶ que as mulheres do sertanejo faziam e que era considerada a mais saborosa daquelas terras. Considerada pelos outros, não por mim, que achava a de Angústia insuperável em sabor, embora a fizesse com base na velha receita que aprendera em miúda na libata onde nos encontrávamos. No momento em que o meu sogro e anfitrião nos servia a saborosa bebida, um miúdo irrompeu pela sala em perseguição de uma galinha, vindo embater nas minhas pernas e fazendo-me derramar um pouco de capata.

Xiça, que miúdo endiabrado!, exclamou Cedofeito Silva, enquanto o rapazinho deixava as minhas pernas e se envolvia num confronto físico com a ave aterrorizada, gritando em umbundo, osangi uasaluca!, osangi uasaluca!³⁷

Capata, kapata - *bebida obtida a partir da fermentação da farinha de milho grelado.* (U.)
Osangi uasaluca; Osanji uasaluka! – *a galinha está maluca!* (U.)

Uasaluca nada! E pára já com a correria antes que te dê uma palmada. Vá, pede desculpas nos mais velhos, vá!, gritava-lhe, aborrecido, o pai Candimba.

Assustado, o pequeno Veríssimo encolheu-se a um canto, de mãos agarradas no pescoço do galinácio que estrebuchava sufocado, largando penas por todo o lado.

Desculpas em umbundo não!, quero que seja em português, ouviu do pai um protesto veemente.

O miúdo repetiu a desculpa na lusa língua e saiu, correndo, para a rua, com a galinha filada pelo pescoço. Ri-me e sugeri a meu sogro que não se preocupasse, que não tinha importância o sucedido.

Coisas de crianças!, exclamei. Depois expliquei aos demais companheiros que aquele miúdo traquina era o meu mais jovem cunhado, irmão de Angústia pela parte do pai.

Cedofeito Silva tentou amenizar a sua primeira reacção de desagrado e acalmar o pai da criança que se desdobrava em desculpas.

É cheio de vida o seu filho!

As crianças são mesmo assim, não faz mal, só que podia ter-se magoado...

Magoado?, atalhei. É uma onça que ali está e é raro ferir-se.

Apesar do seu pequeno tamanho p'rá idade, ele é forte e muito resistente. Não há miúdo nenhum por aqui que o vença nas brigas. Do mesmo modo, galinhas, coelhos ou cabras que apareçam, sofrem logo as suas investidas, completou Candimba.

E tem uma habilidade com a chifuta que só visto!, completei.

Apesar de tudo, no olhar de meu sogro podia ver-se um brilhinho de orgulho quando falava do seu Veríssimo.

Ainda vai ser um grande caçador!

Acabámos a fazer um brinde com capata pelo futuro daquele menino, sem imaginar, sequer, que viria um tempo em que, feito homem, se tornaria um dos mais fortes e astutos caçadores daquelas

Chifuta, Tyifuta – *fisga*. (U. N.)

terras, a ponto de o explorador português Serpa Pinto o escolher para seu guia e protector, nas suas deambulações entre Quilengues e a contra-costa

A conversa foi interrompida pelo estampido de arma, seguido de um grito longo e sincopado. Era o sinal do arrancar da quibuca, pois o tempo urgia e, para o dia render, seria necessário reiniciarmos a caminhada de imediato.

* * *

Os homens iam muito carregados, pois além das bagagens normais em caravanas daquelas, normalmente entre 60 a 72 libras de peso, levavam rações para dez dias em farinha de mandioca e peixe seco. Meu sogro, que era o melhor conhecedor daqueles sítios, informou que havia uma ponte boa para atravessar o rio Cuquema, um pouco mais acima, na zona da cachoeira. Ultrapassado o rio, fomos surpreendidos por uma intensa chuvada. Eu e Candimba achámos que era altura para montar quilombo.

Ordem de quilombo! Ordem de quilombo!, gritaram os pombeiros.

Arreadas as cargas numa clareira suficientemente grande para que não se dispersasse a caravana, logo foram cortados ramos compridos, em número correspondente às comitivas integradas na grande quibuca, cada um deles assente em duas forquilhas enterradas no solo e com uma altura ligeiramente inferior ao comprimento de uma espingarda. Era o centro do quilombo e por ali foram encostadas as armas de fogo, reiunas e lazarinas, enquanto o trabalho de montagem do mesmo não estivesse terminado.

Entre os 30 e os 36 quilos.

Quilombo, kilombo – *acampamento de guerra*. (K.)

Pombeiro, Pumbeiro – *encarregado do contrato de carregadores para uma quibuca (também conhecidos por Quiçongos ou Quissongos, em umbundo), tornando-se responsáveis directos pelo grupo apresentado. De "pombo" ou "pumbo", sertão*. (K.)

Reiuna – *carabina de fabrico inglês que substituiu a lazarina. Ostentava no fecho a coroa real britânica e as letras V.R. (Victoria Regina), pelo que é provável que reiuna seja a deturpação da palavra rainha. Lazarina – espingarda antiga de pederneira, comprida e de pequeno calibre, fabricada em Portugal*.

Os bienes, para além das armas de fogo não prescindiam de duas patronas, dois porrinhos ou cacheiras à cintura, duas facas e um javite. Os que não possuíam arma de fogo usavam arco e flechas. A exposição de toda a armaria no centro do quilombo era, também, uma forma de demonstração do poder defensivo da quibuca.

Parece uma montra de armamento, comentou Cedofeito.

E é mesmo!, respondi-lhe. Sobretudo para os habitantes locais que quase sempre acabam por se aproximar, curiosos...

Só por isso?

É que, entre eles podem estar espiões.

Espiões? De quem?

Ora, de quem? De quem possa ter interesse em saber da nossa força... ou a da falta dela.

Após o trabalho e instalação do quilombo, que corra sem incidentes e sem a chuva a atrapalhar, pois entretanto deixara de cair, os homens retiraram as armas do descanso, foram comer e depois dormir, recuperando forças para a grande marcha do dia seguinte. Olhei para Cedofeito, que tentava tudo ver e aprender, pois esta era a sua primeira quibuca, e informei-o de que, no dia seguinte, nos quedaríamos por Muenecárie, nos limites dos domínios do Bihé. E é longe?, perguntou, deixando passar alguma excitação. Respondi-lhe que teríamos pela frente um dia de marcha um pouco lenta, pois tudo indicava que teríamos chuva com abundância. “Coitado!, este homem ainda tem tanto para aprender...”, pensei eu, enquanto lhe observava os jeitos e trejeitos a denunciar a sua curta experiência africana. E lá lhe ia respondendo às dúvidas e interrogações, às vezes sem grande vontade nem muita paciência.

Enquanto limpava a minha reiuna e verificava, uma a uma, as balas da cartucheira, Cedofeito mais uma vez avançou com as suas perguntas, desta vez querendo saber quando se reuniriam as quibucas.

Patrona – *cartucheira*. (B.?)

Ondjaviti, Javite – *machado pequeno*. (U.)

Em Muenecárie, onde se juntarão as outras, formando uma só e grande quibuca, respondi-lhe.

É obra manter tanta gente junta por tanto tempo!, considerou, com o timbre da voz a resvalar da admiração para a apreensão. Sorri, um tanto depreciativamente, confesso, e fui respondendo, para descanso do meu companheiro de viagem, que tudo iria correr bem.

Somos todos negociantes com muita prática, descansei-o e dei por finalizada a tarefa de limpar as armas. Levantei-me. Cedofeito relanceou o olhar para mim e, antes que eu me afastasse, reafirmou a sua confiança e lealdade para com os demais sertanejos.

Quanto a experiência de sertão... isso é coisa que tenho pouca!, confessou, olhando-me com alguma modéstia, quase com vontade de pedir desculpas por isso. Aquela humildade mostrava inteligência e arrependi-me da minha impaciência. Via-se como já tinha aprendido tantas coisas sobre terra em tão pouco tempo. Dei-lhe uma palmada no ombro, pedindo-lhe que se deixasse de comedimentos, e amaciei as palavras.

É só prestar atenção que o resto vem por acréscimo, pois não lhe faltará tempo e ocasião para aprender a ser um sertanejo de corpo inteiro.

Pois assim será! Mas ainda tenho que dar o primeiro passo que é o de arranjar armador.

Verá, meu caro, que tudo se vai resolver. Apresentar-lhe-ei o Barbosa, não o maior comerciante de Benguela mas, seguramente, o mais honesto.

Cedofeito Silva aproximou-se de mim, revelando algum nervosismo e, antes que recomeçasse a falar, confortei-o.

Se gostar dele, o que não duvido, tenho a certeza que o meu amigo passará a ser aviado do Barbosa. Mas vamos descansar que se faz tarde.

O cansaço sobreveio e o sono fez-nos participar do grande silêncio que caiu. Nem sequer os animais e pássaros nocturnos se

Armador e Aviado - os negociantes da cidade "armadores", entregavam ao "aviado" uma "factura" de mercadorias apropriadas ao comércio do sertão, a que se dava o nome genérico de "fazenda".

faziam ouvir, dir-se-ia que aguardavam a borrasca anunciada ao longe, com um sortido de trovões e relâmpagos que se ouviam e viam cada vez mais perto.

* * *

Pouco tempo era decorrido, desde o levantamento do acampamento, quando as nuvens, prenes de tanto vapor de água, deixaram cair uma tempestade pesada que, em poucos minutos, fez alagar tudo e todos. Era uma chuva densa como se fosse o rebentar das águas de uma grande zebra a parir. Mais cedo do que tínhamos previsto, começámos a sentir dificuldades em progredir naquele terreno argiloso e empapado. Os pés enterravam-se no barro peganhento e tornavam-se muito mais pesados, como mais pesadas se iam tornando as cargas molhadas sobre os ombros dos carregadores.

Porra de vida! Isto começa bem! Quando vamos chegar a Muenecárie se quase não conseguimos levantar os pés?, questionava exasperado Cedofeito, com as botas sobrecarregadas de água e barro. Meu sogro, que se postara ao nosso lado, era um exemplo de resistência e vivacidade. Ainda tinha espírito para ir dizendo frases mais elaboradas, algumas com humor, só para nos animar.

Chegados ao destino foi impossível montar quilombo, pois já não havia forças para tanto. Daí a opção de um simples acampamento, tendo sido necessário reforçar a defesa. Dobrem as sentinelas!, davam ordem os sertanejos aos seus quimbares, para que fossem evitados roubos ou até males maiores, como algum ataque de surpresa, pois bandos de raziadores não eram coisa rara nas terras que atravessavam. Os quimbares escolhidos para sentinelas verificaram os seus javites, as cacheiras e as facas, mais fáceis de usar naquelas condições do que as armas de fogo, e foram colocar-se nos melhores lugares de vigia.

Ordem! Ordem!, gritei para os carregadores que se mostravam

surdos perante as indicações dos seus pombeiros. Todos se queixavam e lançavam imprecações contra o tempo que não dava mostras de melhoria.

Do outro lado do acampamento, Candimba fazia o mesmo, chamando a atenção dos quimbares para que vigiassem os escravos, pois em alturas como aquelas de muita confusão, era possível escaparem alguns. Molhados até aos ossos, metiam os ombros cansados às tarefas. Tudo se encharcava e se dissolvia numa penumbra húmida que não deixava ver nada nem quase ouvir coisa alguma, a não ser o trovejar constante e a incandescência dos relâmpagos que coriscavam nos céus escuros.

Aiuê! Aiuê! A grande zebra galopa nas anharas do céu. Aiué, Calunga ué!, tentavam apaziguar a tempestade os carregadores.

Olhei para Cedofeito que me confessou estar enregelado por causa da roupa molhada e aconselhei-o a mudar-se logo que possível, não fosse ficar doente ainda no início da viagem. À nossa volta ouvia-se o murmúrio fundo dos carregadores e o gemido quase subterrâneo dos escravos no curral. Estranhei e saí da tenda, apesar da chuva. Olhei para as nespas de céu que sobressaíam mais claras do negrume geral e... comecei a ouvir, primeiro muito ténue, depois cada vez mais forte, o galopar terrível da tempestade.

Aiuê, aiué, a grande zebra galopa nas anharas do céu, aiué, Calunga ué!, continuavam a aplacar a tempestade os carregadores.

Da boca de Cedofeito, que se havia aproximado, ouvi sair qualquer coisa. Não consegui perceber o que era e aproximei-me mais, quase encostando o ouvido à sua boca.

O que se passa?

É que ouvi uma gargalhada, oiça!

Prestei atenção e, de facto, começava a ser audível um som diferente dos outros que, logo de seguida, foi abafado pelo rolar poderoso dum trovão.

Voltámo-nos para a direcção de onde nos parecera ter vindo a risada e, agarrando com força o cabo do meu facão de mato, aguardei, enquanto Cedofeito se afastava, talvez para tentar apanhar

o intruso por trás.

De novo uma gargalhada e o som familiar dum arrastar de perna, agora mais distintos. Dirigi-me a um vulto que parecia vir do lado da quibuca onde se encontravam os escravos. “Catonhotonto? Não é possível!..”, pensei. E percebi que alguém corria na minha direcção. Escorreguei no lamaçal e senti que embatiam em mim com toda a força. Sem o facão, que havia desaparecido aquando da minha escorregadela, tentei usar outros meios de defesa. Senti que o seu pescoço estava perto e apertei-o com força, enquanto tentava dar-lhe uma joelhada no baixo-ventre. Era um homem forte, que se agarrava a mim firmemente. Enrolou-se na minha cintura como uma jibóia. Um arrepio medonho percorreu-me o corpo e tentei recuperar as forças por momento esvaídas. Esbracejei e dei uma cabeçada em algo duro como o maboque. O sangue escorreu deixando-me nos lábios o seu sabor inconfundível. Vi relâmpagos mais fortes que os da tempestade, e a trovoada que se instalou na minha cabeça deixava a do céu bem mais longe.

Tinha que acabar depressa com aquele intruso. Apliquei-lhe uma das baçulas mais agressivas que conhecia, mas ele continuava colado a mim. Dei-lhe uma cotovelada nas costelas, ouvi-lhe um grito, um gorgolejo e senti-o estrebuchar. O barulho, que uma pausa no trovejar deixou que se ouvisse, alertou alguns quimbares de sentinela que, de imediato, se dirigiram para os dois vultos indistintos, digladiando-se no chão enlameado. Sem conseguirem reconhecer quem era o agressor e quem era o agredido, aos sacões e à chapada conseguiram manietar-nos, amarrando-nos de seguida a duas árvores. Quando a chuva começou a lavar-nos da mistura escura de barro, sangue, folhas e musgo que nos cobria, foi o espanto geral, sobretudo o nosso.

Luís Pilarte?, ouvi-lhe dizer.

Cedofeito Silva?, disse eu.

* * *

A noite foi pouco tranquila e, no outro dia, toda a gente se sentia mais esgotada, principalmente eu e Cedofeito. Felizmente, a lama que nos cobrira durante a luta revelara-se uma eficaz armadura, protegendo-nos dos golpes mais directos que tinham resvalado na pele viscosa... excepção feita para o meu sobrolho e as costelas de Cedofeito, que nos faziam ainda gemer de dor. Mas não deixávamos de rir com o grotesco da situação, à pancada um com o outro sem sabermos quem era o adversário.

Se, até ali, Cedofeito me era um tanto indiferente, confesso que o incidente que quase nos matou fortaleceu a nossa amizade. Começava a achar graça àquele reinol. À hora do matabicho, os outros sertanejos baixaram a voz à nossa aproximação. Mas depressa os ouvimos gracejar. Comentavam o último e estranho caso... de que eu e Cedofeito éramos as principais personagens.

Não há dúvida que de noite todos os leões são... leopardos!, comentava Candimba, com vontade de rir.

Se são! Se são!, ouviu-se em coro.

Sobretudo nesta noite de tempestade, em que o diabo andou por aí nas suas viangas, observou Camundongo.

É preciso ter muito cuidado nestes matos, ouviu-se alguém aconselhar.

A tempestade não distingue amigos de inimigos, tentei esclarecê-los.

Pois é! Pois é!, disseram os sertanejos presentes.

Juro que estava convencido de que era um intruso, um ladrão, a coberto do mau tempo. E, nessas alturas, estou para o que der e vier, como vocês bem sabem.

Ah!, dessa sua braveza sabemos nós, meu caro genro, disse o Candimba com ar sério.

Enfim!, renasci da lama, exclamou Cedofeito, um tanto teatral.
Renascemos todos, completou o Candimba.

Numa noite destas até um camba pode virar inimigo... coisas d'uanga, avançou Camundongo.

Ainda bem que perdeu o facão, arrepiou-se Cedofeito. Depois confessou que não lhe saía da cabeça uma estranha e familiar gargalhada.

Ah ouvi, ouvi! Até me deu a impressão de sentir o arrastar daquela perna desarranjada do Catonhotonto, confirmei.

Todos ficaram a olhar para nós sem dizer nada, sem saberem o que dizer. Cedofeito emudeceu e ficou com um ar meditabundo. Candimba mostrou-se incrédulo.

Pode lá ser! Pode lá ser! O aleijado está longe demais...

De Camundongo, sempre mais dado que os outros a razões d'outro mundo, ouvimos dizer que, talvez, tivéssemos ouvido uns gemidos de bode e um arrastar de correntes pelas pedras, como se o rabudo, o chifrudo, andasse por ali a observar-nos.

Cale-se homem, com essas parvoíces!, atirou-lhe Candimba, não deixando de se persignar muito ao de leve, disfarçadamente.

Resolvi então que era tempo de mudar de conversa e fui avisando que tínhamos que reunir naquele dia sem falta. E assim foi. Após a refeição, nós, os cinco sertanejos, acertámos os pormenores da viagem e preparámos o tributo de passagem a enviar ao soba local.

* * *

Já dentro das terras ganguelas, fizemos quilombo muito próximo da residência grande de Caquingue, nas margens do rio Cuchi, cujo território se estendia até ao Cutato. Quando estávamos quase a terminar os trabalhos de instalação do acampamento, começou a ouvir-se gritos e o silvar dos chicotes dos quimbares guardadores dos escravos. Camundongo levantou-se dum toco onde se encontrava

Camba, Kamba – *amigo* (K.)

sentado e, nervosamente, pôs-se a sondar, enquanto pegava na espingarda.

Espero bem que não seja nenhuma fuga de escravos.

Ou revolta!, exclamou Cedofeito, que se aproximara.

Sem nada a perder, os escravos quando se revoltam tornam-se difíceis de pacificar, expliquei a Cedofeito. Todos sabemos que, mesmo quando uma rebelião é controlada, quase sempre há grandes prejuízos.

Um escravo morto é perda de património e um escravo ferido é mercadoria depreciada, disse Candimba.

Tanto pela vida dos escravos como pela nossa, é de evitar os motins, observou Dos Santos.

De seguida, eu e meu sogro dirigimo-nos aos fundos do acampamento. Cedofeito, um tanto desorientado, ficou a aguardar.

A barafunda aumentou de tom. Os chicotes, condutores e suplciadores de escravos, ouviam-se como tiros. Preocupado, dirigi-me a passo corrido até ao curral dos escravos. Para lá se dirigiram igualmente os outros sertanejos, todos de cenho enrugado, juntando-se para discutir o assunto.

Se a maca rebenta com os escravos vai ser necessário lhes dar um correctivo exemplar pra ficarem a saber que não vale nada tentarem fugar nos muxitos, pois lhes cangamos, lhes cuatamos logo-logo e é muito pior pra eles, ameaçou Camundongo. Todos os outros concordaram com ele, alguns advogando a eliminação de duas ou três peças, das mais fracas e baratas, pois nada calava mais fundo do que uma boa execução em público. Outros, incluindo eu, defendendo um correctivo mais leve.

Cedofeito apareceu na clareira central do acampamento quando dois quimbares arrastavam um escravo que, de imediato, foi amarrado ao tronco de uma árvore. Depois, foram escolhidos outros para assistirem ao castigo e poderem contar aos restantes como tinha sido. Ao passar por Cedofeito expliquei-lhe que só haviam escolhido algumas cabeças como testemunhas, pois seria complicado e até perigoso mantê-los ali todos na clareira.

Um quimbare adiantou-se no terreiro, de látego na mão a faiscar, a rasgar os ares com o seu zumbido ameaçador. Era um chicote entrançado de pele de cavalo-marinho que cortava como faca, mais rente ou mais fundo conforme o momento, o chicoteado e a destreza do flagelador. À primeira chibatada, o escravo contorceu-se e deu um grito que assustou a bicharada que se encontrava nas vissapas em redor. Guincharam os macacos, piaram as aves, choraram as hienas, estremeceu Cedofeito, que eu vi. À segunda chibatada, um grito mais aflito e mais angustiado fez assustar o resto da passarada e dos macacos e fez suspirar os sertanejos observadores da cena. Mais umas chibatadas e o dorso do escravo era uma chaga em carne viva.

Deixem-no em paz!, ouviu-se gritar. Eu fico com ele, pagarei o preço que valia antes disto.

Achei que tinha que intervir de imediato.

Meu amigo, acalme-se!, eu sei que ainda não está habituado a estas coisas, mas... acabará por se acostumar. Aproximei-me de Cedofeito, que havia avançado até ao local do castigo, tentando detê-lo. Agarrei-o por um braço, mas ele retirou-o com brusquidão e encarou-me com uma inusitada firmeza, continuando a avançar. O quimbare afastou-se com o látego a escorrer sangue, sem perceber o que se passava. Ao chegar ao tronco, Cedofeito puxou do seu facão de mato e cortou as cordas que prendiam o escravo. Este, já sem sentidos, caiu e ficou estendido no capim. Apercebi-me de que algo começava a escapar ao nosso controlo. Se, ultimamente, tinha sentido uma maior aproximação a Cedofeito, agora parecia-me que o reinol tinha ido longe de mais com aquele gesto, e tive dúvidas quanto ao futuro dele como sertanejo. A sua atitude era a prova de que tinha um espírito fraco, vulnerável a situações como aquela, afinal tão comuns no sertão, onde o negócio dos escravos ainda é normal.

Se de cada vez que ouvir um escravo a gemer dos açoites, resolver intervir e ficar com ele, está perdido, observou Candimba.

Vissapa - mato (U.?). O mesmo que muxito (K.)

Ninguém lhe vai respeitar, meu camba, e quitári pra comprar tanta cabecinha é difícil d'arranjar, sentenciou Camundongo, deixando escapar um trejeito de desdém por quem se deixava ir abaixo com umas chibatadas em escravo.

Cedofeito percebeu algo no olhar dos presentes. Desprezo no dos sertanejos; espanto no dos quimbares e dos escravos.

O escravo passa a ser meu. Castigo-o depois. E virando-se para os quimbares ordenou que o levassem para a tenda.

* * *

Um quimbare fez-se anunciar e depois informou-me que os outros chefes da quibuca aguardavam por mim para uma reunião de emergência. Era o que esperava. “Devem estar fulos com o acontecimento”, pensei.

Felizmente o dono do escravo é o meu sogro!, disse a Cedofeito que, entretanto, chegara.

E qual é o problema? Eu disse que pagava o escravo...

As coisas não são assim tão simples!

Simple como?

Como o meu amigo pensa! E é bom ter alguém pelo seu lado. Como o meu sogro está sempre do contra, é provável que o tenha como aliado e seja perdoado.

Perdoado?, exclamou Cedofeito.

Sim!

Perdoado porquê?

É que... fui convocado para uma reunião de emergência com os principais da quibuca. A coisa está feia! Vossemecê tem que perceber a gravidade da situação e... Cedofeito interrompeu-me com um gesto de contrariedade e depois avançou uma proposta que me surpreendeu.

Já decidi que fico com o escravo pelo preço que ia ser vendido. O seu dono não perde nada.

Perante o meu ar pouco crédulo, pôs um ar determinado e perguntou:

Qual é o problema, se o seu proprietário já está a ganhar?

Fiquei sem vontade de o aturar.

Isto não é comércio de estabelecimento baihano, meu amigo! Por aqui há regras e códigos que precisa de conhecer e respeitar, se não...

Se não o quê?, fui de novo interrompido.

Se não... vai ter que regressar amanhã, logo pela manhã, ao Bihé e não sei se, mesmo aí, conseguirá permanecer, respondi-lhe, então, muito secamente.

Cedofeito não escondia o seu ar de estupefacção. Mas um natural bom senso começou a manifestar-se e fez um aceno de assentimento com a cabeça, perguntando o que devia fazer para nos apaziguar a todos. Arguto, enxergou de imediato que não devia deixar que eu fosse à reunião sem me conquistar para o seu lado, sem fazer de mim um aliado que o defendesse junto dos principais sertanejos da quibuca.

Está bem, homem! Está bem! Mas olhe que eu estou a ser tolerante porque começo a gostar de si e vejo-lhe qualidades para o sertão. Mas o que fez foi grave. O que lhe vale é que as coisas correram menos mal, dizendo que castigava a peça mais tarde. Não nos fez perder a face perante os outros escravos.

Quando vi que a hora da reunião se aproximava, retirei-me para ver se conseguia encontrar o meu sogro. A minha intenção era, de forma discreta, tentar convencê-lo da defesa de Cedofeito. Se meu sogro não o apoiasse, não acreditava ser possível convencer os restantes sertanejos de que Cedofeito não agira de todo mal. Tentaria que aceitassem como atenuantes o facto de ele ser um novato na terra e no negócio, de ter ainda o coração mole. Ressalvando, contudo, que a sua atitude não tinha sido destituída de coragem e que, por isso mesmo, merecia o nosso crédito. Pelo ar de meu sogro, percebi que havia hipóteses de o ganhar para a nossa causa. Confirmei a ideia de que defenderia Cedofeito, mais porque gostava

de estar contra a maré, de ser do contra, do que por ter aceitado as minhas justificações. Agradava-lhe muito vencer combates, fossem de palavras, fossem de armas.

Ao chegar ao local da reunião, verifiquei logo que os sertanejos já se encontravam sentados nos seus banquinhos de campanha. A assembleia foi agitada, mas rapidamente se percebeu que o Candimba apoiava as minhas posições, fazendo valer a minha argumentação de manter Cedofeito entre nós, até ao final da viagem. Demorou, mas o ascendente de meu sogro sobre o grupo influenciou a decisão final. Terminada a reunião, abandonei o terreiro e procurei-o, indo encontrá-lo na sua tenda a tratar das chagas do seu escravo.

Olhe que a reunião esteve muito agitada. Não fosse o apoio que o meu sogro nos deu e amanhã estaria de regresso ao Bihé.

Cedofeito suspendeu a mistela que punha nas costas do escravo e voltou-se para mim com ar de reconhecimento.

Peço-lhe muita desculpa pela perturbação que criei, pelos aborrecimentos que lhe estou a dar, mas...

Sem vontade de o ouvir, fiz um gesto de impaciência e interrompi-o.

E que aborrecimentos, meu amigo, que aborrecimentos!

Cedofeito, entre os gemidos do escravo, retrucou que, até ver, não estava arrependido do que fizera. O escravo parou por momentos de gemer.

Nducupandula, ñgala!, pronunciou, com dificuldade, no idioma umbundo. Agradeço-lhe, senhor!, repetiu em português.

Achei estranho que o escravo se expressasse em português. Cedofeito, sem nenhum sinal de surpresa, confirmou que falava e bem!

“Onde diabo terá este escravo aprendido a falar bem português?”, cogitei com os meus alamares.

Muitos dias decorreram, com a chuva a dificultar-nos a viagem. Estávamos esfomeados, cansados e completamente encharcados. Antes que adoecêssemos, demos ordens para que os quimbares acendessem fogueiras para se aquecerem e nos aquecermos, secar as roupas e colocar as panelas de quimbombo.

Quimbombo! Já ouvi falar nesta bebida mas nunca a provei, comentou Cedofeito Silva.

É feita de farinha de milho grelado, expliquei.

Parecido com a quiçângua, não?.

Sim! À farinha de milho junta-se a raiz macerada do umbundi.

Umbundi?

Uma planta que fermenta a bebida. Vai ser o alimento possível nestes dias de tormenta, expliquei-lhe.

Cedofeito tudo ouvia com atenção. Uma qualidade que todos eram unânimes em atribuir-lhe.

Decidi, então, mudar de assunto, este mais virado para questões de segurança. Com gente tão cansada como a nossa, não se sabia em quem confiar a vigilância do acampamento, sobretudo porque se sabia que nas cabeceiras do rio se encontrava o quilombo de guerra do Uambo. Meu sogro, homem muito viajado e dono de vasta experiência no sertão, adiantou a ideia de que talvez fosse melhor distribuímos as tarefas da segurança por nós, os sertanejos, e pelos nossos quimbares de maior confiança. Cedofeito, que se mantivera calado, pediu que ouvissem o seu escravo. Olhei para ele com algum espanto. “Ouvir o escravo que tanto embaraço havia causado ainda há uns dias? Estaria bom da cabeça o reinol?”, questionei-me. Mas Cedofeito não desistia.

Chacahanga é capaz de dar uma grande ajuda, pois conhece bem esta região e os seus habitantes, repetia com segurança. Foi numa guerra do soba do Uambo que foi apanhado e feito escravo, quando andava em comércio por aqui. A um sinal seu, Chacahanga aproximou-se.

Fazias comércio? E d'onde és tu? Sabes português?, perguntou-

Ihe Candimba. O escravo logo disse que sabia quimbundo, português e umbundo e que era natural do Gulungo Alto.

E trabalhavas para quem?, indagou-o em umbundo, só para experimentar se era verdade o que ele dissera e, de imediato, nessa língua teve a resposta.

Ñgala, eu era pombeiro dum comerciante do Dondo; fiquei no Uambo seis anos, primeiro como escravo do soba de Caluquembe e depois do branco da grande chimpaca.

Foi a minha vez de entrar no interrogatório, pois a simples menção ao branco da chimpaca despertara-me o interesse.

Diz-me, o branco da grande chimpaca de Caluquembe é o capitão Lopo Chaves?

Sim, é esse!

O meu sogro, mais interessado na resolução do problema que enfrentavam naquele momento, questionou-o quanto ao conhecimento que tinha da zona.

Conheço como a palma dos pés, respondeu Chacahanga.

Sorri da expressão usada pelo escravo.

Como a palma dos pés?

Sim, ñgala! Só os meus pés conhecem bem esses caminhos...

Organizada a rede de sentinelas, ao longo da noite foi-se ouvindo o grito de “alerta!” que era respondido pela sentinela seguinte com um “alerta está!”, até que a manhã foi chegando devagarinho, muito timidamente, pois as grossas nuvens teimavam em não deixar que o sol aparecesse. Só pelas onze horas é que a chuva serenou e pudemos, então, organizar a viagem. Chacahanga foi levado para sondar o rio e assim vermos se seria possível atravessá-lo.

Hum!, jicula omessu, abre os olhos. Podemos confiar nesse escravo?, perguntou Camundongo.

Claro! O companheiro acha que ele gostaria de voltar a ser

Ñgala – *senhor (U.) O mesmo que ngana (K.)*

apanhado pelos munanos?, argumentou Cedofeito. De seguida, fomos até às cabeceiras do rio, o mais perto possível do quilombo dos guerreiros do Uambo, para vermos qual era a situação. Chacahanga deu uma volta, sondou as redondezas, espreitou os muxitos à volta, cheirou o vento, palpou a terra e a cinza de uma extinta fogueira e fez gestos de que só ele sabia o significado.

Já foram embora! Aquele sinal ali foi a indicação dos que ficaram atrás, para verem se a bunda da guerra tava mesmo protegida; já não voltam aqui, disse Chacahanga, apontando para uns cortes feitos no tronco de uma árvore.

Por algum motivo devem ter transferido o quilombo para outro lugar. Mas para nós o importante é que já cá não estejam, reconheci.

Mais tranquilos por verificarmos que o perigo já passara, regressámos ao acampamento. Cedofeito não cabia em si de contente. Como pressentira, o seu escravo mostrava-se de uma surpreendente valia.

Não é possível! Vejam só a água que o rio leva e como está tão largo. Temos que arranjar canoas para a travessia.

Canoas? E como? Onde?, interrogou Cedofeito.

Vamos nós construí-las.

E em que estaleiro?

Já vai ver, respondi-lhe quase divertido com o seu espanto. Divertido, pois sempre que tinha que orientar esta tarefa me recordava das dificuldades e alegrias de fazer canoas, quando era criança e jovem, em brincadeiras com outros miúdos nas margens do rio Cavaco. E comecei, eu e os outros sertanejos e pombeiros, a dar indicações sobre a construção das canoas. Chacahanga, aproveitando a ocasião para vincar o seu préstimo, pediu ao seu amo que lhe permitisse ajudar os quimbares e os carregadores a construírem as canoas. Cedofeito surpreendia-se, a cada momento, com as potencialidades do seu escravo e começava a valorizar a sua intuição, que o fizera apostar nele. A cada dia que passava,

Munano(s) – do Nano. Habitante(s) das terras do planalto central, do Uambo.(U. N.)

Chacahanga revelava-se uma preciosa ajuda para a sua integração na vida do sertão. Pelo seu lado, reconhecido ao seu novo senhor, Chacahanga tudo fazia para lhe mostrar gratidão.

Várias sambas foram então escolhidas e logo nelas os quimbares encostaram forquilhas para que os carregadores pudessem chegar às partes mais altas e aí efectuarem, antes do ponto onde os ramos brotam, um corte circular no tronco; um outro, também circular, na base, junto ao solo; por fim um corte vertical a unir os terminais. Segui atentamente a construção das canoas, dando indicações sobre a melhor maneira de separar a casca do respectivo tronco.

Muito cuidado!, introduzam devagar essas cunhas finas no corte vertical! Só depois podem bater para a casca s'abrir sem quebrar.

Solta a casca, em forma de cilindro, a parte rugosa exterior é-lhes retirada a golpes de machadinha e achei graça a Cedofeito Silva, que agarrou numa e se pôs a experimentá-la. Ele mesmo ajudou ao enchimento com folhas secas e gravetos que depois foram incendiados, para o tronco ganhar flexibilidade. Terminada esta tarefa, começámos a colocar duas estacas, com cerca de dois metros de altura, espetadas juntas no solo e puxadas para fora, formando um V, entre as quais são entalados os cilindros de casca, apertando, depois, com uma corda entrançada na extremidade das estacas, até que estas de novo se unem. Foi então que reparei em Cedofeito de caderno e lápis na mão, a observar e a apontar tudo, com muita atenção. Perguntei-lhe qual a razão de tanta escrita. Respondeu-me com perguntas. Já o tinha visto algumas vezes a escrever, por vezes até durante a noite, à luz fraca das nossas fogueiras e tochas. Cheguei a dizer-lhe que se poupasse dormindo e que não gastasse a vista, pois no sertão era bem mais preciosa para ver os caminhos e fazer tiros certos do que para a escrita.

Continuei a orientar a construção das canoas e a responder às perguntas de Cedofeito. Nas extremidades unidas da casca foram feitas, com o ferro de zagaia aquecida, duas ordens verticais de furos pelos quais passámos cordas vegetais muito resistentes, de modo a ser obtida uma boa e apertada ligação para formar a proa

do barco. Fizemos o mesmo, no lado oposto, para criar a popa. Finalmente, com o auxílio de uma travessa de madeira, separaram-se os dois bordos, na parte intermédia da embarcação. Cedofeito ficou surpreendido quando lhe disse que cada uma delas levaria até dez pessoas ou cargas.

A tarefa de construção das canoas, entre sol e chuva, arrastou-se por dois dias inteiros; depois foram transportadas para o rio Canhungâmua, afluente do Cunene, e demos, então, início à passagem para a outra margem. Cedofeito não se cansava de observar e enaltecer o nosso engenho, o que tornou a tarefa mais leve por ter sido tão notada e valorizada.

A chuva recomeçou a cair com toda a força e o vento que se levantou alterou de tal forma as águas do rio que um remador e mais dois homens teriam perdido a vida na travessia, caso não tivessem sido prontamente socorridos. O desânimo era geral.

Maldita chuva que não há meio de parar!, dizia Cedofeito, quanto a mim mais preocupado com o seu caderno de apontamentos do que conosco.

Meu caro, é melhor preparar-se que o pior está para vir!, aconselhei-o eu, enquanto sondava o horizonte, de onde nos chegava o som surdo dum trovejar longínquo, quase subterrâneo.

* * *

E logo as epidemias começaram a lançar-se como feras esfaimadas, aproveitando-se da fragilidade dos homens. Do carregador ao pombeiro, do macota ao sertanejo, ninguém era poupado. A estação das chuvas tornava os rios caudalosos e perigosos, em muitos locais era necessário abrir veredas à força de braços

Macota, Makota – quando o sertanejo não queria limitar as transacções comerciais às suas próprias viagens, organizava outras caravanas, cujas chefias entregava a empregados de confiança, os macotas. Cada sertanejo dispunha de dois ou três macotas africanos que, pelas suas qualidades de chefia, disciplina e honestidade, ofereciam garantias suficientes para lhes entregar nas mãos uma boa parte da sua fazenda. De "Di-kota", mais-velho, pessoa respeitável. (K.)

que brandiam o mucuále. Os homens até tinham que imitar as serpentes, rastejando por baixo de troncos caídos, das vissapas densas e, nas subidas e descidas, as cargas passavam da cabeça para os ombros e destes para a cabeça, dando algum descanso aos músculos doridos. Os trinta e tal quilos de carga iam pesando mais e mais, à medida que a quibuca avançava. Tudo isso por um soldo miserável de uma dúzia de panos, matutava para consigo próprio o sertanejo, não deixando de lhes invejar a resistência, a força e até a pouca ambição, essa ambição que, pelo contrário, os fazia a eles, sertanejos, correr tanto, arriscar tanto. “Só o povo bieno consegue suportar tanta fadiga, tanta fome!”, meditava eu, quando percebi que os pombeiros chamavam por mim.

Ñgala, ñgala!, os carregadores estão fracos e a carga está cada vez mais pesada, onjala ivala vimo, ombela iloka enene, a fome faz doer a barriga, a chuva cai com força!, deixavam-se ouvir por entre o soluçar da tempestade.

Nervosos, tentavam manter os seus homens alinhados, disciplinados, como era necessário para prosseguirmos com segurança. Eu já não sabia o que fazer. Tinha consciência de que mentia aos meus pombeiros e que eles mentiam aos seus carregadores, mas não podíamos fazer outra coisa. A região que atravessávamos encontrava-se devastada pela guerra e nem viva alma se via por ali. Só o riso trocista e fúnebre das hienas e o grasnar pútrido dos abutres se ouviam, enquanto nas beiras dos caminhos iam ficando os que caíam e já forças não tinham para prosseguir a viagem.

Quando o primeiro tombou, ainda tentámos socorrê-lo, mas em vão e o choro das hienas começou a ouvir-se cada vez mais perto.

A porra da chuva não pára de cair!, dizíamos todos, poucos em português, a maior parte em umbundo, como se com essas palavras quiséssemos esconjurar o mau tempo. Debalde tentávamos defender-nos da chuva que caía tão grossamente, entrando-nos em enxurrada pela tipóia, encharcando-nos da cabeça aos pés.

Mucuále, Mukwale – *facção de dois gumes.* (U.)

Até os ossos sinto molhados... e que escuridão vai lá fora, c'os diabos!, comentou Candimba.

Às dez da manhã era como se fosse noite e a única luz que, de quando em quando, nos iluminava o caminho era a dos relâmpagos que riscavam o céu dum lado a outro. Mas o que se lhe seguia era sempre de estarrecer. Nunca ouvira trovões com aquela sonoridade que engolia todos os outros sons e parecia destruir os ouvidos e quebrar a alma. Quando a esperança já era pouca, ouviu-se gritar, olhem o rio Cuando! Chegámos ao rio Cuando!

Finalmente aproximávamo-nos do nosso destino.

* * *

Logo que a manhã se fez notar, prepararámos-nos para ir à fortaleza apresentar cumprimentos ao seu comandante. Esse homem violento..., lembrou Camundongo, com ar de quem já sofrera a cólera do homem forte de Caconda. E quem não é violento nestas terras, onde até a natureza não pára de nos agredir de forma excessivas, comentei, já farto das dificuldades que, sem parar, nos assaltavam na caminhada.

A fortaleza era de pau-a-pique, barrada por dentro e por fora, com baluartes guarnecidos de sete peças, sendo quatro de bronze e três de ferro, de calibre um e dois. No centro erguia-se a casa que servia de igreja, pois a igreja de Nossa Senhora da Conceição encontrava-se em completa ruína. Outras casas serviam de feitoria e de quartel da tropa. Em frente à fortaleza podia ver-se a moradia do comandante e, ladeando-a, as habitações dos moradores. Estes apenas as ocupavam quando eram chamados à fortaleza, ou em caso de guerra, pois tinham as suas libatas no exterior.

Caconda já foi mais povoada de brancos do que é agora, embora com um povoamento disperso... aos poucos foram transferindo as suas libatas para Galangue e Quingolo, esclareceu o comandante

do presídio.

Nós passámos por lá durante a nossa viagem, boa terra, e de facto ouvimos falar de habitantes seus que descendiam de antigos moradores de Caconda, disse eu.

O comandante olhou para mim e concordou, acenando com a cabeça. Vendo que me dava ouvidos, disse-lhe que em Quingolo, quando nos aproximámos da libata grande para visitar o soba, nos tinham dito que este se encontrava ausente, pois tinha ido à fortaleza de Caconda receber a “marca do rei”...

Ah!, a “marca do rei”, interrompeu-me de uma forma que me pareceu um tanto enigmática.

...Só que achei estranho, pois sempre ouvi dizer que o soba do Quingolo não era vassalo do Muene Puto, que não lhe pagava tributo.

Esboçando um sorriso de ironia, deu um pontapé numa galinha que se aproximara e, entre co-co-ró-có-cós, explicou que receber a marca do rei pressupunha ter alguns privilégios... pois seria doloroso demais se nada houvesse em troca que valesse a pena.

O meu sogro, atento a tudo, esclareceu que receber a marca do rei implicava a gravação de um R no peito com um ferro em brasa.

O que, convenhamos, não deve ser nada fácil, observou Cedofeito Silva.

Depende!, exclamou o comandante.

Como assim?, perguntei.

Depende da resistência da pele do candidato, da mistela que previamente esfregou no peito, da temperatura do ferro e da força com que for marcado; como vê, há muitas variantes e, depois da cerimónia da marca do rei, o soba pode levar consigo alguma fazenda, pólvora e aguardente...

Para o soba do Quingolo valeu a pena passar por isso, comentou Candimba.

Pelos vistos, sim! Os sobas são uns vaidosões... é mais uma marca no seu corpo, e eles têm tantas! Entre cicatrizes de guerra,

Muene Puto, Mwene Putu – *senhor (rei) de Portugal. (K.)*

marcas rituais e tatuagens de beleza, a “marca do rei” é só mais uma entre muitas...e sempre rende alguma coisa, concluiu o comandante, esboçando um sarcástico sorriso.

Ouvimos tudo, mas ficámos sem saber ao certo qual seria a sua opinião sobre o assunto. Concordaria ele com o embuste, se dissesse se tratasse, ou não? Eu ainda tive vontade de lhe perguntar mais umas coisas, mas achei conveniente não o fazer, e continuámos a visita, agora entre laranjeiras, goiabeiras e romãzeiras, no largo onde se situavam as referidas casas dos moradores. Pensava com os meus botões como é que aquele homem, que nem para nós era afável, poderia ter a diplomacia necessária para lidar com os sobas da região. Compreendi, assim, por que razão algumas famílias de moradores tinham querido ver Caconda pelas costas.

* * *

Também nós quisemos ver Caconda pelas costas o mais depressa possível. Uma aura pesada a envolver o comandante do forte não pressagiava nada de bom. Por isso, mal recompostas as forças, continuámos a viagem, ainda com um tempo a cheirar a chuva. Depressa ultrapassámos as terras cacondenses e nos internámos nas matas de hahunje, arvoredo denso, cujas copas tocavam umas nas outras. Só depois do rio Cubal da Anha, afluente do Catumbela, o mato começou a ser mais frágil e disperso, de caminhos acidentados e secos.

Chacahanga acompanhava sempre de perto o seu amo. Breve se convertera na sua sombra... ou na sua luz, como por vezes dizia Cedofeito Silva, para assombro dos sertanejos que achavam isso um enorme despropósito. O escravo e o caderno de notas eram o emblema dele. Pedindo autorização, com a agilidade de um leopardo, subiu a uma das frondosas muchas que pontuavam a região. Depressa pisou o chão carregado de frutos acastanhados e odoríferos, que distribuiu pelos sertanejos mais próximos.

“Este escravo é muito ladino”, pensei eu, enquanto o observava a distribuir as saborosas nochas. “Está sempre pronto a agradar”.

Cedofeito não cabia em si de contente, ao perceber que os seus companheiros de viagem começavam a dar-lhe razão por ter salvo o escravo, se não da tortura do chicote, pelo menos da morte.

Depois da Anha de Baixo, o capinzal alto e seco, de oito pés de altura, emaranhava-se nas nossas pernas e dificultava-nos a marcha. Algumas vezes era necessário usar o facão, pese embora os quimbares já terem aberto, à força de catana, uma picada entre as espinheiras.

Quando não é a chuva é o capim, que porra de vida!, ouvi Cedofeito praguejar logo atrás de mim, enquanto tentava libertar-se dum tufo de capinzal mais denso que lhe dificultava o passo. Confesso que senti um certo gozo com as dificuldades sentidas por ele e animei-o em tom jocoso.

Vida de sertanejo não é fácil, meu caro! Mas em breve estaremos na cidade e teremos, então, oportunidade de descansar e de beber umas boas cachaças. Depressa esquecerá que passámos por todos estes maus momentos...

A quibuca continuava, vencendo medos, rios e chuvas, barro, espinheiras e capim. Mas as ondas de chuva, de quando em quando, ganhavam força e voltavam a cavalgar o vento sobre a caravana. Nessas alturas, a vontade de desistir e regressar a casa ganhava mais força mas, logo que a onda passava, com ela desaparecia também a fraqueza e voltava a vontade de chegar ao destino.

Após mais de trinta dias e outras tantas noites nos caminhos do sertão, a meados do mês de Abril fizemos uma paragem rápida, para matar a fome, nos matos da Damba, junto ao rio Cavaco, já nos subúrbios de Benguela. Dirigindo-me a Cedofeito, que se aproximara entretanto, seguido de perto pelo seu diligente Chacahanga, informei-o de que, finalmente, estávamos a chegar.

Depois de amanhã entraremos na cidade, disse, apontando para os fundos, onde o sol alaranjava uma fina cortina de nuvens. Cedofeito, que nos últimos dias andava um tanto calado e absorto,

voltou a sorrir e comentou que já não punha os pés numa cidade havia quase três anos.

Já tinha algumas saudades, confessou.

O meu sogro, cauteloso, aconselhou a que não tivéssemos muitas expectativas.

Olhe que Benguela não é Loanda, ou São Salvador da Baía.

Cedofeito não respondeu, limitando-se a sorrir.

Por meu lado, senti uma grande tranquilidade, e comecei a cantarolar. A responsabilidade de conduzir a bom destino uma quibuca como aquela, estava quase a concretizar-se, e isso deixava-me imensamente feliz. Nada dava tanta satisfação a um sertanejo como o final conquistado de uma grande viagem.

Um grito fez-me regressar à terra. Afinal a viagem ainda não tinha terminado e, pelos vistos, tínhamos que continuar a estar atentos. Preocupado, vi o meu sogro agarrar-se à perna enquanto um quimbare dava pulos e socava as pedras com o seu porrinho.

Onhoha, ondala!, ouviu-se gritar.

Rapidamente Chacahanga procurou umas folhas que colocou na boca e que foi mastigando. De seguida, pediu a Cedofeito um punhal e com ele fez um breve corte sobre o local da picada. Aplicou a boca como se fora uma ventosa e foi chupando o sangue envenenado que de seguida cuspiu. Após umas dez cuspidelas, pediu que fizessem fogo num arbusto próximo.

Mas está verde e o fogo ali não pega, disse-lhe Cedofeito.

É uma caçuneira, mesmo verde pega fogo, disse-lhe eu. De seguida, fui aquecer uma faca no arbusto já a arder.

Inda cuidado nos olhos!, recomendou Chacahanga.

Porquê?, perguntou Cedofeito.

Porque a seiva da caçuneira é muito venenosa e pode cegar, esclareci-o, enquanto me ia aproximando de meu sogro com a lâmina do facão ao rubro. Ele olhou para mim e, com ar de quem sabe bem o que o espera, fez-me sinal para eu não perder tempo. Aproximei o facão da sua perna e... sentiu-se um forte cheiro a carne queimada.

Onhoha, ondala! – *uma cobra, uma ondala (cobra negra, muito venenosa)! (U.)*

No ar sobrou o grito dorido e aflito de Candimba. Foi necessário cauterizar a ferida para reduzir o risco de infecção. Depois, por cima da pele queimada e ressequida, Chacahanga aplicou uma boa dose do suco gelatinoso e refrescante que extraiu de uma carnuda handala.

Estas são das três plantas mais importantes para os viajantes, expliquei a Cedofeito. A handala dá uma goma que refresca e protege a pele das queimaduras do sol, o embondeiro que guardá no oco do seu próprio tronco a água das chuvas que salva a vida de muita gente no tempo seco, e a caçuneira que é um combustível por excelência, pois, mesmo verde, arde sempre.

Cedofeito Silva, atento, aponta tudo. Depois, aproximei-me da grande árvore que guardava a água das chuvas e atirei-lhe uma porrinhada com tanta pontaria que de cima caíram duas múcuas. Peguei numa delas e abri-a com o auxílio de uma pedra, mostrando ao curioso Cedofeito uns cubinhos brancos que, desfeitos em água, faziam uma bebida tão nutritiva como o leite.

Podemos levar alguns para Benguela para lhe darmos esse destino?, perguntou Cedofeito.

Claro que sim! Pode ser que venha a gostar mais deste que do leite de vaca.

Pois a mim dá-me enjoos, prefiro a quissângua!, interveio Dos Santos que se tinha aproximado.

E que tal darmos um pouco no Candimba?, alvitrou Camundongo.

Concordei com a ideia e eu próprio preparei um pouco de leite de múcua que dei de beber a meu sogro. Este, mostrando-se agradecido, esboçou um sorriso.

Agradeço-vos o cuidado. Maldita cobra! Mas acho que estou a melhorar.

Concordei e animei-o, dizendo-lhe que íamos de imediato continuar a viagem para chegarmos às Bimbas antes do anoitecer. O meu sogro foi colocado na tipóia e a caravana continuou o seu percurso.

Handala – espécie de aloé. (U.)

Embondeiro – árvore de grande porte, também designado por Imbondeiro, Licondo, Baobá. Lt.
Adansonia digitata.

Chegados ao cume dum monte, fomos até ao velho forte de pedra do século XVIII, construído com o objectivo de ser posto de apoio aos exércitos que do litoral avançassem para o interior.

Belíssimo panorama!, comentou Cedofeito.

Lá ao fundo vê-se o Sombreiro, com o seu cordão de montanhas, e para norte vê-se o mar, disse eu.

E a cidade? Onde está a cidade?

Não se vê, pois fica coberta por aquele extenso matagal. Essa cidade é como uma mulher dissimulada... só se deixa ver quando já estamos quase, quase em cima dela..., rematei, com alguma malandrice.

No dia seguinte, 20 de Abril, após quarenta e dois dias de marcha pelo sertão, a maior quibuca que alguma vez tinha saído do Bihé passava a Damba do Curinge e aproximava-se da cidade de S. Filipe de Benguela. A segunda cidade mais antiga de Angola, tinha cerca de 2500 habitantes e a sua importância devia-se à função de escoadouro para os reinos ovimbundos e, ainda para lá deles, para a África Central. A cidade vivia apenas do comércio, mas tinha Misericórdia e Escola Primária, onde aprendiam uns cinquenta alunos, todos filhos da terra.

Capítulo III

“Livres, desprezados e isolados em relação à sociedade de origem, os sertanejos precisavam solucionar as dificuldades da integração no meio africano. Para isso aprendiam a oferecer resistência com um mínimo de desgaste; a adaptar-se por vezes até ao nivelamento; a fazer valer a superioridade financeira e aptidão para o contacto comercial em Benguela; a aproveitar a experiência africana”

(Maria E. M. Santos – *Nos caminhos de África.*)

Vocês viram a quibuca que chegou ontem?, perguntava Josué a torto e a direito, entre copinhos de jeribita, a forte aguardente de cana. A taberna estava apinhada e ele sentia a excitação daquele dia de chegada dos quibuqueiros, carregados de tralhas e vitualhas para vender e de estórias para contar. Nesse dia, em que a algazarra e o movimento tinham tomado a quase sempre sonolenta cidade, só se ouvia falar de sertanejos, quibucas, quibuqueiros e olumangos, armadores e quiçongos, pombeiros e macotas, palavras que quase eram esquecidas nos intervalos longos de cada caravana oriunda do planalto central. Quando havia alguma novidade para repetir aos ouvidos dos seus companheiros, isso fazia-o sentir a importância de quem tem informações para dar. Gostava de observar o olhar suspenso dos outros, pendentes do que ele tinha para dizer. Era por isso que Josué não contava tudo duma vez só. Fazia render o peixe, sobrar no calulú, conversa contada aos soluços pra fazer formigueiro de curiosidade nos ouvintes.

Calulú – espécie de ensopado de peixe com quiabo, abóbora e temperado com óleo de palma. (B.)

Desata-me essa bocarra, maldito!, gritava-lhe Gedeão, seu companheiro de taberna, preso duma raivozice empirucada.

Com a situação a ficar mal parada, Josué resolveu apressar a divulgação da notícia. Ele tinha ouvido dizer no estabelecimento de António Barbosa que a maior quibuca de sempre estava quase a chegar na cidade. Muitos aviados estavam a caminho do litoral, vindos lá dos matos, quibuqueiros de sertões escondidos nas lonjuras.

É uma quibuca enorme, mais de três mil pessoas! Os olumangos vêm a transbordar de produtos e os carregadores a resfolegar com o peso deles, repetia, entre golos de cachaça.

Quem não deve estar nada satisfeito com isso é José Viana, habituado a ter sempre as novidades na sua casa, segredava Gedeão ao ouvido do amigo.

Desta vez, enganou-se esse comerciante empertigado, pois o Barbosa passou-lhe a perna, hi, hi, hi!, ria a desdentado rir o Frederico Pé Grosso, deixando no ar saturado de cheiros um hálito forte e bafiento, que fazia os outros afastarem-se dele.

Vamos, vamos até lá ver se a quibuca já chegou; ponham a andar esses mocotós!, gritou o Josué, saindo da taberna aos tropeções. E de cada vez que tropeçava descarregava um chorrilho de imprecações.

Quando chegaram ao grande largo onde a quibuca tinha parado, o grupo s'embasbacou com o aparato e com o movimento que a terra ganhara. Benguela parecia outra cidade, tinha feito um intervalo na sua molenguice e agora sualalava de vida. Em frente do estabelecimento de António Barbosa, havia uma grande azáfama de olumangos a largarem suas cargas de cera, marfim, peles, urzela e goma copal, que logo se transferiam nos canfundós dos armazéns do grande comerciante. Dezenas de escravos tinham deixado o seu cheiro forte na praça e agora encontravam-se guardados na sanzala,

Empirucada - de *uapiluka*, *embriaguês*. (N.)

Mocotó - *pata de bovino ou pé de vaca*. (B.)

Sualalar - de *sualala*, *kusualala*, *mexer-se muito como o salalé (térmite)*. (K.)

sempre sob a vigilância de fortes e agressivos quimbares. Mesmo dali se ouviam os silvos dos compridos chicotes de cavalo-marinho a estalarem no ar, o terror da escravaria, pois cortavam a carne como facas.

* * *

Barbosa estava gordo de satisfação. A quibuca tinha chegado a transbordar de produtos que só aquela rede comercial permitia trazer para Sul e Sueste, através de Quilengues e Caconda, após uma travessia longa e difícil pelas margens do Cubango, ou mesmo até pelas do lago Ngami.

Pois é como lhe digo, senhor Barbosa, eu cá não gosto de me demorar muito por aqui; o interior é mais saudável e até mais seguro!, dizia Candimba, enquanto tentava enxotar as moscas que lhe zumbiam à volta da cabeça.

Seguro? Ainda há pouco me contaram que estive quase a ir desta pra pior com uma mordedura de cobra..., observou um morador.

Mordedura de cobra é coisa corriqueira pra quem anda por estes matos; já ninguém liga. Mas há cobras e cobras! Ser mordido por uma ndala e sobreviver, olhe que é quase um milagre, intrometeu-se outro na conversa.

Milagre de cobra? Não sabia. Só conheço peçonha dela!, interrompeu Frederico Pé Grosso, misturando tudo. Candimba olhou para o chão, depois para a sua própria canela, denunciando alguma perturbação.

Não tivesse o nosso companheiro Cedofeito Silva tirado do tronco aquele escravo e não sei se eu estaria aqui..., disse. Cedofeito concordou, fazendo um sinal com a cabeça, mas não disse nada. Um pouco mais atrás Chacahanga sorria.

Um dos presentes, ao ouvir falar de escravos, emborcou d'um trago o vinho que tinha numa caneca e, após estalar a língua de prazer, entrou na conversa para falar nos seus. Chacahanga foi esquecido.

Há dois anos atrás vendi mais de cem escravos para Loanda, mas este ano optei por Benguela, por estarem a pagar melhor cada cabeça; mas nada que se compare com o que saía até 1836, que foi quando publicaram aquele maldito decreto que nos arruinou! E terminou com uma feroz biqueirada num cão que saiu ganindo.

Não se queixe, não se queixe!, disse-lhe Candimba.

Quem? O cão?, perguntou, vendo já tudo meio embaciado por causa da bebida.

Qual cão, qual carapuça! E Candimba afastou-se, sem paciência para o homem. Ainda chegou a dizer que não se queixassem muito, pois sabia, de fonte segura, que só em 1838 haviam sido exportadas perto de vinte mil cabeças.

Tantas? Só se eram de cão..., ironizou Camundongo. Fazendo de conta que não tinha ouvido, pese embora os risos que a tirada causara, o morador lá foi dizendo que não era bem assim e que toda a gente sabia que o negócio ia de mal a pior. Mas no fundo, eles tinham consciência de que a tal lei, afinal, parecia até que tinha aumentado os apetites dos senhores de engenho no Brasil.

No estabelecimento de António Barbosa continuava a trocar-se informações e a avaliar-se o negócio, uns na compra e outros na venda. Cedofeito aproximou-se de mim e deu-me a entender que gostaria muito de ser apresentado, o mais depressa possível, ao seu futuro armador. Dirigi-me, então, ao dono do estabelecimento e cumprimentei-o, apertando-lhe a mão com força. Barbosa sorriu de satisfação, numa demonstração evidente de que gostava de me tornar a ver, foi revelando que a situação era agora melhor do que nos dois últimos anos.

Foi um tempo de doença e de muita mortandade; escapei por pouco!, disse.

Não é por acaso que se afirma que Benguela é um cemitério de gente jovem!, comentei.

É verdade! E é por ter abalado daqui que o meu amigo tem esse belíssimo aspecto! Está visto que um dia destes vou convosco, lá p'ró Bihé.

Ambos rimos e acabámos dando um grande e forte abraço, bem demonstrativo da amizade que tínhamos um pelo outro.

Quero aproveitar para lhe apresentar um amigo e novo companheiro do sertão. E afastei-me um pouco, dando espaço para as apresentações.

Muito prazer, chamo-me Cedofeito Silva. O comerciante sorriu e estendeu-lhe a mão. O jovem sertanejo apertou-a firmemente.

Tenho vinte e cinco anos de idade e dois de sertão; um iniciado ainda... Entretanto, as atenções viraram-se para alguém que dava entrada no estabelecimento.

Como vai o senhor regente da Huíla? Há muito o não via por cá..., cumprimentou António Barbosa, com um grande sorriso nos lábios, pois era uma honra receber no seu estabelecimento o tenente Francisco Garcia.

Pelo alarido percebi que era uma quibuca que chegava à cidade. Mas sempre lhe vou dizendo, Barbosa, que já não sou regente da Huíla há dois anos.

Não? Mas também não o tenho visto por Benguela, disse Barbosa.

É que deixei de ser regente porque fui promovido a comandante da fortaleza de Mossamedes.

Ah! Então parabéns por mais esta promoção, na certa muito merecida, senhor comandante.

Muito obrigado, Barbosa!

Mostrando-se cada vez mais agradado pela visita inesperada do oficial, agrado acrescido na medida da promoção do visitante, Barbosa continuou a perguntar, carregando na palavra comandante.

O meu comandante gostou de se mudar da Huíla para Mossamedes?

Claro que gostei, Barbosa, claro que gostei!

Mas, meu comandante, desculpe se o aborreço com esta dúvida que me assaltou, Mossamedes não é assim a modos que um areal sem fim e... quase sem préstimo?

Mal terminou a frase, logo se arrependeu, não fosse Garcia ficar indisposto com ele. Mas o oficial fingiu não ter ouvido e mudou de assunto.

Quero aproveitar para falar com alguns sertanejos sobre o comércio do planalto central até Mossamedes.

Mas isso é coisa que não existe!, comentei.

Oh, mas está cá o Pilarte! Regressou definitivamente à terra?

Como vai, tenente Garcia?, cumprimentei-o. Não, não vim ainda de vez.

Mas ia dizendo o quê?, interrogou Garcia.

Que não há comércio até Mossamedes.

Claro que não existe! E é por isso mesmo que eu quero aproveitar a vossa vinda a Benguela para conversar um pouco sobre o assunto. Quando poderá ser?

Barbosa, vendo que se abria uma oportunidade excelente para ter sob o seu tecto uma reunião importante, foi dizendo que abria a porta do seu estabelecimento para que ela se realizasse. Garcia, um tanto enfasiado com a solicitude do comerciante, não lhe deu resposta. Aproveitei, então, para lhe apresentar o mais recente dos sertanejos, o nosso companheiro Cedofeito Silva, chegado ao Bihé há pouco tempo.

Apresentados todos, logo se foi estabelecendo uma viva conversa que rapidamente conduziu a um convite de Garcia para irmos a sua casa. Barbosa entristeceu, ao ver que perdia a oportunidade de a sua loja ser a sede de uma reunião importante, onde parecia que se iria discutir o futuro do comércio entre o sertão e o litoral de Mossamedes. Deixou escapar um muxoxo de contrariedade, mas aproximou-se um pouco mais para não perder pitada. Os sertanejos responderam afirmativamente e a reunião ficou, então, agendada para as seis horas dessa tarde. Garcia despediu-se e a conversa entre os presentes voltou a reactivar-se, prolongando-se pela tarde.

Combinado, meu caro Cedofeito! A partir de hoje, passa a ser meu aviado, exclamou Barbosa. Se este estava satisfeito por ter encontrado um sertanejo que lhe inspirava confiança, aquele finalmente encontrara um capitalista disposto a dar-lhe a mão e a emprestar-lhe cabedais. Já um pouco tocado pelos vapores da cachaça, Cedofeito jurou que jamais deixaria Barbosa como seu aviado.

Da sua casa só para a sepultura!

Em resposta recebeu uma solene confirmação da parte do comerciante.

Da minha parte poderá contar com um eterno apoio.

Para selar o pacto fez-se um brinde com jeribita da melhor, da mais forte, e em que participei com um breve discurso, na qualidade de padrinho do evento.

Para Cedofeito, longe começavam a estar os seus tempos do Brasil, naquele momento ainda mais enevoados sob os efeitos da bebida, dessa terra onde trabucara muito e amealhara pouco. Terminados os brindes, foi a vez de apreciarem e mandarem empacotar os artigos que haviam obtido com a permuta dos produtos trazidos do interior. O escravo era o principal e mais lucrativo desses produtos, seguindo-se-lhe o marfim, a cera, a urzela, a goma copal, o óleo de palma, os couros e as enxadas. Tudo isto tinha rendido uma factura de valor considerável, bem evidente pela quantidade e variedade da fazenda que iriam levar para o interior: zuarte de cinco qualidades; fazenda de lei que ia da chita ordinária à coromandel, passando pelos tecidos de algodão designados tapulins ou mabala, fazendas de algodão inglesas importadas de Portugal e do Brasil designadas por birola e manguína; chitas; pintados, chitas pintadas de azul; lenços; riscado; algodão cru; baeta que, pelo facto de ser um tecido caro, estava reservada a presentes ou tributos; aguardentes do Rio, da Bahia e do Reino; missangas sortidas, mas com preponderância para a branca e grossa; coral apipado não estalado; almandrilha ou velório; coral verdadeiro e falso; campainhas e outras miudezas; lazarinas, reiunas e pólvora.

* * *

Entrem, entrem! Estão em vossa casa, dizia o tenente Garcia aos sertanejos convidados.

Eu, meu sogro e Cedofeito Silva descobrimo-nos, colocámos os chapéus no bengaleiro que o ilustre anfitrião apontou e depois avançámos por um longo corredor que terminava com dois longos dentes de elefante que encimavam uma porta. Esta deu-nos entrada numa sala atapetada com peles de animais selvagens e cujas paredes se encontravam decoradas com troféus de caça. Ali nos sentámos os três, apreciando o ambiente, tendo-nos sido servida uma boa cachaça de cana do Brasil, pelos serviçais domésticos do nosso anfitrião.

Garcia era um homem alto para o comum dos moradores, bem-apeesoado, cabelo negro muito encaracolado, pele bastante escura e olhos vivos.

Pois, como fui dizendo no estabelecimento do Barbosa, interessa-me falar convosco para ver se conseguimos levar algum comércio para Mossamedes, passando pela Huíla, naturalmente. Como o seu olhar poisou em mim no final da frase, achei que aguardava que a resposta fosse de minha lavra. Disse-lhe que, apesar do seu interesse, as notícias que nos chegavam da Huíla eram terríveis.

Não há forma de passar sem correremos risco de vida, concluí, perante o ar desalentado que o tenente Garcia ia ganhando. Remexendo-se na cadeira onde se encontrava sentado, fez referências aos seus bons tempos da Huíla, onde estivera como regente, entre 1837 e 1838.

Fiz boas amizades com a população local, nomeadamente com o hamba Nangolo, que me autorizou a construção de uma nova fortaleza, não se importando que eu escolhesse uma zona elevada, na margem esquerda do rio Lupolo, a pouca distância da ombala, que fica na margem oposta. Como vê, não percebo por que razão a Huíla tem tão má fama.

E gostou de lá estar?, perguntou meu sogro, com ar céptico.

O próprio hamba Nangolo ofereceu-me uma das suas filhas para amigamento, respondeu Garcia com alguma vaidade.

Já não conseguíamos esconder as dúvidas que nos assaltavam perante tantas – demasiadas, confesso eu – facilidades apresentadas

pelo nosso anfitrião. Mas o oficial não recuou, pelo contrário, avançou com os seus feitos e suas recompensas, contando que, em 1839, recebera instruções do governador de Benguela para ir explorar o litoral, até ao Cabo Negro, o que fizera sem que lhe tivesse sobrado cicatriz ou maleita que se notasse.

No ano seguinte, nomearam-me chefe do Estabelecimento de Mossamedes e dei início à construção da nova fortaleza de S. Fernando, oficialmente em honra de D. Fernando de Saxe Coburgo Gotta, e cá para nós que ninguém nos ouve, em memória de meu avô Fernando.

E as guerras do Nano?, perguntei eu, como quem não quer a coisa, como quem percebe pouco do assunto. Garcia olhou para mim perscrutador e foi respondendo que, nem sempre as razias que vinham do Uambo, Caluquembe, Anha, Quiaca e Quingolo, eram bem sucedidas. Que tal se devia, também, às boas relações que Nangolo mantinha com ele, como aliados no combate a essa gente.

E a antiga rivalidade de Nangolo com o seu vizinho, o soba do Jau, já não é motivo de instabilidade?, voltei à carga. Desta vez, Garcia mostrou-se nervoso e coçou energicamente a cabeça por cima da orelha direita. Depois de um inquieto silêncio, com ar de quem vai confidenciar um segredo de Estado, disse que era por culpa do maldito soba do Jau que os comerciantes não passavam tranquilamente naquela região a caminho de Mossamedes, para além de outros interesses e de outras guerras que tinham a sua raiz mais funda lá para os lados de Caluquembe e de Caconda.

Candimba levantou-se, esticou um pouco as pernas e depois perguntou se alguém poderia estar interessado num tipo de comércio assim, como o que se falava. De seguida explicou as razões da manutenção das rotas comerciais até Benguela.

A nossa vinda até aqui, apesar da distância e dos problemas que sempre se levantam no caminho, é segura. E a prova é que chegámos todos vivos e com as nossas cargas completas. Ir para a Huíla é também aproximarmo-nos do Humbe, que é para onde muitas das razias se encaminham, cobiçosas do muito gado, marfim e escravos que há por lá.

Por Benguela ser a segunda cidade do país e porto seguro para escoar os produtos que trazemos é que tomamos o seu rumo, intervim eu. Aqui estão sedeados os nossos armadores, sem os quais dificilmente poderíamos sobreviver como aviados.

Ou então continuaríamos a ir para Loanda, disse Camundongo.

E a conversa foi-se animando, não só porque o assunto era do interesse de todos, mas também porque a cachaça ia dando mais calor ao diálogo. Garcia usava de todos os argumentos no intuito de captar a atenção dos sertanejos para a abertura de uma rota comercial que ligasse o Bihé à Huíla e a Mossamedes. Alegava que, sob a asa protectora da fortaleza de S. Fernando, ali vivia um número importante de soldados e respectivas famílias, encontrando-se já fundadas quatro feitorias, a mais antiga das quais, no sítio da Aguada, de António Joaquim Guimarães Júnior, chegado em 1839.

Mas como é possível que os que mais perto estão tenham maiores dificuldade em ver que Mossamedes é uma terra promissora em termos comerciais, para além de ser limpa de ares e com um mar rico em peixe?, interrogava-se o oficial, avançando sempre com mais trunfos para convencer os sertanejos do Bihé a irem até ao litoral do Cabo Negro. Perante a resistência deles, mais cachaça vertia nos seus copos e mais falava das possibilidades do seu Estabelecimento.

Se de Lisboa nos chegou o Gato com Botas... Aqui Garcia suspendeu a palavra e soltou uma gargalhada. Os sertanejos, sem perceber, perguntaram, Gato com Botas? Como assim?

Ah! É como identificam por lá o Guimarães. Nunca larga as botas altas de fivela e o laço ao pescoço, mesmo quando o calor aperta. Parece mesmo um gato com botas, ou o “gato das botas” da estória popular que todos conhecem... - e olhando de soslaio para os convidados - ... ou quase todos, julgo eu.

Mas se Guimarães Júnior por lá aportou faz muito tempo, a verdade é que, ainda este ano, chegaram também à baía de Mossamedes outros negociantes que ergueram mais três feitorias.

Afinal as coisas não estão tão mal como julguei a princípio, comentou Cedofeito, entre dois golos de cachaça.

Todos eles com a retaguarda muito bem defendida, continuou Garcia. Reparem só, Bernardino José foi enviado pela casa de dona Ana Ubertal, de Loanda e um outro comerciante é oriundo de uma casa comercial antiga e sólida do Norte do Zaire.

Cedofeito, com a curiosidade desperta, perguntou, Bernardino José!? Conheço este nome... recordações vagas de infância. Qual é a proveniência desse indivíduo?

Residia em Loanda antes de ir para Mossamedes, mas é natural do reino, da cidade do Porto.

Ah! É isso. Fomos amigos de infância, somos ambos da mesma freguesia da cidade do Porto. Ali vivi até aos doze anos, altura em que parti para o Rio de Janeiro. Quando regressar a Mossamedes, fale-lhe em mim, de Xico Silva, da rua dos Bragas. Pode ser que ele se lembre...

Garcia disse logo que sim, que mal lá chegasse iria procurar Bernardino José. Talvez encontrando um elemento comum entre os dois, isso fosse uma ajuda na concretização do seu projecto comercial, matutou.

Mas então, não se chama Cedofeito Silva?

Este foi o nome que me deram no Brasil, por me acharem cedo feito homem, já que, com doze anos apenas, fui sozinho para tão longe trabalhar; e também por ser natural da freguesia de Cedofeita, no Porto.

Será que eu ainda vou ser conhecido por Mossamedes Garcia?, ironizou o anfitrião. Ouviram-se gargalhadas dos visitantes, logo seguidas de mais perguntas de Garcia, a que Cedofeito foi respondendo, sem nunca mostrar enfado.

Quando foi, então, que largou o Brasil?

Definitivamente, em 1838, já lá vão quatro anos.

E sempre viveu na Bahia?

Não, primeiro residi no Rio de Janeiro e só depois em São Salvador da Bahia, tendo sido daqui que viajei num brigue francês para Loanda, onde fiquei a trabalhar, até ir para o Bihé.

E em Loanda, deu-se bem?

Não me dei mal!, trabalhei como caixeiro numa taberna da rua do Bungo e depois noutra, do Largo da Nazareth.

Quase ficava um comerciante da capital, comentou Garcia.

Não!, não era ocupação que me entusiasmasse e, por isso, ao fim de um ano estava a abandonar a cidade e a ir para o sertão a negócio.

E não está arrependido?

Claro que não! Ainda estou no início desta actividade, mas estou a gostar. Muito caminho ainda pela frente, sobretudo agora que encontrei um armador, aqui em Benguela, sorriu, olhando para mim, agradecido.

Pois é! O Barbosa é um bom negociante. Desejo-lhe boa sorte, meu amigo. E voltando ao assunto que aqui nos trouxe, saibam os senhores que os moradores de Mossamedes a que fiz referência têm uma expressiva produção hortícola nos terrenos férteis das margens do rio Bero, para além de já terem iniciado com sucesso a secagem de peixe.

Bem! Pelos vistos não é só o comércio que agrada a essa gente!, disse, admirado, Cedofeito. Satisfeito com o interesse demonstrado, Garcia continuou a sua explanação de forma ainda mais viva.

É que o peixe seco já tem grande procura, não só entre os habitantes do Estabelecimento, como até em Loanda e aqui mesmo, em Benguela. Como vêem, meus senhores, o Estabelecimento de Mossamedes está em fase de progresso e espera pelos produtos que puderem trazer do Bihé e do Uambo.

P'ra trocar por quê?, perguntou Camundongo.

O peixe seco e os cereais poderão ser trocados por marfim, cera e escravos que trazem lá do Bihé.

Os cereais, não acredito, mas o peixe seco, talvez, avançou Dos Santos, até ali calado.

Mas por marfim?, questionei.

Não chegaria um quarto de dente dos mais pequenos para comprar toda a vossa produção de peixe seco dum ano, não acha?, observou Candimba.

Garcia não achou graça e até se arrependeu de ter avançado a hipótese dos cereais. Mas já era tarde para retroceder, o que até nem era hábito seu, e explicou ainda um pouco mais sobre as vantagens dos cereais das margens do Bero na alimentação humana. Quando notou que em vez de ganhar os sertanejos para a causa corria o risco de os perder para sempre, mudou de assunto.

E o meu conterrâneo por quanto tempo mais vai ficar por cá?, perguntou-me. Respondi-lhe que, talvez por alguns meses, desta vez, pois minha mãe estava velha e doente e eu, como Garcia naturalmente sabia, era o seu único filho varão e tinha alguns assuntos de família para resolver em Benguela. Subitamente renovado o interesse do nosso anfitrião pelo que se passava comigo, fez mais umas perguntas de cortesia sobre a minha família, especialmente sobre a minha mãe e depois, fixando-me nos olhos, questionou-me se não queria fazer uma pausa na minha vida de sertanejo e acompanhá-lo a Mossamedes. Dando-lhe a impressão de não ter percebido muito bem, tossi levemente e depois bebi um trago de cachaça.

Ir até Mossamedes?

Sim! Por que não?

O meu genro, que se saiba, nunca lavrou ou pescou no mar..., interrompeu o meu sogro, com ar muito sério, levando-nos a rir. Garcia mexeu a perna direita de nervoso e coçou com força por cima da orelha do mesmo lado. Ainda mais impaciente ficou quando ouviu Camundongo fazer algumas observações trocistas.

Se vierem a saber disso lá no Bihé vai ser um gozo danado.

Levantando-se de seguida, perante a estupefacção de Garcia, começou a teatralizar.

Estou mesmo a ver o Catonhotonto a cantar, de manhã à noite, ai, ai, ai o nosso camba Pilarte, dizem virou lá no Sul um camponês com arte! Ai, ai, ai o nosso camba Pilarte..., cantava Camundongo, rodopiando pelo salão, perante o pasmo de Garcia. Eu próprio comecei a achar que ele estava a ir longe demais e, sem que

percebessem, fiz-lhe sinal para se calar. Garcia pigarreou e, voltando a coçar o cimo da orelha direita, tentou ironizar.

Não sabia que tinham um cantarolas na vossa quibuca! É para afastar as tristezas ou para espantar os pássaros?

Camundongo ficou algum tempo de boca aberta sem alcançar o que Garcia queria com aquela tirada. Percebendo que não haveria nenhuma explicação, fechou a boca e voltou a sentar-se. O nosso anfitrião remexeu-se na cadeira e a perna recomeçou a tremer. Depois, virando-se directamente para mim, lembrou que já se fazia tarde e que seria melhor voltarmos a discutir o assunto que ali nos tinha trazido.

Tenho a certeza de que me vai ouvir e perceber que será uma boa oportunidade ir comigo uns tempos até Mossamedes.

Mas para fazer o quê, tenente Garcia?, voltei a perguntar.

Para conhecer outras paragens e... trabalhar directamente comigo, ser o ajudante de campo da mais alta autoridade das novas terras.

Fiquei sem palavras e olhei para Cedofeito que me devolveu um encolher de ombros.

Só que há um problema!

Qual? Ora, os problemas existem para que nós possamos desenvolver a imaginação a resolvê-los, filosofou Garcia.

É que, não só tenho minha mãe velha e doente aqui em Benguela, como deixei minha família no Bihé. Como vê, são muitas as amarras.

Meu caro Pilarte! Dou-lhe tempo para resolver isso tudo e ir ter comigo a Mossamedes. Eu espero.

A noite já ia adiantada e o peso do sono, favorecido pelo cansaço de um dia muito movimentado e pela cachaça bebida, fazia-se sentir de tal forma que Garcia deu por terminada a reunião.

Capítulo IV

“Talvez porque foi fundada e desenvolvida entre o deserto e o mar e praticamente à margem da efectiva participação dinamizadora das escassas populações verdadeiramente indígenas, Moçâmedes sempre foi terreno propício a afirmações identitárias fundamentadas na anterioridade da chegada. É esse hoje o caso dos descendentes dos kimbares e era até à independência o dos Portugueses de quem os antepassados tinham constituído as duas primeiras colónias [...] chegadas do Brasil, de Pernambuco”.

(Ruy Duarte de Carvalho – *Vou lá visitar pastores.*)

A mesa tinha chegado à baía de Mossamedes depois de muitas milhas a sembar sacudidelas nas águas agitadas do mar-oceano. A madeira era boa, por isso ainda se encontrava utilizável quando deu à costa naqueles areais batidos pelo vento seco e quente do deserto. Alguém encontrou a mesa, lhe deu um arranjo e a guardou para o que desse e servisse. “É de boa madeira, pau-brasil! Deve ter sido usada por algum capitão de navio para escrever o seu diário de bordo ou os seus planos de viagem”, ia pensando o chefe do Estabelecimento de Mossamedes, Francisco Garcia, enquanto observava, na sua sala de trabalho, aquela inesperada oferta.

O homem que a tinha encontrado na praia das conchas até apanhara um susto ao descortinar ao lusco-fusco do final da tarde uma mesa no meio da praia com uma gaivota nela poisada, como se estivesse sentada, esperando por ele para o jantar. Refeito da surpresa inicial, afugentou a gaivota e observou a mesa de perto.

Pelo peso pareceu-lhe boa madeira e depois notou que lhe faltava metade de uma perna. Nada que não se remendasse. Pegou nela e lá a levou para o seu cubículo, não sem ter descansado por diversas vezes por ser mais pesada do que imaginara. Algo lhe dizia que ela ainda lhe valeria uns cobres depois de arranjada. As suas habilidades de aprendiz de marceneiro fizeram milagres e a meia perna virou inteira com o auxílio dos restos dum remo. Depois de matutar algum tempo, resolveu entender-se com o comandante da fortaleza, o único na região que poderia fazer uso digno daquela peça de mobiliário. Talvez conseguisse até uma boa recompensa por se ter lembrado do comandante daquela estabelecida povoação nos areais mossamedenses.

Fez muito bem em ter-se lembrado de mim!, dissera o comandante satisfeito, quando aceitou adquirir aquela bela peça de mobiliário, por pouco dinheiro, depois de regateado.

Eu, primeiro-tenente de artilharia Francisco Garcia, filho de Benguela e um eleito do destino, mereço bem esta mesa que o mar trouxe até aqui. Estava-me destinada e nela assinarei a mais importante documentação que se vier a produzir nestas paragens, ia remurmurando o comandante do Presídio de Mossamedes e, decorrente do cargo, representante do governador de Angola naquelas sulinas terras. Sentia-se satisfeito por ter sido o escolhido para tão importante cargo, ainda mais por ter consciência de que tal privilégio era coisa rara num morador de Benguela, tão distante de Loanda e muito mais do Reino.

Garcia continuava a admirar a sua mesa e meditava na falta que ela lhe fizera até aí para que uma boa caligrafia tivesse aprimorado as cartas e os documentos que lhe saíram das mãos. Uma mesa assim, de boa madeira, fazia-lhe sentir uma vontade renovada de escrever, de enfeitar suas cartas e documentos com letras alindadas de voltas e requebros. E depressa começou a sentir-se inundado de uma certa vaidade, pois um chefe que se prezasse tanto sabia usar a espada na guerra como a pena na paz. A mesa ficava bem

na sua sala de trabalho, já que no Mussungo Bitoto não havia mais nenhuma peça de mobília tão ricamente talhada e trabalhada. O certo era que, mesmo maltratada pela água do mar e pelo movimento agitado das ondas, a mesa não tinha rival naquelas regiões paradas e gentias que, de mesas e similares, de certo, nada sabiam.

Satisfeito, o comandante sentou-se, enquanto coçava a cabeça por cima da orelha direita. Finalmente tinha uma mesa digna do seu cargo! Nela poderia, com solenidade, assinar o Pacto de Comércio e Amizade com os sobas Mossungo e Giraúl, o que seria bem melhor do que a bordo da corveta “Isabel Maria”, uma hipótese já ventilada.

Era pena não usar a mesa nova com a pompa que ela merecia, mas não deixava de ser coincidência o acordo estar destinado a ganhar forma em mesa de navio, fosse ela de navio a navegar ou de navio naufragado. Voltou a coçar a cabeça por cima da orelha direita, acicatando-lhe o lado supersticioso, fazendo-o recear que fosse um sinal de que o acordo poderia ir por água abaixo. E o acontecimento seria já na semana seguinte. Não podia esquecer-se de enviar um emissário aos sobas, não fossem aquelas cabeças ocas esquecerem-se de que, no dia 15 de Dezembro se assinaria o Pacto de Comércio e Amizade entre eles e Sua Majestade a rainha de Portugal, dona Maria II. Também tinha que garantir a presença do intérprete Joaquim José Maria no navio. Caso contrário, sempre se podia contar com Pilarte, um autêntico mestre em línguas gentias, um verdadeiro poliglota.

Pilarte! Gosto do seu nome, sabe? Acho que já lhe disse isso...

Vezes sem conta, o comandante da fortaleza de São Fernando, em Mossamedes, dava conta de que gostava do meu nome e perguntava de onde me tinha vindo tal apelido. Não sem antes suspirar de enfado, lá voltava a contar o que sabia sobre o meu nome. Que este me tinha chegado através de minha avó paterna,

Mussungo Bitoto - nome do lugar da Quipola, no Vale do Bero. Próximo, entre o deserto e o mar, seria fundada pelos portugueses a cidade de Moçâmedes (hoje Namibe), no sul de Angola.

Mussungo Bitoto - nome do lugar da Quipola, no Vale do Bero. Próximo, entre o deserto e o mar, seria Pacto de Comércio e Amizade – historicamente foi assinado a 13 de Agosto de 1840.

Huilana Pilarte, dos antigos Pilarte da Huíla, e que fora o meu bisavô o autor do mais antigo relato escrito naquela terra, com passagens curiosas e muito interessantes sobre o litoral de Mossamedes.

* * *

O tenente Garcia, após cofiar o bigode, passou a mão sobre o tampo da sua secretária, sentindo mais vontade do que alguma vez tinha tido de despachar os assuntos do Estabelecimento e do sertão, de escrever ofícios a expedir ordens e a denunciar situações. E não esperou muito. Pegou na pena e, antes mesmo de a mergulhar no tinteiro, bafejou o aparo ferrugento como que a dar-lhe um sopro de vida, chegou-lhe um pouco de tinta e predispôs-se a officiar ao ilustríssimo senhor governador-geral de Angola, Manuel Eleutério Machado, sobre a expedição que ele havia feito do seu Estabelecimento da Baía de Mossamedes até ao Presídio de Caconda, *a fim de abrir a correspondencia entre estes dous pontos, e dár rellação do quanto encontrasse interessante*. Junto, anexou o ofício do chefe de Quilengues, José de Oliveira, através do qual lhe dava conhecimento das perseguições ali sofridas por causa da inimizade entre o soba da Huíla e o povo de Quilengues, clima que havia entorpecido totalmente as relações comerciais naquela zona.

Eram muitas e sem resposta as interrogações que, em tropel, invadiam a cabeça do desassossegado chefe do Estabelecimento de Mossamedes. Farto de andar para cá e para lá, e já com a orelha direita a arder de tanto a coçar, resolveu acalmar-se, sentando-se na cadeira que servia a sua secretária. Não era nada que o espantasse, pois, nessa altura, recebera informações de que a situação no planalto se havia deteriorado.

E Nangolo? Não terá conseguido o soba da Huíla, nosso aliado, entender-se com a gente de Quilengues e deter as insurreições do Injau?

Ver: *O Planalto dos Pássaros*, 2002.

Nangolo o quê, meu tenente?

É que me custa a crer que ninguém passe por aquelas terras sem escapar...

Sem escapar?!

Sim, Pilarte, sim! Conforme escreveu o chefe de Quilengues. Ele diz que o ódio da sua gente tem a ver com os roubos a que foram sujeitos na Huíla os seus viajantes e pombeiros ...

Mas quem fez esses roubos, quem?

Sei lá! Talvez os seguidores do feroz Injau. Também não consigo perceber como o soba Nangolo não os conseguiu evitar!

Visivelmente aborrecido com a situação, Garcia, que tudo tentava fazer para reactivar o comércio do planalto central até à Huíla e trazê-lo até Mossamedes, releu mais uma vez o ofício do chefe de Quilengues.

A manter-se esta situação, o comércio continuará a desviar-se e Mossamedes não pode progredir, observou irritado. Eu assenti com a cabeça. Não me esquecia que tinha sido também por essa razão que deixara o Bihé e viera para Mossamedes.

Como é difícil manter esse comércio...

Pois é! Tem sido muito difícil mas... não é impossível.

Garcia continuou a falar sobre a situação. Ele queria acreditar que Mossamedes tinha todas as condições para desviar as correntes de trocas do Sul de Angola, que até ali subiam por Quilengues e Dombe Grande até Benguela. Mas começava a desconfiar que essas potencialidades do seu Estabelecimento inquietavam os moradores mais abastados de Benguela e de Quilengues, habituados aos lucros avantajados que conseguiam com a manutenção das rotas antigas.

Será que... interessa a alguns manter a guerra entre a Huíla, os Gambos e Quilengues?

Talvez, talvez, murmurei, um tanto distraído.

Será que... interessa a alguns essa perigosa situação, independentemente dos problemas que cria a toda essa vasta e rica região?

Na cabeça do chefe do Estabelecimento de Mossamedes, os quissondes da dúvida não paravam de ferrar suas aguçadas pinças. De entre eles, um se destacou. Garcia, coçando vigorosamente a cabeça por cima da orelha direita, olhou para mim como se estivesse a perceber melhor as causas de tanta instabilidade.

Lopo Chaves, o poderoso morador de Caluquembe!, disse apenas.

* * *

Foram muitas as complicações e embaraços que perturbaram a viagem do primeiro-tenente de artilharia de Benguela e chefe do Estabelecimento de Mossamedes, João Francisco Garcia, efectuada “d’aquella Bahia até ao Presídio de Caconda”. Era seu objectivo principal providenciar a comunicação entre estas duas localidades, Mossamedes e Caconda, assim como obter informações sobre as riquezas naturais ou criadas pelos povos que fossem encontrando. A grande viagem começou na tarde cacimbosa do dia 4 de Setembro de 1843. Primeiro seguiram pela margem direita do rio Bero, sem parar, até estarem percorridas duas léguas.

Alto, vem muita gente ali!, gritou o guia, apontando para Norte.

Garcia chicoteou o boi-cavalo, ultrapassou a nuvem poeirenta de sua própria autoria e voltou o olhar para a direcção indicada.

É mesmo muita gente! O que se passará?, questionou, enquanto dava ordens aos restantes elementos da expedição. Pouco depois era informado de que se tratava de um soba cuvale que, com o seu povo e o seu gado, fugiam das revoltas do Injau, as quais tinham tido começo nas terras altas, acabando por alastrar às terras baixas dos vassalos cuvales do soba da Huíla. Na sua fuga, os cuvale tinham optado por ir até ao Bitoto vender alguma cera, marfim e gado, e adquirir géneros alimentícios de que precisavam, assim como algumas armas para sua defesa.

Quissonde, kissonde - *formiga guerreira*. (K.)

Cuvale, Kuvale – etnia do grupo herero. Na época, os cuvale prestavam uma espécie de vassalagem ao soba da Huíla. Assim acontecia desde o grande hamba, Kanina Ngonga, no séc. XVIII.

Já viu, Pilarte? Não param as sublevações do maldito Injau!, observou Garcia.

Chegados ao Bumbo, vimos uma grande aldeia com cerca de oitocentas pessoas, gente dinâmica e trabalhadora, amiga de receber os feirantes e forasteiros. Do que observámos, ficou-nos uma boa impressão. O tenente Garcia, que nunca mais largou a sua mesa, fez um sinal ao quimbare que a transportava e a guardava “com o preço da própria vida”. De imediato a mesa foi colocada perante ele, para que pudesse anotar no seu caderninho, de forma cómoda e com letra desenhada, o seguinte:

“He um povo bastante industriezo na agricultura nos seus arimos por que reprezando a agua de hum rio que ali corre regão os arimos do milho e do feijão [...] que se sustentam a si, e vendem o resto a outros povos circunvezinhos [...] vive da cultura do gado vacum, e ovelhum e da caça do elefante e outros animaes”.

Bumbo, 10 de Setembro de 1843

* * *

O Muene Bumbo s’espantava todo quando seus ouvidos, já gastos de tanto terem sido usados, ouviram dos ainda mais velhos do que ele, que os brancos da caravana estavam outra vez a chegar com os seus quimbares de guerra. Como essas coisas estavam assim a se dar duas vezes na sua própria vida? Aqueles brancos tinham aparecido e desaparecido muitas luas atrás, já com muitos arimos de maçarocas nascidas, amadurecidas e comidas em milho frito, outras vezes em farinha de fazer piroada ou bulunga, e agora ali estavam outra vez, vorazes como a formiga guerreira.

Por conta da idade, a sua memória s’encontrava perdida em muitos carreiros de estórias, mas havia uma espinheira que nunca

Bulunga - cerveja de milho.(N.)

tinha sido cortada na savana das suas lembranças: a chegada no Bumbo - quando ele inda era homem novo, cacuêndje mesmo, e o soba daquele povo era o seu tio, o senhor da ombala do Bumbo - da grande caravana de Gregório Mendes, com os seus mais de mil quimbares de guerra, as suas fomes e os seus ataques, as suas vozes que rasgavam os ventos como zagaias. Se lembrava como se fosse coisa daquele dia mesmo, o pânico a deixar acordadas as mulheres e a fazer chorar as crianças, os pastores a morrerem com os seus animais, mortos às dezenas num dia só para alimentar as esfomeadas fomes dos guerreiros invasores. E, sobretudo, não esquecia a audiência que o Muene Bumbo, seu mais-velho tio, concedera no chefe da caravana, o tal Gregório Mendes, e ainda no soldado que o Muene Puto tinha enviado para ser o novo capitão-mor da Huíla, no tempo do grande Canina Gongga.

Muito jovem ainda, o medo lhe tinha mordido as entranhas quando viu chegar aquele homem tão diferente dos que ele conhecia, tanto fisicamente como no trato. Achou-o arrogante e a se portar como se estivesse em terreno conquistado. Não gostou dele e dos seus companheiros, mesmo daqueles que eram parecidos com as pessoas normais, de pele escura e de cabelo enrolado. Ouvira os grandes murmurarem que o seu velho tio não tinha podido dizer que não à entrada daquela gente nas suas terras, porque eles eram fortes e combativos e uma guerra poderia fazer muito mal ao povo do Bumbo. Ouvira que tinha sido um mal necessário se encontrarem com os forasteiros.

Passadas tantas luas, lá estavam eles de novo a entrar no Bumbo como se a terra lhes pertencesse, querendo comprar submissão com promessas vãs e presentes de pouca importância. Resolveu então que um dos grandes do seu Conselho fosse falar por si e que levasse consigo o quiçongo principal dos homens das

Cacuêndje, Kakwendye – rapaz. (N.)

Canina Gongga, Kanina Ngonga – grande soba (hamba) da Huíla, da segunda metade do séc. XVIII. Ver: *O Planalto dos Pássaros*, 2002. A caravana de Gregório Mendes, morador de Benguela, havia passado pelo Bumbo, em 1785.

suas quibucas, que melhor conhecia os brancos e aquela estranha linguagem, que fosse para lhes dizer que o senhor do Bumbo não estava já com os vivos, tinha ido visitar os próprios antepassados e, por isso, não podia falar com gente andante neste mundo, mesmo quando o eram da quibuca de Gregório Mendes e enviados do Muene Puto. Os antepassados disseram que Gregório Mendes não pode ser recebido pelo nosso ausentado soba, gritou nas montanhas o velho do uanga, o quimbandista do soba, até o eco levar a sua voz ao outro lado da vida. A resposta, se veio, não se sabe qual foi. Apenas se sabe que o soba do Bumbo não recebeu a comitiva de Garcia, porque acreditou que aqueles eram os mesmos do passado, da quibuca de Gregório, dos quais guardava uma forte lembrança.

No dia seguinte, a comitiva levantou-se muito cedo e iniciou a terrível subida da serra da Chela, cujo destino eram as margens verdejantes e frescas do rio Lupolo, onde se erguiam, do lado esquerdo, a ombala grande do hamba da Huíla e, do lado direito, a fortaleza e a povoação.

Capítulo V

“Para os Pilarte e todas as famílias fugidas da Guerra do Nano, a Huíla não deixou nunca de ser sonhada como a terra do futuro. [...] Até que um dia, passado quase meio século, um bisneto de João Pilarte, neto de Huilana, voltou a lançar raízes nas Terras Altas da Huíla [...] E o regresso aconteceu no tempo do Soba Nangolo.”

(Jorge Arrimar - *O planalto dos pássaros.*)

A seca fazia-se sentir na Huíla já há quatro anos e por isso a fome ia crescendo, crescendo até destroçar a vida de muita gente, fraca de correr p’las largas chanas ou ressequidas vissapas à procura, sem êxito, de comida, porque a falta de chuva só deixava crescer comida de bicho. Como era triste ver o povo a sobreviver, depenicando os frutos mirrados e as raízes secas que encontrava pelos matos fora. Para o velho soba da Umpata, com as peles da fraqueza a abanar ao vento, a vinda daqueles forasteiros lá das bermas da grande mulola, lhe parecia um bom presságio.

Foi dizendo a Garcia que era bom tentar que a chuva caísse nas suas terras e logo o recém-chegado prometeu ao seu anfitrião que ia fazer os possíveis para chamar a chuva, a fim d’ela molhar os seus arimbos e afugentar os espíritos magros da fome. Mas depois de muito fingir, e já com o soba e seus acompanhantes de paciência esgotada, Garcia tentou a explicação meia coxa de que talvez a chuva estivesse surda e por isso tivessem de esperar até ao ano

Mulola – depressão de terreno onde, durante as chuvas, se acumula água. (?)

Jorge Arrimar

seguinte. Tal explicação fez o soba ficar desconfiado e lhe azucrinar uns sonoros muxoxos de chateação. Macambúzio, chegou mesmo a murmurar que, afinal, não tinham o tal poder da chuva de que os antigos falavam. Tinham só fama, mas não a força de rasteirar a chuva, quando ela teimava em se ficar mangonheira, lá nos seus eumbos do alto. Descoroçoado, ainda teve vontade de lhes atraiçoar umas flechadas e lhes rapinar uns mantimentos de que muito necessitava, mas o grande senhor da ombala do Lupolo, seu temido vizinho e suserano, o grande hamba da Huíla, era aliado dos forasteiros e ele não queria enrascar-se em endacas de duvidoso proveito e perigosos efeitos.

* * *

O hamba da Huíla sentia-se velho e cansado dos muitos problemas que lhe maltratavam a vida. Sentou-se no tchôto, meditou no tempo antigo quando ainda era um cacuêndje e pastoreava os bois de seu pai, sempre alegre como um pássaro, e ficou ainda mais triste. A cabeça estontinhava sempre que lhe chegavam as antigas recordações de um tempo jovem e distante, se parecendo até com uma ñgoma tocada sem ritmo e sem entoação certa. Era por isso que Nangolo se sentia especialmente mal-humorado nesse dia.

Foi então que chegaram os seus espiões, vindos das terras que começam a descer até se molharem nas águas salgadas de Calunga, o grande mar, para lhe darem uma notícia que, a ser verdadeira, talvez viesse mudar o rumo dos acontecimentos e moderar as dores que lhe estalavam a nuca. Nangolo aguardava pelo cabeça dos moradores do Bitoto, o seu velho aliado Francisco Garcia, que se

Eumbo – *residência, povoado.* (N.)

Ombala Grande do Lupolo – *residência real da Huíla, localizada junto do rio Lupolo.* (N.)

Hamba da Huíla – *rei da Huíla, soberano dos muílas (ova-muíla; ova-mwila).* (N.)

Endaca, Endaka – *conflito, zaragata.* (N.) O mesmo que maka. (K.)

Tchôto, Tyoto – *altar familiar.* (N.)

Cacuêndje, kakwendye – *rapaz.* (N.)

Ñgoma – *tambor. Batuque.* (N.)

encontrava já a pouca distância da ombala grande do Lupolo, nas vizinhas terras da Umpata. Nem sempre as informações que recebia dos brancos lhe agradavam, mas desta vez era diferente. Não só era Garcia que os comandava, como lhe dava muito jeito que chegassem naquela altura, em que eles e os seus quimbares de guerra o podiam ajudar a combater o soba do Jau, seu vizinho. Há já quatro gerações que as rebeliões do Injau faziam tremer, ciclicamente, o trono do hamba da Huíla, como se fosse uma maldição levantada nos confins dos tempos e dela se tivesse perdido a memória das suas causas.

Onde se encontram Garcia e os seus homens? Ainda estão muito longe?, questionou o hamba, como se não tivesse ouvido toda a explicação dos seus espiões.

Foram hospedados pelo vosso vassalo, o soba da Umpata. Por lá ficarão a descansar dois dias e Garcia pede para ser recebido pelo nosso grande e corajoso hamba, transmitiram os mensageiros, vozes baixinhas, sussurradas, a demonstrarem seu medo e respeitos ao grande Nangolo.

Vão e digam ao cabeça dos moradores do Bitoto que pode vir até à minha ombala, ordenou, de vozeirão a imitar uma trovoadas.

Os mensageiros, recuando de olhos baixos, retiraram-se do olupale e seguiram de imediato até à Umpata, para avisarem Garcia que o grande hamba da Huíla estava disposto a recebê-lo.

* * *

Protegido pela fama de aliado do soba da Huíla, Garcia deu entrada na ombala grande do Lupolo, no dia 14 de Setembro, ao final duma tarde em que o sol deixara o poente envolto em tons de nocha, e em que ainda eram visíveis os estragos da grande fome que devastara aquelas terras nos últimos dois anos. O soba

Olupale - *terreiro*, "sala de estar". (N.)

Nocha, Nontya, Nontcha - *fruto saboroso e odorífero da árvore designada mutya ou mutcha (pl. mitya ou mitcha)*.

A grande fome foi em 1841.

encontrava-se pumpamado no terreiro das recepções, rodeado dos seus ministros e dos grandes da corte, das suas vinte e duas mulheres e de muito povo, saudando exuberantemente a chegada da quibuca do Bitoto.

Garcia tinha pouco jeito para línguas, tinha o ouvido duro, dizia-se, mas percebia alguma coisa de umbundo, a língua da sua região natal, e se tais conhecimentos, mais os que aprendera quando, entre 1837 e 1838, ali estivera como regente, davam para ir entendendo o lumuíla, a língua local, não davam para manter um diálogo, quanto mais falar de negócio e de temas delicados como a paz e a guerra. Tinha sido isso, aliás, que o levava a aliciar-me para seu ajudante-de-campo e companheiro de viagem às terras altas da Huíla.

Diga ao soba Nangolo que vai ser o meu intérprete enquanto por aqui estivermos e que eu estou muito feliz por, de novo, me encontrar nesta rica e hospitaleira terra. Ah! Não se esqueça de referir que sua avó nasceu na Huíla e que o pai dela e seu bisavô foram da confiança do grande Canina Gongga.

Eu, que me encontrava um pouco atrás de Garcia, concordei com um aceno de cabeça. Agradava-me falar de mim e da minha família ao hamba da Huíla, onde, de facto, tinha tão profundas raízes. Avancei um pouco e coloquei-me ao lado de Garcia. Quando comecei a falar em lumuíla, senti um perturbador formigueiro que me subia pelas pernas, como se, ao me expressar na língua da terra, esta começasse a vibrar e a enviar-me sinais. Os olhos de Nangolo iam adquirindo mais brilho à medida que eu ganhava fluência na sua língua. Começara por achar estranho que Garcia não utilizasse como intérprete um quimbare, como era usual, mas depressa percebeu a razão. A pouco e pouco a admiração cresceu ao ouvir-me falar tão bem a língua dos nhanecas. E a sua satisfação tornou-se ainda mais evidente, quando lhe disse que tinha uma relação antiga com a Huíla e, sobretudo, que tivera entre os meus antepassados gente

Pumpamar – *sentar*. *Aportug. de pumpama, sentar. (N.)*

que privara com o grande hamba Canina Gongga, o maior entre os maiores soberanos daquela terra.

Nangolo não se conteve e bateu palmas de agrado, dizendo depois, alto e bom som, para o povo ali presente, que eu seria, a partir dali, um canhina dele, passando a ser um muíla adoptivo. O povo respondeu com gritaria de apoio, logo secundado pelo coro das vinte e duas mulheres de Nangolo que cantaram compassadamente, omon'ou uatchítua m'ombala, ocanhina ua Nangolo. Ocanhina ua Nangolo...

Embragado de tanto fulgor, por momentos fiquei sem saber como continuar a conversa. Mas foi só mesmo por curto momento. Garcia, percebendo que algo se passava, tocou-me no ombro. Sem deixar de olhar para o hamba, disse-lhe que Nangolo tinha ficado satisfeito em saber que eu, o língua de Garcia, tinha uma ligação antiga à Huíla, sobretudo com o grande Canina e que, por isso, o hamba tinha acabado de me atribuir o seu próprio nome. Percebendo que, apesar das muitas palavras que lhe escapavam, a conversa com o hamba ultrapassava as suas expectativas, tornando o ambiente cada vez mais favorável ao revigoramento da velha aliança com os nhanecas, Garcia ficou feliz.

De início, ainda chegara a sussurrar a Garcia que não havia tido o treino suficiente no Lumuíla, mostrando-me hesitante e um tanto embaraçado; mas, à medida que ia falando, ganhava segurança e a timidez desaparecia. Encorajava-o os sinais e sons de agrado do soba e os de apoio de Garcia.

Depois de muita conversa, atentamente seguida pelos demais, Nangolo deu a entender que talvez viesse a precisar da nossa ajuda para combater a revolta que lhe chegava do Jau. Que, se estivéssemos dispostos a colaborar, até nos permitiria reparar a fortaleza, não se importando de deixar que aumentasse a povoação com mais brancos e pardos, mais os seus quimbares e escravos para trabalharem nos arimbo férteis das margens do rio Lupolo.

Canhina, Kanyina – que tem o mesmo nome, homónimo. (N.)

Também autorizava que as quibucas passassem nas terras do seu sobado, tanto as que desciam do Nano, como as que viessem a subir do Bumbo e do Bitoto. Garcia foi atencioso a dar a resposta que o seu anfitrião esperava, dizendo a tudo que sim, que ia prestar todo o apoio que o grande soba pretendia, que contasse com o auxílio indefectível do seu aliado, com a colaboração necessária dos brancos e dos seus quimbares, numa maratona de palavras que lhe chegou a secar a garganta e a minha, a tal ponto que, de quando em quando, tínhamos necessidade de as refrescar com fartos golos de cerveja de massambala.

Onquéla tchapepa tchíua!, retribuía Garcia, com doces palavras, a simpatia do velho hamba em recebê-lo assim tão bem e com macau de tão boa qualidade, sobretudo numa altura em que faltava o sorgo castanho com que se produzia aquela cerveja. Goela refrescada era condição do contínuo perorar. Notando que Nangolo continuava interessado no que ouvia, Garcia foi adiantando que, sempre que o velho aliado quisesse, teria o apoio dos soldados de Mossamedes e até mesmo dos de Benguela, no caso de voltar a ser atacado pelo rebelde do Jau, ou por qualquer outro que não soubesse reconhecer a autoridade do senhor da ombala grande do Lupolo.

Foi então que Nangolo disse que o haviam informado que Garcia carregava um objecto estranho para quem andava em viagem...

Ah!, o grande soba está a referir-se à minha mesa!

Foi a vez de explicar ao soba o que era esse “objecto estranho”. Como os muílas não tinham uma palavra equivalente na sua língua, tive alguma dificuldade em desembaraçar-me desta vez. Lá fui explicando que aquele objecto servia pra o cabeça dos moradores do Bitoto escrever as suas mucandas, os acordos com os sobas, etc. Mesmo depois da minha explicação, Nangolo continuou a achar esquisito que fosse necessário andar com um objecto daqueles só para esse fim. Garcia mandou chamar o seu quimbare para fazer uma demonstração ao soba. Pediu-me que fosse buscar a sua pena,

Onquéla tchapepa tchíua!; Onkhela tyapepa tyiwa! - o macau está excelente! (N.)

tinteiro e uma folha de papel. Munido de todos os instrumentos e, sentindo em crescendo a curiosidade do seu anfitrião, lavrou naquele dia, na ombala grande do Lupolo, um importante acordo de cooperação com o hamba Nangolo da Huíla.

Após a inesperada mas pomposa assinatura, a conversa ainda durou mais uns minutos. Quando a audiência foi dada por concluída, meio amparado por mim, pois as névoas do macau não o deixavam ver bem os caminhos, dirigimo-nos para as cubatas que nos estavam destinadas. O soberano dos nhanecas tinha dado indicações para que lá estivessem duas das suas “filhas”, escolhidas com o objectivo de amigarem com o chefe dos moradores do Bitoto e o seu língua, reafirmando o agrado que sentia pela sua estadia naquelas terras. Todas as raparigas da Huíla eram suas filhas porque o hamba era o pai da nação nhaneca, por isso, quando ele escolheu Tchintíqui, do clã de Cacongo, um dos grandes da tribo, e Mutenha, da epata de Tchonguía, era como se as raparigas fossem suas próprias filhas.

Nangolo sabia como contentar os homens em andanças longe de casa e das suas mulheres. Por isso, enviou boa companhia para lhes dar conforto nas noites solitárias, enquanto estivessem na Huíla, onde quase sempre se levanta um vento frio durante a noite e o corpo jovem duma mulher aquece melhor que uma pele ou um cambriquito.

Garcia havia ganho uma consideração maior de Nambalo à custa do seu língua, pelo facto de este se expressar fluentemente em lumuíla, facilidade que, confessou, não tinha por tão certa de início. De tal forma foi que eu próprio me interroguei se não estaria a minha avó, Huilana Pilarte, a interceder junto do espírito da língua para me ajudar, a mim que voltava à terra de meus antepassados.

Tchintíqui, Tyintiki – *noite*. Se alguém nasce durante a noite pode vir a chamar-se Tchintíqui, Tyintiki (Noite). (N.)

Mutenha, Mutenya – *calor do sol*. Se alguém nasce num dia de sol pode vir a chamar-se Mutenha. (N.)

Epata – *casa, clã*. (N. U.)

Cambriquito - *de okambilikiti, cobertor*. (U.)

* * *

No dia anterior, o hamba tinha conferenciado com o muene maquessongo sobre as devastações perpetradas pelos guerreiros do Jau, chegando à conclusão de que, embora os seus guerreiros tivessem conseguido sustentar os avanços do inimigo, o caos era quase generalizado, os sambos roubados e os arimbos danificados. Muita gente tinha sido morta de ambos os lados, mas tudo piorava, dada a terrível seca que se fazia sentir nos últimos quatro anos e com a epidemia de bexigas que alastrava como uma verdadeira praga de gafanhotos.

Nangolo sabia que o problema era antigo e que, enquanto fosse vivo, seria difícil conseguir que, ao menos, a chuva não faltasse. Já tinha tentado tudo, providenciado até que, sobre a sepultura do seu finado tio e antecessor na ombala do Lupolo, fosse imolado um grande boi preto. Mas nada acontecera que provasse estarem os antepassados mais satisfeitos, e que a chuva viesse. O muene manha oferecera várias libações sobre a pedra sagrada e o próprio soba sentira que não tinha mais fôlego para continuar a soprar os caniços sagrados mergulhados na água lustral para a transformar num finíssimo vapor que, ao tocar os céus, o nublassem com as fofas nuvens que embalam a chuva. Nada foi conseguido e a Huíla foi-se tornando terreno fértil, não para alimento do gado que traz a alegria e a riqueza aos homens, mas para a fome que mata o gado e a felicidade das gentes.

Foi então que sua mãe, que era muhumbe, resolveu contar-lhe um grande segredo, para que ele conseguisse perceber até que ponto a situação era grave. Disse-lhe que, por alturas do falecimento

Muene Maquessongo, Mwene Makesongo – *senhor da guerra. Chefe dos guerreiros. (N.)*

Sambo – *curral. De ohambo. (N.)*

Muene Manha, Mwene Manyá – *senhor ou guardião da pedra (sobre a qual se fazem as libações para fazer cair a chuva). (N.)*

Muhumbe, Mu-Nkumbi – *natural do Humbe, região a sul da povoação da Huíla. (N.)*

do irmão mais velho dela e anterior hamba, algum tempo antes de encerrarem o corpo morto no tchindi – aquele novo útero que o guardaria até o seu espírito renascer junto dos antepassados – ela havia influenciado o muene phembe a seguirem uma tradição, mais humbe que muíla, mas que aumentaria o poder de fazer a chuva ao novo soba. Assim falou que, logo que o corpo do velho soba se apresentara decomposto, lhe retiraram os ossos do braço e perna esquerdos para deles extraírem a medula e a misturarem com mulela, unguento ritual que depois foi friccionado no corpo de Nangolo, o herdeiro da ombala grande da Huíla. Aí acontecera algo que não estava previsto e que acabaria por trazer mais dias nefastos do que benfazejos, lhe tinha sussurrado sua mãe, pois os ossos do hamba falecido estavam ocós e não tinham a preciosa meduļa que procuravam... Durante muito tempo ela lhe tinha escondido aquele segredo, para que o novo hamba não ficasse amargurado e frágil, condições pouco propícias para quem assumia os destinos da Huíla.

Nangolo se sentia exausto, pediu que atičassem o fogo que aquecia a ombala e tentou conciliar o sono. Mas o frio que sentia não vinha de fora, soprava com muita força dentro dele... como se percorresse o interior ressequido e oco do seu velho esqueleto.

* * *

O soba do Jau milamilava, como se os espíritos revoltados de todos os anteriores injaus estivessem a cavalgar o seu corpo, e afinal era só cólera, fúria de guerreiro, porque lhe tinha chegado aos ouvidos a mensagem do maldito Garcia, daquele salalé enviado pelo Muene

Muene Phembe, Mwene Phembe – *senhor ou guardião do caulino ritual (mphembe); é o curandeiromor da corte. (N)*

Mulela - *manteiga de vaca usada como cosmético. (N)*

Milamilar – *estar possuído pelos espíritos dos antepassados. De omamila-mila, espécie de catalepsia. (N.)*

Salalé – *Térmite, também conhecida por formiga branca. De “kusualala”, mexer-se muito. Quando a térmite ganha asas, após as primeiras chuvas, é conhecida, entre os ambundo, por “jinguna” (K.). Contudo, o termo salalé foi o que se vulgarizou por toda a Angola.*

Puto para o insultar com um pedido de autorização: transitar com segurança nas suas terras, a caminho do litoral. Os milamilandos de raiva redobravam de força quando se lembrava que o branco e sua comitiva tinham encontrado guarida na ombala do Lupolo, guardados pelas zagaias do seu inimigo, o velho e decadente Nangolo. Não ia permitir nunca que os estrangeiros entrassem nas suas terras, e não seriam aquelas missangas, fazendas de fraca qualidade e potes de aguardente falsificada que Ihe tinham enviado como presente que iriam tornar o Injau seu aliado. Desde tempos antigos, quando o grande Canina Gongga reinava nas terras da Huíla e o seu tio-avô se revoltara e fugira para as terras do Jau, que os brancos se aliavam aos grandes da Huíla para os combaterem. Por isso não aceitava que os súbditos de Nangolo e os seus aliados manchassem o chão da sua terra com os seus pés calçados e as suas intrigas destinadas a enfraquecer os povos que não se queriam vergar à ambição do Muene Puto. Nunca iria permitir que os invasores passassem por ali, nunca! E mais, Ihes daria a entender que nem no Mussungo Bitoto estariam a salvo da sua cólera.

* * *

Garcia manteve-se por doze longos dias na Huíla, sob a protecção e hospitalidade de Nangolo. Não fosse o mal-estar geral em que aquela região estava mergulhada por causa da seca e das ameaças do Injau e não se importaria nada de ficar mais algum tempo por ali. Sorriu e colou os seus olhos à pele negra e macia da bela muíla que Ihe atiçava o desejo. Já no ano de 1837, quando ele ali estivera como regente, tinha gostado das mulheres daquela tribo, calmas e ternas, sempre prontas a corresponder à afeição que por elas era demonstrada. De início o cheiro da mulela incomodava. Mas foi habituando o olfacto e acabou achando que valia a pena apesar do seu cheiro intenso, pelo benefício que trazia à pele, tornando-a macia como o veludo.

Adorava pronunciar-Ihe o nome, Tchintíki, suave como a própria noite que os envolvia quando se deitavam, e sempre que o soltava na

voz, ela ria mostrando os seus dentes alvos, uma brancura em que se reflectiam os pirilampos de fogo que esvoaçavam sobre a fogueira que ardia no tchôto.

Nangolo era sincero quando dizia sentir alguma simpatia por Garcia, para além do puro interesse em manter estáveis as relações com o cabeça do Bitoto. Podia sempre aproveitar a sua disponibilidade para o ter como aliado nos combates que travava com o insubmisso Injau e na determinação em providenciar que, do Nano não viessem mais ameaças para os nhanecas. Ficou satisfeito pela prontidão com que Garcia lhe respondeu, garantindo em troca, dezasseis carregadores e cinquenta guerreiros para o acompanharem até Caconda. Algum tempo depois, saía da Huíla, mais reforçada, a caravana, que logo tomou o rumo da lagoa da Invantala.

Cuidado! Estas águas têm mais jacaré que peixe, gritou um dos guias.

Vejam ali quantos hipopótamos! Estamos no país deles, comentou Garcia.

Depois de uma breve paragem para observarem a fauna daquela bela lagoa, a caravana prosseguiu viagem pelas margens viçosas do rio Caculuar e depois pelas mundas do Lucondo.

Sempre achei este lugar magnífico! Tão diferente da aridez das terras baixas, ia murmurando Garcia, enquanto deixava o olhar esvoaçar pelas terras cobertas de arvoredos viçosos devido à abundância de água.

Com tanta cabra selvagem que se vê por aqui não vamos passar fome, e dirigindo-se ao chefe dos seus caçadores, ordenou que Calenga fosse com mais dois dos seus homens caçar algumas para o almoço. Não foi preciso muito tempo para os caçadores garantirem uma farta dieta de carne para a refeição. À medida que a caravana se ia aproximando de Quilengues, a paisagem cheia de verde e de fauna ia sendo substituída por outra mais ressequida e com menos vida animal.

Invantala – de *eiva-nthala*, lago (N.)

* * *

Chegados a Quilengues no último dia do mês de Setembro de 1843, depois de uma vintena de dias a percorrer o sertão, eu e o tenente Francisco Garcia fomos apresentar cumprimentos ao regente de Quilengues, José d'Oliveira. A desolação era completa, grassava a fome não somente pela ausência prolongada das chuvas, mas também pelas constantes razias que se faziam sentir na região. O forte, construído há quase uma década pelo anterior regente, de pau a pique e com quatro baluartes nos seus ângulos, encontrava-se semi-destruído.

Eu e o tenente Garcia puxamos as rédeas e os bois-cavalos param, mugindo em unísono, como se tivessem ensaiados. Os cascos enterram-se na areia e os cornos volteiam no ar. Olhamos um para o outro decepcionados. Garcia sente uma comichão forte na cabeça, mesmo por cima da orelha direita. Coça-se com brusquidão. Aquela coceira é premonitória. Nada de bom nos aguardava naquele local. Tinha a certeza.

Sinto-me desconfortável e olho para o meu companheiro. Vejo que lhe escorre um fio de sangue pelo pescoço.

Feriu-se?, pergunto, apontando para a sua orelha.

O quê?

Tem sangue.

Sangue? Onde?

No pescoço.

Ah!, não tem mal. É da coceira. Já seca.

Está louco!, murmurei, sem que ele ouvisse.

Ambos avançámos com as montadas até à entrada da fortaleza. Não tinha porta e a sentinela dormitava à sombra rala de um arbusto. O uniforme estava em farrapos e viam-se partes do seu corpo queimado pelo sol. O soldado ressonava como um cão a latir. Não se via arma, a não ser um pau afiado na ponta, negligentemente encostado ao mesmo muro. A cabeça de Garcia voltou a comichar e

ele não parava de se coçar. Os bois mugiram e um bando de rolas alçou voo.

Garcia desmontou e gritou para a sentinela que, assustada, acordou e, d'um pulo perfilou-se e fez continência. A sentinela ficou mais apresentável e Garcia explicou-lhe ao que íamos. Levou-nos de seguida para o interior da fortaleza, em direcção à residência do regente.

* * *

As casas no interior da fortaleza tinham desaparecido. Por isso, o regente recebeu-nos na sua própria residência. Esta completava a fortaleza, já que ocupava uma das partes daquela que havia desaparecido.

A residência foi edificada à custa do meu antecessor, agora em serviço em Caconda.

Talvez seja, então, o mesmo que eu conheci há dois anos, quando por lá passei a caminho de Benguela.

O capitão Ferrão Andrade, disse o regente.

Esse mesmo!, confirmei.

Nos baluartes que tinham visto à chegada distinguiam-se agora quatro bocas-de-fogo, uma das quais não tinha carreta e as três outras eram calçadas com pedras para não caírem.

O destacamento que no terreiro formara para nos receber era formado por praças de 1.^a linha de Benguela e de Caconda que ali serviam. Estavam claramente debilitados pela fome e andrajosos no vestir. Após os cumprimentos da praxe, efectuaram manobras de apresentação de armas.

Garcia não conseguiu calar o que lhe ia na alma e tentou perceber o que se passava junto do regente, de forma discreta para não o perturbar mais do que já estava.

Eu já estou habituado a muita coisa, mas nunca vi praças de 1.^a linha em estado tão deplorável como este.

A resposta não tardou. O regente explicou-lhe que os praças se apresentavam assim, porque já há muitos anos que não recebiam mantimentos e fardamento.

Como é possível?, exclamou Garcia.

É possível, é!, respondeu o regente.

O capitão Ferrão d'Andrade tentou durante quase vinte anos que a situação fosse diferente, mas sem resultado; estamos longe de tudo e de todos e agora, com a seca arrasadora que não abandona estas terras nos últimos seis anos, ainda pior.

Garcia olhou para mim e eu para o regente.

Desta maneira, como é que o gentio vos tolera, vos respeita?

O militar anfitrião tentou disfarçar o incómodo que sentia.

A mim, de pouco me tem valido o cargo de regente, que ninguém entende para que serve, desabafou. Quanto aos meios para impor seja o que for, é como podem ver. O meu antecessor lá ia conseguindo alguma coisa pela consideração antiga que ainda tinha e pelos meios particulares que empregava. Ora, eu nem consideração antiga nem meios particulares... O meu papel aqui é, praticamente, o de "moralizar" o saque, impedir que os praças e a tropa auxiliar caiam em exageros contra o gentio mais próximo, de forma a que a revolta não seja grande a ponto de termos que abandonar isto.

* * *

Durante os cinco dias de permanência em Quilengues demos várias voltas pelo local, perscrutámos o que se passava nas imediações e discutimos as melhores estratégias para tirar aquela região do isolamento em que estava, terminando com os seus grandes prejuízos comerciais. Depois, encetámos viagem para Caluquembe, tendo acampado em Napumuna, nas faldas das grandes serras que distavam três léguas de Quilengues. Seguiu-se uma caminhada de muitas léguas até às margens do rio Qué, no qual pudemos apreciar o elevado número de hipopótamos que ali se banhava. Algumas léguas depois chegámos às terras de

Caluquembe, que se encontravam na dependência de Caconda.

Tantas cubatas abandonadas!

Informaram-me que é resultado da fome que alastra por estas terras como uma praga, explicou Garcia.

Percebemos, então, a razão de tanto aconselhamento para termos cuidado, estarmos alerta, pois os assaltos eram vulgares. Notávamos que, entre a nossa gente, grassava já um sentimento de insegurança que nos desagradava imenso, pois naquelas terras tal poderia ter resultados indesejáveis. Por isso era necessário mostrar segurança e fingir uma força que verdadeiramente não tínhamos. Esse era, na maior parte das vezes, o segredo para a sobrevivência das caravanas sertanejas. Todos foram informados de que seria melhor desviarem dos penedos que se viam ao longe, caso contrário seriam facilmente identificados a partir da aldeia fortificada do soba Caluquembe. Garcia receava que fôssemos atacados por ele, encorajado pela proximidade da caravana e protegido por aquela fortificação natural, constituída por grandes pedras e cuja posição fazia dela um autêntico ninho de águia.

Foi necessário andar mais dez léguas até chegarmos às terras do famoso morador e capitão de ordenanças, Lopo Chaves. Este já se encontrava à espera, apesar de, da nossa parte, nada ter sido feito para ser avisado.

Seja bem-vindo às minhas terras, cumprimentou Lopo Chaves, fazendo continência ao tenente Garcia. De uniforme de oficial de infantaria, impecavelmente engomado e envergado, fazia um figurão, sobretudo quando comparado com os nossos, amarrotados e cobertos de poeira. Com o peito para fora, a barriga para dentro e as costas direitas, o imponente anfitrião deixava ver nos ombros umas dragonas douradas que lançavam chispas quando o sol incidia nelas; a casaca e os calções eram de cor verde, como o uniforme do antigo regimento da armada portuguesa, e ainda se

As dragonas eram características do plano de uniformes portugueses de 1806, fazendo o seu aparecimento por esta altura.

podia ver, apesar de esbatido, o vermelho da gola, do canhão e da véstia. Por momentos, ficámos mudos, impressionados com aquela figura soberba e tão bem ataviada, como não contavam ver naquelas gentias terras.

“É um pavão, este indivíduo”, pensei.

Vejo que se encontra muito bem e que nas suas terras não se passa tão mal como nas redondezas!, observou Garcia, olhando à sua volta.

A residência do morador era grande e bem construída e via-se no terreiro, meticulosamente perfilado, o exército particular de Lopo Chaves. Centenas de homens, bem armados e alimentados.

Que contraste!, exclamou Garcia, quase ao meu ouvido, lembrando-se do que tinha visto durante a viagem, sobretudo de Quilengues até ali. Lopo Chaves, percebendo a sua admiração, logo tratou de dar algumas explicações.

Sabe, meu tenente, eu conheço bem estas terras! Nasci em Caconda e, desde miúdo que ando por aqui. Não há canto nenhum, chana, anhara ou epunda, que eu não tenha vasculhado c’os meus olhos, repisado com meus pés, caçado com a minha reiuna. Isso me permitiu controlar melhor as coisas, fintar as más e engordar as melhores. Para além disso, as minhas terras são férteis e o rio que aqui passa nunca deixa de ter água.

Muito bem! Muito bem! Está de parabéns, depois da desolação que encontrei por aí..., foi dizendo o tenente Garcia, um tanto desconfiado com tanta abundância. Já tinha ouvido algumas estórias sobre aquele morador e isso deixara-o de sobreaviso. No entanto preferiu disfarçar, pois não estava em situação de fazer fosse o que fosse. Até lhe dava jeito encontrar alguém com quem contar, caso os problemas se avolumassem.

Entretanto fomos interrompidos pela chegada de três cavaleiros, envoltos na poeirada dos caminhos, que fez levantar algum burburinho nos presentes. Tratavam-se de enviados do comandante do forte de Caconda, com o objectivo de fazer chegar ao morador Lopo Chaves uma importante mensagem.

Ora até que enfim! Vai haver animação, disse Lopo Chaves, ao iniciar a leitura do documento que lhe fora entregue.

Passa-se alguma coisa?, questionou Garcia, com a curiosidade desperta pelo súbito entusiasmo do seu anfitrião, que ia aumentando à medida que prosseguia a leitura do documento.

Pronto!, lá tenho eu que preparar os meus guerreiros! Isto já estava a ficar calmo demais!

Guerreiros? Mas vai haver algum ataque?, indagou Garcia, preocupado com a nossa viagem que ainda estava longe de chegar ao fim.

Não se preocupe, meu tenente, trata-se de um ataque que o comandante de Caconda está a preparar para bater o soba do Uambo.

Garcia, mais preocupado ficou com as aguerridas declarações do seu anfitrião. Tentaria demover o comandante do forte de Caconda de começar a guerra, enquanto por ali andássemos.

Capítulo VI

“Quando eu era criança – contou-me ela – os meninos, na escola, chamavam-me Fronteiras Perdidas, porque em certos dias eu parecia mulata, e noutros acordava com cara de branca. Acho que essa alcunha marcou o meu destino.”

(José Eduardo Agualusa – *Fronteiras perdidas*.)

Lopo Chaves, à maneira do país, tinha várias mulheres, mas a principal, dona Xandrinha, era uma mulher que, apesar de já não ser nada jovem, ainda conservava um brilho forte nos olhos claros e um sorriso fresco que punha mentira na idade. Na cor da pele e no cabelo revelava uma profusa e antiga mestiçagem. Talvez fosse este seu aspecto pouco vulgar, de umas vezes ser quase negra e de outras quase branca, e o facto de parecer sempre mais nova do que a idade que tinha, numa terra e num tempo em que as pessoas, sobretudo as mulheres, envelheciam cedo e depressa, lhe haviam criado uma certa auréola de... feiticeira. Para muitos, só mesmo a feiticeira podia explicar aquele empalidecer quando a noite chegava e o escurecer quando o dia nascia, mais o seu ar jovem, o seu domínio sobre tudo e todos, aquela sua facilidade em domar os corações mais bravos como o de seu próprio marido. Havia até quem dissesse, ou melhor, murmurasse, que quando ela se aborrecia com Lopo Chaves, este ficava tão triste que até diminuía na altura, deixava crescer a barba e perdia a compostura.

Não sou como essas concubinas que tem por aí nesses matos, filhas de desconhecidos pais e de mães parideiras, gritava dona

Xandrinha. Eu venho duma antiga família, dos Mattos, capitães-mores do Bihé. Não sou uma qualquer! Me respeitem, sim?, exigia alto, enquanto Lopo Chaves, tão reconhecido nas suas bravezas em enfrentar de peito entreaberto tudo o que era perigo de homem e de bicho, falava baixinho a tentar domar a onça que se soltava de sua mulher.

Xandrinha, não fica amuada assim! Diga o que você quer qu'eu mando chamar, escravas pr'alisar o cabelo, untar a pele ou fazer quifunes. Escravos para lhe levar na tipóia, caté no alto daquele morro d'onde se vê o mais bonito pôr-do-sol? Xandrinha diz só o que você quer.

Ela respondia, revirando os olhos zangados, retorcendo os lábios com desprezo. Só depois de o martirizar com silêncio, por algum tempo, é que se dispunha a responder-lhe.

Quero ir passar uns dias no meu Bihé, com mana Zefa, com outros manos e meus sobrinhos!

Lopo Chaves rosnava para dentro e ronronava para fora.

Meu doce de jinguba, minha nochinha, o Bihé tá longe, os caminhos são perigosos e não quero que você fique por aí perdida nesses matos sem eu estar perto.

Ora!, exclamava ela, ao mesmo tempo que dava os frisados cabelos ao pente do vento, quem é que s'atreve a me beliscar, a me cutucar, eu que sou tua Xandrinha, hem?

Aqui o lobo virava gatinho, ronronava mais baixo e passava a cabeça descabelada no colo de sua mulher.

Você me mata com essa sua vontade de m'abandonar aqui sozinho em Caluquembe, só com esses quimbares, gente que nada vale perto do seu... do seu... E ficava por aqui Lopo Chaves, sem coragem de dizer o resto. Xandrinha sorria e ainda tinha tempo de pensar que tinha o seu marido nas mãos, ou melhor, nos pés. Então desviava a conversa pra lugares mais serenos.

Quifune, Kifune – coçar a cabeça. Daqui deriva a palavra “cafuné”, usada no português do Brasil. (K.)

Sei qu'ó meu cunhado Zé Pedro chegou no Bihé, numa grande quibuca vinda de Benguela, com presentes pra mim... eu lhes quero ir buscar.

Mas Xandrinha, o Bihé não é aqui ao lado!, voltava ele. Se leva muito tempo a lá chegar, muitos perigos ficam a espreitar. Ela fazia muxoxos de aborrecimento.

É!, quando se trata de ir na minha família logo-logo é um problema. E os seus quimbares?, não chegam para me defender nesses tais perigos? Lopo Chaves abanava a cabeça, meio zozzo.

Claro que chegam, mas...

Ela interrompia, já sem deixar os cabelos ao vento, presos agora num pequeno tufo atrás da nuca.

Para além do mais, desde qu'ó saudoso mano Bento faleceu naquela maldita viagem de Loanda qu'eu ainda não fui rezar na sua campa; sou a única dos manos que ainda não pôs o joelho lá no nosso cemitério. Deus e a alma do falecido ainda me castigam... e a si também!

Lopo Chaves detestava as fases saudosas de sua mulher. Ficava sem saber o que fazer. Nada nem ninguém o tolhia assim. Seria alguma milongada daquelas que a gente do Bihé era famosa em saber fazer e usar? Mas logo esses pensamentos eram afastados, pois ele não queria que houvesse qualquer abalo na sua relação. Um dia desses lá teria que marchar até às margens do Cuíto, para a morada da família Mattos.

Das suas concubinas, cinco eram reconhecidas, as demais não faziam parte do rol assumido pelo morador. Filhos eram muitos, identificados perante a comunidade pelo menos vinte. Os outros marcavam a passagem de Lopo Chaves pelos caminhos da guerra ou do funanço. Nem as parentas do seu grande amigo de Caconda, o comandante Ferrão d'Andrade, escapavam às insinuações. Se o de Caluquembe cobria demais, o seu colega e compadre de Caconda cobria de menos, ou mesmo nada, por isso não se lhe conhecia

Funanço – comércio. De *kufuna*, negociar. (K.)

mulher, enquanto o de Caluquembe não tinha mãos e outras coisas a medir. Para o de Caconda, quanto mais sêmen guardado mais energia contida e mais força desenvolvida; para o de Caluquembe, quanto mais sêmen se espalhasse mais semeadura e maior colheita. Se calhar era essa diferença que os aproximava.

Para Chaves, ter uma família grande era como ter um poderoso exército. Pelo contrário, a força que o capitão de Caconda tinha a nível local não era muito grande, pois não só encontrava obstáculo no poder dos sobas como no facto de ter sempre uma tropa diminuta e enfraquecida e não fazer parte duma família tão vasta como a do seu amigo de Caluquembe. Para além disso, Lopo Chaves gostava de ostentar o título de capitão de ordenanças de Caluquembe e era vaidoso na apresentação, garantindo sempre uma presença forte, nomeadamente quando envergava o uniforme. E as dragonas de metal, então, eram algo que não passava nunca despercebido, assim como o laço, azul e encarnado, em cruz, usado no chapéu. Costumava dizer que, quanto mais imponente se apresentasse ao gentio, mais força tinha e maior era a importância que lhe davam. Naquelas terras, umas dragonas a brilhar ao sol sobre um uniforme vistoso e bem alinhado, era meia batalha ganha.

Os Chaves-Mattos constituíam, assim, o mais poderoso grupo familiar de moradores do planalto central, pelo poder, pela quantidade de ligações que tinha com os sobas e sobetas da região, tendo-se amigado com filhas suas, e pela quantidade de filhos que possuíam, numa rede intrincada, mas eficaz, de conluios e interesses. O próprio soba de Caluquembe contava com ele quando precisava de apoio, tanto na paz como na guerra. Não é que gostasse muito de Lopo Chaves, mas porque lhe dava jeito tê-lo como aliado. Antes como aliado do que como inimigo.

* * *

Nas vésperas de reiniciarmos a viagem, agora com destino a Caconda, comecei a sentir-me febril. Dona Xandrinha, a mulher do capitão de ordenanças de Caluquembe, que sempre fora simpática

comigo e relativamente à qual eu também não escondia a boa impressão que me causava, mal soube que eu ficara doente, de imediato colocou a sua residência à disposição. Para Garcia, que não queria atrasar a viagem, foi um aborrecimento.

No primeiro dia, debati-me com violenta febre de sezão que me sacudia o corpo todo e me fazia transpirar a água que sofregamente bebia. Os meus dentes ouviam-se como mácuas a baterem umas nas outras em dia de vento. Dona Xandrinha desvelou-se a tratar de mim, quase não saindo da minha cabeceira, ora colocando-me pachos de água fria na testa para que a febre não subisse demasiado, ora dando-me a beber água fresca do seu moringue privativo. De quando em vez, tentava mesmo que eu sorvesse um caldo de galinha d'Angola, mandado fazer “de propósito para o doente”, e quando eu me recusava a engolir o caldo, logo ela, pressurosa, me forçava a emborcar, goela abaixo, uma infusão de raízes que me faziam ansiar pelo caldo de galinha.

Não, não, não, Pilarzinho!, se o caldo de galinha não é comido, o chá de ervas tem que ser engolido, dizia com meiguice.

E eu ouvia, por entre os zumbidos que me povoavam a cabeça, a sua voz cada vez mais meiga, cada vez mais doce. Dona Xandrinha tratava assim de mim, desveladamente, para que ganhasse as forças de que tanto iria precisar para continuar a viagem. Os carinhosos diminutivos, só os utilizava quando mais ninguém se encontrava no local, sobretudo o seu homem, que era ciumento, e também porque ela tinha a noção das conveniências e não o queria indispor. Como possuía uma grande fé nas propriedades regeneradoras das infusões do seu quimbandoiro particular e nas canjas de galinha que ela própria fazia, dona Xandrinha não me largava a cabeceira da cama, sempre pronta a entrar em acção. Se eu dormia, ela ansiava que acordasse para me dar, colher a colher, do seu caldo; se acordava, queria que dormisse para me poder ternurar palavras, cantarolar

Mácua, Makwa – fruto do embondeiro ou imbondeiro (*Adansonia Digitata*), de casca dura e seca. Na Huíla diz-se mácuca, em muitas outras zonas de Angola diz-se múcuca. (K.)

canções quase de embalar, deixar suas mãos descobrirem o prazer bom de me massajar os braços com o óleo que ela usava nos próprios cabelos. E ouvi-a murmurar bem juntinho do meu ouvido direito, ciciar bem pertinho do meu ouvido esquerdo, palavras de enamoramento.

Vá! Vá Pilarzinho, força! Beba mais um golinho desta infusão de raízes apanhadas com as minhas próprias mãos, tome mais esta colher de canja de galinha gentia cozinhada por mim, ou este matete morno de farinha de milho e mandioca que própria inventei.

Sentia-me ainda mais débil e nem conseguia abrir os olhos. Murmurava palavras sem sentido que levavam dona Xandrinha a revigorar seus apelos para que eu comesse.

Vá! Vá Pilarzinho, força que você é... (e aqui deixava que lhe caíssem suspiros) um homem forte e tão... tão bonito!

Em cada minuto que passava a tratar de mim, menos cerimoniosa ficava e mais se ia enchendo de ternuras, aumentava suas meiguices e mais atrevida se tornava. Nos momentos de mais febre, eu tinha sonhos bons, via dona Xandrinha despir sua roupa devagar e nua, de peitos erectos como mangas e ancas nervosas como potros, zurzir suas crinas no meu peito, nas minhas costas, nas minhas coxas, no meu sexo; nas ocasiões de menos febre, eu tinha pesadelos, via entrar o capitão de espada desembainhada, a rodopiar numa só pernada e a xingar-me com palavras podres em umbundo, doido de ciúme, furibundo.

Como é possível o capitão ser o Catonhotonto?, perguntava a medo e gritava de exaustão. Depois acordava afogado em suores e era dona Xandrinha que me salvava com respiração boca-a-boca, os meus pulmões encharcados a serem secos pela sua respiração.

Em outras situações, em que fingia prostração, para melhor perceber até aonde avançavam os deleites de Xandrinha (eu já a tratava assim, fingindo murmúrios febris!), confirmavam-se os apetites da minha quimbandeira particular. À medida que eu ia melhorando, era ela que ficava com febre, febre de sezão, febre de acessos. Então, ouvia-a eu nos seus delírios, e sentia-a a passar

suas mãos quentes na minha pele, seus lábios a humedecer a minha boca, o seu corpo a invadir a minha cama, a encostar-se ao meu, de fronteiras perdidas, a pele dela fundida com a minha, o coração dela batendo no meu, os gemidos dela ecoando em mim, ora suavemente branca a ternurar em português, ora fortemente negra a amar em umbundo. Depois adormecia e voltavam os sonhos, mais os sonhos maus que os bons, e via chegar ao quarto o capitão de ordenanças, olhando para mim e bramindo que já estava farto de ver sua mulher agarrada todo o tempo àquela tarefa de me pôr bom, eu que devia estar a ser tratado por uma escrava, e não por uma senhora.

Marido, já lhe disse para não se aproximar muito do paciente, pois a doença lhe pode pegar, ouvia-a, então, dizer. Mas ele mal me via, pouco enxergava naquele quarto quase sempre imerso em penumbra.

No dia anterior ao indicado para deixarmos Caluquembe, pude esticar as pernas e dar um passeio na sombra protectora das mulembas que faziam sombra à residência, não fosse uma língua de sol forte estragar o excelente trabalho de dona Xandrinha. Para me amparar, tive a oferta simpática do braço do tenente Garcia e do próprio Lopo Chaves. Este não escondia a sua satisfação por estar quase chegado o dia da minha partida. Só Xandrinha, que tanto tinha ajudado a combater as minhas febres, todas elas!, pensei, começava a sentir-se mais triste do que nunca. Deixara de ser necessária. Os assuntos de viagens pelo perigoso sertão, de caça ao feroz leão ou à traiçoeira pacaça, de carregadores, sertanejos e afins, já não eram de sua lavra, nada que a ela dissesse respeito ou fosse chamada a dar palpite. Coisas de homens!

De repente, senti uma zonzeira e as pernas a ficarem leves e sem força.

Xandrinha dê aqui uma mãozinha que o nosso amigo parece que vai desfalecer, ouvi eu, ao longe; ouviu ela, bem perto.

Coitadi..., escapou-se-lhe a língua para a ternura. Coitado do senhor Pilarte, ainda está muito fraco, foi lesta em corrigir o deslize. Senti a sua mão no meu braço e um baque no coração. Voltei a sentir

as pernas fortes e uma vertigem de prazer. Abri os olhos e... quem estava ao meu lado era o tenente Garcia, a olhar para mim com uma cara que denunciava um misto de preocupação e contrariedade.

O que se passa consigo?, perguntou. Julgava-o mais resistente, mais afeito a estas andanças e clima, concluiu com um gesto de desagrado.

Devo ter tido uma tontura, o sol está muito forte hoje e eu ainda não me sinto completamente recuperado, respondi-lhe, com enfado. Fechei os olhos e senti na testa a frescura de uma mão conhecida.

Dona Xandrinha?, ouvi-me pronunciar.

Senti de novo a mão na minha testa. Só que não podia ser a mesma. Esta era grossa, áspera e quente. Abri os olhos e vi o tenente Garcia a tentar perceber se eu tinha febre.

Está visto que ficou mesmo mal da cabeça! Febre não tem, mas que não está muito bem, ah isso não!, disse, fingindo um ar preocupado.

Desculpe, mas ainda há pouco estava doente e... Garcia interrompeu-me.

Doente e de que maneira! Não fossem as mistelas que a esposa do Lopo Chaves lhe deu a beber e... não sei, não! Digamos que foi... tiro e queda!, exclamou com um sorriso de orelha a orelha, de que não gostei nada.

Capítulo VII

“Quem parte treme, quem regressa teme. Tem-se medo de se ter sido vencido pelo Tempo, medo de que a ausência tenha devorado as lembranças. A saudade é um morcego cego que falhou o fruto e mordeu a noite.”

(Mia Couto – *O outro pé da sereia.*)

Recuperadas as forças e a caravana reequipada, prosseguimos viagem até Caconda, uma meia dúzia de léguas distante de Caluquembe. Eu não deixava de pensar no que me tinha acontecido a mim e a dona Xandrinha. Seria possível que tudo aquilo não tivesse passado de delírio, de sonho apenas? O certo é que ainda sentia no peito, quando passava as mãos, o rasto de seus cabelos na minha pele. Xandrinha não me largava o pensamento...

Quando deixámos as fartas terras de Caluquembe, pudémos observar, ao longo do caminho, que os terrenos continuavam a ser bons para a agricultura, para além de serem cortados, de quando em quando, por inúmeros regatos de água. Só que regressara a desolação e a tristeza da parte dos seus povos. Garcia, virando-se para mim, comentou algo que eu não ouvi.

Continua muito distraído, Pilarte! O que se passa?

Não se passa nada!, respondi, sem muita convicção.

Garcia condescendeu, abanando a cabeça.

A desolação que vemos por aqui só pode ser o resultado das correrias predadoras do Nano, sobretudo quando o terrível soba do Galangue resolveu raziar os sobas de Caconda, nossos aliados e vassallos do Muene Puto.

Fiquei pouco convencido com a sua explicação. Mas essas razias do soba do Galangue não aconteceram há mais de vinte anos?

Incomodado com a pergunta, que parecia ter razão de ser, Garcia lá foi dizendo que, apesar de as razias terem acontecido entre 1811 e 1817, os seus efeitos tinham-se feito sentir por muito tempo. Até hoje, veja só!, venceu bem, olhando-me nos olhos.

De facto, soube-se depois, que, quando tudo parecia ter voltado à normalidade, seguiram-se as piores das razias pois, em 1836, o soba do Uambo devastara todo o sertão de Quilengues.

Ora, como se sabe, essa guerra do soba do Uambo aconteceu apenas há alguns anos!, disse Garcia, com ar triunfante, pois havia percebido que eu duvidara. Segundo a tradição, por aqui se impõe que o pretendente ao sobado do Uambo não possa tomar o poder sem antes ter demonstrado a ousadia e a bravura de combater e vencer os seus vizinhos, continuou o oficial, esboçando um sorriso de satisfação ao ver que podia prosseguir na demonstração dos seus conhecimentos sobre a terra que pisavam.

As famosas guerras do Nano!, exclamei.

Sim, as guerras do Nano!

Garcia entoou a palavra Nano, olhando para mim.

Vá lá Pilarte, conte outra vez a estória do seu bisavô. Sei que gosta sempre de a contar...

Achei que, desta vez, Garcia estava a exagerar. Por isso lhe disse que seria melhor ele continuar a contar o que sabia sobre o Uambo. Mas em vão.

Teimoso, cabeçudo como tudo!, murmurei.

Diga alto, diga alto! Queremos ouvir essa estória de família que fez o próprio hamba da Huíla, Nangolo, render-se mais depressa às minhas ofertas de aliança. Sem hipótese de fugir à estória, lá fui dizendo que, na época em que reinava o grande Canina Gongga sobre quase todo o sudoeste angolano, o meu avô, António Rodrigues Jardim, fora capitão-mor de Alba Nova.

Alba Nova?, estranhou alguém.

Sim, Alba Nova!, é como se chamava, no século passado, a

actual povoação da Huíla. Esse meu avô casou-se aí com Huilana Pilarte, filha do meu bisavô, João Pilarte, que foi morto precisamente numa guerra do Nano, na fortaleza...

Ah!, o seu celebérrimo bisavô!, interveio o tenente Garcia, que já há algum tempo me olhava com um sorrisinho de gozo e, talvez, de inveja. Pois, quando passarmos na Huíla farei os possíveis por levá-lo até ao sítio da fortaleza... ao sítio só, pois o que restava dela já foi há muito engolido pelo mato.

E continuámos a falar nas guerras do Nano, razias dirigidas pelos sobas mais agressivos aos seus vizinhos, tanto os mais próximos como os mais afastados, e de preferência os mais fracos, que permitiam maiores saques em menos tempo e com menor perda de gente por parte dos atacantes.

Garcia suspirou de alívio quando começámos a enxergar as primeiras habitações de Caconda, pois temia que a tal guerra contra o soba do Uambo pudesse apanhar-nos a meio da viagem de regresso. Pouco depois, a nossa caravana dava entrada na fortaleza de Caconda, onde fomos recebidos com algumas reservas pelo comandante Ferrão d'Andrade.

* * *

O comandante da fortaleza de Caconda é um homem baixo e entroncado. Usa uma pala no olho esquerdo, de cabedal escuro e luzidio e arrasta ligeiramente a perna esquerda. Dizem que perdeu o olho num duelo. O seu rosto é permanentemente iluminado por um sorriso largo que chama logo a atenção, mais ainda nos momentos em que não se espera que tal aconteça. Só depois, as pessoas se apercebem ser um tique ou um músculo repuxado. Veste um uniforme estranho, que não obedece a nenhum modelo. Um casaco castanho de caqui e um par de calças creme de linho cru. Não usa botas, mas sim alpercatas de pele de hipopótamo, o que lhe dá um ar estranho, quase ridículo.

Ninguém fica indiferente à presença de Ferrão de Andrade, o comandante da fortaleza de Caconda.

Garcia dirige-se ao nosso anfitrião e saúda-o, fazendo continência. Talvez porque estivesse com o olho que não via do lado do visitante, não responde à saudação castrense. Vai directo ao assunto. A sua voz é ouvida como se fosse um eco.

Já tenho cá o milho e o feijão que me pediram.

Fico-lhe muito agradecido, pois esses alimentos são fundamentais para que possa iniciar a minha viagem de regresso a Mossamedes.

Mas foi necessário enviar carregadores por terras hostis para ir buscar esses géneros a Galangue, cinco dias de jornada daqui.

Agradeço-lhe mais uma vez a maçada que teve por nossa causa.

Andrade não respondeu aos agradecimentos de Garcia e convidou-o a dar uma volta pela fortaleza. No rosto via-se o tal esgar em forma de sorriso. Quanto mais sorriso parecia menos o era.

Reparem nos baluartes como estão. Foram reparados há pouco, por mim.

À sua conta?, exclamou Garcia.

“Mais uma fortaleza reconstruída à sua conta? A de Quilengues, agora a de Caconda...”, pensei eu, com a dúvida a espicaçar.

Como sempre, não havia na feitoria da fazenda pública meios financeiros para custear estas obras, explicou Andrade.

Garcia coçava a cabeça por cima da orelha direita, claramente incomodado com o que via e ouvia. Como podiam garantir e proteger o comércio sertanejo se não havia possibilidades materiais de manter as fortalezas e fortes em bom estado?, questionava-se.

E a visita continuou. Pudemos, então, observar o portão desmantelado por falta de lemes, a casa da guarda, o calabouço e os quartéis a cair. Em quatro baluartes da fortaleza, quatro peças encontravam-se montadas em forquilhas, inúteis pela largueza dos ouvidos, e falta de leitos e carretas. Havia ainda uma outra de calibre treze, também de bronze e duas pequenas de campanha, única defesa do presídio, porque a maior parte das espingardas da guarnição estavam quebradas. A fortaleza encontrava-se num

estado lastimoso. Garcia mostrava mais embaraço que o anfitrião, o qual cada vez tinha menos pejo em mostrar que fazia um frete em receber-nos. Por isso, o seu sorriso era cada vez mais largo, de orelha a orelha. Uns passos mais à frente e vimos as arrecadações em completa ruína.

Estão assim porque os moradores não têm podido repará-las, como é costume, por escassez de recursos.

E soldados, quanto são?, perguntou Garcia, para ver se, pelo lado humano as notícias eram melhores.

Temos quarenta e oito homens, distribuídos por duas companhias de voluntários e uma de primeira linha mas... é como vê, os tempos estão ruins para tudo.

Entretanto, chegávamos à parada.

Garcia, já sem esperança de se surpreender pela positiva, reparou nos soldados esfarrapados, quase nus e descalços. Já estivera em fortalezas, presídios e estabelecimentos onde as coisas não eram famosas mas, assim, nunca vira.

O que se passa aqui? Por que estão os soldados sem uniforme e descalços?

Andrade parou de repente e arredou a pala para cima da orelha, deixando ver um buraco no lugar do olho que parecia não ter fundo. Iria jurar que se via um céu tempestuoso do outro lado. A sua voz ecoou ainda mais cavernosa.

Por falta de fardamentos e calçado, por que havia de ser?

O silêncio que se seguiu tornou-se embaraçoso. Garcia tinha necessidade de explicações.

Mas recebem praças de Quilengues quando é necessário, ou não?

Andrade rasgou-se num sorriso enorme, abanando a cabeça três vezes.

Receber praças de Quilengues? Isso seria bom se eles as tivessem. Nós é que enviamos para lá, de dois em dois meses, um destacamento de dez soldados e um cabo que muita falta nos faz.

Garcia ficou surpreso e eu também. Em Quilengues tinham-nos dito precisamente o contrário.

“É tudo muito estranho!”, pensei. “E Caconda é um expoente do inesperado. Porquê tanto desleixo? Tanto abandono? Será pura sobrevivência? O que os leva a viverem assim, sem condições, mal calçados, mal vestidos, mal nutridos, ao mesmo tempo que assumem a arrogância do poder?”

A voz de Andrade interrompeu-me os pensamentos. Virado para Garcia, que estava absorto, avançou uma explicação:

A nossa força está para além da aparência. Vamos buscá-la no jogo de cintura, nos avanços e nos recuos, nas cedências e nas ameaças, sobretudo nas alianças que vamos construindo.

Ou criando intrigas..., murmurei eu.

Alianças? A que alianças se refere?, indagou Garcia, subitamente desperto.

Não são, com certeza, as de casamento, casquinou Andrade.

Garcia mostrou desagrado com a ironia e pôs-se a revirar o bigode.

Que alianças?, voltou a perguntar.

Pois quais haviam de ser, se não aquelas que vamos mantendo com este ou aquele soba, com uma ou com outra tribo?, respondeu Andrade, com a pala a descair para a maçã do rosto.

Já não dava para disfarçar mais o embaraço que se tinha instalado. Continuamos a visita, observando as condições da fortaleza, a igreja e as casas cobertas de capim velho, em ruínas.

Aqui é a residência do comandante da fortaleza. Não digo minha, pois já serviu outros comandantes e, eventualmente, virá a servir quem vier depois de mim.

A residência encontrava-se em estado deplorável. Andrade resolveu esclarecer que ainda não tivera tempo, nem recursos para a reparar e construir o que era necessário.

Afinal, só tomei posse deste comando em Abril deste ano, justificou.

Pois, pois... as coisas irão com o tempo!, disse Garcia.

Mais prestável, Andrade questionou se o visitante não queria aproveitar a transferência, para Quilengues, de um sargento e dois soldados, para os ter em sua companhia, no regresso a Mossamedes.

É sempre bom ter mais alguns soldados na comitiva, dá mais segurança..., respondeu Garcia, esperançado que fossem fisicamente mais fortes e com melhor apresentação do que os que via ali.

Para além das anunciadas forças, Andrade tinha outra surpresa.

Há um morador interessado em aproveitar a vossa passagem por cá para seguir até à Huíla.

E quem é esse homem?, perguntou, desconfiado.

Chama-se Inocêncio d'Almeida.

* * *

Já há cinco dias que a comitiva do tenente Garcia, agora reforçada com Inocêncio d'Almeida, um sargento e dois soldados, havia deixado Caconda, regressando pelos mesmos caminhos da vinda.

O oficial estava incomodado. Uma bolha numa nádega deixava-o sem posição para fazer a viagem.

Eu bem lhe disse para pararmos um pouco em Caluquembe. Dona Xandrinha curava-lhe isso num abrir e cerrar de pestanas.

Não me aborreça com essa, Pilarte. Acha que eu tinha coragem de mostrar o cu a uma senhora? Acha?

Bem, não seria preciso tanto, bastava mostrar a bolha!

Ora, não me aborreça com isso. Prefiro aguentar a expor-me aos encantos de dona Xandrinha. Eu bem vi como você ficou...

Eu?

Bem! Deixemos essa conversa.

Apesar de visivelmente incomodado com a ardência que sentia, Garcia virou-se para Inocêncio d'Almeida, tentando saber mais qualquer coisa sobre ele. De Andrade nada mais conseguira saber do que a sua vontade de seguir viagem até à Huíla.

Huíla!? Mas o que vai fazer vossemecê para lá? É amigo de Nangolo?

É que ir até à Huíla foi sempre um sonho meu.

Ir à Huíla por um sonho... É a primeira vez que oiço tal. Sempre julguei que os motivos que levavam as pessoas a quererem ir até à Huíla eram bem mais práticos. Já ouvi muitas estórias sobre a Huíla, contadas por sertanejos que em diversas alturas foram até lá comprar escravos, marfim e cera, por soldados que iam e vinham até à fortaleza, ou por algum aventureiro em busca sei lá de quê... Agora, por um sonho, o senhor é o primeiro.

Inocêncio sorriu.

* * *

Meu pai dizia que eu me chamava assim em homenagem ao maior governador que Angola teve, dom Inocêncio de Sousa Coutinho.

Ah!, exclamou Garcia – surpreendido por haver alguém, naquele fim de mundo, que se lembrasse da acção dum governador do século anterior – de facto, dom Inocêncio foi um grande governador.

Segundo meu pai, a ele se deve a fundação de Caconda.

E de Quilengues, disse Garcia.

E também da povoação da Huíla!, completei.

O tenente aprovou com a cabeça a minha intervenção e sorriu, provavelmente a pensar de novo no meu bisavô e na hipótese de me pedir que contasse a sua história huilana.

E a sua família? Tem quem olhe por ela na sua ausência?, perguntou.

Isabel, minha mulher, é forte e tem muitos parentes que lhe podem dar apoio quando precisar.

Senti vontade de falar de mim.

Eu também tenho uma família grande, mas dispersa. A minha mãe vive em Benguela e a minha mulher e filho... não estão longe daqui.

Inocência fitou-me admirado.

Perto daqui? Onde?

Vivem no Bihé, respondi-lhe.

E não aproveitou a sua vinda a Caconda para dar um pulo até lá?
Matar as saudades?

Uma longa pausa, um tanto pesada, mediou entre a pergunta e a resposta.

Eu bem quis, mas... Continuei a mexer os lábios como se falasse mas os meus companheiros deixaram de ouvir qualquer som. Terei fechado os olhos? Não sei! Só sei que, de repente, estava na minha libata do Bihé e um cheiro forte, a rosas bravas, chegava até mim... era Augústia, minha mulher, que se aproximava, sorrindo.

Cheiras a rosas bravas, sussurrei, abraçando-a.

Eu, cheirando a rosas bravas, Pilarzinho?

Afinal não era Angústia.

Xandrinha?, perguntei, confuso.

Garcia e Almeida estranharam a minha reacção e abrandaram o passo aos bois-cavalos.

Rosas, impossível!, é flor que não cresce por aqui, disse Almeida.

Garcia aproximou-se mais, preocupado.

Xandrinha outra vez? Não me vai dizer que... está mesmo embeijado pela mulher de Lopo Chaves!? Olhe que isso é mais perigoso que uma razia, dessas que mataram o seu bisavô. Ou será que tem febre?

Um boi mugiu alto e eu deixei de ver Angústia e de sentir a fragrância das rosas bravas, ou Xandrinha e o cheiro doce dos seus cabelos.

O odor forte que me chegava agora era o do tenente Garcia, todo transpirado, pois era muito o calor que se fazia sentir àquela hora.

* * *

Após uma viagem difícil mas sem problemas de monta, chegámos à Huíla, no primeiro dia de Novembro. Nangolo, que continuava a

apreciar as boas relações com Garcia, o cabeça dos moradores do Bitoto, tinha enviado um emissário aos limites do seu território para nos dar as boas vindas e dizer que nos esperava na ombala grande, como sempre.

O hamba da Huíla estranhou que nós tivéssemos chegado tão depressa e em tão boas condições físicas, dado que vínhamos lá do alto, das perigosas terras do Nano, de onde lhe chegavam as temíveis razias.

Aguardou que começássemos a falar. A falar, sim!, pois se havia coisa de que ele gostava muito era de uma boa conversa, palavras carregadas de muitas novidades, de muitas aventuras, entremeadas de sonoridades múltiplas, sons de palmas, sons das mulheres (gostava de ouvir as mulheres a ulularem alto e em coro, com as mãos a entrecortarem o som que lhes jorrava da boca), sons de bichos, sons da chuva, sons do vento...

Garcia agradeceu, cumprimentou-o como era de tradição e depois disse que iria continuar a falar através do seu intérprete oficial, o seu ajudante-de-campo. O hamba sorriu satisfeito e fez saber que gostaria de ouvir o canhina dele falar na língua dos nhanecas. Depois reparou em Almeida, muito atento a tudo, e que se encontrava um pouco atrás de mim.

Quem é esse aí? Não estava convosco quando daqui saíram.

Ah!, esse aí é um amigo de Caconda que veio connosco para conhecer a bela terra da Huíla, disse o tenente. E já agora, queria pedir ao grande hamba que lhe dê estadia por uma semana, pois ele não vai connosco para Mossamedes.

Nangolo achou estranho e intuitivamente desconfiou daquele homem das terras do Nano. O que queria ele dali? Vir de tão longe só para conhecer a Huíla? Seria um espião? Mas, enfim!, também não ia demonstrar receio de um homem só que por ali ficaria completamente à sua mercê. Respondeu que aceitava a estadia de Inocência d'Almeida e deixou de lhe prestar atenção.

Garcia quis saber, então, se havia notícias da embaixada que, segundo informações que obtivera, o soba do Jau teria enviado a Nangolo. Este, mostrando alguma surpresa e até um ligeiro ar de contrariedade, foi dizendo que não tinha havido problemas de maior, apenas uns arrufos sem consequências. “O velho hamba continua manhoso como sempre, não dizendo tudo, guardando informações só para si”, pensei. Tínhamos sido informados pelos nossos bate-dores de que a embaixada do Jau havia sido mal recebida e até humilhada por Nangolo. O soba da Huíla disfarçou, desviou a conversa para outros assuntos, mas acabou por ir dizendo que um dos motivos pelo qual havia dado uma lição ao Injau se devera à forma pouco simpática como ele havia recebido os presentes que Garcia lhe enviara, por ocasião da sua passagem por ali, a caminho de Caconda.

O Injau não respeita ninguém! É um cão raivoso que precisa de ser abatido!, gritou Nangolo, no que foi secundado pela cúa, o grito de guerra dos seus guerreiros. Depois, a um sinal seu, a reunião foi encerrada e cada um se retirou do terreiro.

* * *

Estava seriamente comprometida a paz entre os dois sobas vizinhos. A não conseguir-se um acordo entre os dois, só haverá mais problemas na região, impedindo que o sossego se instale e o comércio sertanejo entre o planalto central e o litoral de Mossamedes se concretize. E sem a riqueza que o comércio produz, Mossamedes continuaria pobre.

Mas, enfim!, sempre é melhor ter um dos sobas como aliado do que não ter nenhum, comentou Garcia. Concordei com ele.

Só mais tarde percebemos as verdadeiras dimensões da tragédia. Quatro aldeias do Jau tinham sido destruídas e todo o seu povo passado a fio de mutunga e a ponta de zagaia, contando-se por trezentas as pessoas mortas. Esperava-se, a todo o momento, pela retaliação do Injau. Garcia passou a informação de que seria melhor sairmos da Huíla o mais depressa possível. A mim disse que não poderiam deslocar-se até à campa de meu bisavô, como prometera. Não havia tempo e tudo indicava que devíamos efectuar uma retirada rápida do planalto. Fiquei com muita pena de não poder ir até ao local onde o meu bisavô lutara e caíra sob o ataque dos guerreiros do Nano, mas compreendi a posição do meu comandante. Apressando o regresso a Mossamedes, deixámos as margens do rio Lupolo e fomos pernoitar a meio caminho da Umpata. Pouco depois de ali termos chegado, os nossos batedores levaram até Garcia uma embaixada do Injau, que lhe solicitou a nossa permanência por mais três dias com o objectivo de efectuarmos uma mediação entre os sobas desavindos para a obtenção da paz. Mas Garcia, aconselhado pelos seus batedores, e também pela sua própria experiência, resolveu não aceitar e sair dali o mais depressa possível, não fossem as coisas piorarem.

Vamos! Soldados, estejam atentos! Tonguêna, manda avançar os batedores e os quimbares de guerra. Vamos, que não há tempo a perder!, ordenava o oficial, pois o seu instinto de guerreiro e a sua muita experiência no sertão diziam-lhe para partirmos de imediato. E ainda tínhamos o Bruco pela frente, cuja descida era sempre uma tarefa ingrata. Dir-se-ia que a natureza se esforçara por erguer uma barreira entre o litoral e o planalto, de modo a não deixar que os homens de um e do outro lado se encontrassem.

Mutunga – facção de dois gumes. (N.)

A descida foi lenta e cansativa. Quando os mais de 1800 metros de altitude foram vencidos, resolvemos descansar em Capangombe, onde pude, finalmente, deslocar-me ao velho cemitério em que se encontrava sepultada minha bisavó, Feliciano Pilarte.

Capítulo VIII

“As pedras, ao longo do caminho, começavam a aquecer ao sol. Souba avançava, penetrando cada vez mais fundo nas terras do reino, longe de Massaba e do seu clamor. Longe da guerra que ali nascia. Souba avançava sem saber para onde ia.”

(Laurent Gaudé – *A morte do rei Tsongor.*)

No meu regresso ao Bihé, três anos depois de por ali ter passado com o tenente Garcia, fui dando conta de muitas mudanças, e para pior. As guerras que devastavam Caconda e terras limítrofes foram tornando mais complicado o negócio e mais perigosas as viagens entre o Bihé e o litoral. Assim, as rotas comerciais começaram a mudar de orientação, cada vez mais viradas para o interior, fazendo-se mais atractivas na direcção oposta. E Cedofeito Silva era o primeiro a aconselhar-me a procurar outras paragens, menos perigosas e mais florescentes. Tornava-se necessário ir até mais longe para que o comércio fosse rentável, viajar por uma vastíssima zona que se estendia desde as confluências do Lungué-Bungo com o Zambeze até ao Baixo Cuando, no Sul, e às Cataratas Moziatunia, a Leste.

Durante a viagem, foi-me persuadindo a avançar até ao Lui, à terra do povo Lozi, no médio Zambeze, se quisesse crescer na actividade de comerciar, porque era lá que se encontrava, em grande quantidade, a cera e o precioso marfim. Um dente, hoje, é

Moziatunia - *cataratas Vitória.*

equivalente ao que valia um escravo há uns anos, informava-me Cedofeito Silva. Perante a minha passividade e incerteza quanto a praticar um comércio de grandes distâncias, que me levariam ainda mais para o interior, Cedofeito Silva apontava-me as vantagens que se abriam naquela importante região, cujos povos eram ricos em marfim, escravos, canoas, escudelas, peles de toda a espécie de animais, cereais, mel, sal e frutas. Não me esqueço dos amigos, dos que me deram a mão quando aqui cheguei, dizia-me ele, de olhar generoso. Eu encolhia os ombros e deixava-o falar, fingindo aceitar os seus conselhos, pois no íntimo, nada daquilo me atraía já. E Cedofeito Silva continuava a falar sobre as terras promissoras que descobrira e continuavam a querer atraí-lo para a grande aventura da sua vida.

Se quiser aproveitar esta oportunidade, pode seguir na próxima caravana que estou a preparar para o Lui, avançava o convite, olhando para mim fixamente. Estou a apontar para sair daqui em meados de Novembro. Aproveite Pilarte, aproveite, meu amigo!

Mas não estava interessado em afastar-me ainda mais do litoral, onde Garcia me aguardava para fazermos de Mossamedes uma terra melhor; também queria estar próximo da Huíla, da terra dos meus avós, o fresco planalto das minhas raízes. Adorava o seu clima e gostava das suas gentes. Nangolo recebia-me sempre bem e eu quase me sentia em casa. Queria, por isso, regressar ao litoral o mais brevemente possível e, desta vez, levar comigo a minha mulher, Angústia, e o meu filho, Paulino, para que este crescesse naquela terra, seguro por tão fortes alicerces.

Já não era eu a orientar Cedofeito Silva, como acontecera durante a grande quibuca de 1842, a sua primeira viagem até Benguela.

Lembra-se quando nos envolvemos à pancada no lamaçal, durante aquela grande chuvada?, perguntei.

Oh!, se me lembro!, exclamou Cedofeito com uma sonora gargalhada. Quase nos íamos matando um ao outro, pensando que era um bandido que havia penetrado no quilombo.

E a cena do escravo?, recordei.

Umhas lembranças a puxarem as outras.

Teve muita coragem ao enfrentar os principais da quibuca para salvar um escravo do chicote.

Cedofeito olhou fixamente para mim, tentando ainda convencerme das suas razões.

Olhe, caro amigo. As leis mudam porque se vai alterando o coração dos homens. Cada vez me convenço mais da justeza da abolição.

Depois afirmou, com convicção, que ainda não se havia arrependido do que fizera.

Chacahanga tem-me sido de grande valia. Libertei-o e ele ficou comigo. Por reconhecimento, por amizade.

O tempo fazia render a conversa, enquanto a caravana percorria lentamente, muito lentamente, a rota do nosso destino. Uma canção antiga, em umbundo, começou a ouvir-se.

Que voz! Quem canta assim?, perguntei.

Não ouvi Cedofeito responder-me, mas percebi que era Chacahanga a falar com os pássaros...

* * *

Nova guerra espreita no horizonte, desta feita para os lados do Dombe Grande. Mais uma vez Ferrão d'Andrade espia a guerra da sua fortaleza de Caconda. São muitos os buracos nas paredes da fortaleza. Cada buraco uma vigia. O comandante diz que a sua fortaleza é a que tem mais sentinelas no mundo. Por isso é a mais segura de todas.

O comandante tira a pala do olho vazado e pendura-a na orelha. É com esse olho que ele espreita lá para fora, espreita os arredores pelo canudo do olho. Fica satisfeito mas não diz porquê. Volta-se para dentro e grita uma ordem, um eco que vai batendo nos paus podres e nos adobes esboroados da fortaleza.

Da fortaleza sai um cavaleiro. Galopa camuflado por uma poeira avermelhada que acaba por cobrir a própria povoação. Dirige-se para além dela e interna-se na mata circundante. Em breve seria

convocada a guerra preta para combater os mundombes.

Mas Ferrão d'Andrade sabe que desta vez não será fácil contar com as forças aliadas. Seria preciso aguçar-lhes o apetite pelo saque, mais do que alimentar-lhes o gosto pela guerra ou o interesse pelo simples apoio ao aliado da fortaleza. Poucos dos tradicionais aliados tinham aparecido à primeira chamada e, assim, o soba do Dombe Grande da Quizamba continuava impune, a merecer um castigo que tardava em chegar.

Era tão importante arregimentar um tão grande número de homens que já lhe tinha passado pela cabeça convocar os moradores que ainda estivessem em condições físicas de entrar numa guerra. Quanto ao seu amigo de Caluquembe, bastaria um pequeno sinal seu para que ele se aprontasse de imediato para o combate, fiel como sempre, disponível para a guerra mais do que qualquer outro.

Como gostava Lopo Chaves de avançar para o terreno onde os homens se defrontavam com violência! Era por isso que se entendiam muito bem aqueles dois. Se Caconda pedia auxílio, Caluquembe era a primeira a estar presente; se Caluquembe iniciava uma refrega, era Caconda a primeiríssima a enviar gente de guerra para avançar.

Mas Andrade queria primeiro ver se conseguia resolver as coisas com as suas próprias forças e as dos aliados. Deixaria os guerreiros de Lopo Chaves para uma necessidade premente, para uma situação menos favorável. Deste modo sentia-se melhor, mais seguro, pois sabia que, em qualquer momento, poderia utilizá-los como um trunfo.

Seguiram-se dez longos meses de aturadas conversas com os sobas aliados da Quibanda, Cumbira, Galanga e Quipeio, para que estes convocassem os seus guerreiros e se juntassem à campanha. Quando tudo fazia prever um fracasso, teve uma boa notícia. A caminho da fortaleza dirigiam-se dois mil homens prontos para o combate, aos quais se agregariam trinta e dois soldados e alguns moradores de Caconda.

Guerra Preta – nome que se dava à tropa de auxiliares negros do exército português, ou dos exércitos particulares de alguns dos mais influentes moradores.

O comandante, ciente da pouca qualidade da sua artilharia, mandou que procurassem bem entre as suas armas as que garantiam alguns disparos. Em pouco tempo soube que apenas poderia contar com duas peças nessas condições.

* * *

Para a Hanha da Quibonga já!, ecoou a ordem do comandante nos ouvidos dos homens reunidos no terreiro da fortaleza, naquela madrugada do dia 5 de Outubro de 1846. Não seria preciso muito tempo para perceberem que não eram bem recebidos na Hanha da Quibonga, pois nenhum guerreiro se juntou a eles e, sobretudo, nenhum camponês lhes forneceu água e comida. Souberam depois que o próprio soba ordenara às populações que não dessem alimentos ao exército, o que criou um mal-estar geral. Os lungas aliados deram a entender ao capitão Andrade que sem comida, os guerreiros regressariam às suas terras. Na eminência de ficar apenas com os trinta e dois soldados e os voluntários, Andrade concordou com a pilhagem.

Ouviu-se então um clamor que fez espantar todos os pássaros das árvores, todos os animais das vissapas, todos os lagartos das pedras. Parecia um enxame de marimbondos ao ataque, de ferrão venenoso pronto a espetar. Depois do clamor de guerra ter passado, só os gritos dos feridos antecederam o silêncio da morte, a pairar sobre tudo. As aldeias da Hanha da Quibonga foram razidas e, depois de reunido o gado e os escravos, os sobas aliados, satisfeitos com o saque, entenderam que não valia a pena continuar na coligação e mandaram que os seus guerreiros regressassem às suas terras.

Não se pode confiar nesta gente!, gritava o capitão, com o olho são a faiscar de cólera, o olho que lhe permitiu guardar a imagem do último guerreiro aliado a desaparecer na distância. Com ele apenas

Lunga – chefe de um grupo de guerreiros. (U.). O mesmo que Lenga. (C.)

Marimbondo – insecto da família das vespas, de mari'mbondo. (K.)

tinham ficado os magros soldados da fortaleza e os moradores voluntários.

Valerá a pena prosseguir? Com estas forças sem força nunca chegaremos ao Dombe Grande, nunca!, exclamava, irado.

Decidiu depois que era o momento de recorrer ao regente da fortaleza de Quilengues e ao seu velho amigo de Caluquembe. Enviou, então, um mensageiro a solicitar-lhes apoio. Três dias depois, chegavam dez soldados e duzentos homens da guerra preta enviados de Quilengues e quinhentos quimbares de guerra de Lopo Chaves, comandados por ele próprio. A todos ia animando com a possibilidade dum bom saque nas terras e libatas dos revoltosos.

* * *

Uma sombra projectou-se sobre a tenda de Ferrão d'Andrade, formando uma estranha imagem, alongada, como a de uma serpente.

Entre, meu amigo! Entre logo!

Lopo Chaves deu entrada na tenda, cumprimentou o oficial e, sem demora, começou a explicar-lhe ao que vinha.

Está lá fora uma pessoa que nos poderá ajudar e da melhor maneira..., sibilou.

Ajudar?, mas já não está tudo resolvido? Não ficou acordado que se aguardaria pelo saque que fizemos no Dombe Grande?, questionou Andrade, com a pala por cima da orelha.

Não se trata disso! É que está lá fora Canduco..., voltou a sibilar Lopo Chaves.

O João Lourenço Borges?, perguntou admirado o capitão.

Sim! Ele em pessoa.

Mas com que objectivo?

Ele lho dirá.

Eu sei que ele é um experimentado capitão de guerra preta... mas não quis entrar nesta guerra quando eu o questionei.

Pois é, mas..., tentou explicar o visitante, já um pouco impaciente. É que ele tem um plano interessante... não o quer ouvir?

Ferrão d'Andrade, silencioso, olhou para Lopo Chaves. No seu olho são notava-se aquele brilho perigoso, raiado de sangue, que tanto atraía o amigo de Caluquembe. Sempre que o olho de Ferrão d'Andrade brilhava assim, como os reflexos da luz a incidir na lâmina fria dum facão de mato acabado de usar, Lopo Chaves vibrava por dentro, atraído pelo fascínio da luta e do sangue...

Ouviu-se um longo assobio e, quase de imediato, ouviram-se os passos de alguém que se aproximava. Uma figura assomou à porta da tenda.

Entre, Canduco! Bem-vindo ao acampamento, disse-lhe Andrade.

O recém-chegado, magro e de alta estatura, cumprimentou o anfitrião com muita e prolongada cortesia, ao estilo da terra. Via-se que sentia prazer em falar. De tal forma prolongava o discurso inicial que Andrade teve necessidade de o interromper e de lhe pedir que fosse directo ao assunto.

Perto daqui, fez quilombo uma quibuca de gente do Bihé, dum tal Cedofeito Silva. Mais atrás, já perto do Quingolo, vem outra, ainda mais gorda..., explicou Canduco, deixando passar reticências na voz rouca. Depois, suspendendo a palavra, sorriu e deixou ver a dentadura muito branca.

E então?, perguntou Andrade.

É que, nessa quibuca tem muita e boa mercadoria, concluiu.

Andrade começou a sentir mais interesse pelo recém-chegado.

A que vem mais atrasada?, perguntou.

Sim, essa mesma!, respondeu Canduco.

E quem é o sertanejo?

Um fraco filho do Bihé.

Quem?

Um comerciante.

Isso já disse! E desembuche depressa, que eu não tenho o tempo todo para estar par'aqui a ouvir as suas histórias.

Canduco explicou, então, que se tratava de Dos Santos, morador na Camanha.

E pagar a guerra do rei, pagaram?, quis saber Andrade.

Qual quê! Pagar é que não é com eles, só receber, interveio Lopo Chaves.

Canduco abanava a cabeça a concordar.

E nós a precisar tanto de fazenda para atrair aliados, comentou Andrade.

Lopo Chaves assentiu com um murmúrio quase inaudível e Canduco aproveitou a oportunidade.

Eu próprio posso ir em nome do meu comandante – e em nome do soba do Uambo se for necessário – até à quibuca mais próxima, a do Cedofeito Silva. O meu irmão poderá ir até à mais atrasada, a do Dos Santos.

E o que tem o seu irmão a ver com isto?, questionou Andrade, sem perceber as razões que levavam Canduco a querer meter o irmão no assunto.

Canduco sorriu os lábios grossos, palpebrou os olhos fundos e lá foi explicando que sempre era melhor, mais prudente, ver de perto as quibucas, perceber melhor a quantidade da fazenda que transportavam e o valor que tinham, avaliar as suas forças em bocas-de-fogo e em arcos-de-flecha e que nisso o seu irmão era muito experimentado e de confiança.

Chaves aproximou-se do comandante e cochichou-lhe algo ao ouvido. Andrade encolheu os ombros e falou para Canduco.

Pois bem!, não percam tempo e vão lá espiolhar essas quibucas do Bihé.

* * *

Cedofeito Silva aguardava por um homem que se dizia enviado do comandante de Caconda, para com ele tratar de um assunto de vida... ou de morte.

Estranho!, exclamou, olhando para mim. Já ouviu falar dum tal Canduco?

Sim! É muito conhecido por estas bandas, pois temem-no por ser um cruel chefe de guerra preta. Diz-se que é filho dum rico comerciante de escravos, já falecido.

Pois é esse homem que está para chegar. Vamos ver ao que vem...

Canduco chegou passado pouco tempo. Depressa Cedofeito Silva se cansou dele e da sua conversa insidiosa, a denunciar artimanhas e armadilhas. A um canto da tenda, acocorado, estava Chacahanga, que fingia não estar atento à conversa. Via-se que ao visitante não agradava nada a sua presença. Ainda tentou que o seu anfitrião o dispensasse, mas foi em vão. Aproveitámos, Cedofeito Silva e eu, para o informarmos que tínhamos muita pressa em chegar ao Bihé, ele por imperativos profissionais, eu por motivos familiares. Já não ia a casa há quase quatro anos e aproveitava a viagem de regresso de Cedofeito Silva para também regressar. Ambos já percebêramos que a visita de Canduco não pressagiava nada de bom.

Fingindo nada perceber do nosso aborrecimento, ia dizendo que seria bom darmos apoio ao Comandante de Caconda, que ele estava a fazer a “guerra do rei” para garantir a segurança das populações, que os mundombes à quem se queria levar a guerra eram cães a precisar de uma lição, que isto, que aquilo.

Perante a nossa impaciência, repetia que não iria demorar-se muito, que ali estava a mando do soba do Uambo e por ordem do homem forte de Caconda, para informar que eles iam levar a guerra aos mundombes.

Outra vez? Mas ainda no ano passado o governador de Benguela mandou o chefe de Caconda atacar essa gente!, ripostou Cedofeito Silva, mostrando bem o seu desagrado. É que, de cada vez que há guerra na região o comércio degrada-se e isso não é bom para os comerciantes nem para o povo.

Canduco riu, fingiu que matava um mosquito, mais um, mais outro. Depois esfregou as mãos, uma na outra, como que a limpá-las dos restos dos insectos mortos e dispôs-se a continuar o seu discurso, como se nós estivéssemos ali suspensos do seu verbo.

É que... tem aí um problema muito gordo! A gente do Dombe Grande da Quizamba é inimiga, perigosa, sempre a se revoltar e a roubar à toa. Precisam d’uma guerra p’ra serem castigados e deixarem de fazer razias. Inda por cima o soba do Galangue ameaçou atacar e arrasar Caconda.

Arrasar Caconda?, interrogou Cedofeito Silva, incrédulo.

Sim, Sim! Mas o capitão Andrade estava atento e não gostou da ameaça. Por isso, mandou avisar os sobas aliados e os brancos-da-terra para estarem preparados na defesa. Eu lhe ouvi dizer que a melhor defesa era o ataque e por isso começou logo a preparar uma guerra contra mundombes, para terem mais respeito e...

Cedofeito Silva interrompeu-o, já cansado de ouvir Canduco. Eu, que tinha estado calado a observar as suas poses e palavras, estava preocupado. Tudo apontava para uma grande agitação nas terras que tínhamos que atravessar e eu queria chegar logo à minha libata. Nada lhe garantia que o desbocado do Canduco não estivesse a mentir mas, por questões de segurança e de bom senso, era melhor abandonar aquelas terras o mais depressa possível. Cedofeito Silva, antes de mandar chamar os seus pombeiros para lhes dar novas orientações, quis falar a sós com Chacahanga. Deixei-os sozinhos e, pouco depois, o quilombo era levantado com rapidez e prosseguimos a viagem.

No dia seguinte, um morador fugido do Uambo foi ao encontro da quibuca, pediu protecção e incorporou-se na comitiva, oferecendo-se para ir trabalhar para o Bihé. Entretanto, ia dando informações a Cedofeito Silva e a mim, que o escutávamos atentamente, porém com alguma desconfiança.

Com que então a guerra está p'ra durar, não é assim?, perguntei-lhe.

Pois é! Os conflitos são muitos e é melhor terem muito cuidado, pois os caminhos do Uambo ficaram perigosos, logo depois da saída da vossa quibuca.

E qual é a explicação para isso?, perguntou Cedofeito Silva.

Canduco não só convocou a guerra do soba do Uambo, como as dos sobas do Bailundo, Quibanda e Quiaca, respondeu ele.

Mas essa gente toda?, questionei, surpreendido.

O fugitivo morador do Uambo, mostrando um ar compungido, informou que as terras haviam ficado vazias, pois o saque era tão prometedor que, até os jovens que ainda nem sequer guerreiros

eram, tinham participado para poderem ter lugar na repartição dos despojos.

Comitiva que tenha a desgraça de se encontrar com a guerra preta, sem que tenha havido participação antecipada ao soba ou a quem esteja à testa da guerra, está perdida, comentou.

Bem! Como neste caso se trata de guerra do rei, uma quibuca poderá seguir o caminho do presídio de Caconda e ali pedir protecção, disse Cedofeito Silva.

Seria a única esperança! Como não é uma guerra convocada pelo gentio, mas sim pelo representante do Muene Puto, há sempre a possibilidade de se encontrarem soldados a enquadrar a guerra preta, observou o fugitivo, respirando de alívio por se encontrar já fora daquelas terras.

* * *

Eu estava de regresso ao Bihé na companhia de Cedofeito Silva. Desta vez era a mim que cabia ir na quibuca dele. Estivera quatro anos longe de minha mulher e de meu filho, ajudando o tenente Garcia no governo de Mossamedes e a acompanhá-lo nas suas viagens, sempre tão repetidas, sempre tão exigentes e potencialmente perigosas. E foi numa dessas viagens que conheci a fortaleza de Caconda, disse-lhe. Recordo-me que, nessa altura, estava num estado lastimoso e as praças mais pareciam um bando de miseráveis, comentei.

Então as coisas devem ter mudado bastante nos últimos anos, para o seu comandante ter a ousadia de andar por aí a mostrar o músculo, interveio Cedofeito Silva, um tanto incrédulo.

Ou o contrário!, disse-lhe eu. Deve querer arranjar os cabedais e a fazenda que não tem, mesmo que à custa de guerra e de saque. Nessa altura, para além de ter conhecido o comandante da fortaleza de Caconda, também conheci o seu amigo do peito, Lopo Chaves, o conhecido morador de Caluquembe.

Ah!, a propósito de Lopo Chaves, ouvi uma notícia um tanto estranha, que tinha morto por ciúmes, de forma bárbara, um oficial que por lá passou, a caminho de Caconda, interveio Cedofeito Silva.

Senti um frio na espinha.

Lopo Chaves matou por... ciúmes? De quem?

Ora de quem havia de ser, de sua mulher.

Dona Xandrinha?, perguntei.

Acho que sim!, respondeu Cedofeito Silva.

E aconteceu-lhe alguma coisa?, voltei a perguntar, sem esconder a minha ansiedade.

Que eu saiba, Lopo Chaves esteve uns tempos de tocha às avessas com o seu velho amigo, pois o tal oficial fora-lhe apresentado por Ferrão d'Andrade.

Mas não era de Lopo Chaves nem do homem que ele matara que eu queria saber. O meu interesse, reavivado, era por outra pessoa, que eu pensava estar esquecida.

E dona Xandrinha?

Quem?, indagou Cedofeito Silva.

Dona Xandrinha, a esposa de Lopo Chaves, não lhe aconteceu nada?

Ah!, a essa nunca nada acontece! Diz-se que tem o marido enfeitado, que é dona de feitiços.

Feitiços? Que feitiços?

É o que se diz pelos caminhos que ligam estas povoações, que dona Xandrinha é um poço de sortilégios, manipuladora de forças estranhas...

Estranho!, murmurei.

Um incómodo silêncio fez-se sentir.

Chegou a conhecer dona Xandrinha?, perguntou Cedofeito Silva.

Eu, não!, menti.

E menti também para mim, que não via jeito de chegar a casa, às ternuras de minha mulher, às atenções e cuidados da boa mãe de família e suporte da minha libata. Passados estes quatro anos, o meu filho estaria um homem e um certo temor de o encontrar misturava-se com a saudade pouco acalmada pelas raras mucandas trocadas nestes anos.

Dois dias depois abracei-os. Nesse abraço senti um cheiro forte e envolvente a rosas bravas.

* * *

Quando a notícia do ataque à quibuca de Dos Santos chegou aos ouvidos do soba do Bihé, este mandou de imediato chamar o capitão-mor, Francisco Coimbra. Esbracejando muito, disse-lhe que estava terrivelmente aborrecido com o sucedido, que a quibuca de Dos Santos fora atacada pela guerra do rei sem qualquer justificação e que nela vinha muita carga que lhe pertencia.

Quero que mande chamar com urgência todos os moradores para se reunirem aqui na libata grande, dentro de três dias!, gritou o soba, secundado pelos seus acompanhantes, num eco fortíssimo que cortou os ares bienos e quase ensurdeceu o capitão-mor.

Assim farei, ó grande soba! Assim farei!, conseguiu balbuciar o capitão-mor.

Algum tempo depois, ganhou coragem para lhe dizer o que sabia, que o comandante da fortaleza de Caconda tinha levantado arraial contra os mundombes com o auxílio da guerra preta de Canduco.

O soba, furibundo, de dedo esticado como uma zagaia ao peito do capitão-mor, fez uma acusação de peso.

Quero lá saber da guerra do rei e da guerra do Canduco! Para mim é tudo a mesma coisa... coisa de brancos, sejam eles mais brancos como o rei, sejam eles mais pretos como Canduco! Não andam ambos de calças e sapatos? Eu quero receber já a minha fazenda e os meus escravos.

Desta vez não houve eco, apenas se ouviram, mais intensos, os gritos dos macacos pendurados no arvoredos.

O soba deu a reunião por encerrada e o capitão-mor retirou-se com a preocupação a ensombrar-lhe o rosto.

Branco – em geral, por estas paragens dão o nome de branco a todas aquelas pessoas que vestem calças, sem excepção de cor e menos de condição, bastando para isso possuir alguma fazenda (Silva Porto – Viagens e apontamentos).

A ser verdade, não sei como se vai poder resolver este problema!, murmurava, enquanto se dirigia para a sua residência. Sabia, por experiência própria, como era difícil, por vezes, conciliar os interesses dos potentados independentes com os das autoridades representativas do Muene Puto e ainda com os dos sobas vassalos ou aliados. Teria que mandar avisar todos os sertanejos de passagem pela terra, pois convinha que não faltasse nenhum.

Eu fui o primeiro a chegar à sua residência e Coimbra estava alterado. Não gostei nada da forma como o soba me falou!, confidenciou-me. E foi a primeira vez que lá fui sem ele me oferecer um pouco de capata. A coisa é mesmo grave!

Enquanto falava, o capitão-mor andava de um lado para o outro, tentando dissipar os nervos. Inesperadamente, do meio das vissapas chegou-lhe um som familiar. Primeiro um arrastar de perna pelo capinzal, depois a voz de Catonhotonto.

Saminha, saminha o capitão-mor do Bihé! Se o medo pode ser cobra, o soba pode virar jacaré!

Coimbra dirigiu-se à porta aberta da varanda, já irritado.

Cala-te, Catonhotonto! Hoje não estou com pachorra prás tuas cantorias.

Coimbra fez um gesto de impaciência com a mão larga, quase uma pá de tão grande, e afastou-se pesadamente da sala onde estávamos.

De Catonhotonto ouviu-se só o arrastar da perna, ora mais perto ora mais longe, como se andasse em círculos.

* * *

Passeava-me à sombra de uma das frondosas mulembas da minha libata, quando fui informado de que havia chegado um enviado do soba Riambula. A sensação que causou a visita foi pouco agradável, pois a má nova do arraial que se levantara no Uambo era já do conhecimento geral e pressentia-se que a visita tinha relação com isso. Dei ordens para que o emissário do soba fosse recebido de imediato e logo percebi que a situação era grave. Terminada a

rápida conversa, o homem retirou-se e eu preparei-me para ir à ombala grande.

O alvoroço ia aumentando à medida que me aproximava da residência do soba. Muito povo se dirigia para lá, ao mesmo tempo que o capitão-mor Coimbra, ladeado pelos moradores mais importantes. A reunião seria na grande tchila, no terreiro onde eram discutidos os assuntos considerados de maior importância e tomadas as mais relevantes decisões.

Quando o terreiro ficou repleto, o soba fez um sinal e deram entrada os quinze componentes da quibuca que haviam escapado à fúria dos assaltantes.

Era grande a comitiva de Dos Santos?, indaguei junto do capitão-mor.

Era das grandes, sim! Mais de oitocentas pessoas.

E quando se soube do assalto?

O capitão-mor, mostrando grande preocupação, esclareceu que os seus informantes não tinham sido lesto e coincidentes nas notícias que lhe haviam trazido. Depois, virando-se para Cedofeito Silva questionou-o sobre o acontecimento.

Esclareça-me uma coisa. Ouvi dizer que Canduco foi ao seu encontro e que lhe pediu para avisarem os sertanejos do Bihé sobre a guerra que se aproximava. Foi assim ou não?

De facto, Canduco apareceu-me lá a falar da guerra que, a partir de Caconda se ia alastrar até ao litoral de Benguela, que nos aconselhava a fugir dali o quanto antes.

E então? Foi avisado ou não foi?

Bem! Sabe como Canduco é. Fala, fala mas... diz muito pouco.

Como assim?

Sem ter entendido muito bem qual era a verdadeira dimensão das coisas, foi por instinto que resolvi regressar a casa o mais depressa possível. E só quando cheguei ao Bihé tive a certeza de que as quibucas de Dos Santos e do Candimba se haviam atrasado. Mas já não havia possibilidade de avisá-los.

O capitão-mor abanou a cabeça e fez tilintar um fio de amuletos que trazia ao pescoço. Deles reconhecia-se uma unha de leão e uma

roda de metal cujo centro era preenchido pelo deus hindu Shiva, o destruidor.

Estima-se que uma quarta parte da quibuca de Dos Santos foi devorada por essa guerra dos diabos...

Mas que guerra?, perguntaram os outros em unísono.

Uma guerra da iniciativa do governador de Benguela e do comandante da fortaleza de Caconda e que se alastra pelas terras do Uambo.

E contra quem?, perguntei ao capitão-mor.

Ora contra quem!? Contra... contra... sei lá contra quem!

Os moradores que o acompanhavam ficaram de boca aberta. Coimbra, percebendo que tinha ido longe demais na demonstração do seu total desconhecimento da realidade, ainda tentou disfarçar, mas em vão.

Cedofeito Silva tentou melhorar o ambiente com algumas explicações.

O que se diz por aí é que se trata de uma guerra do rei, duma guerra do Muene Puto e dos sobas seus aliados contra o Dombe Grande da Quizamba.

Estamos perdidos!, gemeram alguns.

Se Riambula acreditar mesmo que foram os da guerra do rei que lhe rapinaram as fazendas e os escravos, julgo que a nossa situação se complica muito, fez-se ouvir o capitão-mor, fazendo tilintar Shiva, o amuleto trazido por um antepassado da Índia distante.

* * *

A quibuca de Dos Santos, logo que chegou ao Quingolo, sensivelmente a meio caminho da sua viagem de Benguela ao Bihé, resolveu parar e assentar acampamento não só para descansarem da marcha forçada do último dia, como para deliberarem o que haviam de fazer face aos últimos acontecimentos. O sertanejo, agitado, dava ordens no sentido de que todos os principais da quibuca se reunissem de imediato, para despachar os mensageiros para a fortaleza de Caconda. Não havia tempo a perder, pois era

necessária autorização do comandante para a comitiva transitar pela jurisdição do seu comando. E assim foi feito. Fez-se a reunião dos principais e foram escolhidos os mensageiros que logo puseram botas a caminho. Após algum tempo regressaram com uma escolta de soldados, comandados pelo irmão do próprio Canduco. Dos Santos perguntou-lhe o que deveriam fazer para garantirem a passagem até ao Bihé. O mano Canduco respondeu que teriam que ir à fortaleza de Caconda, pagar o tributo de guerra e pedir conselho ao comandante.

E não é perigoso ir por aí até à fortaleza?

Nós protegemos os vossos mensageiros, respondeu o mano Canduco.

Dos Santos, desconfiado, tentava mostrar que não estava atemorizado com a situação. Não queria que o recém-chegado pensasse que o tinha na mão. Mostrar medo era o pior que podia fazer.

Os mensageiros da caravana seguiram em direcção à fortaleza de Caconda, escoltados pelo mano Canduco. Lá, aguardava-os o comandante Ferrão d'Andrade e o seu aliado, Lopo Chaves de Caluquembe. Este, quando viu os mensageiros aproximarem-se, começou a murmurar com azedume considerações sobre comerciantes do Bihé, com o objectivo de acicatar ainda mais o comandante contra os recém-chegados.

Estão mesmo a precisar d'uma lição! Andam por aí sem dar cavaco a ninguém, como se fosse tudo deles. É só enriquecer depressa com a venda de produtos de fraca qualidade e, ainda por cima exigem segurança das autoridades!

É um abuso!, completou o comandante, de cenho franzido na direcção dos mensageiros. Depois avisou-os que chegara a altura de os comerciantes pagarem o preço de décadas de protecção e segurança das suas vidas e dos seus haveres.

Um silenciozinho de convivência fez-se sentir por momentos. Os dois amigos sabiam que tinham que garantir um bom saque aos seus aliados para que eles sentissem vontade de continuar a guerra, sobretudo a maior delas, que era a que se desenhava lá para os

lados do Dombe Grande da Quizamba.

Já que não querem a bem, querem a mal!, gritou Ferrão d'Andrade, querendo acreditar que o saque previsto à quibuca de Dos Santos seria o tributo de guerra cobrado aos sertanejos para apoio à guerra do rei... a não ser que quisessem pagar naquele momento as prestações que eram devidas em tempo de "guerra do rei".

Foi com este espírito, pouco compreensivo, que o comandante da fortaleza de Caconda esteve em reunião com os representantes da quibuca de Dos Santos, após uma breve conversa, a sós, com o mano Canduco. O comandante aguardou, então, pelas prestações. Quando olhou para o que lhe entregavam, fez uma careta de desprezo.

Só isso? Para que nos servem só trinta enxadas? Terá que ser, no mínimo, o dobro.

Os emissários da quibuca arregalaram os olhos de surpresa.

Mas..., vossa senhoria não vê que para nós já é uma quantidade muito grande? Não valerá a pena fazermos estas viagens tão longas e perigosas se, no final, o lucro se dissipar desta forma.

Lopo Chaves deu uma gargalhada.

O mano Canduco riu alarvemente.

Andrade barafustou, impaciente. O seu olho mau, destapado, parecia o cano de uma lazarina pronta a fazer fogo.

Vocês estão muito mal habituados! Ou pagam ou... ou... não têm protecção e vão dar-se muito mal, ouviram bem?, gritou, desalmado.

Tremeram os mensageiros com a inusitada situação. Olharam uns para outros em aflição e sentiram que a coisa estava preta, mais preta que a cor do mano Canduco. Resolveram, então, dar as enxadas que tinham, sem sobrar uma que fosse.

Já na posse das sessenta enxadas, sua senhoria, o comandante de Caconda, facultou licença para seguirem viagem... garantida que estaria a sua protecção.

Dos Santos não conseguia estar calmo. As vociferações e ameaças veladas que soube terem sido vomitadas pelo colérico comandante não o tranquilizavam nada. Daí que tenha dado ordens aos seus pombeiros para fazerem uma paragem no lugar conhecido por Cabeça de Ladrão. Ali se reuniram os sertanejos, pombeiros e restantes elementos da comitiva, para deliberarem qual o caminho que deviam seguir.

A cabeça desse ladrão é que devia estar aqui, espetada num pau, para todos a verem e justificar o nome deste lugar!, dizia Dos Santos, a pensar no comandante Ferrão d'Andrade.

Eu acho que devemos mudar de rumo, disse um dos mensageiros.

Porquê? Já se pagou tributo ao comandante de Caconda e isso é garantia de que podemos prosseguir o nosso caminho habitual, afirmou Dos Santos.

Algo me diz que devemos desviar mais para o norte, não ir pelo caminho que toda a gente espera que vai ser o nosso, por precaução. É que a recepção de Caconda não anunciava nada de bom...

Convencido, Dos Santos mostrou-se favorável ao desvio pelo caminho da terra de Quicama, reino mbundo situado entre a Hanha e o Quiquete, mais a norte.

No dia seguinte, prosseguiram a marcha e, ao chegarem à Anha de Baixo, os pombeiros vieram dizer a Dos Santos que se tinha apresentado de novo o mano Canduco.

Outra vez?

De novo e sem ter sido convidado, apresentava-se o mesmo indivíduo com uma escolta de soldados.

Que venha falar comigo!

Dos Santos preparou-se para enfrentar o recém-chegado.

Quando chegou, mano Canduco apenas lhe disse, e de forma insolente, que vinha a mando do comandante da fortaleza para os proteger. Quando lhe perguntaram como havia sabido da mudança de rumo, respondeu com um sorriso de desdém, que, por estarem em guerra, sabiam de todas as movimentações no terreno.

Não foi difícil saber..., grasnou.

A partir dali, quem orientou a caminhada foi o mano Canduco e a quibuca limitou-se a segui-lo até à Anha de Cima, na margem direita do rio Lotira. E foi no centro do arraial da guerra do rei que mandaram que assentassem quilombo.

Dos Santos, se desconfiado estava, mais ficou quando soube a localização do quilombo. Quando quis questionar, apenas lhe disseram que essa decisão era uma ordem de Ferrão d'Andrade, o comandante de Caconda.

Estão a mangar connosco, está visto! É a primeira vez na minha vida que acampo mesmo no centro duma guerra, no meio da tempestade, protestava o sertanejo, sem que lhe dessem atenção. O mano Canduco até chegou a virar-lhe as costas e a cuspir para o chão, em sinal de desprezo. Dos Santos exigiu, então, ser atendido pelo comandante, pois queria transmitir-lhe um segredo que, provavelmente, lhe seria benéfico naquela guerra. Ao ouvir falar num segredo que poderia trazer benefícios, o mano Canduco voltou-se, abriu a boca num riso que lhe aclarou o rosto escuro e apressou-se a conduzir Dos Santos e mais três sertanejos até ao comandante.

Desta vez, tentaram apresentar-se com um ar mais tranquilo, como se sentissem seguros da sua protecção. Combinaram até, em sinal de agradecimento, oferecerem-lhe refrescos que tinham comprado em Benguela. Contudo, quando se apresentaram perante ele, foram recebidos desabridamente.

Refrescos?, mas que porra é esta?

São refrescos especiais, de Benguela...

Quero lá saber dos refrescos!

Mas... são de Benguela, meu comandante.

De Benguela ou da Catumbela, tanto me faz. Não quero porralhada de refresco nenhum.

O olho vazado do comandante fuzilava. Na orelha esquerda descansava a pala de couro, silenciosa e baça.

Dos Santos sentiu uma tontura e um arrepio num dos braços, mas refez-se depressa. O comandante espumava de braveza.

O que nós queremos são fazendas, pólvora e aguardente para

distribuir aos nossos aliados. Quais refrescos quais carapuças!

Vossa senhoria vai desculpar-me, mas não temos nada a ver com esta guerra. Somos moradores do Bihé e apenas nos encontramos aqui de passagem.

Nada têm a ver? Om'essa!, exclamou encolerizado, de olho vazado a fogachar o atemorizado interlocutor que esteve vai não vai para bater em retirada. E a voz do comandante continuava a ecoar, brusca e pesada:

Trata-se d'uma guerra do rei. Por isso, todos os súbditos de sua majestade têm o dever de participar nela.

Os sertanejos nem queriam acreditar no que ouviam.

Participar numa guerra?, interrogaram-se em uníssonos.

Sim! Claro! Nós, os soldados, participamos com a nossa bravura e o nosso sangue; vocês, comerciantes, com os vossos cabedais e produtos. Por isso têm que pagar os quintos da nação.

Dos Santos fixou a pala na orelha para se distrair do olho vazado e sentiu a pele do braço a comichar. Sempre que se enervava acontecia-lhe aquilo.

Tem aloé aqui?, perguntou de sopetão, interrompendo o sermão do comandante.

O quê?

Tem aloé aqui?

Não percebo!

É que só a seiva do aloé acalma o meu braço quando ele fica assim.

Ferrão d'Andrade nem queria acreditar. Aquele estúpido comerciante atrevia-se a interrompê-lo com um probleminha de pele quando o que estava em jogo era uma guerra.

Uma irritação na pele?, perguntou com uma estranha e repentina calma, colocando, pela primeira vez, a pala no respectivo olho.

Sim! E das gordas, respondeu Dos Santos com um sorriso, a julgar que, finalmente, o comandante se humanizara. "Não há como uma doenzazinha para amainar as coisas", ainda teve tempo de pensar. Mas foi sol de pouca dura. O comandante deu um pulo e atirou-lhe com as alpercatas às pernas. Enquanto este se encolhia,

surpreendido, voltou a tirar a pala do olho e fuzilou-o sem apelo nem agravo.

Irritado pôs-me agora você! E não há a porra de aloé nenhum que me cure desta raiva que sinto agora. RUA!

Estava terminada a reunião e de uma forma que não augurava nada de bom. Desalentados, os sertanejos desapareceram por entre os soldados e homens da guerra preta do comandante da fortaleza de Caconda, que os olhavam ameaçadores uns, com alguma vontade de rir, outros.

Chegados ao acampamento, Dos Santos deu ordem aos seus pombeiros que providenciassem a entrega dos produtos que a gente da guerra queria. Estava completamente nas suas mãos e nada havia a fazer. Ele próprio foi, depois, verificar o que saía do seu quilombo para o arraial. Todos os objectos reclamados foram entregues, sem excepção, sendo-lhes então facultada licença de seguirem viagem em companhia de uma escolta, para não sofrerem, diziam, dano algum.

No dia seguinte, pelas cinco horas da manhã, a quibuca iniciou a marcha do dia. Dos Santos tinha-lhes dado ordens para que se comesçasse a viagem o mais cedo possível. Não havia tempo a perder. O sertanejo só se sentiria tranquilo quando chegassem ao seu Bihé. Mas ainda se achavam no quilombo quando ouviram grandes descargas de tiros.

Traição! Traição!, ouviu-se gritar.

A confusão era geral. Dos Santos meteu uma bala na sua reiuna e correu para o grupo de guardas da quibuca que se encontrava mais próximo.

É uma cilada!, gritou. Preparem a defesa.

Os pombeiros davam indicações aos carregadores para que se escondessem nas bermas do caminho, onde o mato se adensava.

Mas a defesa já não foi possível.

Agora percebo a razão por que nos fizeram assentar quilombo no meio do arraial da guerra, gemeu Dos Santos.

Estamos cercados! Não podemos fazer nada, estamos cercados!, confessavam os pombeiros, tentando demover o sertanejo de

qualquer resistência. Mas Dos Santos, teimosamente, queria dar uma resposta, não se queria deixar ficar, ser roubado sem nenhuma oposição. E os pombeiros voltavam a suplicar, ñgala, ñgala, se resistimos morremos todos! Mas o sertanejo, de cabeça perdida, queria ripostar, avançava sozinho de reiuna empunhada, de olhos arregalados e narinas em arco, a assobiar uma respiração excitada, na vã tentativa de salvar os seus bens, e os dos outros, à sua guarda, na quibuca.

Foi em vão e o saque geral. Quer os soldados do rei quer os aliados da guerra preta levaram tudo, fazendas, bebidas, mil e um produtos diversos que vinham de Benguela. Se de um dos lados se gritava de medo, de raiva ou de dor, do outro gritava-se de prazer e de cobiça.

* * *

No Bihé, na ombala do soba Riambula, uma onda de excitação cavalgava toda a gente e até os cães ganiam e se escondiam por detrás das cubatas. Quando o soba se pôs a chorar com todo o vigor, a vaga alterou-se ainda mais, fazendo engrossar o furor do povo ali presente. Não demorou a ouvir-se, que, seria melhor abater os sertanejos e suas famílias e ocupar-lhes as libatas, como castigo de terem permitido que roubassem os bens do grande soba do Bihé. De repente, fez-se um grande silêncio, por exigência deste, e todos aguardaram a sua decisão. Alguns segundos depois, que a nós pareceu uma eternidade, com voz ainda pouco firme do convulsivo choro, Riambula fez-se ouvir para informar que apenas desejava o regresso dos seus homens e fazendas.

Essa guerra é dos brancos, por isso decidi que os comerciantes que residem na nossa terra ficarão como reféns até os meus filhos e fazendas me serem restituídos!, disse o soba, já completamente refeito da choradeira.

A sentença foi acolhida com alegria pelo povo ali presente que, de seguida, se dispersou. Depois, um grupo de guerreiros, armados de

espingardas, acercou-se de nós e fez-nos avançar, aos empurrões, para uma cubata onde ficámos sequestrados. O desânimo era geral. Somente o capitão-mor aparentava alguma tranquilidade, que tentava transmitir aos restantes.

Precisamos de ter muita calma e, sobretudo, não mostrar medo.

Estamos é tramados!, considerou Cedofeito Silva.

Há que ter sangue frio nestas alturas, murmurou o capitão-mor.

Mas que fazemos agora?, perguntaram alguns, de semblante carregado de preocupação.

A mim parecia-me que o capitão-mor dizia coisas um tanto desgarradas, só para que sentíssemos que ainda tínhamos um chefe, um representante. Entre cada frase, agarrava-se aos seus amuletos com toda a força, como um náufrago se agarra ao remo, esperando encontrar um barco para se salvar.

Vamos aguardar que o soba se dirija a mim, ou nos envie alguém da sua confiança, para lhe falarmos.

Não demorariam a saber que o soba se havia retirado sem mais nada dizer. E quando se preparavam para dormir um pouco, chegaram alguns homens com comida.

Se o soba nos manda comida é porque não nos quer muito mal, aproveitei para dizer.

Ele, no fundo, sabe que nós não temos culpa nenhuma, mas não quer deixar de enviar uma mensagem ao seu próprio povo e aos responsáveis por esta confusão, disse o capitão-mor, com vontade de animar os outros.

Espero bem que sim! Não queria nada ficar por aqui retido e sujeito ao que o gentio nos queira fazer, resmungou Cedofeito Silva.

Apesar de termos sido ameaçados e presos, reconhecíamos a justeza da atitude do soba e era unânime a indignação que sentíamos pela acção do comandante da fortaleza de Caconda. Certo era que tinha sido ele o grande mentor daquela crise, não obstante o que representava. Entretanto, o cansaço foi-se abatendo sobre todos e acabámos por adormecer.

No dia seguinte, a meio da manhã, o soba convocou nova reunião.

Fomos levados ao terreiro e foi-nos dito que escolhêssemos um porta-voz para apresentarmos os nossos pontos de vista. E que fossemos rápidos e precisos porque, de contrário, estacionaríamos ali durante os dias que fossem necessários para o soba receber tudo a que tinha direito.

Divididos ficámos então entre o capitão-mor e Cedofeito Silva. Acabámos por escolher este último para porta-voz. Chegados ao terreiro fomos recebidos com muitos gritos e insultos da parte do numeroso povo que ali se encontrava para assistir. A um gesto do soba, o silêncio fez-se pesado. Apenas se ouvia, numa mulemba próxima, o cantar trocista dum cuéle. Depois, Riambula fez sinal para o porta-voz do grupo falar. Cedofeito levantou-se do chão, onde os outros continuavam sentados, suspirou longamente, olhou em redor a inventar tranquilidade, e preparou-se para falar.

Grande e generoso soba, reconheço as causas e as razões da tua justificada cólera. A guerra do Muene Puto não devia ter tomado o rumo que tomou, mas vê que os estragos foram gerais, pois todos fomos prejudicados, tanto a gente da terra como os comerciantes que aqui vivem e trabalham.

Chegado aqui, calou-se e fez um gesto largo, teatral, para ganhar fôlego.

Mas, grande soba, há também quem chame a esta guerra a Guerra do Canduco...

O soba ficou suspenso destas últimas palavras e quis apurar, através do intérprete oficial, o que o comerciante queria dizer com aquilo.

É que esta guerra não só serviu os interesses da guerra do rei, mas também os interesses dos sobas aliados do Muene Puto, continuou Cedofeito Silva.

Riambula distanciou o olhar e fez um gesto de afastar moscas. Depois, devagar, perguntou se aquele morador queria enganar Riambula.

Cuéle – pássaro troçador. (N.)

Cedofeito Silva ficou sem saber o que dizer e o soba continuou a falar.

Todos sabem que é tudo a mesma coisa; que esse é um assunto de brancos, independentemente de quem seja o branco...

Aqui chegado, Riambula fez uma pausa e sorveu um pouco de capata.

Não vestem calças e usam sapatos todos os chefes dessa guerra?

A resposta parecia o eco dum trovão, não deixando ouvir mais nada. Era o apoio vivo e declarado do povo às palavras sábias do seu soberano; era um insulto de morte aos reféns que tão mal se portavam. O soba deixou que nos assustássemos, durante uns bons minutos, enquanto ia sorvendo capata da cabaça que uma jovem lhe oferecia.

Todos nós sentimos as coisas mal paradas. Cedofeito percebeu que seria melhor não continuar por aquela via.

Grande pai, corajoso senhor, eu irei em breve de viagem até Benguela, pelo que te peço, assim como aos outros que foram prejudicados, que apresentem as vossas reclamações que eu as levarei até aos mais altos representantes do Muene Puto.

O soba relanceou o olhar pelo terreiro, voltou a beber mais um pouco de capata e, depois, majestosamente, deu o seu consentimento. Só então respirámos de alívio e sentimos como bem provável a nossa libertação.

* * *

Quando Cedofeito Silva se preparava para partir, recebeu a notícia de que Candimba tinha chegado ao Bihé, vindo de Benguela. Quando todos o julgavam perdido, provavelmente assaltado pela guerra preta de Canduco ou pela guerra do rei do capitão Andrade, eis que ele aparece. Para alegria dos moradores, o velho sertanejo trazia a incumbência do governador de Benguela de solucionar a explosiva questão que se vivia no Bihé.

Cedofeito, sentindo que lhe tiravam um peso de cima, procurou

Candimba na sua libata da Anunciada e perguntou-lhe como tinha conseguido escapar e que planos trazia para resolver a questão que o preocupava. Respondeu que a explicação estava no facto de ter partido do Bihé em Setembro, um mês após a saída de Dos Santos.

Na minha passagem por Caconda percebi as intenções do comandante da fortaleza.

É um facínora, aquele homem!, exclamou Cedofeito.

Mas consegui escapar-lhe.

Para seu bem e para o de nós todos.

Candimba mostrou-se satisfeito com a observação de Cedofeito e sorriu.

Ora, ainda estava em Benguela quando me chegou a notícia do sucedido à quibuca de Dos Santos. Por isso não parti logo e deixei as coisas acalmarem.

Cedofeito Silva suspirou de alívio e, sem se conter, abraçou o seu velho amigo. Lamentaram ambos a perda de Dos Santos, imaginando o horror que teria sido e concluindo que talvez se tivesse salvo se não tivesse oferecido resistência. Perderia as fazendas, mas não teria perdido a vida. Quem sabe? E como poderiam saber como reagiriam nas mesmas circunstâncias? Um arrepio passou entre os dois. Cedofeito voltou às perguntas.

E então que mais conseguiu do seu encontro com o governador?

Não perdi tempo e fiz saber ao governador que os resultados seriam catastróficos para o comércio em geral e, para o de Benguela, em particular. Na altura ele ficou calado por um tempo, pensando, pensando... Mas finalmente tomou a decisão e transmitiu-ma mesmo ali. Mandava indemnizar o soba com a totalidade da fazenda e pela perda de muitos dos seus homens que iam na quibuca, quer escravos, quer carregadores.

Continuaram a conversar e lembrando-se que o grande objectivo do capitão Andrade era raziar o Dombe Grande da Quizamba, já nas imediações de Benguela, tudo indicava que isso só seria possível se fosse a pedido do próprio governador

Candimba, com ironia, lá foi sugerindo que, provavelmente, o governador teria dado uma no cravo e outra na ferradura. Se, por um

lado, precisava do apoio do comandante da fortaleza de Caconda e dos reinos aliados contra os mundombes do Dombe Grande da Quizamba, por outro, precisava do comércio como de pirão para a boca. Por isso ele hesitava tanto quando o pressionava a uma decisão.

Enfim! Mas agora o que interessa mesmo é que consigamos acalmar a fúria de Riambula, disse Cedofeito. Já tentei, inclusivamente algumas pressões através de familiares dele. Vamos ver!

E Cedofeito preparou-se para ir informar e acalmar o soba. Tinha consciência da periclitante situação em que estavam. Só não ficámos presos por muito mais tempo porque eu lhe garanti que traria a solução de Benguela. Riambula estava uma fera! Perdeu a totalidade da fazenda e grande parte dos seus homens.

E o que aconteceu aos restantes?, perguntou Cedofeito Silva.

Desapareceram! Ou foram mortos ou transformados em escravos.

Escravos? Mas saber-se-ia logo a proveniência deles e o soba não pouparia quem os adquirisse. Não acredito que os sertanejos do Bihé corressem esse risco e...

Candimba cortou-lhe a palavra.

Não nós, claro!

Então quem?

Fala-se do grande amigo do capitão Andrade..., respondeu Candimba, enigmático.

Não estou a perceber.

Diz-se que os escravos foram para Caluquembe...

Para Caluquembe?

Sim!, para a libata do Lopo Chaves.

Ah! Sempre o Lopo Chaves por detrás dos acontecimentos...

* * *

Lopo Chaves preparava-se para receber um lote de escravos do melhor, dos mais fortes e saudáveis, para serem enviados para o

litoral de Benguela e dali para o Brasil, onde os engenhos de açúcar e as plantações de algodão, tabaco e cacau exigiam cada vez mais trabalhadores. Era por isso que, apesar de todas as interdições, quer internacionais quer nacionais, levas de escravos continuavam a serpentear pelos caminhos dos matos em busca do litoral, dos portos de onde os barcos negreiros, os tumbeiros, os levariam através do Atlântico até ao outro lado, onde a rivalidade entre Pernambuco e a Bahía alteavam os preços da mercadoria.

O estalar dos chicotes de pele de hipopótamo retorcida ouviam-se cada vez mais perto, brandidos pelos quimbares da guarda, ferozes e obstinados, sempre prontos a verem espichar o sangue das costas e das pernas dos escravos, sobretudo daqueles que, já quase esgotados, faziam atrasar a marcha. Manda-os para o terreiro! Manda-os para o terreiro! Quero vê-los um a um, gritou Lopo Chaves para dois dos seus quimbares, de ar feroz, dentes da frente aguçados à lima, músculos tensos a brilhar ao sol e punhos cerrados no azorrague, na cintura dois porrinhos de cabeça coberta de nervuras e mais um mucuále de afiadíssima lâmina.

A um sinal do pombeiro, um dos quimbares dirigiu-se para a fila de escravos e retirou um deles do libambo que empurrou para a clareira. Era necessário sacrificar já um, para dar exemplo a todos os outros. Em terras de Lopo Chaves nunca se conhecera revoltas de escravos. Isso se devia, segundo ele, ao exemplo radical que dava, sempre que chegava uma quibuca com escravos, às suas terras.

O escravo gritou e deitou-se no chão, como se já soubesse o que lhe estava destinado. O chicote de pele de hipopótamo fez-se ouvir e um corte marcou de lado a lado as costas do infeliz, já gravadas de cicatrizes. Mas recusou levantar-se e manteve-se obstinadamente no chão. O quimbare de dentes limados saltou-lhe para cima como um leopardo sobre a presa e cravou-lhe a dentuça no cachaço. Ouviu-se um clamor fundo vindo dos escravos. Via-se que não esperavam tal, um homem cravar os dentes no cachaço de outro homem, como

Libambo - instrumento que prendia o pescoço de dois ou três escravos em argolas de ferro, dispostas ao longo de uma haste longa, de ferro ou de madeira. O facto de estarem presos vários escravos na mesma haste, dificultava muito a sua fuga. (K.)

se aquele tivesse virado um predador e este um animal de caça. O escravo urrou de dor e espanto e levantou-se, começando a fugir, aterrorizado. Um segundo silvo se ouviu e cruzou um golpe nas suas costas, agora cobertas de sangue, seguindo-se um silvar mais cavo, menos estridente que o do chicote, o da terrível cacheira, ou porrinho, deixando-o a estrebuchar no capinzal baixo da clareira.

Lopo Chaves abriu a boca num bocejo. Já não há escravos corajosos como antigamente, murmurou. Só caíam de vez à décima chicotada, no mínimo. Sentia um certo gozo em testemunhar a única luta que eles podiam dar, a resistência ao chicote. Agora assim...

* * *

O comandante da fortaleza de Caconda era um homem forte como só um forte homem conseguia manter-se naquelas terras, por décadas seguidas. Curtido pelo clima e pelas necessidades dos outros homens que o rodeavam, quer fossem moradores ou gentios, soldados de primeira ou de segunda linha, era reconhecido como um chefe duro e implacável.

Ferrão d'Andrade tinha a vida mais indisciplinada que era possível ter-se no universo militar. Nunca se levantava à mesma hora. Nunca ninguém sabia a que horas poderia aparecer na parada ou simplesmente na janela do seu quarto de dormir. Mas havia uma coisa de que ele não prescindia nunca. O mata-bicho de carne de holongo seca acompanhada de capata, fosse a que hora fosse. E enquanto não o fazia era intratável. Implicava com toda a gente e, a quem o podia fazer, que eram quase todos, passava o tempo a puxar orelhas, com requintes de malvadez.

Só havia uma pessoa que tinha um grande e inexplicável ascendente sobre o comandante: Lopo Chaves, o poderoso morador de Caluquembe. Este filho do sertão fazia-se anunciar enviando três escravos dos mais corpulentos, vestidos de peles de leopardo, que ao chegarem ao local de destino rosnavam e davam vários tiros para o ar. Quando os "leopardos" davam sinal de si, o comandante

transigia excepcionalmente com o seu mata-bicho, mas alguém pagava, mais tarde, pela sua má disposição. Só depois chegava Lopo Chaves, a cavalo, vestido a preceito, com as suas vistosas dragonas a brilhar ao sol do planalto.

Ferrão d'Andrade tinha mais uma característica que o tornava muito diferente dos outros homens do sertão. Não se lhe conhecia mulher. Mas a sua força de macho e a crueldade de guerreiro, aliados ao facto de não se conhecer nele qualquer tendência para a homossexualidade, não dava azo a maledicências e a mujimbos próprios desses casos. Pelo contrário, o comandante fazia gala em declarar que tinha força... porque a não desperdiçava. A força dele encontrava-se na abstinência sexual. No sémen encontrava-se a essência da força masculina. Se nós a conservarmos permanentemente dentro de nós, ela enche-nos, preenche-nos, faz-nos querer conquistar, invadir, violar, aniquilar..., considerava ele. Por vezes até se submetia a sacrifícios, a difíceis ordálios que lhe dessem a provar a sua força, a sua resistência ao apelo mais básico da natureza.

Vencidos os nossos próprios limites, podemos então vencer os outros homens, costumava murmurar para si próprio. Sempre que o arraial da guerra era montado, no saque que se lhe seguia havia sempre mulheres que despertavam nos guerreiros um desejo enorme de deitar cá para fora as pulsões reprimidas, a fúria invasora guardada. E ele assistia às violações, sem violar, violentando-se a si próprio para se fazer mais forte, mais violento, mais cruel. E quando os seus homens, satisfeitos, amoleciam, ele continuava insatisfeito e, por isso mesmo, ainda mais forte e furioso. Era sempre o último a desistir de pelejar, o último a parar de cansaço.

O comandante tem uanga!, costumava ouvir-se, em sussurro, pelo acampamento, quando as sombras da noite cobriam tudo e os únicos ruídos eram o crepitar das achas nas fogueiras e o falar dos animais e das aves da floresta. Para os homens da guerra

Uanga, Wanga – feitiço. (K. U. N.)

preta, ele era um tupapa, ou até mesmo uma tchituca, avantesmas temidas por todos, seres híbridos, meio humanos e meio bichos, que andavam pelos matos a aterrorizar as pessoas. E assim, a fama do comandante da fortaleza de Caconda espalhou-se do planalto central até ao litoral.

As únicas vezes que o viam diferente, mais humano, algumas vezes concedendo até o inusitado som de uma gargalhada (que soava mais ao seu eco, tais eram as reverberações nela contidas) era quando se encontrava na companhia do seu grande amigo Lopo Chaves. Que mistério havia naquela relação, ninguém conseguiu jamais explicar. Versões havia muitas, e qual delas a mais estranha.

Dizem que dona Xandrinha, a mulher do Chaves, é o elemento de ligação entre os dois.

Não acredito nisso.

Que deu ao seu marido umas milongadas que o anestesiaram, a ponto de não sentir dor de corno.

Ele não é tolo nenhum.

Ouvi dizer que o Andrade é amante de dona Xandrinha e que o marido dela aceita a relação.

Lopo Chaves não é homem para aceitar isso.

Há quem afiance que os dois são amantes, sim, mas um do outro.

O clã Conceição Mattos do Bihé não permitiria tal.

Dizem que a mulher de Lopo Chaves é feiticeira, que nunca envelhece, e que vai buscar a juventude na força dos homens...

Ah!, isso talvez...

Capítulo IX

“O primeiro vagido de Alexandre Semedo estalou em terra cuvale. Parecia era tiro. Os macacos saltaram dos penhascos, se confundiram com os ramos dos inchados imbondeiros. Tinha pássaros de todas as cores que aproveitaram desaparecer nos aléns da Serra da Chela. [...] Nasci em 1890, embaixo duma árvore. A minha mãe foi assistida pela velha Ntumba, escrava ganguela. A escrava, talvez por velhice, deixou-me cair no pó. Segundos apenas. Os suficientes para no meu corpo ficar misturado o pó da terra e os líquidos que trazia comigo ao sair da mãe.”

(Pepetela – *Yaka*.)

Aquele mês de Janeiro de 1849 prometia um tempo mais quente e seco do que o normal. Nem uma brisa soprava do mar. Abafávamos no cais, eu e os principais moradores de Mossamedes, Guimarães Júnior, Bernardino José e João Dolbeth. Aguardávamos a chegada de Francisco Garcia, após ter saído no ano anterior, perseguido por malévolas acusações de irregularidades. Dois anos antes, tinha sido nomeado, pela rainha de Portugal, comandante da fortaleza da Huíla, mas nem sequer chegara a tomar posse, pois, por inveja, rancor ou apenas maldade, tinham-se levantado sobre ele algumas suspeitas.

Mas os seus inimigos não sabiam com quem se estavam a meter!, comentou Guimarães, enquanto tentava alargar o laço que lhe adornava o pescoço molhado de suor.

Claro!, um homem como o tenente Garcia, conhecedor das questões do país, não era fácil de derrotar, opinou Bernardino José.

Eu sempre vos disse que o nosso comandante, endurecido pelas expedições que chefiou por esses sertões fora, curtido pela quentura do sol do deserto e pelo frio nocturno do planalto, não era homem para ser abatido logo à primeira cutilada, não!, deu o seu palpite, de forma mais empolgada, Dolbeth, ele que, dos três moradores, era o que mais gostava do discurso fluente, da oralidade trabalhada.

Se Dolbeth era um exemplo de orador, Guimarães era-o de comerciante e Bernardino José de estudioso. De facto, tratava-se de um grupo muito pequeno, mas heterogéneo e interessante por isso mesmo. E o tenente Garcia parecia ter consciência dessa realidade pela forma como os tratava, como lhes falava, como lhes demonstrava confiança e amizade.

Quando Garcia chegou a Loanda e afrontou os seus inimigos, foi fácil para o governo perceber que eram falsas as acusações, absolvê-lo e até promovê-lo. Se chegou a Loanda parecendo fraco, saía dali mais forte e graduado. Mais forte porque fizera ver aos seus inimigos que era um homem de coragem e um vencedor; mais graduado porque chegara a Loanda como tenente e agora saía como major de artilharia e com uma nova nomeação, comandante do Estabelecimento de Mossamedes, por portaria de 5 de Janeiro de 1849.

Finalmente!, disseram os três, apontando para o horizonte, onde já se conseguia divisar o brigue “Flor do Deserto”, que trazia o comandante Francisco Garcia.

Finalmente!, ecoaram todos os outros que ali estavam, suspirando de alívio, pois já estavam fartos de esperar sob um sol abrasador.

Deve vir feliz por ter derrotado os seus inimigos e mais forte para gerir o nosso destino, fez-se ouvir Dolbeth.

Quanto ao “nosso” destino não sei se concordo, que do meu, sei eu. Agora, o dessas dezenas, se não centenas de pessoas que estão para chegar, é que lhe caberá geri-lo, considerou Bernardino José.

O que não será nada fácil..., observou Guimarães, que continuava a não acreditar na chegada de tanto branco, ele que se habituara a ver-se como o único a deambular pelos arredores do estabelecimento. Depois, virando-se para mim, tentou sacar algumas

confidências, julgando-me a par de todos os segredos de Garcia, já que era o seu ajudante-de-campo. Não teve sorte e voltou-se de novo para o grupinho anterior.

Da fortaleza, entretanto, ouviram-se algumas salvas de canhão, tiros de paz e de saudação a quem chegava. O Guimarães, ainda preso à ideia de uma multidão de brancos a chegar a Mossamedes, retomou o assunto.

Ainda não acredito que venham tantos, de uma vez só.

Pois é!, é mesmo de estranhar que tantos venham para cá, para uma terra mais habituada a exportar gente do que a recebê-la, a enviar pessoas aos milhares para os mercados de escravos e a receber, no seu lugar, um punhado apenas, a conta gotas, comentou Dolbeth.

O tenente Garcia está quase entre nós e, segundo me disse, está optimista quanto ao futuro da nossa região, resolvi intervir.

Sempre é verdade?, perguntou Guimarães, olhando para mim com ar céptico.

Claro que é!, respondi um tanto desabridamente.

E são aos milhares, como dizem?, continuava Guimarães a interromper-me. Nunca tinha tido muita pachorra para o “Gato de Botas”, confesso.

Aos milhares? Quem lhe pode ter dito uma parvoíce dessas?

Ah, diz-se, diz-se!

Resolvi abstrair-me dele. Ainda fez algumas observações mais, mas depressa percebeu que não lhe daria mais conversa e calou-se.

Quando Garcia desembarcou, viram logo que este vinha feliz com os benefícios alcançados em Loanda.

* * *

Agora é que vamos passar a ter a companhia de muita gente. Vêm umas centenas de colonos para se instalarem por cá, informou o major Garcia.

É, de facto, muita gente, observou Bernardino José.

Centenas ou milhares? Ouvi dizer que eram milhares!, voltou à carga o Guimarães. Foi a vez de Garcia colocar um ponto final no assunto.

Quais milhares, Guimarães! Quais milhares! São três centenas, não mais do que isso.

Guimarães, resmungando, resolveu abandonar o grupo.

E já não são poucos, ouvi-me dizer.

Coisa nunca vista!, exclamou Bernardino José.

Apesar de sentir uma certa angústia, o comandante do estabelecimento estava otimista.

Isto agora vai, isto agora vai..., repetia, enquanto coçava a cabeça.

Das duas uma, ou isto progride muito... ou então, não teremos tempo para resolver tantos problemas, disse Bernardino, mais céptico.

Garcia não escondeu o incómodo que a observação do amigo lhe causara.

Que vamos ter muito com que nos preocupar, lá isso vamos, mas finalmente poderemos construir aqui a povoação mais promissora do país.

Conte conosco para o que for necessário, disseram todos.

Obrigado, amigos! Claro que conto convosco para me ajudarem a instalar essa gente e a dar-lhe orientações.

Bernardino José olhou para a baía, como se já estivesse a vislumbrar o navio que trazia as famílias de Pernambuco, e foi informando devagar, para não parecer que virava costas a um pedido de ajuda do major, que não poderiam contar muito com ele, pois a sua vida exigia muitas viagens e nem sequer sabia se ia estar em Mossamedes nessa altura.

Garcia fez um trejeito revelador de alguma decepção, mas rapidamente retomou a fleuma e, mudando de assunto, virou-se para mim.

Lembra-se, Pilarte, do encontro que tivemos em minha casa, em Benguela, quando chegou a vossa quibuca do Bihé?

Claro, meu major! Se me lembro... foi devido a esse encontro que eu aqui estou, respondi-lhe, sem perceber muito bem aonde queria chegar.

Pois é!, pois é! Se não fosse eu ainda hoje vossemecê andaria perdido lá pelas matarias do Bihé.

Parece que sim, meu major, respondi-lhe, com vontade de lhe dizer que estava arrependido, só para o contrariar.

E também foi nesse grupo que conheci um conterrâneo aqui do nosso amigo Bernardino José.

Ah!, pois, o Cedofeito Silva, confirmou.

Como o mundo é pequeno! Nunca imaginei que andássemos na mesma terra e com actividades semelhantes.

Mas olhe que não consegui que abrissem as rotas comerciais do Bihé e do Uambo até esta zona. Bem tentei!, disse Garcia com alguma tristeza.

Os problemas eram tantos... As dificuldades mais que muitas..., fui dizendo.

Pois é!, mas não se pode baixar os braços, respondeu Garcia.

Agora acredito mais que isso se faça a partir de Mossamedes, acompanhando as viagens que aqui o Bernardino José vai fazer. Talvez, respondeu Bernardino.

Se não vai estar cá para me dar apoio na chegada dos pernambucanos, que o apoio venha pelo menos dessas viagens, avançou Garcia. E olhe!, quando for à Huíla, não se esqueça de me avisar, que eu quero que leve um presente ao soba Nangolo. A Huíla, para mim, tem sido um refúgio seguro.

O Comandante do Estabelecimento e o morador Bernardino José continuaram a falar durante mais algum tempo. Culto, tolerante e muito interessado em ampliar os seus conhecimentos, Bernardino José por tudo se interessava. Mas o que mais o entusiasmava, a par do comércio, eram os costumes dos povos que ia encontrando no seu deambular pelo sertão.

* * *

O soba do Bumbo estava muito preocupado. As notícias que haviam chegado davam-lhe razão. Ele bem que não tinha querido receber o cabeça de Mossamedes quando por ali passara há seis anos, a caminho das terras altas da Huíla. Recusara dar-lhe apoio e guarida porque ainda se contavam estórias terríveis da primeira passagem do morador de Benguela pelo Bumbo, no tempo do soba seu tio, quando Gregório Mendes e os seus mil quimbares de guerra por ali tinham transitado e comido tudo o que era gado. Apenas tinham deixado um rasto de esqueletos limpos e brancos ao longo das terras áridas que iam do litoral até ao Bumbo.

Quando a formiga-branca e os seus aliados manhéus chegavam, era mau sinal pois, após os primeiros, vinham sempre mais. E a prova disso é que agora estavam para chegar centenas de colonos, prontos a s'estabelecerem na sua terra, na terra dos seus antepassados, a ocuparem-na com as suas casas de adobe como morros de salalé, suas ruas, suas lavras de frutos estranhos, seus engenhos, seu odor, suas aventuras e sua ambição.

* * *

Durante algum tempo, o assunto do dia era a viagem que as famílias de Pernambuco estavam a realizar, aproximando-se hora a hora de Mossamedes. Havia quem fizesse da baía o seu lugar de vigia permanente, sempre de mãos por cima das arcadas dos olhos para ocultar o sol e poder ver melhor nas lonjuras do mar.

Mas afinal, quando chega essa multidão de Pernambuco?, perguntavam uns aos outros, apenas os mais curiosos dos moradores. Para eles, que eram apenas sete dezenas, os que vinham do lado de lá do mar eram muitos, quase cinco vezes o seu número, uma multidão.

Por sua vez, o major Garcia estava cada vez mais nervoso com a eminente chegada. Não só começava a imaginar problemas sem fim, que o fariam estar preso a Mossamedes para além do desejável, como pressentia que as possibilidades de progresso que se levantavam à povoação, começavam a chamar mais a atenção, nem sempre pelas melhores razões. E foi assim, como resultado desse interesse por uma terra que saía do anonimato, que Garcia entendeu a nomeação do major Ferreira Horta, como encarregado de tratar da instalação dos novos moradores.

E o senhor, meu major, estando já cá e conhecendo isto tudo tão bem, não chegava para esse efeito?, perguntei-lhe, adivinhando a resposta.

O que quer, Pilarte? Por mim não há incómodo. É menos trabalho e se as coisas correrem mal o responsável será outro, respondeu com algum azedume.

Quando o governo escolheu o Bumbo, a três dias de viagem de Mossamedes, para o definitivo estabelecimento da colónia, as coisas não começaram a correr muito bem. Garcia não concordava com as “Instruções Provinciais” de 30 de Março de 1849, que apontavam o Bumbo como o local mais conveniente e saudável para a instalação dos novos colonos. Aguardaria para ver.

Quatro meses passados, num dos primeiros dias do mês de Agosto, a barca “Tentativa Feliz” chegava à baía de Mossamedes, com os tão aguardados pernambucanos. Um brigue salvou, quando os recém-chegados puseram pé em terra, no que foi seguido pela fortaleza. Aguardava-os um pequeno grupo de pessoas, entre os quais se destacava o comandante do estabelecimento, major Francisco Garcia, o encarregado da recepção dos colonos, major Ferreira Horta, e os moradores Bernardino José, João Dolbeth, Guimarães e eu.

Só estes?, perguntou Guimarães aos demais, fingindo que não me tinha visto.

Só estes?, voltou a repetir, mais alto, pois não tinha havido resposta. Não aguentando ouvir de novo, dei-lhe eu a resposta.

Só, Guimarães! Só estes!

Ah!, afinal, sempre não são os milhares de que se falava!

Apeteceu-me mesmo dar-lhe um murro naquela cara de gato esfomeado, apertar-lhe o laço naquele pescoço sumido, dar-lhe um pisa calos naquelas botas empoeiradas. Mas contive-me. O melhor mesmo era deixar o Guimarães a falar sozinho...

Após a cerimónia de recepção, os recém-chegados foram alojados nas provisórias habitações que lhes estavam destinadas e ficaram a descansar da longa viagem.

* * *

Garcia tinha feito espalhar a notícia, entre os recém-chegados, de que as terras do Bumbo, apesar de férteis, tinham um clima demasiadamente seco e quente e que os habitantes locais não os iriam receber muito bem. O soba não veria com bons olhos a ocupação das suas terras por estrangeiros. Os terrenos marginais do Bero não só eram melhores como estavam mais perto da povoação e do porto de embarque dos produtos que viessem a ser produzidos para exportação. Ferreira Horta, seu camarada de armas e encarregado oficial da instalação dos colonos, não levou muito tempo a ser convencido e a atribuir à maior parte dos colonos os referidos terrenos agrícolas das margens do Bero. Quanto aos engenhos que eles haviam trazido de Pernambuco, resolveu o Conselho Colonial, reunido a 25 de Outubro de 1849, que deviam ser montados no Vale dos Cavaleiros.

Mas quinze meses de prolongada estiagem, sementes de má qualidade, sementeiras fora de tempo, insuficiência de caminhos transitáveis levaram a tempos muito difíceis, em que os recém-chegados ficaram completamente desprovidos de víveres e de roupas. Foi preciso uma subscrição pública em Benguela e Loanda para socorrer os infelizes. Apesar da situação e de terem chegado ao distante Pernambuco as notícias confrangedoras dos que tinham ido

para Mossamedes, pouco tempo depois, a 26 de Novembro de 1850, aportava a segunda colónia, composta por 125 pessoas.

* * *

Os mundombes, que passavam perto do rio Bero, à procura de água para dessedentarem o seu gado, escancaravam a boca de espanto por verem tanto branco curvado sobre as lavras abertas na terra seca. Só poeira se levantava de cada vez que esgaravatavam o areal, como uma vaca prenhe escava o solo, enervada com o peso da sua própria barriga. Mas como é que de repente apareceram assim tantos brancos? Estranho, muito estranho!, matutavam, enquanto passavam nas margens do rio, fingindo nada verem. Os próprios sobas Mussungo e Giraúl resolveram encontrar-se para conversar sobre o assunto. Não era normal chegarem tantos brancos de uma vez só, parecia até que se iam mudar todos para o Bitoto. A terra era grande, lá isso era!, mas não dava para tanta gente, pois secava muito e tinha pouco pasto para as suas manadas. Não levaria muito tempo a surgirem sarilhos entre os seus pastores e os lavradores brancos. A situação poderia mudar muito e deixar de ser pacífica como era até ali, de acordo, aliás, com a aliança que haviam assumido com Garcia, o cabeça dos brancos da povoação.

Sentados no elao, Mussungo passou a cabaça do leite azedo ao soba visitante e lembrou que ainda não há muito tempo havia chegado um dos primeiros brancos, o Guimalange, que só conseguira sobreviver porque Mussungo tinha ficado com pena dele, para ali a secar ao sol e ao vento, sozinho e sem uma cubata para se abrigar. E fora ele, Mussungo, quem lhe mandara construir uma onganda para que o recém-chegado não morresse com a força do sol a bater-lhe na pele fraca. Fora ele que recomendara aos seus guerreiros para não lhe fazerem mal, aos seus pastores para lhe

Elao – altar familiar. Lugar, junto ao fogo, onde se fazem os sacrifícios públicos e se celebram as principais cerimónias. (H.)

oferecerem uma cabra que lhe desse leite, aos seus caçadores para lhe darem, de quando em vez, a carne fresca de algum antílope.

Um dia, soubera que Guimalange não tinha conseguido resistir e que se preparava para ir embora. Mas isso era habitual com a maioria dos brancos, acabavam quase sempre por partir. Talvez até houvesse, espalhados pelas suas terras, uns cinquenta, a contar com os soldados da fortaleza, vindos aos poucos, como as pingas de leite que caem do úbere duma vaca. Mas agora as coisas passavam-se de forma muito diferente. Já não chegavam só um ou dois, mas dezenas.

Para o soba Giraúl, havia, contudo, algo muito estranho com a última leva de brancos que tinha chegado. Não faziam comércio, antes começavam desabridamente a cavar, a capinar, a sachar, a lavrar as margens do rio Bero, seco por causa da falta da chuva. Não esperavam que o tempo do cacimbo mudasse e a chuva viesse, a ponto de ficarem rotos e esfomeados, com os pés a sair por fora das suas alpercatas desfeitas, os dedos a ferirem-se nas pedras dos caminhos, a tremerem de frio quando a noite chegava..

Mussungu mandou que tocassem o berrante e convidou o soba Giraúl a ir ao sambo ver e ouvir a namulilo, a “vaca do fogo”, porque ela é como o fogo que arde no eumbo pra afugentar o leão, ela é o fogo que protege o rebanho dos ataques do grande felino. Na altura da ocupação da onganda e da cerimónia de sagração do fogo, fora escolhida aquela vaca, nova ainda, da manada de mais de uma centena de cabeças de Mussungu. Depois foi assinalada ao longo do dorso com caulino sagrado, desde o focinho até ao início da cauda e, ao longo do ventre, da cauda até ao focinho. Para livrar a namulilo de quaisquer nefastas influências, Mussungu fizera-lhe um corte na cauda e nele introduzira uma mistura de pós mágicos da raiz de mutona. Dali para a frente, a vaca sagrada pôde afastar todos os perigos, ao tocar os flancos com a sua cauda e assim garantir a protecção do rebanho do soba.

Ambos se aproximaram do sambo e começaram a observar atentamente a bela “vaca do fogo”, pois através dos seus sinais talvez

se pudesse espreitar o futuro e perceber, com alguma antecipação, o que iriam fazer os brancos que agora chegavam ao Bitoto. A “vaca do fogo”, percebendo a sua aproximação, começou a mugir à porta do curral, manifestando vontade de sair do sambo. Mussungo e Giraúl ficaram perturbados e, ao longe, começou a ouvir-se a cantilena de um pastor:

“O Lungo ardeu com os tarros de leite / Foi queimado com as travessas da comida / Não é lugar de pastorícia / Nem de engorda de gado / Tem nele a maldição da guerra / e a predilecção pelas feras”.

Mussungo e Giraúl entreolharam-se e mostraram a sua preocupação, batendo as palmas. A “vaca do fogo” dera sinal de perigo e o vento que depois soprou, mais forte e quente que o habitual, levantou redemoinhos de poeira que fizeram os sobas taparem os rostos com os braços e recolherem-se à ombala.

* * *

Francisco Garcia estava incomodado. Ele, que tinha sido o cabouqueiro daquela povoação, explorador do litoral do Cabo Negro em 1839, comandante da fortaleza-presídio desde 1840 e grande responsável pelo pacto de amizade e comércio com os sobas Mussungo e Giraúl, comandante do Estabelecimento de Mossamedes desde Janeiro de 1849, não era agora chamado para coisa nenhuma.

Com a chegada dos pernambucanos e a convicção de que, finalmente, Mossamedes iria ser inscrita no mapa das possessões do império português, Lisboa interessava-se pela povoação e enviava gente da sua confiança, reinóis que passariam a governar a povoação, agora com muitas hipóteses de se tornar uma urbe

Canto tradicional Cuvale: “Olungu yapia n’omaholo / Yalungwina n’ omatemba / Hatyilisilo / Hatyitomisa tya ngombe / In’ohole n’omanyama.” (H.)

civilizada e promissora. E do reino – esquecido que estava o comandante do estabelecimento de Mossamedes – tinham sido enviados o major Ferreira Horta, como responsável pela instalação dos novos habitantes e, agora, o capitão-de-fragata António Sérgio de Sousa, como primeiro governador do distrito de Mossamedes, que compreendia todo o território do litoral entre o Cabo de Santa Maria, a Norte, até 18º de latitude Sul, estendendo-se para o sertão adentro até às terras do Bumbo, do Jau e da Huíla, a confinar com as das fortalezas de Quilengues e de Caconda.

Como reagirá o meu amigo, hamba Nangolo, quando lhe disserem que as suas terras passaram a fazer parte do distrito de Mossamedes?, perguntava-se a si próprio, ironicamente. Enfim!, nós sabemos como isto não passa de divisões administrativas marcadas no mapa e que nada têm a ver com a realidade... e o governador de Mossamedes será apenas o chefe da povoação e quando quiser entrar no Bumbo, no Jau ou nas terras do hamba da Huíla, continuará a pedir autorização aos potentados, como sempre foi. Não é assim Pilarte?

Claro, meu major. Só quem não anda por estas terras como nós e só as conhece de nome, é que julga o contrário.

Seguiu-se um breve silêncio e Garcia mudou de assunto.

Não quer vir comigo para a Huíla, Pilarte? Estou a pensar ir uns tempos para as terras do hamba Nangolo.

Fiquei sem saber o que responder, pois não esperava uma proposta dessas. Não contava de todo com aquele desafio.

Feche essa boca depressa ou ainda lhe entra um marimbondo pela goela!, gozou comigo o comandante.

Agora que chegou tanta gente e se diz que Mossamedes se vai tornar numa vila progressiva, a terceira mais importante urbe do país, depois de Loanda e Benguela, é que o meu major quer ir embora?, interroguei-o com algum espanto.

Pronto! Se não quer ir não há problema, irei sozinho, ou com alguém que por aí haja que me queira acompanhar.

Ainda um pouco confuso, disse-lhe que não dera a minha última palavra e que, se ele mo ordenasse, que remédio teria eu senão segui-lo.

Garcia sorriu.

Desta vez, não quero que vá como meu ajudante-de-campo, mas como companheiro, como amigo. Por isso não há aqui ordem nenhuma.

Surpreendido, não consegui proferir palavra.

Ainda tem algum tempo para pensar, pois não irei já amanhã para a Huíla, concluiu o oficial, dando por encerrada a conversa. De seguida, mandou que os machileiros se preparassem para o levar até à Várzea da Boa Esperança, onde pensava encontrar João Dolbeth, que ali tinha a sua propriedade agrícola. Queria ir cedo, para ver se dava tempo para visitar propriedade de Bernardino José, na Várzea dos Casados.

Dolbeth não estava na sua propriedade e Garcia partiu logo para a Várzea dos Casados. Bernardino encontrava-se a orientar os trabalhadores na abertura duma cacimba para ver se conseguiam encontrar a água que faltava à superfície.

Os machileiros pararam, soltaram suspiros de satisfação por, finalmente, poderem descansar, e Garcia saiu para dar um abraço a Bernardino.

Então como vão esses trabalhos?

É como sabe! A chuva não cai e o Bero não transpira.

Mas que chatice, meu amigo! Que chatice!

Onde estão os famosos aluviões que este rio trazia para fertilizar as suas margens?, perguntou Bernardino José, de semblante triste.

De facto, ninguém previa tanto tempo de seca. E logo agora que chegou gente disposta a trabalhar a terra e a fazê-la produzir..., observou Garcia.

Está visto que o comércio é mais rendoso e menos cansativo. Estou a pensar ir até à Huíla nos próximos tempos, talvez até ao

Cuanhama...

Garcia abanou a cabeça e coçou-a por cima da orelha direita.

Até ao Cuanhama? Vossemecê tem uma fixação no Cuanhama! Mas o que vai lá fazer que mereça uma viagem tão arriscada? Dizem que nunca lá entrou comerciante algum.

Bernardino José sorriu. Talvez seja por isso que me atrai. Puxam-me essas terras mais longínquas e fechadas. Gosto de ver civilizações ainda em estado puro, culturas ainda pouco tocadas.

Garcia pareceu ignorar o que Bernardino José dissera e continuou a falar.

Dizem até que os cuanhamas são guerreiros terríveis e que andam sempre em razias, pilhando homens e gado pelas tribos vizinhas.

Nem sempre o que se diz é verdade, respondeu-lhe Bernardino José. E eu não irei sozinho.

Não? E quem vai acompanhá-lo nessa loucura?

Lembra-se daquela carta que lhe pedi que levasse, quando foi a Benguela da última vez?

Sim! Lembro-me bem. Entreguei-a, como me pediu, a Cedofeito Silva, que por lá estava nessa altura, chegado do Bihé.

Era um convite a Ladislau, o aventureiro húngaro do Bihé, para se juntar a mim quando fosse ao Cuanhama.

E como o conheceu? E porquê ele?

Porque me garantiram que é um indivíduo culto e interessado como eu em conhecer novas terras e outras gentes. Para além disso, dizem que é uma personagem singular...

Vossemecê e os seus mistérios! Mas olhe que não foi por causa do Cuanhama que vim cá. Foi por ter constado que o meu amigo estava a preparar-se para ir até à Huíla, e eu estou com vontade de o acompanhar.

Mesmo que vá ao Cuanhama, passarei primeiro pela Huíla e será um prazer tê-lo em nossa companhia. Venha comigo, comandante.

* * *

Alguns dos pernambucanos não aguentavam a seca que se fazia sentir e decidiram abandonar Mossamedes. Era um pequeno e desencantado grupo de oito pessoas que queria subir a Serra da Chela e fixar-se nas terras altas da Huíla, naquela povoação antiga, fundada por dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, em 1769.

Soldado, anuncie-me, por favor, ao senhor comandante. Sou Bernardino de Abreu e Castro, chefe da primeira colónia de Pernambuco.

Intimidado com o ar decidido do indivíduo que se lhe dirigira, o soldado entrou um pouco precipitadamente na fortaleza e procurou o seu comandante.

Meu major! Está aqui o senhor Bernardino de Abreu e Castro, chefe da primeira colónia de Pernambuco.

Ah! Eu já o esperava, mas... como não estou habituado a tanta pontualidade, pensei que ainda tinha tempo para expedir uma carta para o chefe de Quilengues. Mas pronto! Faça-o entrar, já que teve o cuidado de não se fazer esperar.

Passados alguns minutos chegava o visitante. Estatura média, rosto oval, tez acentuadamente morena e olhos pequenos mas vivos, reflectindo energia e tenacidade. O cabelo era fino, corredio e negro, a fronte espaçosa e o nariz grosso. Trazia rapado o bigode e usava barba de colar, correndo muito curta em estreita faixa de orelha a orelha, sob o queixo. A voz era ligeiramente rouca e forte.

Após os cumprimentos, o comandante convidou o ilustre visitante a sentar-se e a expor ao que vinha. Abreu e Castro observou primeiro tudo o que o rodeava e só depois começou a falar, adiantando que pretendia sair de Mossamedes na semana seguinte, subir até às terras altas da Huíla e ali tentar estabelecer contactos com os sobas da região.

Garcia ouviu-o com atenção e não deixou de sentir uma certa admiração por aquele homem, ainda tão recentemente chegado e

já cheio de vontade de ir pelas serranias acima contactar sobas e povos.

Mas olhe que a Huíla não está muito longe, geograficamente falando, mas o paredão da Chela é uma barreira natural para quem se atreve a ir lá acima. Claro que se consegue subir, pela portela do Bruco, até ao planalto, mas é uma canseira danada e faz-nos sentir, de facto, como que a transpor uma muralha depois dum combate.

Abreu e Castro remexeu-se na cadeira, olhou firmemente para o seu anfitrião e fez ouvir a sua voz baixa mas enérgica.

Pois é!, mas eu estou habituado a muralhas e a lutar para as transpor. Não será isso que me vai deter nesta vontade de ir até às terras altas. Sei que o senhor comandante é amigo do soba da Huíla e que conhece bem a região. Por isso, solicitava-lhe o obséquio de me prestar informações sobre a melhor maneira de lá ir e os contactos a estabelecer.

Garcia percebeu então a natureza do homem que tinha à sua frente. Era daqueles que não se deixava vencer facilmente. Deve ser dos Bernardinos, murmurou ao lembrar-se do seu amigo Bernardino José, este também um homem firme nas suas convicções e corajoso como poucos.

De facto, o soba Nangolo, da Huíla, é um velho amigo meu e nosso aliado. Com ele, disse Garcia, não terá problemas mas... nunca se sabe quando está ou não em guerra com o seu arquí-inimigo, o soba do Jau. Para além disso, ainda se deve estar a viver o rescaldo da última guerra do Nano.

Guerra do Nano?, interrogou Abreu e Castro.

Sim, do Nano!

Nunca ouvi falar!

Em Agosto de 1848, apenas um ano antes de vossemecê ter chegado de Pernambuco, houve uma terrível guerra que nos chegou lá das bandas do Uambo, ou das terras do Nano. Devastaram o centro do Bumbo e, não contentes com isso, avançaram até quase ao litoral, chegando a arrasar as hortas da Fazenda Pública.

E a defesa? Como foi que a fizeram?, voltou a perguntar.

Para todos nós foi uma total surpresa. Nunca antes tinha acontecido uma guerra do Nano chegar a Mossamedes. Pouco poderíamos contar com esta guarnição militar, mal treinada e deficientemente equipada. Claro que contávamos com os moradores e os seus quimbares para a defesa. Felizmente os guerreiros do Nano, já satisfeitos com o gado que tinham apanhado aos mundombes e com o que tinham conseguido nas propriedades dos moradores, resolveram regressar às suas terras.

Abreu e Castro mostrou-se preocupado.

Devem ter apanhado um susto dos diabos, não?!

Se apanhámos!, exclamou Garcia.

Não se conta agora com nenhuma dessas guerras, pois não?, perguntou Abreu e Castro.

Garcia coçou a cabeça por cima da orelha direita, sinal de que começava a ficar nervoso, e depois alertou o seu interlocutor.

Pois esse é que é o grande problema! Nunca se sabe quando a guerra do Nano volta a surgir... pelo menos na Huíla, que é para onde quer ir para a semana que vem.

Pois é! Mas não é do meu feitio viver atemorizado e não sair de casa a pensar que se pode levar com uma guerra em cima. A guerra tem sido uma constante na minha vida! Não fujo dela. Enfrento-a!

Pois eu sei! Por isso não o desaconselho a prosseguir os seus planos.

É que, estive a falar ontem com o senhor Bernardino José, que conhece bem a Huíla, e ele aconselhou-me a dirigir até aos Gambos, pois o soba está aberto a novos contactos.

Ah! O soba Atchituca Nambalo..., exclamou Garcia.

Pois, esse soba!

Após ter feito algum esforço para fixar o nome do senhor dos Gambos, Abreu e Castro informou que três famílias da sua colónia, que perfaziam oito pessoas, queriam sair de Mossamedes para irem viver para a Huíla.

O comandante disse-lhe estar a par do descontentamento que grassava entre os recém-chegados, motivado, em grande parte, pela falta de condições que tinham encontrado e que ainda se fazia sentir.

Não sei muito bem se será um bom precedente deixar sair moradores para outros locais, observou Garcia. Apesar de tudo, houve muito esforço desenvolvido e muitos cabedais gastos com a instalação da sua gente em Mossamedes. Se começam a debandar a região...

Garcia foi interrompido pelo seu interlocutor, manifestamente incomodado.

Eu compreendo o que me diz, pois há outras expectativas para esta povoação. Só que, em Pernambuco esta gente não passava fome, pelo contrário, alguns deles até eram abastados.

Pois sim! Mas a seca não durará muitos mais anos. É uma questão de aguentar. De resistir..., disse o comandante, já sem ele próprio saber muito bem se não queria que o seu Estabelecimento regredisse, ou se não achava muita graça à hipótese de ter no seu encaço os pernambucanos de Mossamedes. Ele, que gostaria de manter a Huíla livre da confusão dos novos moradores e dos seus problemas de adaptação e não tinha muita vontade de voltar a ter que resolver as dificuldades que pudessem encontrar no planalto.

Capítulo X

“Apressa-te Ozoro, / parte as pulseiras e acende o fogo. /
Acende o fogo principal, o fogo do fogo, aquele que arde /
noite e sal. / Prepara as panelas e a esteira / e o frasco dos
perfumes mais secretos. / Este homem pagou mais bois,
tecidos e enxadas do que / aqueles que eu pedi / este homem
atravessou o mar / não ouvi falar do clã a que pertence / o
homem atravessou o mar e é da cor do espírito”

(Ana Paula Tavares – *O lago da lua.*)

Ladislau na sua libata, sentado à frente da porta de entrada de casa, debaixo de um telheiro que tapava os raios abrasadores do sol, repousava. O tempo nesse dia estava especialmente abafado e mandou que os seus escravos domésticos preparassem o pangau. Dois deles, solícitos, trouxeram um grande leque de mateba que penduraram num gancho do telheiro. Puxando cada um por uma corda a ele preso, faziam avançar o ar em golfadas frescas, até ao corpo sobreaquecido do seu senhor. Este, com a ponta de uma faca de mato, limpava as unhas com cuidado. Teimoso, não gostava nada de as ver de luto, chegando mesmo a ferir-se e a gotejar sangue. Quando isso acontecia, berrava para o escravo mais próximo que lhe trouxesse um pano embebido em cachaça para desinfectar o corte. Quando estava calor não gostava de beber cachaça, apenas capata pouco fermentada e refrescada no moringue. Depois de passar o pano encharcado de cachaça no dedo ferido, Ladislau premiava o mais solícito com o pano e o outro com o próprio dedo. Enquanto

um tentava retirar a cachaça do pano fazendo-o passar pelos lábios sôfregos, o outro aproximava-se devagarinho e com cuidado metia o dedo do seu senhor na boca e levemente, muito delicadamente, ia chupando o dedo até não sobrar nada da cachaça e apenas ficar um leve sabor a sangue. Ladislau sentia um especial gozo quando se submetia a esta última operação. Só isso lhe fazia melhorar o humor, ele que detestava estar por ali parado, de pangau a dar a dar sobre a sua cabeça. E o raio dos escravos quase adormeciam da monotonia daquela tarefa e deixavam que a temperatura do seu corpo amolecido voltasse a subir, e ele a gritar para que pusessem o pangau a voar mais depressa.

Enervava-se se o pangau voava, mas também se enervava se ele parava. Do que ele não gostava mesmo nada era de estar por ali, sem viajar. Não havia saído da sua longínqua terra natal, na Hungria, para agora ficar pasmado a ouvir o roçar das asas de mateba dum pangau, enquanto o mundo não deixava de girar e as aventuras o aguardavam em cada vereda, em cada mata, em cada rio ou cachoeira daquele magnífico sertão.

Pegou de novo na faca de mato, sempre afiada como uma lâmina de barbear, e voltou a limpar as unhas limpas. Depois gritou para um dos escravos, ordenando-lhe que esticasse os dedos na sua direcção e enfiou a lâmina, com precisão, por debaixo da unhata do dedo indicador e aguardou. O berro que se ouviu não foi do escravo mas dele, que assustou o negro e, também, o outro, que tentava sozinho abanicar o pangau sem sucesso. Depois, pegando na faca pela ponta da lâmina, num silvo, atirou-a para longe, vindo esta a cravar-se no tronco grosso de uma mulemba, afugentando um bando de pássaros que, aos pios, esvoaçaram para outras árvores. Os escravos, assustados, escancararam os olhos que rodopiavam como piões e apontaram os dedos compridos para lá da mulemba.

Ah, Ozoro, a minha biena, vem aí!, disse Ladislau, enquanto perscrutava o fundo do carreiro que, serpenteando pela libata, ligava a sua residência à de sua mulher.

* * *

Ladislau olhou para a sua companheira, uma das muitas filhas do soba do Bihé, e achou-a mais triste do que o habitual.

Se passa alguma coisa consigo?, perguntou.

Bem!, passar, passa. Tenho uns rumores no meu ouvido, tipo chuvinha miudinha, tipuim-tipuim das gotinhas a bater no capim..., respondeu ela, com a cabeça bordada de trancinhas, encostada no seu ombro.

Humm! Há qualquer coisinha consigo... Eu lhe conheço bem, Ozoro. Mas diga lá o que vai na sua cabecinha, vá!, ronronava ele com uma das mãos a comichar-lhe quifunes entre as trancinhas do cabelo.

Ouvi mulalos por aí, meu esposo; eposos de titilar ouvido de mulher.

Ai é, minha tembozinha?, ternurou ele.

É sim, meu esposo!, respondeu ela.

Só isso tembozinha?, voltou ele a perguntar.

Não só, meu esposo, voltou ela a responder.

Um pássaro cantou no alto da mulemba. Uma pausa se instalou na conversa de Ladislau com Ozoro.

Que você está a preparar uma quibuca para ir nos longes do Sul..., acusou ela.

Bem! Eu estava para lhe contar mas..., hesitou Ladislau.

Tchee!, mais uma vez a voz dos outros me chegou primeiro, censurou Ozoro.

Fez-se silêncio nas suas bocas, mas o coração de um batia depressa no peito do outro. Ouvia-se o seu batucar trocado, ou então era o eco de outros tambores a rufar na floresta. Ozoro retirara do ombro de Ladislau a sua cabeça bordada de trancinhas e Ladislau deixara de lhe comichar quifunes entre as trancinhas do cabelo.

Mulalos – de *emumulalo*, boato repetido. (U.)
Eposos – de *epopo*, notícia anónima.(U.)

É! Não tive muita pressa em lhe dizer, não. Senti que havia outros assuntos mais importantes p'ra mulher do que viagens a negócio.

Ah sim!? Que assuntos?

Os do casamento de uma das suas parentes com Cedofeito Silva.

O senhor meu marido é muito esperto, parece é epuculuque!

Epuculuque? Porquê, Ozoro.

Porque o meu marido tá a desviar o assunto.

S'explique melhor, Ozoro.

Esse casamento m'interessa, sim; mas o que se passa com o meu marido m'interessa muito mais.

Ainda bem, Ozoro.

Uma viagem como essa... que pode durar muitos meses, se não anos...

E então, minha Ozoro?

Papéluaaaaaaaa!

Não precisou de dizer mais nada Ozoro. Ladislau percebeu tudo só com aquela umbunda palavra e a forma como fora gritada. A distância era um fardo que ia ganhando peso à medida que o tempo passava. Ozoro cada vez mais o espantava e ele cada vez mais a admirava, pela sagacidade dela, pela perspicácia com que analisava as coisas e... pelo carinho que sempre tivera por ele. Ainda tentou levar a conversa para um campo mais neutro e voltou a referir-se ao assunto mundano do momento, mas Ozoro não correspondeu. Depois tentou convencê-la a mover suas influências de modo a apressar a festa do casamento de Cedofeito Silva com a sobrinha dum pretendente ao sobado. Mas ela respondeu-lhe que o seu marido é que deveria transferir a saída da quibuca para outra altura. Insinuou até que os seus parentes da ombala grande não iriam ficar contentes com a desfeita de Ladislau. Provavelmente não compreenderiam a sua ausência na festa, logo ele que era o esposo

Epuculuque, Epukuluke – rato grande e espertalhão. (U.)
Papélua, Papelwa – que está a grande distância. (U.)

de uma das filhas do soba.

Acha mesmo, tembozinha?

Acho que sim, marido.

Bem me parecia que o soba, seu pai, sempre deu mais importância a esse filho do Muene Puto.

Talvez!, marido.

Julgo até que ele só percebeu que eu era de outra tribo, filho do Muene Nguiría, quando eu e você já estávamos juntos.

Talvez!, balbuciou Ozoro.

Ladislau achou que Ozoro não lhe dizia tudo. Ou melhor, não lhe dizia quase nada. O curioso era que ele sentia isso apenas quando estava para viajar. Não que a visse mais aborrecida, mais triste, mais preocupada com ele. Dir-se-ia que se preocupava mais com ela própria. Por que seria?

Desta vez até ia tomar um novo rumo, ia para outro destino, talvez mais estranho, talvez mais perigoso. Não sabia se um dia voltaria à margem direita do rio Cassai, onde o comerciante ambaquista Lourenço Bezerra estivera estabelecido desde 1848, na povoação de sertanejos brancos-da-terra que alimentavam o comércio com Cassange e Malange. Em 1850, quando passara pela mussumba do Muata lânvo, encontrara na sua corte o ambaquista Bezerra e com ele entabulara longas conversas sobre as suas interessantíssimas viagens. Uma certeza passou a ter, a partir daí. Evitaria atravessar de novo as terras do Lui, porque Xiquereto, o soberano que, de Rinhande, governava com pulso de ferro aquelas terras, não lhe permitiria ir até às ricas florestas do Miqueselúmbue, nas vertentes do Cáfue e Mazaze, onde os elefantes se banhavam em grande quantidade nas nascentes do Luena, um dos afluentes do grande Zambeze.

Tinha saudades do Lui, confessava, terras da promessa, onde um povo de costumes simples e ainda não corrompido pelo negócio, desconhecia o valor comercial do marfim e fazia deste produto o mais apetecido dos sertanejos, pelo lucro que obtinham. Mas não eram somente as pontas de elefante que faziam do Lui uma terra tão

atraente, era também a abundância de produtos naturais, a raridade das mercadorias europeias que as tornavam produto de alta cotação, assim como a hospitalidade dos seus habitantes. Só que, depressa o seu soberano descobrira as vantagens de ter o monopólio real do marfim, reservando para si as matas mais ricas de elefantes. Ai de quem fosse apanhado ali, carregado desse produto precioso, pois corria riscos de morte. Vira como os guerreiros macorrolos de Xiquereto percorriam aquela rica e vasta região, que ia das margens do Loêngue-Cáfue, a oriente, até ao Baixo Cuando, a ocidente, para capturarem todo o marfim que encontrassem nas aldeias.

Qualidade superior tinham aqueles dentes, maiores, mais pesados e mais claros..., expressou Ladislau, por palavras, o que lhe ia no pensamento.

O que têm os meus dentes?, perguntou-lhe Ozoro, revirando os olhos com surpresa.

Os seus nada! Os outros é que têm muito... peso!, disfarçou Ladislau, sem jeito.

Não entendo!, disse Ozoro.

Nada, nada! Estava a pensar no negócio, no marfim, justificou ele.

Ah! Sempre o negócio, sempre o marfim..., lamentou ela.

Ladislau fingiu não perceber. O marfim era importante para um sertanejo e começava a rarear por ali. Talvez pudesse ser encontrado mais para o Sul, nas terras dos cuanhamas e dos bechuanas. Conseguiria abeirar-se do Cuanhama? Tinham-lhe chegado imprecisas informações sobre as terras de difícil acesso a Sul de Mossamedes, cujos povos eram muito aguerridos. Só mesmo quando lhe chegou uma mucanda inesperada, escrita por um desconhecido morador de Mossamedes, lhe ficou desperto o interesse pelas terras do Sudoeste, sobretudo pelo Cuanhama. A estranha mucanda fora trazida em mão por Cedofeito Silva, quando este regressara ao Bihé de uma das suas viagens ao litoral de Benguela. Quando questionou o seu portador, de como soubera o autor da mucanda da sua existência, logo percebeu que, sendo as distâncias grandes, a língua dos homens não o era menos. Onde os

homens chegavam, chegavam com eles as notícias, as informações e os mujimbos também.

E qual o interesse desse homem?, perguntou Ozoro.

Acha que somos parecidos, os mesmos interesses, o mesmo gosto pela aventura.

Ah! O mesmo gosto pela aventura... Percebo!

Percebe o quê?

Ozoro fechou o rosto.

E como se chama esse homem?

Qual, Ozoro?

Esse morador do Mussungo Bitoto que te mandou a mucanda.

Bernardino José.

Ozoro respirou fundo e levantou os braços para o ar, mãos abertas, dedos a tremelicar. Aguardou alguns segundos com a respiração suspensa e elevou-se um pouco. Ladislau juraria que ela levitava. Depois, como se nada tivesse acontecido, baixou os braços, prendeu as suas mãos nas de Ladislau, fitou-o longamente e... nada disse.

Capítulo XI

“Haulamba wa Nangombe alele talili, / Simbungu alele takwena, / Haulamba alele tawelete! / Omukwetu umwe ineuya.

O bicho esfomeado de Nangombe [nome poético da hiena] passou a noite a chorar, / A hiena uivou toda a noite, / O bicho esfomeado berrou durante a noite! / Um companheiro nosso não regressou.”

(Poema épico cuanhama in C. Estermann – *Etnografia do Sudoeste de Angola*).

Haimbili iá Haufico, o grande soba dos cuanhamas, do clã real dos cuanhali, os que choram os mortos, aguardava na ombala grande que os seus conselheiros lhe sugerissem o que fazer com os brancos que haviam pedido autorização para entrar nas suas terras e o visitarem. Seria de aceitar a sua vinda? Não seria perigoso afastar as espinheiras dos caminhos, retirar os paus das cercas principais, abrir as portas da ombala, franqueando assim o acesso a tais estranhos? Depois destes não quereriam vir outros? As caravanas dos estrangeiros estavam para chegar, uma vinda do litoral, outra do interior.

Era raro, muito raro mesmo, chegar ao Cuanhama gente daquela. Haimbili só tinha ouvido falar deles, dos brancos, mas nunca os tinha visto. Por isso também era com um misto de curiosidade e receio que

Cuanháli, Kwanyali (Ova-Kwanyali) – clã dos soberanos do Cuanhama (Kwanyama, no extremo sul de Angola), cujas raízes se encontram na lenda da origem do próprio povo.

ouvira dizer que eles estavam a chegar ao limite das suas terras e que aguardavam obedientemente a sua autorização para entrarem.

O que vem do Nano, das terras de dentro e de cima, chama-se Ladislau e é morador do Bihé; o outro, o que vem das terras baixas que confinam com o grande lago de águas salgadas, chama-se Bernardino José e é morador do Bitoto. Foi assim que disseram a Haimbili, foi assim que lhe apresentaram os brancos que estavam a chegar ao Cuanhama.

Por precaução, Haimbili mandou chamar mais uma vez o ondjái, o chefe máximo do seu exército, para com ele combinar as estratégias de mais uma guerra a somar a muitas outras guerras que tivera. Só que a que despontava no horizonte era completamente diferente. Não iriam atacar o Humbe, a Camba, o Quiteve ou o Quipungo, desta vez. Nem sequer iriam até ao longínquo país dos ganguelas. Não! Desta vez ficariam mesmo no seu território, preparados, e fariam todas as demonstrações de guerra aos seus visitantes, para eles perceberem e levarem até aos seus iguais a informação de como os lengas cuanhamas eram obedecidos pelas ferozes e bem preparadas etangas. Desta vez, os guerreiros não iriam chegar vitoriosos das suas razias e prontos a oferecer os omapole, belos fios de missanga que a cozinheira dos guerreiros coloca nos cabelos conforme os vai recebendo, símbolo dos vencedores que tivessem morto algum inimigo ou capturado prisioneiros. Desta vez, o objectivo era diferente e Haimbili queria que tudo corresse como ele projectara.

Deixem entrar os brancos! Daqui a três dias eu os receberei na ombala grande, ordenou o soba do Cuanhama. Que as etangas estejam prontas para as danças de guerra, para os simulacros de batalha. Depois retirou-se para a sua casa e predisps-se a preparar-se como nunca para a recepção. Estava de certa forma espantado consigo próprio, pois nada dava a entender que uma

Lenga – capitão, chefe de um grupo de guerreiros. (C.)

Etanga – batalhão, grupo de cerca de cem guerreiros. (C.)

simples passagem de estranhos pelas suas terras fosse algo de extraordinário. Mas ele sentia, mais do que sabia, que aquele encontro marcava o princípio de uma época nova.

Alguns sinais se mostravam já, perturbadores, como a vontade de Haicucuto, aquele que ocupava a melhor posição entre os pretendentes à ombala grande do Cuanhama, de não seguir a tradição, recusando submeter-se à circuncisão. Talvez por não ser um dos primeiros na linha da sucessão, pois ele, Haimbili, fizera desaparecer os seus três sobrinhos e potenciais herdeiros, um por um enforcados com cordas de entrecasca, enquanto toda a gente se divertia na festa da rainha Nailiavala. Primeiro foi Hinuco, depois Disimonima, e por fim Asico.

Tudo passava a indicar, que doravante, ele, o sucessor de Simbilinge iá Naiimbíli, seria o último hamba a residir no lugar sagrado da ombala grande. E uma mudança dessas significaria que os antepassados viravam as costas ao seu povo, que a tradição era abandonada e que tempos difíceis se desenhavam no horizonte. A chegada daqueles brancos, o da montanha e o do mar, na mesma altura em que os outros sinais se levantavam de forma tão evidente, era a prova de que ele, Haimbili, poderia vir a ser o último dos hambas do tempo antigo. Dali em diante, tudo seria diferente. E ele não queria confrontar os antepassados, os espíritos das chanas, com uma recusa em tentar compreender os sinais que se lhe apresentavam.

Foram muitos os cabritos que mandou abater, para que fossem lidas as suas vísceras, abertos um a um, devagar, para se ler o presságio logo a partir da primeira introdução da faca na pele, no percorrer da lâmina pelo corpo ainda morno do animal, pela garganta acima em direcção à bifurcação dos maxilares, debaixo da boca onde ainda se percebe o último estertor, e depois até aos carreiros azulados, entre a pele e o osso, das extremidades posteriores. Se a uns servem estes caminhos azuis, já para outros as melhores informações vêm dos nódulos que se encontram por todo o corpo do animal, mesmo na superfície regular e lisa dos órgãos mais

comprimidos e colados uns aos outros, que se desfolham quando é cortada a membrana que sustém as vísceras. E foi aí, sim!, foi mesmo aí que só um dos muitos arúspices chamados por Haimbili, conseguiu ler o que vinha, o que estava ainda a começar a sair do limbo, da grande placenta de onde nasce tudo o que há. Foi aí mesmo que Kasima, o tchimbanda mais arguto das paisagens propícias, entendeu o que diziam os sinais porque Haimbili aguardava. No entanto, ficou estarecido com o que viu e, por isso mesmo, fez o que todos os outros fizeram. Disse ao Hamba que nada vira. Mas para Haimbili, não terem visto nada, era também um sinal.

* * *

Quando Ihe trouxeram a notícia que os estrangeiros se encontravam apenas a três dias de marcha da ombala grande, logo pela manhã Haimbili ordenou que Ihe esfregassem o corpo todo com lucula, e exigiu algo inédito. Que se repetissem os rituais que só se realizam quando o herdeiro do soba recebe o poder e ocupa a ombala grande. Era preciso aumentar a força do hamba do Cuanhama, repetindo os rituais, para que os sinais que se levantavam pudessem ser recebidos e geridos com uma força renovada. E assim se voltou a acender o fogo na forma antiga, com a fricção de dois pauzinhos, tendo sido o mais velho parente vivo a representar o seu falecido pai e a acompanhá-lo no cortejo tradicional, ele à frente do hamba e atrás deste a sua mulher principal, enquanto os guerreiros faziam ouvir as descargas das suas armas, os homens brandiam suas zagaias e as mulheres soltavam gritos de alegria.

Os principais membros do cortejo, ao chegarem à residência do hamba, entraram e dirigiram-se ao olupale, tomando assento sobre

"As paisagens propícias", livro de Ruy Duarte de Carvalho, no qual o A. se inspirou para escrever a parte do texto que faz referência à adivinhação nas vísceras dos animais.
Lucula, Lukula – *mistura de manteiga e de pó do cerne vermelho da árvore omulilosonde, trad. lit.: "chora sangue". (C.)*

troncos que formavam um rectângulo, no centro do qual a lenha se acendera com fogo novo. Depois, ao som do crepitar da chama na lenha seca, um pastor avançou e colocou o oi-fonono, um pequeno feixe de paus sagrados, propiciatórios de um tempo farto em gado. Lá fora, um grito de agonia rasgou a tarde, os velhos murmuraram palavras ininteligíveis, as mulheres reviraram os lábios e os guerreiros lançaram um grito de guerra. Um escravo era decapitado e a cabeça espetada num pau à entrada da residência, tendo sido guardadas algumas partes do seu corpo antes de ser lançado ao apetite das feras: um dedo, o nariz e o pénis, para depois serem misturados com carne de vaca e servirem de refeição ritual e mágica a Haimbili iá Haufico, herdeiro de Simbilingue, talvez o último hamba circuncidado do Cuanhama.

Que os meus caçadores matem um leão! Que os meus pastores matem um touro!, ordenou o hamba, para que o manjar seguinte tivesse das duas carnes, sendo que a do grande felino somente seria comida por si e a do touro comida pelos seus lengas. Depois ficaria nu para que o untassem de lucula feita com a gordura do leão e com a seiva vermelha da árvore que chora sangue. Era assim que os hambas do Cuanhama recebiam a força do mais poderoso dos grandes felinos, para fazerem tremer de medo os seus inimigos.

* * *

Os viajantes aproximavam-se do Cuanhama por um caminho que seguia ao longo do Cuvelai. Só a meio da tarde, após terem descansado um pouco e mitigado a fome, abandonaram o curso do rio e foram – cada um a pensar no outro, cada um sem saber do outro – dar a uma chana, onde acamparam ao final da tarde.

Quando abandonaram a chana, conhecida localmente por tchana tcha mpundja, já o fizeram juntos, Bernardino José de Mossamedes e Ladislau do Bihé. A partir daí estavam reunidas as suas forças,

Chana, Tchana, Tyana – zona baixa e alagadiça, de água não perene, que no tempo seco se transforma numa espécie de vale de vegetação rasteira. (N.)

seus conhecimentos, seus mantimentos, seus interesses, rumo ao mesmo destino.

Não tardou que começassem, igualmente, a comungar juntos dos mesmos padecimentos. E a violenta falta de água foi a primeira prova disso. O indispensável líquido foi desaparecendo ao mesmo tempo das cacimbas e mulolas e dos recipientes e cantis dos viajantes. A sede fê-los chegar extenuados ao Ndjongo, local onde quase sempre havia água, menos naquele dia.

Não havia poço, cacimba ou mulola que não estivessem secos. E em vão foram cavados buracos para tentar descobrir o precioso líquido, escondido da sede deles por baixo da areia. Fatigados e com a garganta seca como pele curtida, continuaram a viagem rumo à ombala grande de Haimbili, pelo caminho que do Evale seguia para Cafima.

Depois de muitas horas de viagem, o dia seguinte amanheceu chuvoso e a água deixou de faltar, finalmente. Se a chuva trazia água para beber, cozinhar e lavar, também trazia o terrível lamaçal de muenhe, uma terra muito fina que, molhada pela chuva, se tornava uma pasta mole como manteiga e na qual os bois-cavalos e os próprios homens se prendiam como os pássaros no visgo. Por isso, quando quiseram reiniciar a viagem, tiveram grandes dificuldades em avançar, com as patas dos animais e as pernas dos homens enterrados até à barriga.

Bernardino José, mais que Ladislau, conhecia algumas das particularidades das terras vizinhas do Cuanhama e mostrava estar mais preparado. Por isso foi muito útil, com os seus conselhos, ao sertanejo do Bihé. Foi por indicação daquele que viraram à esquerda e se meteram numa mulola, onde não havia o perigo de ficarem atolados, por serem depressões de terrenos areentos, que não se transformavam num lamaçal como o outro.

Entretanto, para sua felicidade, a chuva começou a rarear, mas foi com consternação que puderam verificar pela mucunda que

Mucunda, Mukunda – zona povoada, divisão (cantão) da área tribal cuanhama. O seu responsável (chefe) é o mwene womukunda. (C.)

atravessavam, denominada Nahui, que se tinham afastado bastante da rota que os levaria até à ombala grande.

Será necessário abrir caminho por entre o mato, confirmou Bernardino José.

Um mato nada fácil de cortar, cerrado de espinheiras como é, comentou Ladislau.

Não demoraria muito que os carregadores que foram despojados de suas cargas para executarem tal serviço, sentissem grandes dificuldades em progredir, ficando a sangrar dos braços e pernas.

Malditas espinheiras!, ouvia-se de quase todos.

É a paliçada mais avançada do soba Haimbili, comentou Bernardino José.

Para mim o barro foi pior. Nunca me senti tão preso na vida como naquele lamaçal de muênhe, lamentou Ladislau.

A lonjura daquela viagem, o cansaço, a sede e depois a chuva que transformou o pó em barro, e agora a mata de espinheiras, era uma sequência de situações complicadas que faziam moossa na resistência dos viajantes. Começavam a dar algum crédito aos que tinham tentado demovê-los de entrar em terras do Cuanhama. Valeria a pena tanto esforço?

As espinheiras continuavam a impedir ferozmente o avanço dos forasteiros, com a segurança com que o haviam feito no passado. Mas os que agora chegavam eram persistentes e, após muito esforço, muito sangue largado naquele quase campo de batalha, ao final do dia estavam em plena terra cuanhama.

Finalmente!, disseram, ao mesmo tempo, Bernardino José e Ladislau.

Se para trás ficara uma mata uniforme e opressiva de espinheiras, pela frente tinham uma área aberta que fazia lembrar uma vasta alameda, ladeada por arimos com árvores de fruto, gongueiros, munhetes, embes, nonhandeiros, maboqueiros e figueiras. Os viajantes suspiraram de alívio ao sentir que regressavam as forças perdidas, quer as físicas quer as morais.

Viva o Cuanhama!, gritou Ladislau eufórico, atirando o chapéu para o ar.

Viva!, ouviu-se em coro a resposta gritada por quase todos.

* * *

Chegaram ao eumbo de Silasa, chefe da mucunda, quando as primeiras sombras da noite começavam a esbater tudo. Mal se aproximaram, viram-se cercados por centenas de guerreiros cuanhamas, nada surpreendidos de os verem ali, pois já haviam sido avisados da entrada dos estranhos nas suas terras. Eram as etangas avançadas de Haimbili que ali os esperavam para lhes mostrar a força do grande rei dos cuanhamas. De lanças empunhadas e protegidos por escudos ovais, ora avançavam, ora recuavam, ao mesmo tempo que entoavam osicuâmbi, os cânticos de guerra.

Namongo talipepele / Kalunga etuama m'omuñulo / Namongo tukula omepo / Kalunga takula okaulapepo! / Pamba onaili likwete. / Kalunga taliti: vafi vange tuyeni!

Apesar de estarem habituados à guerra preta, aos guerreiros gentios e aos ataques dos quimbares de guerra, Bernardino José e Ladislau sentiram que, desta vez, era diferente, mais arrebatador e atemorizador. As etangas, formavam um círculo que, de instante em instante, se ia estreitando, estreitando... até sentirem as pontas das lanças encostadas ao seu corpo, o bafo quente dos guerreiros a queimar-lhes o rosto. Seria o fim?

Fez-se um silêncio dum segundo que lhes pareceu uma eternidade, um silêncio que pesava ainda mais que os gritos de guerra. E eis que as etangas se alargam de novo, se afastam os guerreiros, desta vez sem ruído, como que levitando. Ouve-se,

Osicuâmbi, Osikwambi – cânticos de guerra: *Namongo talipepele / Kalunga etuama m'omuñulo / Namongo tukula omepo / Kalunga takula okaulapepo! / Pamba onaili likwete. / Kalunga taliti: vafi vange tuyeni!* – *Namongo (Divindade) faz vento / Kalunga (Divindade) vem em nosso auxílio / Namongo faz soprar a brisa / Kalunga manda-nos vento / Pamba (Divindade) empunha um porrinho (cacete) / Kalunga diz: "mortos, vamos para a frente!" (C.)*

então, a voz de Silasa, o chefe da mucunda e poderoso lenga de Haimbili, a dar ordens para que os saudassem e os conduzissem ao seu eumbo, onde os recém-chegados matariam a sede com malôdu. Chegados à residência de Silasa, foram acolhidos com uma refeição de pirão de massango e carne seca de antílope.

Deitaram-se cedo e, no outro dia, um emissário do soba veio dizer-lhes que o seu senhor os aguardava.

Os caminhos de Haimbili estão abertos, disse Bernardino José, feliz. O morador de Mossamedes contagiava de alegria.

Os caminhos da ombala grande estão abertos, gritou Ladislau aos pulos. O morador do Bihé dançava de satisfação.

Andaram cinco horas sem parar, até que resolveram descansar à sombra de um munhandi, espécie de ameixoeira, mesmo ao lado duma cacimba. Em redor deles, estendia-se uma chana sem fim. No tempo das grandes chuvas, aquela terra era inundada pelas águas provenientes do Norte e do Sul, que arrastavam grande quantidade de peixe e de húmus que fertiliza os campos. Por isso, aquela zona atraía muita gente e era densa a população.

No dia seguinte, pelas cinco horas da manhã, um mensageiro especial do rei veio anunciar que Haimbili queria que os viajantes se aproximassem mais da ombala grande e que ele lhes trazia indicações sobre o local preciso onde deviam acampar. Ainda não tinham acabado de montar o acampamento, no lugar que lhes fora destinado, quando, pelas nove horas, aparece o cortejo real.

De entre todos sobressai o monarca, montado num soberbo alazão cor de fogo. Logo atrás trinta lengas e chefes de mucundas, também montados a cavalo. Seguem-se trezentos jovens e posantes guerreiros, a guarda pessoal de Haimbili. Por fim, uma matilha de cães. A comitiva permanece a certa distância, enquanto Bernardino José e Ladislau são informados de que, perante o hamba,

Malôdu - espécie de cerveja, obtida da fermentação do sorgo (massambala). (C.) O mesmo que macau. (N.)

não poderiam estar de calças e sapatos, pelo que teriam que se apresentar de pano à cintura e descalços. Após ataviarem-se como o protocolo da terra exigia, dirigem-se para uma clareira preparada para o encontro. Só depois de lá estarem é que Haimbili desmonta do seu cavalo e se dirige ao local, acompanhado de Mutâmu, irmão de Silasa, e chefe dos seus lengas, e de duas raparigas, filhas dos dois irmãos.

O soba senta-se num tamborete de madeira, forrado de pele de leão. Nota-se que tem idade avançada, mas percebe-se que ainda é forte. Como a maioria dos cuanhamas, possui elevada estatura, agora um tanto curvado devido ao peso dos anos. O rosto reflecte nobreza e a postura é de alguém habituado a ser obedecido. As raparigas, postadas imediatamente atrás dele, enxotam as moscas com caudas de gnu. A um sinal seu os visitantes aproximam-se. Um intérprete traduz da língua dos cuanhamas para a língua do planalto da Huíla, o olunhaneca, que Bernardino José entende. A Ladislau não escapa a beleza singular de uma delas. É Naulé, filha de Silasa e sobrinha de Mutâmu, como viria a saber mais tarde.

“Ozoro!”, murmurou para si próprio Ladislau. Naulé parecia-se muito com Ozoro, achou ele.

O encontro foi curto e de pura cortesia. Haimbili mandou que fossem oferecidos nombes e amêndoas de gongo aos recém-chegados e tentou perceber ao que vinham, o que é que pretendiam fazer no Cuanhama. Pouco havia para dizer. Aos viajantes só interessava que o hamba autorizasse a sua estadia em terra cuanhama, por curta que fosse, apenas para fazer algum comércio, comprar, sobretudo, marfim, ovos e penas de avestruz, e vender alguns produtos que sabiam serem raros ali. E pareceu-lhes que Haimbili não se opunha, pois, no final do encontro, mandou que lhes fossem servidos mais nombes, frutos pequenos mas de um sabor muitíssimo agradável, e amêndoas previamente extraídas do gongo, a ameixa branca tão característica do Cuanhama.

* * *

Mutâmu levantou-se naquele dia fresco de Junho e dirigiu-se à entrada principal da ombala. Lá dentro, procurou o caminho que o levaria à onganda onde o hamba repousava. A essa hora, ainda o sol se espreguiçava por entre os cobertores da noite, Mutâmu sabia o que fazer. Há muito que se preparara para aquele acontecimento.

Acordado o soberano, saíram então os dois, o hamba à frente, andando devagar, ainda sob os efeitos do sono e da idade, pois já contava com o peso de oitenta longos anos. Fora da ombala, para além dos sambos construídos de espinheiras, onde as manadas reais ainda ruminavam o seu descanso, já se ouvia o vozear e os cânticos representativos de cada mucunda, de todas as mucundas da grande nação cuanhama. Haimbili tinha querido que, desta vez, não houvesse uma efundula, uma festa da puberdades em cada mucunda, ou num grupo delas, mas sim uma grande efundula na grande ombala.

Haimbili sabia que esta seria a última efundula a que assistiria. Por isso estava especialmente sensível e atento a tudo. Mas antes de sair para o terreiro, ainda o sol não havia começado a lambem o chão como os bois lambem o sal da terra, lavou as mãos, o rosto, a boca e os pés e depois esfregou-se com lucula.

Em breve começariam as cerimónias da efundula, na qual Naulé, uma das sobrinhas de Mutâmu, e muitas outras raparigas, passariam da sua condição de omufuco para a de omualicádi, de meninas a raparigas casadoiras.

No ano de todos os acontecimentos, de todas as mudanças..., murmurou Haimbili.

Efundula – *cerimónia da puberdade das raparigas, que tem lugar entre os dezasseis e os vinte anos de idade. (C.)*

Lucula, Lukula – *óleo feito de uma mistura de manteiga de vaca com o cerne vermelho da árvore designada girasonde, em kimbundu, ou mulilohonde, em olu-nyaneka. (C.)*

Hamba, as raparigas já estão preparadas, informou Mutâmu.

Seus elendes estão alindados das fiadas de zimbos que a tradição não dispensa?

Sim, meu senhor! E as raparigas estão felizes por poderem ser, em breve, esposas e mães... com o encantamento da tua real semente.

Para que, desta forma, os cuanhamas possam continuar a ser o melhor povo do mundo!, concluiu Haimbili.

No dia anterior ao iniciar da festa, as raparigas tinham-se reunido com os respectivos parentes na casa das cerimónias. Naulé, a sobrinha de Mutâmu, estava especialmente bela nesse dia. O elende, com nove fiadas de pequenas conchas, ou zimbos, que lhe iam da testa até às costas, ficava-lhe muito bem e tornava a sua cabeça invulgarmente graciosa. Vestia uma bem curtida e cuidadosamente talhada pele de boi preto, e um belo avental feito do estômago do mesmo animal, seguros por três cintas largas de couro. O corpo, copiosamente untado de lucula, apresentava-se com um tom lindamente acobreado e a pele era suave como se fora a de um bezerro acabado de nascer.

No primeiro dia, o do “descansar das galinhas”, apenas conversaram umas com as outras e repousaram, para ganharem forças para os três dias de festa que se seguiriam. Naulé teve dificuldade em conciliar o sono nessa noite. Já era muito tarde quando adormeceu, ouvindo os bois dos sambos vizinhos a conversar com a noite.

Gosto tanto de ouvir o mugir lá fora, enquanto o sono chega!, pensou Naulé, enquanto adormecia. Não levaria muito tempo a ouvir que um homem as chamava:

Venham, ó raparigas! Chegou o dia do chacal, chegou o dia do chacal!, seguindo-se o som das ñgomas no terreiro.

Euê! É o mupitífi que nos chama para dançar, gritou Naulé. Gritaram também as outras raparigas. E todas se precipitaram para o terreiro onde, sob as orientações do mestre-de-cerimónias, começaram a dançar, sempre atentas, sem se descuidarem em manter levantada a cauda de gnu que levavam na mão direita.

Gnu - grande antílope. (?)

Naulé e as companheiras revolteiam, quase que pairam sobre o terreiro da dança, varrendo as sombras com a cauda de gnu, as sombras que possam esconder-lhes um tempo de fecundidade. Até ao cume das montanhas à volta, o som dos tambores, das palmas e dos cânticos sobe como rolos de fumo.

O mupitífi dá por finda a dança e algumas mulheres avançam para as raparigas, dando-lhes a beber cerveja por cabacinhas já polidas de tanto uso. Ao primeiro golo, Naulé torce o nariz. Não gosta e quer cuspir, escondendo o rosto com a cauda de gnu. Mas uma mulher, que percute com um pau uma sachola, instrumento símbolo das mulheres casadas, percebe o seu gesto e corre para ela.

Não cuspas e bebe tudo, essa cerveja fará de ti uma mulher fértil, segreda-lhe.

O mestre-cerimónias olha para todas, uma a uma, enquanto a mulher da sachola continua a segredar a Naulé.

Na cerveja está a semente do..., aqui faz uma pausa, diz umas palavras mágicas e, de seguida, põe a língua de fora que se desenrola devagar para depositar no ouvido de Naulé uma palavra, ... Hamba!, e aponta o queixo comprido para o mupitífi.

Naulé, confusa, primeiro fecha os olhos e volta a esconder o rosto com a cauda de gnu. Depois sente que uma mão lhe agarra o rosto e que uns dedos, leves como o vento, lhe levantam as pálpebras como se fosse o avental que lhe esconde o ventre. Olha por entre as cerdas do gnu e vê o mupitífi a dançar só para ela... enquanto se vai transformando em... Haimbili.

Naulé dá um grito que é abafado pelo rufar dos tambores, continua a dançar como se não sentisse as pernas e os pés nus a tocarem o chão e depois começa a sentir um líquido quente e viscoso a escorregar por ela adentro, até ao fundo, até sentir que se deposita nas suas entranhas, no seu ventre, humedecendo-lhe a vagina.

* * *

Mutâmu voltou à ombala passadas as festas. Haimbili tinha-lhe ordenado que fosse ter com ele, sem que mais ninguém o soubesse, à sua onganda de dormir. Quando se aproximou da ombala, viu sair, pela porta principal, um morcego que esvoaçou sobre a sua cabeça e depois desapareceu nos matos da Ondjiva.

Entra Mutâmu! O que tens para me dizer?

Que as ovafuco receberam o encantamento da vossa semente, ó grande hamba.

E diz-me Mutâmu, porquê desta vez?

Porque Haimbili já Haufico fez-se homem de acordo com os costumes.

O quê, Mutâmu?

Da ombala grande só é senhor um príncipe circuncidado.

E isso explica o quê Mutâmu?

Que o último hamba genuíno está à minha frente.

Como foi anunciado pelos magos, quando viram aproximar-se os homens brancos da ombala grande?

Sim, grande hamba! Mas graças à vossa semente, ao sémen puro e fecundo do vosso clã, as mulheres cuanhamas continuarão a gerar o melhor povo do mundo.

Pois bem, Mutâmu! Pois bem! Agora deixa-me só.

Mutâmu avançou três passos e recuou um, sempre de cabeça baixa e corpo curvado para o chão. Tinha um pedido de Silasa, seu irmão, a apresentar a Haimbili. Mas já não sentia coragem para o fazer. A sua hesitação não passou despercebida ao seu senhor.

Diz Mutâmu, diz o que queres.

Um dos brancos foi visitar Silasa, grande senhor.

E depois? Eu disse que os tratassem bem, Mutâmu.

Mas, acontece que o branco...

Qual deles, Mutamu? O que vem da montanha ou o que vem do mar?

O que vem da montanha, meu hamba.

E então, Mutâmu?

Quando Silasa quis oferecer-lhe um boi, ele, estranhamente, disse que só queria a mutchila, apenas a cauda, nada mais.

A mutchila? Só a mutchila? Estranho, Mutâmu. Muito estranho!

Quando Silasa mandou que cortassem a mutchila ao boi, o branco disse que não era preciso.

Não era preciso, Mutâmu? E como ia ele levar a mutchila? Ah, pois! Junto com o boi, claro.

Não, meu senhor. Ele queria uma cauda, sim, mas não de boi.

Não?, estranhou Haimbili.

Ele queria uma cauda sim, mas de gnu.

Que branco estranho esse!, suspirou o hamba.

A cauda de gnu com que Naulé espantou as moscas.

Quais moscas, Mutâmu?, perguntou Haimbili, com a paciência a esgotar-se.

As que Naulé afastava da sua real cabeça, meu Hamba, quando os brancos chegaram e os recebeu próximo da ombala.

Ah! Lembro-me, sim, Mutâmu. Lembro-me...

Silasa, a princípio, não quis dar a cauda de gnu de Naulé, senhor, mas... foi então que o branco da montanha lhe ofereceu uma... uma cabacinha que aponta o caminho.

Cabacinha que aponta o caminho? Qual caminho, Mutâmu?

Bem, grande hamba, só o saberei quando falar com Silasa.

Que seja depressa, Mutâmu!

Ainda hoje, grande hamba.

E que Silasa me mande a cabacinha que aponta o caminho para eu ver.

Assim se fará, grande hamba. Assim se fará.

* * *

Os contactos que era necessário estabelecer para a compra dos produtos, as viagens longas de um lado para o outro, as visitas de cerimónia a cada chefe de cantão, que cada senhor de eumbo exigia, eram, no conjunto, actividades que lhes ocupavam todo o tempo disponível, com excepção do tempo curto em que dormiam. A cada fim do dia chegavam esgotados, sem energia para mais.

Hoje fartei-me de comer nombes, confidenciou Bernardino José. Como é que um fruto tão pequeno e do qual só quase se come a casca pode ser tão agradável?!

Eu gosto mais da amêndoa do gongó.

Só da amêndoa?, perguntou Bernardino José, jocosamente.

E também da polpa que a envolve, sobretudo depois de fermentada... é bem melhor que a capata que bebemos lá no Bihé.

Pois, pois, fugiu-lhe a boca p'rá verdade!

Como me fugiu para o gongó. É uma boca fujona, a minha...

Desde que não a perca..., sorriu Bernardino José.

Já a perdi... quando chamei por Ozoro e ela não me ouviu...

Como?

Ficou a espanar o vento com a cauda de gnu, como se dançasse. Estava tão bela a minha Ozoro.

Ozoro? Mas essa não é a sua mulher?

É.

E então? Não compreendo. Quem empunhava caudas de gnu eram raparigas cuanhamas.

Mas Ozoro estava lá.

Bernardino José achou que o seu amigo tinha bebido demais.

Eu bem lhe disse que vinho de gongó provoca tonturas e até alucinações.

Ladislau encolheu os ombros, aproximou-se mais de Bernardino José e, em jeito de confiança disse-lhe que tinha ido visitar Silasa e que este o tinha recebido muito bem...

E então, perguntou Bernardino José, com a curiosidade desperta.

Ofereci-lhe, entre outras bugigangas, a minha bússola.

A sua bússola?! Para que interessa a Silasa? A si é que lhe faz falta.

Ele não ficou entusiasmado quando lhe disse que é o instrumento que nos indica o caminho. Respondeu-me que conhecia todos os caminhos da sua terra e que nunca se perdia. Ficou entusiasmado, isso sim, mas com o tremelicar da agulha magnética e por ela ser teimosa, apontar sempre para o mesmo lado, mesmo quando a tentávamos enganar. Quando me quis agradecer com alguns presentes, eu apenas lhe pedi a cauda de gnu que a filha empunhava no dia em fomos recebidos por Haimbili.

Silasa deve ter ficado surpreendido com o pedido, imagino!

A princípio nem percebeu muito bem, confesso. Mas depois perguntou-me se tinha sido a “cabacinha que aponta o caminho”, como chamou à bússola, a apontar o caminho até à cauda de gnu. Disse-lhe que sim. Depois perguntou-se se tinha sido ela a apontar aos brancos (referia-se a nós, claro!) o caminho para o Cuanhama. Voltei a dizer-lhe que sim. Então Silassa ofereceu-me a cauda de gnu.

* * *

Bernardino José ia comendo nombes ao mesmo tempo que tirava apontamentos e corrigia outros sobre a vida e os costumes das gentes que ia conhecendo nas suas viagens. Dos nombes só se comia a parte carnuda, mas fina, que envolvia o caroço. Por isso era natural que se comesse em grande quantidade e se levasse bastante tempo a fazê-lo.

Muito escreve vossemecê! Ainda fica cego, o que, convenhamos, não seria nada bom para quem gosta tanto de deambular por aí.

Cego! Cego é quem anda por aí e só vê penas de avestruz e marfim...

Essa é dirigida a mim? É?

Só então Bernardino percebeu que, talvez, tivesse ido longe demais.

Claro que não! É dirigida a todos menos a nós... e ao meu amigo F. Nogueira, que eu conheci em Mossamedes.

Desse Nogueira ainda não ouvi falar, confessou Ladislau.

Um dia apresento-lho. É um dos homens mais interessantes que conheço.

E continuaram a conversar... enquanto a noite não se adensasse e o corpo não exigisse a paz do sono.

Olhe que não sei onde guardar tanto ovo e pluma de avestruz. Já o marfim é que não é tanto quanto eu desejaria, observou Ladislau.

Eu hoje tive sorte...

Conseguiu marfim?

Não muito, mas o suficiente para pagar as despesas da viagem. Mas não é disso que ia falar...

O que eu comprei nem para isso dá. Estou a ver que terei que ir mais além, atravessar o Cuanhama e ir mais para lá.

Enquanto falava, Ladislau ia espetando plumas de avestruz na cabeça. Bernardino achava-o um tanto extravagante.

Hoje tive sorte em ter conhecido uma velha que me contou aspectos interessantes da Efundula, a festa da puberdade das raparigas cuanhamas, e outras coisas mais. Foi um dia proveitoso, enfim!

Marfim? Onde descobriu o marfim?

Marfim? Lá vem vossemecê com o marfim. Anda mesmo distraído... a pensar em quem? Em Ozoro? Ou em... Naulé?

Tremelicaram as plumas de avestruz no cocuruto de Ladislau; reviraram-se-lhe os olhos e esticaram-se os dedos. Sobreveio um pulo. Mais um. Mais dois. Se Bernardino tinha algumas dúvidas quanto ao perfeito juízo do húngaro, ficou sem dúvidas a partir dali. Mas, assim como começou, assim voltou Ladislau ao normal.

Ufa! Aos pulos e com essas plumas na cabeça, por momentos pensei estar em frente dum feroz guerreiro cuanhama...

Jeito me dava ser aceite nas etangas de Haimbili..., disse Ladislau a transpirar do esforço feito.

O espírito emplumado!, exclamou Barnardino.

Ladislau deu uma gargalhada.

Era como passaria a ser conhecido. Um guerreiro branco nas fileiras cuanhamas seria coisa de outro mundo... dos espíritos.

Dos espíritos?

Porque, para eles, nós temos a cor dos espíritos... somos *ondele*.

Engraçado! Minha Ozoro costumava dizer “o meu homem atravessou o mar e é da cor do espírito”.

Como vê! Parece que por cá todos nos encaram assim...

Será bom? Será mau?

Quem sabe? Depende de como nos vêem... Para sua mulher, na certa é um espírito bom.

Ah! Como é perspicaz, meu amigo! E como se interessa pelo que os outros pensam e fazem! É por isso que não esgota o seu tempo apenas com a busca de marfim...

Pois é!, mais do que o marfim, acredite, interessa-me o conhecimento.

E o que vai fazer com todo esse conhecimento?

Por enquanto vou guardando-o na memória e nos meus apontamentos.

Tantos apontamentos!, exclamou Ladislau. Sabe que também eu vou apontando alguma coisa, mas nada que se lhe compare.

Bernardino deu uma volta sobre si mesmo e suspirou profundamente.

Se puder, um dia publico-os.

Ladislau olhou-o com surpresa.

E onde? E quem os vais ler?

Há por aí gente capaz disso, dos Gambos à Huíla, de Serra Abaixo a Mossamedes e a Benguela, talvez lá no Bihé de onde veio e até Loanda.

Mesmo assim são muito poucos e desses poucos, pouquíssimos se interessarão pelos seus escritos.

Bernardino José abanou a cabeça como quem não concordasse totalmente.

E o que escrevo não é só a pensar no nosso tempo. Lá virá o dia – quem sabe? – em que serão os próprios povos que agora descrevo a interessar-se por ler o que escrevi sobre eles...

Ladislau ficou pensativo, a remoer o que Bernardino José lhe tinha dito. Talvez tivesse razão...

E já tem ideia do título que vai dar à publicação?

Já. Ontem mesmo decidi que se entitulará “Descrição das terras do Humbe, Camba, Mulondo, Cuanhama, e outras”.

E outras? Talvez fique melhor completar: “e outras coisas que vivi com o meu amigo Ladislau”, alvitrou, sorrindo.

Não está mal visto! Vou pensar nisso, disse a sorrir Bernardino. Depois levantou-se, pôs o grosso rolo de apontamentos debaixo do braço e despediu-se. No dia seguinte tentaria ser recebido por Mutâmu, irmão de Silasa e homem de confiança de Haimbili. Talvez conseguisse, através dele, chegar até ao soba. Os apontamentos ficariam enriquecidos com o seu testemunho.

* * *

Bernardino e Ladislau estiveram poucos dias no Cuanhama. Haimbili dera ordens para ninguém os hostilizar, mas os viajantes sentiam que não eram bem-vindos. A qualquer momento, tudo poderia mudar. E antes que tal acontecesse, resolveram abandonar aquelas terras.

O morador de Mossamedes colheu as informações que pôde sobre os cuanhamas e ainda sobre o curso e a foz do rio Cunene e contentou-se em adquirir algum marfim que desse para pagar a viagem.

O morador do Bihé comprou plumas e ovos de avestruz e conseguiu obter, por troca da sua bússola, a cauda de gnu com que

vira Naulé afastar as moscas de Haimbili.

E já se preparavam para iniciar a viagem de regresso, quando os adivinhos e os cantadores começaram a divulgar o mau presságio que tinha sido a sua chegada e a sua estadia em terra cuanhama.

Gemia a puíta e fazia-se ouvir a soturna voz dos adivinhos; rufava a ñgoma e ampliava-se a voz dos pregoeiros.

Uns questionavam o seguinte:

“Um elefante atravessou o país de Haimbili. O que é que quer dizer isto? O elefante morreu no arimbo de Haimbili. Sucedeu isto porquê?”

Outros falavam assim:

“Da Ondôngua veio um grupo de lengas que foi acampar no arimbo de Haimbili. Os filhos dos sobas retiraram-se da região e ninguém sabe para onde foram”.

Aqueloutros confirmavam:

“Nós sabemos para onde seguiram, mas não de onde vieram. Foram para a Ondôngua, onde acamparam, para depois seguirem para o Cuanhama”.

E todos cantavam em coro:

“O alarme do infeliz foi feito por Pamba. As nossas palavras que terminem. Este ser ficou com o soba, um morcego esvoaçou em seu redor”.

O grande Haimbili apartara-se deste mundo e o medo alastrou como o pó na ventania. Os viajantes foram logo aconselhados a abandonar o país o mais depressa possível, pois o período de luto seria longo, de rituais precisos e duros, e não era aceite a presença de estrangeiros em solo cuanhama.

* * *

Os dias escorriam como brisas cacimbosas pelas faldas dos

montes, molhados e silenciosos, sem que nenhum porrinho ou lança perturbasse a calma. Só Mutâmu fora informado, em segredo, de que algo muito mais importante do que qualquer cerimônia ou festa, do que qualquer conflito ou guerra, tinha acontecido na Ombala.

A família mais chegada do hamba esperava-o e ficou decidido o que decidido estava.

Será Naulé a cuidar do nosso hamba, falou Mutâmu devagar, cuspidando ritualmente por entre a clareira formada pela falta dos quatro incisivos de baixo e o triângulo feito nos dois incisivos de cima. Depois retirou-se e dirigiu-se para a sua casa.

Mas Naulé não é uma escrava!, disse sua mulher principal, surpreendida.

Eu sei! Naulé é minha sobrinha, filha de meu irmão Silasa.

E então?, surpreendeu-se a mulher, sem perceber.

Mas terá que ser assim desta vez.

Qual a razão, se a tradição não manda assim?

Por causa da cabacinha mágica...

Da cabacinha mágica? O que quer isso dizer?, perguntaram todos.

A que mostra o caminho..., respondeu Mutâmu.

* * *

Naulé foi a escolhida para acompanhar o corpo de Haimbili para sempre, durante o tempo que não termina. Os pais da rapariga, irmãos e parentes mais chegados, foram informados da missão sagrada de Naulé e da honra que lhes caberia por fazerem parte do plano de Haimbili: o de salvar o seu povo de um tempo em que seriam governados por sobas não circuncidados, e, por isso mesmo, desprovidos da protecção dos antepassados. As consequências seriam devastadoras... as chimpacas de defesa do Cuanhama, pese embora a coragem dos seus guerreiros, ficariam abertas ao voo do salalé, a térmita que tudo mastiga, e ao avanço do manhéu.

Mas Mutâmo não contou tudo a Naulé, com receio de que a sua sobrinha não aguentasse de terror e perdesse a compostura, desatasse a chorar e a fugir, o que cairia mal ao clã e perturbaria o espírito do hamba falecido.

Naulé, minha sobrinha! Venho aqui pedir-te um sacrifício.

Um sacrifício, meu tio?

Sim! Que vás para a onganda onde se encontra o corpo do nosso hamba e por lá fiques a cuidar dele, a limpar tudo muito bem até ao funeral. E que tenhas em atenção as larvas que irão saindo do cadáver. Tens que as vigiar uma a uma... até encontrares a maior, a mais gorda, a mais forte.

E o que faço, meu tio? O que faço?, perguntava Naulé perturbada, com um enjoo forte a querer derramar-se dela.

Mutâmu agarrou-a pelos ombros, olhou-a de frente e, com voz calma, explicou o que era possível explicar naquele momento.

Será a única larva a ser guardada por ti, até ao funeral. É nela que o espírito do nosso hamba se encontra resguardado deste mundo.

Mas isso não é trabalho de escrava?, perguntou aflita.

Mutâmu não respondeu logo e continuou a tentar apaziguar os temores que assaltavam Naulé.

Todos os sinais nos conduziram a ti, minha sobrinha.

Que sinais, meu tio?

Os brancos que vieram do mar e das montanhas; a cabacinha mágica que lhes ensinou o caminho até à nossa terra e depois até ti, quando afugentavas as moscas da cabeça do nosso hamba com a cauda de gnu e o morcego esvoaçou em frente da ombala grande.

Mas nada sei disso!, gritou Naulé.

Pois não, sobrinha, pois não. Mas sabemos nós.

E Mutâmu continuou a explicar a Naulé o seu importante papel.

Quando chegar a hora, o corpo do nosso hamba e a larva que guarda o seu espírito serão envolvidos numa pele de boi preto e enterrados perto da onganda de dormir. O túmulo, a sua ompamba, será depois cercado de grandes paus, inclinados para o centro e

encostados no topo.

Esta última explicação já Naulé não ouviu. Por isso voltou a perguntar, se tal tarefa não era própria de uma escrava. Mutâmu suspirou fundo, tão fundo que fez eco no peito de Naulé.

Tens razão, minha sobrinha. Sempre foi assim... até hoje, respondeu.

Porquê, meu tio, porquê?, gritou Naulé.

Porque sim!, murmurou Mutâmu.

Ao sair da onganda, Mutâmu provocou uma aragem fria que apagou o fogo. Ficou escuro de repente e Naulé perturbada, como se já estivesse na onganda real a velar sozinha o corpo morto de Haimbili. Começou a soluçar e sentiu a cabeça a andar à roda, à roda, e nessa roda dançava um velho todo nu, de cujo baixo-ventre pendia uma teta jorrando tanto sémen que as raparigas que dançavam à sua volta, as ovafuco, se afogavam nele, como as moscas se afogavam nos tarros cheios do leite, após a ordenha das vacas no sambo de seu pai.

Lá fora, no dia que começa a clarear, espalha-se, como a brisa, um choro vindo da Ombala. Mas Naulé já não o ouve. Entontecida, cai num sono profundo. Pouco tempo depois, alguém entra na onganda, um vulto de homem, que se deita ao lado dela, se alarga como uma pele de dormir e se enrola nela...

* * *

O choro foi-se tornando cada vez mais forte, mais forte, até se perceberem as palavras pronunciadas entre gemidos:

Ocahieye, ocaíma hacália ohamba! Ocahieye, ocaíma hacália ohamba! Sim, é verdade, está um pequeno ser a comer o nosso hamba!

Ocahieie, ocaíma hacália ohamba!; Okahieye, okaima hakalia ohamba! – *Está um pequeno ser (liter.: pequena coisa; um feiticeiro) a comer o soba! (C.)*

O povo em grande ajuntamento vai-se aproximando e vai entrando na Ombala.

Omo eli? Omo eli? Ele está lá dentro? Ele está lá dentro?, pergunta-lhes Mutâmu, que faz parte da procissão dos fidalgos, da que rodeia o cadáver de Haimbili. E o povo responde aos gritos, gesticulando muito, mostrando desespero pelo falecimento do monarca:

Quê-mo! Quê-mo! Não está! Não está!

Mal o povo acaba de dar a resposta, o soar lúgubre do berrante, uma longa corneta de chifre de holongo, ressoa pelas terras da Ondjiva e por todo o Cuanhama, levando a notícia do passamento do hamba Haimbili iá Haufico, sendo declarado o ongodji, o luto oficial e pesado que reserva a pena de morte a quem se atreva a rir alto, demonstre alegria a cantar ou a dançar, ou trabalhe nos seus arimbos ou enterre os seus mortos.

* * *

Os ecos do passamento do grande soba dos cuanhamas apanha Bernardino José a orientar-se para norte, já nos Gambos, com a brisa fresca do planalto a humedecer-lhe as faces, enquanto Ladislau se orienta para Sul, do outro lado do rio Cunene, sentindo o respirar abafado do deserto. O calor é opressivo nesse dia. Ladislau sente a cabeça a ferver e do chão eleva-se um estranho hálito que lhe entope as narinas e lhe turva a vista. Uma tontura fá-lo oscilar. Alguns homens aproximam-se e proferem palavras que ele não consegue compreender.

O que dizem estes homens?, quis saber Ladislau.

Que o luto se estendeu como a noite por toda a terra cuanhama e que a ombala grande foi incendiada, diz-lhe o intérprete. E que mais nenhum hamba depois deste reinará a partir daquele lugar antigo.

E Haimbili, o que lhe aconteceu?

O hamba já não é deste mundo, disseram. Acompanha-o a

formosa filha de Silasa.

Naulé?, perguntou Ladislau.

Naulé, sim!, responderam, surpreendidos por o estrangeiro saber o nome dela.

Ladislau estremece. Pressente uma tragédia. Tenta ver para além das nuvens de pó que o vento levanta. Coloca a mão em pala e franze o cenho. Ainda falta tanto para a noite chegar mas a escuridão envolve-o. Um vulto sobressai ao fundo. Começa a definir-se. Ganha relevo.

Ozoro?

Foi escolhida para tratar do nosso hamba na vida que passará a ter depois da morte, continuam os homens a explicar.

E por que foi ela a escolhida?

Por causa dos sinais.

Quais sinais?

Não se sabe ao certo, senhor!, responde um deles. Mas há quem diga que tem a ver com os brancos que entraram no Cuanhama, o elefante que pisou as lavras de Haimbili, a cabacinha que aponta o caminho.

Disseram a cabacinha que aponta o caminho?

Sim! Diz-se que o caminho que ela apontava ia dar a Naulé.

E a Ozoro!, murmurou Ladislau.

Capítulo XII

“E o bicho – javali ou pacassa, lobo ou raposa, onça ou leão – transita serenamente, e serenamente avançam eles também. Nada sucede, porque não há maquinação de feiticeiros. As feras não vêm a seu mando e os corações dos homens estão limpos, sob a protecção dos manes. E todos, num respeito amigável, em paz seguem seu destino.”

(Óscar Ribas – *Uanga*.)

Inocência d’Almeida está sozinho no seu quarto. Levantara-se da cama e fora até à janela apanhar um pouco de ar e descansar o olhar nas lonjuras, para os lados da pequena colina onde se erguia a decadente fortaleza. Desde o dia anterior que as ñgomas soavam ininterruptamente, como ondas chegavam, umas vezes mais fortes, outras vezes mais leves.

Isabel, sua mulher, encontrava-se noutra quarto com as crianças. Sentada num banco desconfortável pensava na doença súbita que acometera seu marido, ela com os filhos ainda pequenos, António José com cinco anos e Francisco com três. Ele sem conseguir dormir há várias noites, a tosse a impedir o peito de descansar e quando se calava parecia que os tambores ainda mais se faziam ouvir, como se o silêncio não fosse uma bênção de Deus. Caconda era bem Otchilongo Tch’onoñgoma, a terra dos batuques que nunca se silenciam, ora porque está a sair mais uma razia contra os povos das terras baixas, a Guerra do Nano, ou porque se anuncia uma Guerra do Rei em que se envolvem os soldados da fortaleza. Para quem era

ferido, morto ou feito prisioneiro, tanto fazia ser de uma ou de outra classe de guerras pois, inexoravelmente, se seguiam os saques e consequentes cortejos de libambos de escravos pendurados, um anel de metal e dor a envolver o pescoço de dezenas de pessoas convertidas em artigo de permuta como uma enxada ou um dente de marfim, uma mortal cadeia que se perdia no horizonte ou emergia dele, e os tambores, sempre os tambores, a gemerem pelos escravos que eram levados para Benguela ou para Loanda.

Tinham pedido ao comandante da fortaleza que o enfermeiro dos soldados tentasse curar Inocência, mas em vão; tinham mandado chamar de Quilengues um quimbando afamado mas... nada também! Uma mistela, feita com goma do cacto berbere, leite de mamão, terebintina de manga e líquido maboqueiro, não adiantara nada, antes pelo contrário, parece que piorara as coisas, a tosse a sair cavernosa das arcadas do peito, havendo até quem dissesse que aquilo não era propriamente tosse mas a voz duma hiena cinzenta. O sinal mais do que certo de doença desejada por alguém carregado de inveja, sussurravam os mais crentes em sortilégios e uangas.

Era o final da tarde de um dia quente, parado, nem sequer o vento cantava seus segredos nas folhas mulembeiras. Isabel estava tensa, uma dor a morder-lhe o peito, a escoicinhar o fundo dele, fisicamente indistinto. Mandou chamar dos escravos domésticos o mais antigo, mais de confiança, o Tchidjolo, e quis conversar com ele, ouvir-lhe histórias antigas em umbundo, língua mãe, língua cantante que lhe sabia bem ao final da tarde, quando o sol se ia escondendo para trás das montanhas, à medida que os tambores iam subindo o tom. Quando ouviu um gemido fez parar Tchidjolo que ia no décimo dos muitos ovi-sungu que sabia e foi até ao quarto onde Inocência se encontrava.

Estou hoje com muito calor. Está muito abafado, não consigo

Maboqueiro – árvore que dá o maboque “*Strychnos Schum.*”, fruto esférico, de casca muito dura, que contém no seu interior um líquido espesso de sabor agri-doce. De mabok. (K.). O mesmo que Upole (U.) e Mulondo (N.). Vulgarizou-se no português de Angola o termo maboque, de origem quimbundo (K.)
Ovi-sungu – cânticos. (U.)

respirar.

Pronto! Esteja sossegado meu marido que eu mando um escravo abanicar-lhe o pangau e Tchindjolo para lhe cantar ovi-sungu. Vai ver que lhe vai fazer bem!

Isabel fez uma festa no rosto de Inocência e retirou-se com a dor a regressar ao peito. Desde que Inocência começara a tossir que as dores se acentuaram, fazendo-a sofrer uma pressão no peito que ia e vinha conforme o estado de seu marido. Era como se o peito dela guardasse a dor de Inocência, sempre que ele tinha os poderosos acessos de tosse. Quando ele tossia, a dor era ela que a sentia. No sofrimento, como na vida, repartiam tudo.

Isabel, Isabel, quando deixar este mundo, sai de Caconda e vai p'ra Huíla. Lá estarás melhor! E procura pelo nosso amigo Luís Pilarte. Ele ajudar-te-á, a ti e..., Foi interrompido por um acesso de tosse, forte, persistente. Isabel tentou acalmá-lo, confortá-lo, enquanto sentia uma dor violenta no peito.

Está bem, meu marido! Mas não se canse muito e durma, que a tosse já lhe passa.

Quando a noite chegou, Isabel decidiu sair de casa, pois já não aguentava as convulsões de Inocência, o tentar esconder a aflição de seus meninos, as dores que sentia no peito cada vez mais fortes. Pela dor, ela sabia que o fim se aproximava, inexoravelmente e, por isso, pegou neles e saiu para a escuridão da noite, assustando os quimbares que permanentemente guardavam a casa. Quando lhe perguntaram se queria levar alguém consigo, porque era perigoso andar lá por fora sozinha com as crianças, respondeu que ia bem, que não tivessem receio, que voltassem a pedir a Tchindjolo que não saísse da cabeceira de seu marido. Já fora da paliçada feita de paus unidos com malói, Isabel ouviu o ladrar dos cães, afagou os filhos e disse-lhes que não chorassem, que os homens não choram, e foi andando por um caminho que só conhecia à luz do dia. Mas não tinha dúvidas que iria acertar nele mesmo de noite, sem ver nada. Ia

Malói – fitas de entrecasca de certas árvores. (U. N.)

descalça e eram os pés que iam encontrando o rumo certo, o toque da areia na ponta dos dedos, o tipo de pedras e o tamanho dos buracos no côncavo do pé, o capim na palma dos pés.

Aonde vamos, mãe?, perguntaram-lhe os meninos.

Vamos a casa da velha Tchivuca. Quero lhe pedir a bênção e perguntar umas coisas...

Mas, assim às escuras, eu não gosto!, refilou António José.

Obedeçam meus pés e me levem direito na casa da velha Tchivuca, disse Isabel, enquanto fazia uma festa na cabeça dos rapazes. E os pés obedeciam, escravos da sua vontade, seu pescoço e seu corpo eram o libambo que os unia aos pés que, rasteiros, se iam colando ao pó do caminho. Dali a umas centenas de passos, começou a divisar-se no escuro uma trémula luzinha que foi crescendo, crescendo até virar uma fogueira. Isabel dirigiu-se a uma velha que se encontrava sentada num tronco à beira do fogo, enquanto se ouvia o choro das hienas terrivelmente próximo, demasiadamente perto. Tchivuca, sem levantar a cabeça, fez um sinal e, do mato saíram três hienas que se aproximaram dela. Os cães, a latir e com o rabo entre as pernas, fugiram e foram esconder-se atrás da cubata. Tchivuca falou-lhes numa linguagem estranha e depois retirou de uma quimbala pedaços de carne que deu a comer às hienas. Só duas se saciaram e depois todas deram três voltas em redor do fogo, choraram como crianças e, por fim, sumiram-se nas vissapas. Os cães uivaram longamente e, a um sinal da velha, Isabel aproximou-se então. Sentia vontade de chorar e então pôs-se a rir, que era assim que ela afastava o medo e o choro. Estavam numa zona perigosa e ela pressentia isso. Só que não se importava muito, pois trazia dentro dela um perigo ainda maior, que lhe fazia doer o peito, como se as hienas o estivessem a trincar por dentro. Com um esgar sofrido e a rir ao mesmo tempo, avançou para a velha Tchivuca e ela disse-lhe, sem falar, que a doença era uma das três hienas que ali estivera, a que não comera a carne que ela lhe dera. Isabel

estremeceu e depois percebeu que a doença faminta era a pior, que continuaria a rondar a sua casa, até o seu peito não aguentar mais e o seu Inocência deixar de ter ar para tossir. Deixou cair uma lágrima, colocou os braços sobre os ombros frágeis dos seus filhos e sumiram-se na noite.

* * *

Inocência d'Almeida morre na madrugada do dia 17 de Outubro de 1861. Isabel Ferreira, sua mulher e seus dois filhos, António José, de cinco anos de idade, e Francisco, de três, sentiram de forma cruel o seu desaparecimento. Isabel não podia conduzir os negócios de sertanejo, assunto próprio de homens, e seus filhos eram ainda umas crianças. Resolveu então abandonar a sua casa e ir viver com o apoio dos parentes, dos vários, para que um só não sentisse o peso de mais três bocas para alimentar, mais três pessoas para vestir. Mas havia uma coisa que não queria que os seus filhos deixassem de fazer. Não queria que, pelo facto de terem ficado órfãos de pai tão cedo, tal fosse uma limitação para o seu futuro. Aprenderiam a ler, a escrever e a contar, e com esses conhecimentos e mais os três bois-cavalos que lhes couberam de herança paterna, iniciariam uma vida de comerciantes.

Inocência sempre lhes falara nas terras altas da Huíla como uma terra boa, saudável e farta. Caconda representava o passado, pouco já havia nela de progressivo no presente, pelo que a Huíla era a terra do futuro. Era lá que Isabel imaginava a nova vida de seus filhos e por isso não se esquecia de lhes contar as estórias que Inocência lhe legara, como algo precioso, como a verdadeira herança que lhes deixara. Não eram os três bois-cavalos a parte principal do legado. Era, isso sim, o punhado de estórias de vida que trouxera da Huíla, para onde fora há vinte anos atrás com Luís Pilarte e o tenente Garcia, quando este regressava a Mossamedes, depois de

uma viagem que o trouxera a Caconda. Nessa altura, Inocêncio José havia ficado alguns meses junto à ombala do soba Nangolo e havia podido viajar até aos Gambos e ao Humbe, cuja grande riqueza era a cera, o marfim e o gado.

Capítulo XIII

“A “canção” de Pedro João Baptista oferece um narrador bizarro: o pombeiro é duplamente estrangeiro. É-o para os portugueses que o têm por escravo da mesma forma que para os africanos desconfiados e conscientes da aculturação branca. Mandam Baptista ver o Outro e ele vai, vendo um Outro diferente de qualquer outro visto pelos exploradores europeus. O Outro de Baptista pode ser estranho, inimigo ou misterioso mas não é exótico; é irmão e vive num berço familiar – quantos espantos de Capelo e Ivens pareceriam infantis ao pombeiro!”

(Pedro Rosa Mendes – *Baía dos Tigres*.)

Como tinha anunciado, o major Garcia acabara por abandonar Mossamedes e viera residir para a povoação da Huíla, na vizinhança simpática do velho Nangolo e sob o calor confortável de Tchintique.

Eu, minha mulher, Angústia, e meu filho, Paulino, acabámos por vir com ele, aceite que fora o seu convite para deixarmos Mossamedes. Algum tempo depois de termos assentado arraiais na povoação, recebemos notícias de Caconda. Inocência da Almeida havia falecido e sua viúva pretendia passar a residir na Huíla, logo que fosse possível.

Quanto a Garcia, não ficou muito tempo na Huíla. Tendo morrido Nangolo, com ele desaparecera a asa protectora do seu antigo aliado. Inquieto, cansado e com a saúde mais débil, resolvera regressar à sua terra. Um dia, em que eu fui a Banguela, contou-me que havia chegado à sua cidade um aventureiro húngaro que vinha de terras mais a sul, de para lá do rio Cunene, que se chamava Ladislau.

Disse-lhe que me lembrava dele, dos meus tempos do Bihé. Garcia disse-me que o seu velho amigo, Bernardino José, lhe havia falado dele quando da sua viagem ao Cuanhama, que o convidara a ir ao seu sobrado várias vezes, acabando por fazer amizade com ele.

Depois de ter tido a coragem de cirandar do planalto central até ao extremo sul de Angola, contou Garcia, Ladislau escolhera Benguela para ganhar forças e depois prosseguir viagem de regresso ao Bihé, onde deixara Ozoro a suspirar por ele.

Sob a frescura das acácias rubras do quintalão de Garcia passaram muitas tardes juntos em amena cavaqueira, falando das suas viagens e aventuras, até que Ladislau abandonou Benguela, em Novembro de 1864, não para seguir o rumo de sua casa, mas para seguir o caminho sem rumo do esquecimento.

* * *

Naquela manhã de Maio de 1884, fresca e ensolarada, alastrou-se a notícia de que vinham a caminho da Huíla oficiais oriundos do reino. E foi a partir daí que a povoação começou a ver Pedro Augusto Chaves, o chefe do concelho, numa azáfama dos diabos a preparar a sua recepção. Outra notícia também correra, a dar a notícia do falecimento de Bernardino José, pois, apesar de ter ocorrido fazia quase um ano, só agora chegara ao planalto.

Estamos todos a ficar velhos... e o nosso tempo a chegar ao fim!, lamentei-me, quando soube do falecimento de Bernardino José. Por essa altura também nos deixou Angústia, minha mulher. E foi nesse momento de tristeza e abandono que, meu filho Paulino, se aproximou mais de mim. Nos últimos anos tinha havido uma maior ligação entre nós. Passámos serões intermináveis a conversar, como se ambos soubéssemos que tínhamos que fazer perdurar as inúmeras estórias que preenchiam as nossas vidas. Foi importante para mim, e para ele, essa aproximação, pois permitiu-nos compreender muita coisa que tinha ficado por dizer, suspensa na rudeza e nas dificuldades

vividas. Fiquei convencido que meu filho, finalmente, percebera a importância das minhas prolongadas ausências e dos sacrifícios que fizera ao empreender todas aquelas viagens que me levaram a tanto afastamento.

Já subiram o Bruco e estão quase a chegar, ouviu-se dizer a Pedro Chaves.

Mais um diazinho e teremos cá, para podermos ver e ouvir, esses aspirantes a exploradores do sertão africano, ironiza um morador.

Exploradores do sertão somos nós, os que conhecemos a terra como as palmas das mãos, diz Paulino.

Concordo consigo! O que é vulgar para nós, porque faz parte do nosso quotidiano, para os de fora é invulgar, excepcional; o que para nós é a vida, para eles é aventura...

Paulino gostou de ouvir a tirada eloquente do chefe do concelho.

E só a aventura tem heróis!, rematou.

Cada um à sua maneira comentava a inusitada chegada à povoação dos oficiais do reino.

Quem sabe se não podemos aproveitar a sua passagem por cá para fazer constar lá fora alguma coisa do que fazemos, dos problemas que temos, das esperanças e dos planos que forjamos, voltou a intervir Paulino.

Eu, já a abeirar-me dos oitenta anos, encontrava-me doente há uns tempos mas, quando soube da chegada dos exploradores ganhei vida e quis saber o que se passava. Por vezes as coisas misturavam-se na minha cabeça e já não sabia muito bem destrinçar o que era antigo do que era novo. Quando perguntei a meu filho se entre os oficiais que chegavam vinham os seus amigos Francisco Garcia, de Mossamedes, e Cedofeito Silva, do Bihé, ouviu-o, preocupado, responder que Garcia já não pertencia a este mundo e que Cedofeito Silva, tinha-se sabido há pouco, estava quase cego.

Ah! Eu bem o avisei que ele tinha que ter mais cuidado com os olhos... mas ele sempre a escrever, sempre a passar a limpo o que tinha escrito, com aquela luz fraca das lamparinas ou das tochas.

Mas mesmo assim é o actual capitão-mor do Bihé.

Capitão-mor, capitão-mor o Cedofeito? E o Coimbra? Que é feito do major Coimbra?, perguntei, sentindo que os meus olhos se fixavam no infinito.

E meu filho tentava explicar-me, desenredar os fios daquele novelo, mas não valia a pena, pois de repente, assim como entrara, saía desse buraco no tempo e ficava lúcido de novo.

Lembrei-me que talvez fosse importante aproveitar a vinda dos oficiais do reino para lhes contar umas coisas. Fartos de aturar o desleixo e o abandono a que o reino sempre nos votou, seria bom que soubessem que, em 1878, apoiámos uma petição, assinada por setenta moradores de Mossamedes, para que o nosso distrito fosse anexado pela Inglaterra, já que este país se mostra muito mais dinâmico e empenhado em desenvolver os seus territórios africanos.

Pedro Chaves, incomodado com o que ouvira, pois era uma autoridade, o chefe do concelho, e poderia vir a sofrer consequências desagradáveis se o incluíssem no grupo de sediciosos que haviam redigido e assinado tal petição, foi incisivo na resposta.

Meu caro Pilarte, não acho nada bem que se transmita uma coisa dessas aos oficiais, pois poderia ser muito mal interpretada no reino e nós, fiéis súbditos de sua majestade o rei dom Luiz I, sermos vistos como traidores.

Súbditos de dom Luiz? Têm a certeza? O que eu acho é que primeiro temos sido súbditos de todos, ou de quase todos, os hambas e sobas destas terras, e que só lá muito depois, mais por deferência e tradição do que por outra coisa, temos sido súbditos do rei de Portugal, disse, olhando para os moradores ali presentes, um a um. Estes, apesar de estarem habituados à frontalidade com que eu dizia as coisas, à frontalidade dum antigo morador e amigo, não deixaram de se sentir nervosos com a minha resposta. Percebi que já não tinham a certeza sobre a saúde mental de quem falava.

* * *

Pouco depois já se dizia que os exploradores tinham acampado no Arraial da Caionda e que, brevemente estariam entre nós.

Estão quase cá! Amanhã estarão por aí a romper.

E quem são? O que vêm cá fazer?, eram as perguntas mais frequentes.

São apenas dois oficiais que vêm viajar e estudar as coisas do sertão, confirmou um dos mais informados.

Estudar as coisas do sertão?, exclamei, surpreendido. Virem oficiais do reino só para estudar as coisas do sertão era para mim uma bizzarria, pois os únicos que conhecera a tentar fazer algo semelhante eram homens ligados à terra. Sempre que deambulavam a negócio pelo sertão, iam tirando os seus apontamentos.

Cedofeito Silva!, como estará o meu velho amigo? Devagarinho, fui-me deixando ir com as recordações. Cemicerrei os olhos e entrei na minha libata do Bihé, aproximei-me das roseiras e cheirei as suas rosas, cumprimentei os quiçongos e vi Angústia, minha mulher, aproximar-se, com um riso de felicidade no rosto.

Angústia!, exclamei.

Meu marido!, ouviu-a dizer.

Abraçámo-nos e quando íamos começar a falar do que tinha acontecido a cada um de nós na ausência do outro, começámos a ouvir um arrastar de perna por entre a mataria que rodeava a libata e uma voz familiar.

Saminha, saminha!, tem endacas estranhas nestas terras / os que vêm aí são soldados d'outras guerras. Saminha, saminha!

Catonhotonto?, exclamei alto.

Mas logo deixei de o ouvir. Alguém me abraçava e não era Angústia.

Sente-se bem, meu pai?

Jorge Arrimar

Parece-me que ouvi o Catonhotonto!

Meu pai, o Catonhotonto ficou no Bihé! Acho até que já deve ter morrido.

Ah, pois! Mas parecia tão real...

Epílogo

Como estava previsto nas estrelas, Luís Pilarte, bisneto de João Pilarte e neto de Huilana, voltou a lançar raízes nas Terras Altas da Huíla, no tempo do soba Nangolo.

Mas uma outra urbe emergia no planalto, S. Pedro da Chibia, ameaçando deixar na sombra a velha povoação da Huíla, que Dom Inocência de Sousa Coutinho mandara fundar nas margens do rio Lupolo, no Séc. XVIII. Paulino Pilarte, após o falecimento de seu pai, fixará residência na nova povoação, fundada por Pedro Augusto Chaves e onde este viria a erguer uma magnífica fazenda, nas margens dum outro rio, dum rio que tinha o nome dos espíritos. Mas isso já são outras estórias.

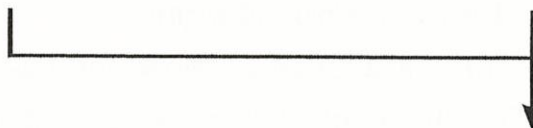
Genealogia da Família Pilarte

João Pilarte da Silva a quem, numa altura qualquer, entre 1717 e 1721, quando o presídio de Caconda sofria as agruras de um cerco prolongado, foi solicitado pelo “Capitão Mór Joze de Nobrega de Vasconcellos” que fosse ao “Districto dos Mahungos” buscar mantimentos. C.c. ?



João Pilarte da Silva, n. em Benguela, 1724 - m. na Huíla, 1794. Morador, em 1770 redigiu um relatório de viagem, considerado o mais antigo escrito na Huíla. Irmão de Paulo Pilarte da Silva, Cap.-Mor da Huíla, 1775.

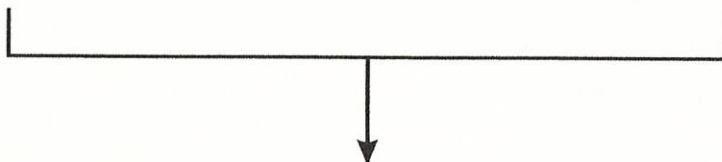
Feliciana Carvalho, n. no Reino, c. 1740, moradora de Benguela.



António Rodrigues Jardim, n. ilha da Madeira, Capitão-Mor da Huíla, 1786.

Cas. na povoação da Huíla, na Igreja de N.^a S.^a das Lágrimas, a 15 de Agosto de 1786.

Huilana Carvalho Pilarte, n. na Huíla, 1765.



Eulália Pilarte Jardim n. na Huíla, 1787 c.c. Alberto da Silva Pilarte, seu primo, n. Benguela, 1785.



Luis da Silva Pilarte n. em Benguela, 1815 - m. Huíla, 1885 c.c. Angústia Gonçalves “Candimba” n. Bié, 1830 - m. Huíla, 1883.



Paulino Gonçalves Pilarte n. Bié, 1850. Morador em S. Pedro da Chibia, Huíla, desde Set. 1885.

Glossário e Notas

A

Africânder, afrikaans – Língua dos bóers. Ver: Bóers.

Ambaquista - *No decurso de dois séculos havia-se formado, principalmente na populosa região de Ambaca, um elite luso-africana independente dos sobados. Os seus membros eram designados por **moradores** [no decurso do séc. XIX desenvolveram uma identidade própria, a de Ambaquistas]. Tratava-se de um grupo muito heterogéneo e difícil de delimitar, que incluía sobretudo africanos negros [...] e mestiços mas também alguns brancos. [...] Como símbolo exterior do seu estatuto elevado, esses luso-africanos usavam sapatos (o que era um privilégio especial) e vestuário europeu. Consideravam-se cristãos, falavam português e muitos deles sabiam ler e escrever. [...]. Na primeira metade do séc. XIX podiam ser encontrados em pequenas colónias espalhadas pelo hinterland costeiro, nos sobados e nas feiras. A sua influência nas sociedades africanas “tradicionais” era considerável [...]. Outras colónias de moradores deste tipo surgiram em Pungo Andongo [...] e mais a sul no Bié. [Os ambaquistas] tinham os portugueses como modelo e a afinidade cultural e política desempenhava um papel determinante. A cor da pele não constituía para eles um critério decisivo. Daí que se considerassem portugueses e “brancos”, o que não implicava uma determinada aparência – era raríssimo terem pele clara -, mas sim determinadas características culturais. [...] O prestígio destes ambaquistas era tão grande que nos sobados tradicionais surgiram numerosos imitadores seus – frequentemente designados por quimbari [...]. (Beatrix Heintze –*

Pioneiros Africanos. Lisboa: Caminho, 2004, p. 59-61).

Ambaquizar, Ambakizar – ensinar a escrever, europeizar. De Ambaca ou Ambaka, zona N. de Angola que se singularizou pelos seus habitantes, ambaquistas, que sabiam ler e escrever, tornando-se muitas vezes professores do sertão e secretários dos sobas. Exemplo de ambaquista era Lourenço Bezerra, sobre o qual nos diz René Pélissier o seguinte: “Raríssimos terão sido os que deram pela presença do comerciante ambaquista [e, só por isso,] a sua influência no conhecimento da África pela Europa foi nula em comparação com a de um David Livingstone [...]. (René Pélissier - *História das Campanhas de Angola*, vol. I, p. 93 e 94).

Arimbo – lavras, terrenos de cultivo. (U.) O mesmo que Arimo (K.)

Arimo - lavras, terrenos de cultivo. (K.) O mesmo que Arimbo (U.)

Armador – comerciante da cidade que entregava ao “aviado” uma “factura” de mercadorias apropriadas ao comércio do sertão, a que se dava o nome genérico de “fazenda”. Ver: Aviado

Aviado – comerciante do mato, ou sertanejo, a quem o “armador” entregava uma “factura” de mercadorias. Ver: Armador

B

Bicuatás – pertences, tralhas, bagagem. (U.). O mesmo que imbambas (K.)

Bié, Bihé, Vihé, Viye - contava, em 1846, com 101 cidadãos portugueses ou moradores, dos quais seis europeus. Entre estes encontrava-se António Francisco Ferreira da Silva Porto (1817-1890). Esta centena de indivíduos incluía mestiços, ou pardos, e 54 negros ocidentalizados. O viajante húngaro László (Ladislaus) Magyar (n. 1817 em Vojvodina, Hungria, teria chegado ao Bié em 1849) que casou com uma filha do rei do Bié, daria em 1859 números de população para o período imediatamente posterior a 1845-1848 que mostram a importância demográfica das gentes do planalto (Galangue: 250 mil; Huambo: 120 mil; Bailundo: 450 mil; Bié: 120 mil; Quiaca: 75 mil; Quibala: 35 mil; Andulo: 40 mil; Sambo: 30 mil; Caconda: 100 mil). (René Pélissier – ob. cit., vol. I, p. 70-72).

Mas Mutâmo não contou tudo a Naulé, com receio de que a sua sobrinha não aguentasse de terror e perdesse a compostura, desatasse a chorar e a fugir, o que cairia mal ao clã e perturbaria o espírito do hamba falecido.

Naulé, minha sobrinha! Venho aqui pedir-te um sacrifício.

Um sacrifício, meu tio?

Sim! Que vás para a onganda onde se encontra o corpo do nosso hamba e por lá fiques a cuidar dele, a limpar tudo muito bem até ao funeral. E que tenhas em atenção as larvas que irão saindo do cadáver. Tens que as vigiar uma a uma... até encontrares a maior, a mais gorda, a mais forte.

E o que faço, meu tio? O que faço?, perguntava Naulé perturbada, com um enjoo forte a querer derramar-se dela.

Mutâmu agarrou-a pelos ombros, olhou-a de frente e, com voz calma, explicou o que era possível explicar naquele momento.

Será a única larva a ser guardada por ti, até ao funeral. É nela que o espírito do nosso hamba se encontra resguardado deste mundo.

Mas isso não é trabalho de escrava?, perguntou aflita.

Mutâmu não respondeu logo e continuou a tentar apaziguar os temores que assaltavam Naulé.

Todos os sinais nos conduziram a ti, minha sobrinha.

Que sinais, meu tio?

Os brancos que vieram do mar e das montanhas; a cabacinha mágica que lhes ensinou o caminho até à nossa terra e depois até ti, quando afugentavas as moscas da cabeça do nosso hamba com a cauda de gnu e o morcego esvoaçou em frente da ombala grande.

Mas nada sei disso!, gritou Naulé.

Pois não, sobrinha, pois não. Mas sabemos nós.

E Mutâmu continuou a explicar a Naulé o seu importante papel.

Quando chegar a hora, o corpo do nosso hamba e a larva que guarda o seu espírito serão envolvidos numa pele de boi preto e enterrados perto da onganda de dormir. O túmulo, a sua ompamba, será depois cercado de grandes paus, inclinados para o centro e

Lages. (Silva Porto – *Viagens e Apontamentos*. Coimbra: BGUC, 1986, vol. I, p. 62).

Bié, grande quibuca, *historicamente o Pacto de Comércio e Amizade foi assinado a 13 de Agosto de 1840*

Bissonde, Vissonde - *formiga guerreira. (N.). Em quimbundo diz-se “quissonde, kissonde”. (K.)*

Bitoto – *terra do soba Mussungu. Ver: Mussungu Bitoto.*

Bóers, Bóeres - *descendentes dos holandeses e huguenotes franceses que, em meados do século XVII, se estabeleceram no Cabo.*

Branços, séc. XIX – *“Em geral, por estas paragens [Centro e Sul de Angola] dão o nome de brancos a todas aquelas pessoas que vestem calças, sem excepção de cor e menos de condição, bastando para isso possuir alguma fazenda” (Silva Porto – *Viagens e Apontamentos*. Coimbra: BGUC, 1986, vol. I, p. 305).*

Bulunga - *cerveja de milho grelado. (N.)*

C

Caconda - *Povoação antiga, fundada pelo governador de Angola, Inocêncio de Sousa Coutinho (1764-1772).*

Caconda, desertores - *Após a fundação desta povoação e antes da retracção verificada na década de 1830, Galangue acolhia os desertores de Caconda, que assim se subtraíam a toda a autoridade portuguesa. O regente de Galangue informa o governador de Benguela, em of.º de 19 Set. 1796, que residiam naquele reino dispersos 27 brancos, e queixa-se do seu comportamento, assim como da falta de forças para se impor aos comerciantes e aos sobas vizinhos (Ralph Delgado – *ob. cit.*, 1944, vol. 1, p. 643-644).*

Cacuêndje, Kakwendye – *rapaz, garoto. (N.)*

Cafeco – *rapariga. O mesmo que Ufeco. (U.)*

Calulú, Kalulu – *espécie de ensopado de peixe com quiabo, abóbora e temperado com óleo de palma. (B.)*

Calundus, Kalundus - *quando possuído pelos espíritos dum antepassado. De kulundula, herdar a possessão. Ou ainda, de kilundu, espíritos. (K.)*

- Camba, kamba** – *amigo (K.)*
- Cambriquito, Cambrikito** - de “okambilikiti”, *cobertor. (U.)*
- Camundongo, Kamundongu** – *rato. Por extensão o nat. de Luanda, ladino como um rato (K.)*
- Canduco, Kanduko** – *alcunha de João Lourenço Borges, filho do comerciante de escravos do mesmo nome, que fundou a povoação de Canduco, no tempo do governador Sousa Coutinho. O Canduco era capitão da guerra preta e é referido em carta do governador de Benguela para o governador de Luanda, datada de 26 de Jan. de 1847, sobre a guerra do Dombe Grande (R. Delgado – ob. cit., v. 1, 1944, p. 558).*
- Cangulo, Kangulo** – *carrinho de mão. (N.)*
- Canhina, Kanyina** – *que tem o mesmo nome, homónimo. (N.)*
- Canina Gongga, Kanina Ngonga** – *grande soba (hamba) da Huíla, da segunda metade do séc. XVIII. Ver: O Planalto dos Pássaros, 2002. A caravana de Gregório Mendes, morador de Benguela, havia passado pelo Bumbo, em 1785.*
- Canique, Kanike** – *miúdo, menino (U.). Canuko, Kanuko (K.)*
- Canto tradicional Cuvale** - “*Olungu yapia n’omaholo / Yalungwina n’ omatemba / Hatyilisilo / Hatyitomisa tya ngombe / In’ohole n’omanyama.*” (H.)
- Capata, Kapata** - *bebida obtida a partir da fermentação da farinha de milho grelado.(U.)*
- Cauri** - *conchas brancas ou amarelo-claras, do tamanho de uma amêndoa “Cypraea moneta”, usada como moeda e que eram originárias dos mares quentes do Pacífico Sul e do Oceano Índico. A maioria dos cauris que circularam em África, durante centenas de anos, procedia dos arquipélagos das Maldivas e das Laquedivas, no sudoeste da Índia, e das ilhas Zanzibar e Pemba, ao largo da costa oriental da África.*
- Chana, Etyana** – *zona baixa e alagadiça, de água não perene, que no tempo seco se transforma numa espécie de planície de vegetação rasteira. (N.)*
- Chifuta, Tyifuta** – *fisga. (U. N.)*
- Chimpaca, Tyimpaka** – *cerca, recinto defendido por uma cerca fortificada.(U. N.)*

Coimbra, Francisco José – *mestiço de origem goesa, natural de Caconda, mais conhecido por major Coimbra, foi capitão-mor do Bié desde 1834 ou 1835. Em 4 de Nov. de 1847 o gov. de Benguela queixava-se dele por inaptidão pedindo ao rei que enviasse outro, de melhores qualidades. Mas a substituição não se veio a efectuar e o major Coimbra manteve-se no exercício do cargo até ao seu falecimento, em 1869. O lugar ficaria vago até ser preenchido por Silva Porto, em 1885. (Ralph Delgado – História de Angola, v. 1, 1944, p. 346-348). Uma neta do major Coimbra, Maria da Fonseca, encontrava-se entre as mulheres de Muchire, rei de Garanganja (Catanga). (A. Verbeken – Msire, Roi du Garenganza. Bruxelas, 1956, p. 94). O major Coimbra faleceu em 1869, tendo deixado os filhos seguintes: Luís José Coimbra, Simão José Coimbra, Manuel José Coimbra e Lucas José Coimbra, embora novos já aparecem referenciados como comerciantes em 1846. O último foi o que maior actividade desenvolveu, mas com um comportamento que levou a muitas críticas dos outros sertanejos e até do próprio Soba. Há ainda Tibério José Coimbra, também comerciante, a cuja mesa o explorador português Serpa Pinto havia de se sentar 30 anos mais tarde. Em nota p.p. nº 30, ob. cit., v. I, p. 174, Pélissier diz: “Impõe-se a realização de pesquisas mais profundas sobre Francisco José Coimbra e sua família, em especial para saber se ele veio, efectivamente, por terra, de Moçambique, entre 1838 e 1848, o que faria dele um precursor de Livingstone.”*

Comba, Komba – de “komba ditokwe”, varrer as cinzas, exéquias funerárias. (K.)

Cúa, Kua – de “onkhwo”, grito de guerra de alguns povos do sudoeste angolano. (N.)

Cuanháli, Kwanyali (Ova-Kwanyali) – clã dos soberanos do Cuanhama (Kwanyama, no extremo sul de Angola), cujas raízes se encontram na lenda da origem do próprio povo.

Cuanhama, viajantes, 1850-52 - os viajantes Bernardino José Brochado visitou o Cuanhama, em 1850, e Ladislau Magyar, em 1852, no reinado de Haimbili ya Haufico (reinou de 1811 a 1858). Este viria a falecer seis anos depois desta última visita, em 1858, aos 83 anos de idade.

Cuéle, Kwele – pássaro troçador.(N.)

Cuvale, Kuvale – etnia do grupo herero, mais os Himbas ou Chimbas, Dimbas, Hacavonas e Guendelengos. No século XIX, os cuvales prestavam uma espécie de vassalagem ao soba da Huíla. Assim acontecia desde o grande hamba, Kanina Ngonga, no séc. XVIII.

D

Dombe Grande – região rica em gado e com uma população pacífica até a guerra ter estalado em Setembro de 1839, tendo o próprio governador de Benguela, Henrique Duarte Chateaufeuf, sofrido uma emboscada, acabando prisioneiro dos mundombes. Fora preciso então pedir socorro a Caconda, cujo comandante da fortaleza, após dez meses a organizar a campanha, ali se apresentou em Julho de 1840 com a sua guerra preta de dois mil homens que lhes enviaram os sobados tributários do rei do Huambo e do Bailundo, mais concretamente Galanga, Quibanda e Quipeio. (René Pélissier – ob. cit., vol. I, p.72). Seis anos depois, em Outubro de 1846, do presídio de Caconda se levantava uma guerra preta para ir combater os mundombes outra vez ... ainda no rescaldo da revolta de 39.

Dragonas, uniforme – eram características do plano de uniformes portugueses de 1806, fazendo o seu aparecimento por esta altura.

E

Efundula – *cerimónia da puberdade das raparigas, que tem lugar entre os dezasseis e os vinte anos de idade. (C.)*

Elao – *altar familiar. Lugar, junto ao fogo, onde se fazem os sacrifícios públicos e se celebram as principais cerimónias (H.). O mesmo que Tchôto (N.)*

Embondeiro – *árvore de grande porte, também designado por Imbondeiro, Licondo, Baobá. Lt. Adansonia digitata.*

Empirucado, Piruca – *de “uapiluka”, estar embriagado.(N.)*

Endaca, Endaka – *conflito. (N.) O mesmo que maca, maka. (K.)*

Enthilili – *erva da espécie do absinto. (N.)*

Epalamba – *quinda, cesto, recipiente. (U.)*

Epata – *casa, clã. (N. U.)*

Epopos – *de epopo, notícia anónima.(U.)*

Epuculuque, Epukuluke – *rato grande e espertalhão. (U.)*

Escravatura – *Apesar das proibições legais [10Dez.1836, data do Decr. de Abol. dos Escr.], aquele negócio continuava florescente [em Angola] e tinha aumentado nos últimos anos “[...] o seu iníquo comércio estava tão florescente, que no ano de 1838, perto de 20 000 escravos se havia exportado; - contaram-me isto muitos daqueles próprios negociantes, e era bem sabido que este número não tinha diminuído, no decorrer dos últimos anos, mas aumentado”. (Tams – ob. cit., p. 110).*

Etanga – *batalhão, grupo de cerca de cem guerreiros. (C.)*

Etupa – *Órgão reprodutor masculino.(U. N.)*

Eumbo – *residência, povoado. (N.)*

F

Fefenhar – *de fefenha, chupar os ossinhos até ficarem completamente limpos de carne. (K.)*

Fuba – *farinha de milho, mandioca, etc. (K.)*

Funanço – *comércio. De “kufuna”, negociar. (K.)*

G

Garcia, João Francisco – *morador de Benguela, 1º tenente de artilharia, foi regente da Huíla de 1837 a 1839. Neste último ano recebe ordens de Luanda para explorar o litoral até ao Cabo Negro. Em 1840 é comandante do presídio-fortaleza de Moçâmedes e a 13 de Agosto desse ano assina um Pacto de Amizade com os sobas Mussungu e Giraúl. Em 1841 faz uma viagem até à Huíla, onde é recebido pelo hamba Nangolo, prossequindo a viagem até Caluquembe e Caconda. Em 1842 “casa” com uma “filha” do soba da Huíla e faz um tratado com este, em 1843. Em 1846 é nomeado comandante do presídio-fortaleza da Huíla. Em Janeiro de 1849 é nomeado comandante do Estabelecimento de Moçâmedes.*

Guerra Preta – *nome que se dava à tropa de auxiliares negros do exército português, ou dos exércitos particulares de alguns dos mais influentes moradores.*

Guerras do Nano – *eram assim conhecidas as correrias guerreiras que, vindas “de cima”(do Nano, do Huambo), assolavam vastas áreas do sudoeste angolano, chegando a atingir o litoral.*

Gnu - *grande antílope. (?)*

Grande Fome – *a grande fome no Sudoeste Angolano aconteceu em 1841, mas as sequelas ainda se sentiam alguns anos depois.*

Guimalange – *corruptela de Guimarães, nome de um dos mais antigos moradores de Mossamedes.*

H

Haimbili, soba do Cuanhama - *Haimbili ya Haufico reinou de 1811 a 1858, tendo Bernardino José Brochado (português, morador de Mossamedes) visitado o Cuanhama, em 1850, e Ladislau Magyar (húngaro, morador do Bié), em 1852. Haimbili viria a falecer seis anos depois, em 1858, aos 83 anos de idade.*

Hamba ver tbm: **Soba**

Hamba da Huíla – *rei da Huíla (N.). O mais poderoso foi Kanina Ngonga, na segunda metade do século XVIII.*

Handala – espécie de aloé. (U.)

Hinhinhiqui calomboca nhana, tchivela calíua na fuá! – prov.:
“A formiguinha não salta o rio, o metal não o come a térmita”. (N.)

Hinhinhiqui lomboca nhana, tchivela líua na fuá! – prov.: “A formiga salta o rio, o metal é comido pela térmita.” Aqui a lição tem um sentido inverso ao do provérbio original, “Hinhinhiki kalomboka nhana, tchivela kalíua na fua!”, isto é “A formiga não salta o rio, o metal não o come a térmita”.

Huíla, povoação – localizada no planalto da Huíla, junto às margens do rio Lupolo, foi fundada, em 1769, pelo governador de Angola, D. Francisco Inocência de Sousa Coutinho, com a designação de Alba Nova (Orago: Nossa Senhora das Lágrimas). Quase cem anos depois, na sequência da chegada a Moçamedes, dos colonos pernambucanos de 1849-50, um pequeno e desencantado grupo de oito pessoas resolveu abandonar o litoral, subir a Serra da Chela e fixar-se nas terras altas da Huíla (Ofício Nº 362 de 17.04.1850 do Governador ao Ministro - Pasta Nº 16, Angola, 1850, cit. em Raul J. Candeias - *Subsídios para a História da Colonização de Moçamedes.*)

I

léla k' EHINGA – “O de Cabeça Levantada”, Altivo. Trad. livre do A. do nome em português por que o soba “Cabeça Grande”, do Vale do Lubango, ficou conhecido na historiografia colonial. (N.)

Ima ondalú, otemiha... – Apaga o fogo, tu queimas... (U.)

Imbambas – pertences, tralhas (U.?)

Insandeira – espécie de figueira utilizada na manufactura de têxteis, como os panos kitundu, que gozaram de grande prestígio (*Ficus Gycomorus*). (K. ?)

J

Javite, ndjaviti – machado pequeno. (U.)

Jeribita – aguardente de cana, cachaça. (B.)

L

Lazarina – antiga arma de fuzil de fabrico português, comprida e de

pequeno calibre, vulgar no séc. XVIII. Trazia gravada a legenda "Lazaro Lazarino Legitimo de Braga". Na época uma lazarina valia 4 porcos ou 160 macutas; 3 lazarinas valiam 1 mulher. Foi sendo substituída, no séc. XIX, pela reiuna.

Lenga – chefe de um grupo de guerreiros. (C.)

Libata – espécie de povoação fortificada, circundada de pau-a-pique, à volta da qual se agregavam escravos e homens livres. Aí, rodeados pelos quimbares, os sertanejos formavam grupos auto-suficientes, adquirindo certa independência relativamente ao poder dos sobas e do próprio capitão-mor. (K.)

Liconde, Likonde – fibra de origem vegetal (K.)

Lucula, Lukula – mistura de manteiga e de pó do cerne vermelho da árvore omulilosonde, trad. lit.: "chora sangue". (C.)

Lunga – chefe de um grupo de guerreiros. (U.). O mesmo que Lenga. (C.)

M

Maboque, Mabok – fruto de casca muito dura, esférico, que contém no seu interior um líquido espesso de sabor agridoce. (K.). O mesmo que Upole (U.) e Mulondo (N.). Vulgarizou-se no português de Angola o termo maboque, de origem quimbundo (K.)

Maboqueiro – árvore que dá o maboque "Strychnos Schum.". Ver: Maboque.

Macota, Makota – empregados de confiança do sertanejo a quem este entregava a direcção das transacções comerciais quando não podia estar presente em viagem ou quando precisava organizar outras caravanas. Cada sertanejo dispunha de dois ou três macotas africanos que, pelas suas qualidades de chefia, disciplina e honestidade, ofereciam garantias suficientes para lhes entregar nas mãos uma boa parte da sua fazenda. De "dikota", mais-velho, pessoa respeitável. (K.)

Malói – fitas de entrecasca de certas árvores. (U. N.)

Manhéu, Enhéu, Enyeu – formiga-cadáver. Formiga grande e negra que deixa um cheiro a carne podre. (N.)

- Mapunda** – de *nomphunda*, montanhas. Também o nome de um bairro do Lubango. (N.)
- Marimbondo, mari'mbondo** – insecto da família das vespas. (K.)
- Massambala** – cereal, sorgo “*Andropogon Sorgo*”. (K.)
- Milamilar** – de *omamila-mila*, espécie de catalepsia. Estar possuído pelos espíritos dos antepassados. (N.)
- Moçâmedes**, petição – setenta moradores de Moçâmedes, em Agosto de 1878, assinaram uma segunda petição para que o distrito fosse anexado pela dinâmica Inglaterra, fartos de aturar o desleixo e o abandono a que o Reino sempre os votara. (Raul José Candeias – “Colonização do distrito de Moçamedes”. *Studia*, Lisboa, 1971-1973, nº 34, p. 523).
- Moçâmedes**, primeiras Câmaras – João Dolbeth e Costa foi vereador (com José Joaquim da Costa, presidente, José António Lopes da Silva, António Romano Franco e Joaquim da Silva Costa Fradelos) na eleição da primeira Câmara de Moçâmedes, na sequência das prerrogativas concedidas à Vila de Moçâmedes e seus moradores, pela Carta Régia de 7 de Maio de 1855, tendo-se realizado, por sufrágio directo, em 16 de Dezembro seguinte, a eleição da Primeira Câmara, que serviria durante o biénio de 1856-1857. (Mendonça Torres – *Moçâmedes*, 1º vol., p. 265-266). Bernardino José Brochado foi presidente da segunda Câmara, que serviu no biénio 1858-1860, eleita por sufrágio popular de 5 de Dezembro de 1857 (com José António Lopes da Silva, João José de Paiva, António Romano Franco e Manuel José Alves Bastos). (Mendonça Torres – *id.*, p. 275). Ver Tbm.: Mussungo Bitoto.
- Mocotó** – pata de bovino ou pé de vaca. (B.)
- Morador** – designação dos indivíduos de todas as raças que habitavam uma povoação, presídio ou fortaleza, e que se identificavam com os interesses do governo de Luanda.
- Muadié** – senhor, fulano. (K.)
- Mucuále, Mukwale** – facão de dois gumes. (U.)
- Muene Puto, Mwene Putu** – senhor (rei) de Portugal. (K.)
- Muhikuena** – rapariga. (N.)
- Muhumbe** – natural do Humbe, região a sul da povoação da Huíla.

(N.)

Muipanhoka, Muipanyoka – lit. “mata cobra”, raiz de cheiro a cânfora. (N.)

Mucanda, Mukanda – carta. No texto o plural é conseguido a partir do singular na língua vernácula (Ex.: Mukanda(s)). É desta forma que, geralmente, os vocábulos bantus são adaptados e introduzidos no português local. Mukanda, sing.; Mikanda, plur. (K.)

Mucano, Mukano – Qualquer falta cometida pelo sertanejo ou pelos seus servidores era tida por mucano, o que o obrigava a indemnizar o ofendido. (U.)

Mujimbo – boato, falsa notícia. (K.)

Mulela – manteiga de vaca usada como cosmético. (N)

Mulola – depressão de terreno onde, durante as chuvas, se acumula água. (?)

Munano – o do Nano (do alto). Pessoa nat. do planalto central, do Huambo. (U. N.)

Mupica, Mupika – escravo (N.C.)

Mussungu Bitoto – nome do lugar da Quipola, no Vale do Bero, onde se concentrava o povo do soba Mussungu. Próximo, entre o deserto e o mar, seria fundada pelos portugueses a cidade de Moçâmedes (hoje Namibe), no sul de Angola. Quando os primeiros europeus começaram a residir naquela zona, nos finais dos anos trinta do século XIX (1ª Feitoria de António Guimarães Júnior, 1839), o soba chamava-se Mussungu, sendo o lugar principal onde mais gente residia designado por otyi-Toto (plur.: ovi-Toto). Daqui que seja fácil inferir-se que Mussungu Bi- (ou Vi-) toto queria dizer “as terras do soba Mussungu”. Já a palavra Namibe quer dizer, em língua hotentote, deserto. (H.)

Muxito – mata, bosque. (K.)

Muxoxo – estalido feito com a boca em sinal de desprezo ou de fastio. (K.)

N

Nano – Planalto central, Huambo. (U. N.)

Ñgala! – senhor! (U.)

Ñgoma – tambor, batuque. (N.)

Nocha, Nontya, Nontcha – fruto de cor amarelo-alaranjada, saboroso e odorífero, da árvore designada mutya ou mutcha (pl. mitya ou mitcha). (N.)

Nombe – fruto silvestre, muito vulgar no Humbe (N.)

Nompeque, Nompeke – nome de uma planta “Ximenia Americana” que dá um óleo de forte cheiro e com propriedades amaciadoras. Os antigos costumavam usar o óleo para tornar os cabelos mais macios e saudáveis. (N.)

Noncangues, Nonkange – milho frito, espécie de pipocas. (N.)

O

Ohako, Hako – distintivo de guerra. Fita ou lenço de cor que distinguia os guerreiros de cada partido ou soba (N.)

Olombongo – dinheiro (U.)

Olumango – conjunto de duas varas compridas onde se amarrava a carga (c.30 kg.) transportada pelo carregador da quibuca. (U.)

Olungu yapia n’omaholo / Yalungwina n’ omatemba / Hatyilisilo / Hatyitomisa tya ngombe / In’ohole n’omanyama – canto tradicional cuvale.

Olupale – terreiro, zona de estar. (N.)

Ombala, Embala – a mais importante das residências dos sobas. (N.U.)

Ombala Grande do Lupolo – residência real da Huíla, próxima do rio Lupolo e da povoação do mesmo nome. (N.)

Ombela iloka enene! – chove muito! (U.)

Omon’ou uatchítua m’ombala, ocanhina ua Nangolo – esta criança nasceu na residência real. Tem o mesmo nome que Nangolo (homónimo). (N.)

Ondai – espião. (N.)

Ondjái, Ondyai – chefe dos guerreiros. (N.)

Ondjélua, Ondyelwa – cortejo do boi sagrado do soba da Huíla. (N.)

Ondjululo, Ondyululu – erva-aromática, espécie de mangericão. (N.)

Onjala ivala vimo – *a fome faz doer a barriga.* (U.)

Oquéssongo ocassípi? Okesongo okasipi? – *o chefe da caravana onde está?* (U.)

Osangi uasaluca; Osanji uasaluka! – *a galinha está maluca!* (U.)

Ova-cuanháli, Ova-kwanyali – *designação do clã “Os que choram os mortos” dos soberanos do Cuanhama. As raízes deste clã encontram-se na lenda da origem do próprio povo cuanhama, que conta que Musindi, um grande caçador, foi com sua gente, os ova-inga, do Baixo Cubango para terras do poente. Não possuíam gado, nem cultivavam a terra. Viviam da caça e da recollecção, sendo ova-twa (povo negro pré-banto). Quando chegaram ao Cuanhama encontraram outro povo de criadores de gado, os ova-kwanangombe “Os do gado bovino”, que eram oriundos da zona do Humbe. Os primeiros, para se apoderarem do gado dos ova-kwanangombe, inventaram um estratagema que foi o de fingir que choravam os mortos, o que assustou os outros que não tinham esse hábito. Ao fugirem, deixaram o seu gado que foi tomado pelos ova-inga. Mais tarde, os antigos donos do gado, cheios de fome, submeteram-se aos invasores que ficaram a ser os senhores da terra. A partir daqui foi o clã Ova-kwanyali “Os que choram os mortos” que passou a deter o poder supremo entre os cuanhamas. (Estermann – *Etnografia do Sudoeste de Angola*, v. I, p. 68-69). (C.)*

Ovi-sungo – *cânticos.* (U.)

P

Pamba – *Deus, o mesmo que Kalunga.* (C.)

Pango, Pangué – *cannabis, liamba.* (G.)

Papélua, Papelwa – *que está a grande distância.* (U.)

Patrona – *cartucheira.*

Pombeiro, Pumbeiro – *encarregado do contrato de carregadores para uma quibuca (também conhecidos por Quiçongos ou Quissongos, em umbundo) que se tornavam depois responsáveis directos pelo grupo apresentado. De “pombo” ou “pumbo”, sertão.* (K.)

Pumpamar – *de pumpama, sentar. Sentado.* (N.)

Q

Quibanda, Kibanda – reino dos ovimbundo, situado entre Quipeio, Galangue e Bailundo, tributário deste último. Cortado por numerosos rios que ali nascem e se dirigem para o norte para formar o rio Cuvo. (U.)

Quibanda, kibanda – tributo que os sertanejos tinham que pagar ao soba do Bié, sempre que partiam ou chegavam de viagem. (U.)

Quibuca, Kibuka – caravana sertaneja. (K.)

Quiçongo, Kissongo – responsável pelos carregadores da quibuca. (U.)

Quifune, Kifune – coçar a cabeça. (K.) Daqui virá o cafuné brasileiro (B.)

Quilombo, Kilombo – acampamento de guerra. (K.)

Quimbanda, Kimbanda – adivinho-curandeiro. (K.)

Quimbare, Kimbare – serviçais. Negros livres, ou libertos, agregados aos brancos. “O prestígio [dos] ambaquistas era tão grande que nos sobados tradicionais surgiram numerosos imitadores seus – frequentemente designados por ‘quimbari’ [...]”. (Beatrix Heintze – *Pioneiros Africanos*. Lisboa: Caminho, 2004, p. 59-61). (K.)

Quimbombo, Kimbombo – bebida feita de farinha de milho grelado, a que se juntava a raiz macerada da planta umbundi para a fermentação. (U.)

Quissonde, Kissonde – formiga guerreira. (K.). Em olunhaneka diz-se “ovi-sonde”, pelo que, no português do sul, passou a “bissonde”. (U.)

R

Reinos Aliados – os quatro reinos combatentes (Galangue, Huambo, Bailundo e Bié) eram considerados por Benguela como reinos aliados. Estes reinos eram completados com sobados seus tributários (ex.: Galanga, Quibanda e Quipeio que intervieram na repressão do Dombe Grande em 1846, eram feudatários do rei do Bailundo ou do Huambo) e com reinos totalmente independentes como o Andulo ou que deixaram de ser vassalos como o Quibala e Quiaca. Este último deixava passar as caravanas entre o mar

e o Huambo, e isso era tudo quanto os Portugueses poderiam esperar dele. (Pélissier – *ob.cit.*, p.70-72).

Reiuna – carabina de fabrico inglês que substituiu a Lazarina. Ostentava no fecho a coroa real britânica e as letras V.R. (Victoria Regina), pelo que é provável que reiuna seja a deturpação da palavra rainha.

S

Salalé – de “kusualala”, mexer-se muito, térmite, também conhecida por formiga branca. (K.)

Sambo – de “ohambo”, curral. (N.)

Saminha ondalú, iongola ocuíma; Saminha ondalú, iyongola okuima – Atiça o fogo que vai apagar-se. (U.)

Sertanejo – homem que se dedicava ao comércio do sertão. Este dispunha de alguns serviços permanentes, quimbares, entre escravos e homens livres, que constituíam a “família” do sertanejo. A direcção da caravana (quibuca) era da sua responsabilidade sempre que seguia em viagem. Na sua ausência, a direcção passava para o macota. Cada sertanejo dispunha de dois ou três macotas africanos que, pelas suas qualidades de chefia, disciplina e honestidade, ofereciam garantias suficientes para lhes entregar nas mãos uma boa parte da sua fazenda. Os carregadores eram contratados pelos pombeiros (na costa eram conhecidos por quiçongos) que se tornavam depois responsáveis directos pelo grupo apresentado. Os escravos eram a principal mercadoria dos sertanejos. Os outros produtos eram principalmente negociados pelos africanos, porque menos rendoso. (M^a Emília Santos – *ob.cit.*, p. 75) Os negociantes da cidade “armadores”, entregavam ao “aviado” uma “factura” de mercadorias apropriadas ao comércio do sertão, a que se dava o nome genérico de “fazenda”. George Tams, que estacionou na cidade de Benguela por 1841, deixou-nos uma descrição destes sertanejos: “Quando os seus negócios os obrigam vir à costa, eles o concluíam com a maior brevidade, e se apressavam a volta para o interior; o qual eles nunca cessavam de engrandecer pela sua extrema beleza e saudável clima. [...] e os europeus que como acabei de dizer viviam em

perfeito retiro no interior, me certificaram de que gozavam duma tranquila e completa segurança, nas suas isoladas posições".
(George Tams – *Visita às Possessões Portuguezas na Costa Occidental d'África*, 1^ª vol., Porto, 1850, p. 121-122).

Sertanejos do Bié – ver: **Bié**, sertanejos.

Soba ver tbm: **Hamba**

Soba do Cuanhama – ver: **Haimbili**

Sonecar, Sonekar – de *soneka, kusoneka* - *Escrever*. (K.)

Sualalar – de “*sualala, kusualala*”, *mexer-se muito como o salalé (térmite)*. (K.)

Sung'opé da tuji – *perneta de merda!* (K.)

T

Tchila, Tyila – *terreiro onde eram discutidos os grandes assuntos e tomadas as mais importantes decisões*. (U.)

Tchilongo, Tyilongo – *terra, país*. (N.)

Tchindi, Tyindi – *urna funerário dos soberanos (hambas) da Huila, constituído por uma grande bilha de cerâmica*.(N)

Tchintiqui, Tyintiki – *noite. Uma rapariga que nasce durante a noite, pode vir a chamar-se Tchintiqui*. (N.)

Tchituca, Tyituka – *ente sobrenatural, misto de pessoa e fera, que deita fogo pela boca*. (N.)

Tchôto, Tyoto – *altar familiar*. (N.)

Tembozinha – *esposazinha. De “tembo”, esposa*. (U.N.)

U

Uanga, Wanga – *feitiço*. (K. U. N.)

Uasaluca; uasaluka, Catonhotonto ! – *Estás maluco; estás maluco, Catonhotonto!* (U.)

Ufeco, ufeko, cafeco, kafeko – *rapariga* (U.)

V

Veríssimo Gonçalves – Embora tendo iniciado a sua viagem em Benguela, foi em Quilengues que Serpa Pinto conheceu Veríssimo e o contratou. No dia 1 de Janeiro de 1878, Serpa Pinto

deixou Quilengues, tendo escrito que tinha como companheiro de viagem “Veríssimo Gonçalves, filho de um conhecido sertanejo do Bié, morto havia pouco [...]. Este rapaz, mulato e de mesquinha educação, [...] era acanhado e tímido, mas não covarde, e debaixo de uma aparência fraca possuía uma forte organização e músculos de ferro.” (*Como eu atravessei a África*, vol. I, p.81)

Viana, José Luís da Silva – *O mais rico e poderoso comerciante de Benguela nos meados de Oitocentos, onde ficaram hospedados os árabo-swahili que, partindo de Zanzibar, atravessaram África, chegando a Benguela a 3 de Abril de 1852* (B.O.A., nº 329, Abr. 1852, p. 3 e 4).

Vihé – Antigo nome do Bié. Tbm.: Viye, Bihé.(U.)

Vipundi – conselheiros do soba. (N.)

Vissapa – mato. (U.?)

Indicação da origem das palavras:

A. (Africânder ou Afrikaans); Amb. (Ambó);

B. (Brasil);

C. (Cuanhama);

G. (Ganguela);

H. (Herero);

K. (Kimbundo); Kik. (Kikongo);

N. (Nhaneca);

U. (Umbundo)

O PLANALTO DO SALALÉ

Autor: JORGE ARRIMAR

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

JORGE ARRIMAR

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

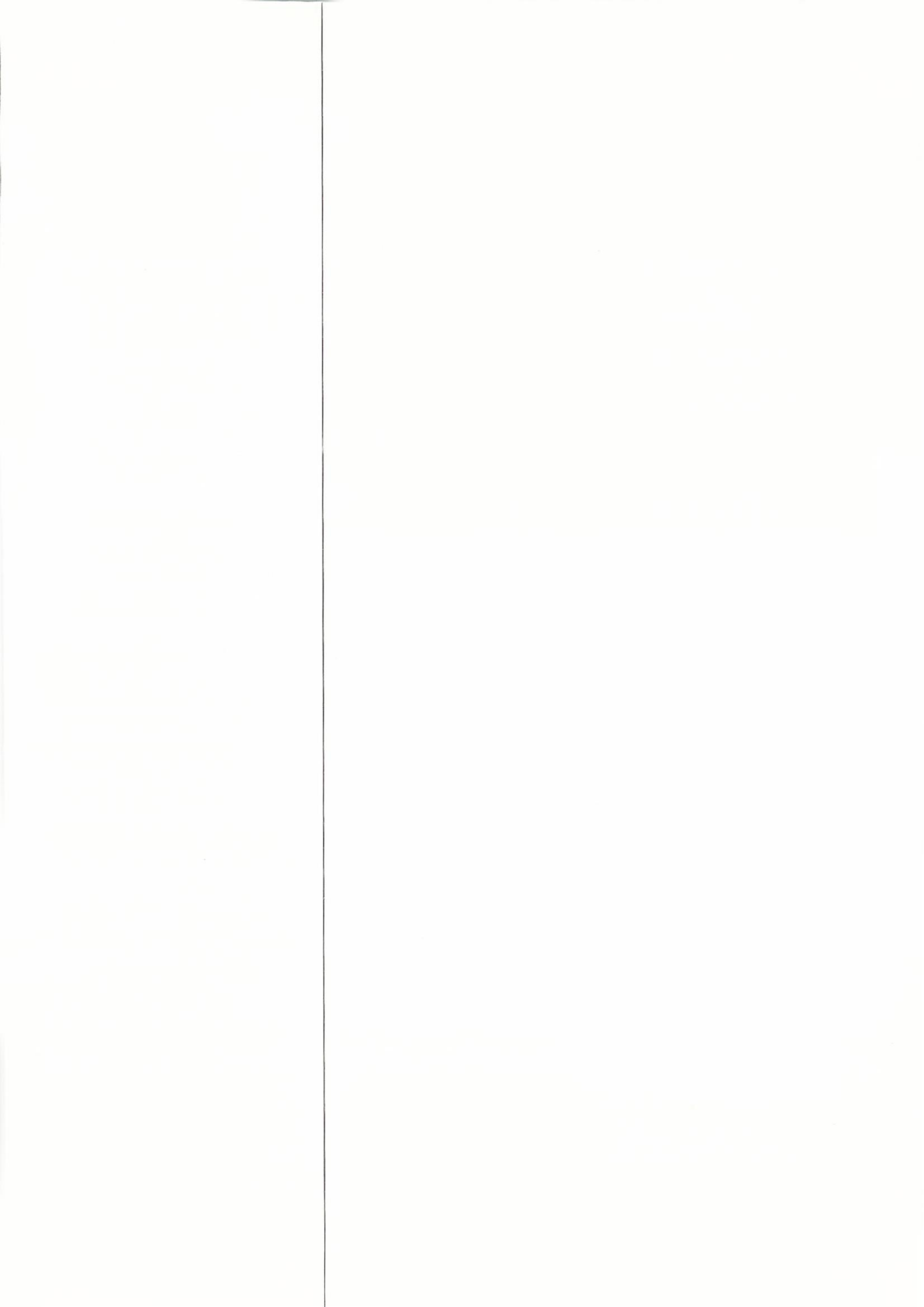
Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



Muita coisa mudou após o desaparecimento de Bento Mattos, o principal morador do Bihé, durante a viagem de sua quibuca até Loanda. Era um sertanejo dos mais experientes, insistindo sempre em conduzir as suas caravanas para São Paulo d'Assumpção, pois adorava Loanda. Ouviam-lhe dizer muitas vezes que de mato já lhe bastava o Bihé, que Loanda era um banho de civilização. Só deixou de se falar do assunto quando os moradores se começaram a atarefar na preparação da maior quibuca que, até então, saíra do planalto central até ao litoral de Benguela, em 1842.

E é nesta cidade que os sertanejos encontram o fascinante Garcia, homem de muitos interesses e grande experiência no interior, nomeadamente na Huíla, onde residira e construíra uma amizade duradoura com o soba Nangolo.

Com Garcia, seguirá Luís Pilarte para Mossamedes e daí farão, em 1843, uma interessante e perigosa viagem até Caconda, passando pelo Bumbo, Jau, Huíla, Quilengues e Caconda. A "Guerra do Rei" de Ferrão de Andrade e a "Guerra Preta" de Canduco vão dar que falar e... fugir.

No Cuanhama, o grande Haimbíli recebe dois viajantes, um que vem das montanhas e outro que vem do litoral. Os adivinhos garantem-lhe que é sinal de um futuro pouco auspicioso que já começou. Talvez por isso, o soberano tenha dado ordens para que fizessem sentir medo aos estrangeiros. E mal eles dão entrada em solo cuanhama, são cercados por centenas de guerreiros das etangas avançadas de Haimbíli. De lanças empunhadas, ora avançam, ora recuam, ao mesmo tempo que entoam osicucâmbe, os cânticos de guerra. E as etangas formam um círculo que, de instante em instante, se vai estreitando, estreitando... até os recém-chegados sentirem as pontas das lanças encostadas ao seu corpo, o bafo quente dos guerreiros a queimar-lhes o rosto. Será o fim? Ninguém sabe. Os trilhos para a vida ou para a morte são diversos e, um dia aparece uma cabacinha mágica que mostra o caminho, como confia Mutâmu a Haimbíli.

O *Planalto do Salalé* fala-nos destes tempos antigos e desta gente interessante, a maior parte dela perdida das nossas memórias e dos nossos livros. Esta é uma ficção que tem como lastro as estórias que a História deixou de lado.

ISBN 978-989-8498-20-5



9 789898 498205